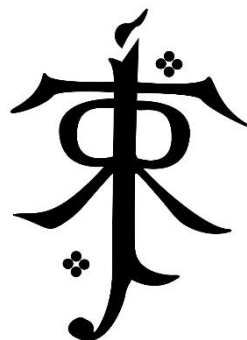


“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

STÉFANO STAINLE

**UM HOBBIT A MENOS,
UM HOBBIT A MAIS,
SERÁ QUE TANTO
FAZ?**



ARARAQUARA – SP

2021

STÉFANO STAINLE

**UM HOBBIT A MENOS,
UM HOBBIT A MAIS,
SERÁ QUE TANTO
FAZ?**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara (FCL- CAr) como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Literários.

Linha pesquisa: Teorias e Crítica da Narrativa

Orientador: Prof. Dr. Aparecido Donizete Rossi

Financiamento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

ARARAQUARA – SP

2021

S782h Stainle, Stéfano
Um hobbit a menos, um hobbit a mais, será que
tanto faz? / Stéfano Stainle. -- Araraquara, 2021
194 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Faculdade de Ciências e Letras,
Araraquara
Orientador: Aparecido Donizete Rossi

1. J. R. R. Tolkien. 2. O Silmarillion. 3. O Hobbit. 4.
O Senhor dos Anéis. 5. Personagem. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados
fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

STÉFANO STAINLE

UM HOBBIT A MENOS, UM HOBBIT A MAIS, *SERÁ* QUE TANTO FAZ?

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara (FCL- CAr) como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Literários.

Linha pesquisa: Teorias e Crítica da Narrativa

Orientador: Prof. Dr. Aparecido Donizete Rossi

Financiamento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Data da defesa: 31/05/2021

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Aparecido Donizete Rossi
(UNESP – FCL-CAr)

Membro Titular: Prof^a. Dra. Fernanda Aquino Sylvestre
(UFU - MG)

Membro Titular: Prof^a. Dra. Karin Volobuef
(UNESP – FCL-CAr)

Membro Titular: Prof^a. Dra. Luciana de Campos
(UFPB – NEVE)

Membro Titular: Prof^a. Dra. Renata Philippov
(UNIFESP – EFLCH – Guarulhos, SP)

Local: Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências e Letras UNESP – Campus de Araraquara

“A literatura não diz nada aos seres satisfeitos com seu destino, de todo contentes com a vida do modo como a vivem. A literatura é alimento dos espíritos indóceis e propagadora da inconformidade, um refúgio para quem tem muito ou muito pouco na vida, onde é possível não ser infeliz, não se sentir incompleto, não ser frustrado nas próprias aspirações.”

Mario Vargas Llosa (2009, p. 26).

RESUMO

Com esta pesquisa pretende-se analisar o modo como se inter-relacionam, a partir de uma abordagem crítica sobre os hobbits, as narrativas de **O Senhor dos Anéis**, **O Hobbit** e **O Silmarillion** – principais componentes do universo ficcional que abarca a mitologia do *legendarium* tolkieniano – a fim de tentar compreender de que forma a ordem de publicação das obras de J. R. R. Tolkien influencia e modifica sua mitologia. A fim de esclarecer tal posicionamento, cabe ressaltar que todas as leituras serão pautadas pela análise das atuações dos hobbits nos desdobramentos da história da Terra-média, seja através de Bilbo, Gollum, Frodo, Sam, Merry ou Pippin – os principais responsáveis pela conexão entre o mundo dos hobbits (o Condado) e o restante da Terra-média (espaço ocupado pelas demais criaturas pertencentes aos Povos Livres). O entendimento da origem dos hobbits, seu papel na demanda do Anel, o espaço que ocupam diante da mitologia em questão, seus atributos enquanto personagens, sua relação com os demais povos e espaços circundantes, seu destino quando da dissolução do desequilíbrio instaurado ainda na cosmogonia – por influência de Melkor – e seu posicionamento central nessa dissolução são de grande importância para o mapeamento desse pequeno – em quantidade e estatura – povo ordeiro e de espírito não-aventureiro. Um fator indispensável para as reflexões propostas é a atuação da personagem Gandalf, seja pelo fato de ficar responsável pela conexão entre as três narrativas principais supracitadas, seja por servir de instrumento de composição narrativa quando utilizada pelo autor para suprir algumas conexões impossíveis entre tais narrativas quando considerados os problemas editoriais e cronológicos de suas publicações. Partindo do estudo da raça dos hobbits e de sua atuação na narrativa do *legendarium*, intenciona-se contribuir, em última instância, para uma melhor compreensão do universo ficcional criado pelo autor e um melhor entendimento dos recursos utilizados na composição de sua atuação, responsável por transformar **O Senhor dos Anéis** em uma amálgama do estilo épico de **O Silmarillion** e do prosaísmo de **O Hobbit**, aspecto que até o momento não foi abordado e analisado pela crítica especializada na obra do autor, seja em âmbito nacional ou internacional.

Palavras-chave: J. R. R. Tolkien; **O Silmarillion**; **O Hobbit**; **O Senhor dos Anéis**; hobbits; personagem.

ABSTRACT

This research aims to analyze how **The Lord of the Rings**, **The Hobbit**, and **The Silmarillion** are interconnected departing from a critical approach of the hobbits. These works are the main components of the fictional universe that embraces the mythology of the Tolkienian *legendarium*. It is our objective to understand how the order of publication of J. R. R. Tolkien's works influenced and modified his mythology. To this end, all our readings will be guided by the analysis of the hobbits' performances in the unfolding of the history of Middle-earth, namely Bilbo, Gollum, Frodo, Sam, Merry, and Pippin. They are the main characters responsible for the connection between the hobbits' world (The Shire) and the rest of Middle-earth (territory in which live other creatures belonging to the Free Peoples). In mapping this small (in height and quantity), orderly, and unadventurous people, it is of great importance the comprehension of the hobbits' origin, their role in the quest for the Ring, the space they occupy before the mythology in question, their attributes as characters, their relationship with other peoples and surrounding lands, their destiny in the dissolution of the imbalance (instability caused by influence of Melkor in the cosmogony), and their central position in such dissolution. An indispensable factor for the proposed reflections is the performance of Gandalf, for he is the one who connects the three above-mentioned narratives. He also serves as an instrument of narrative composition employed to supply some impossible connections between these works, considering the editorial and chronological problems of their publication. Based on the study of the race of the hobbits and their performance in the narrative of the *legendarium*, we intend, ultimately, to contribute to a better understanding of the fictional universe created by Tolkien and the resources used in order to compose the hobbits' performance. Such performance is responsible for transforming **The Lord of the Rings** into an amalgamation of **The Silmarillion's** epic style and **The Hobbit's** prosaism, an aspect that has not been adequately addressed and analyzed by critics that are specialized in the author's works so far, either nationally or internationally.

Keywords: J. R. R. Tolkien; **The Silmarillion**; **The Hobbit**; **The Lord of the Rings**; hobbits; character.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. PROBLEMAS EDITORIAIS, DE COERÊNCIA E DE CONTINUIDADE	21
1.1 AS RECUSAS DA PUBLICAÇÃO DE O SILMARILLION	24
1.2 O NOVO O HOBBIT	34
1.3 A COERÊNCIA INTERNA DO <i>LEGENDARIUM</i>	61
2. A RESPEITO DOS HOBBITS	66
2.1 E NO PRINCÍPIO ERAM AS PESSOAS GRANDES	78
2.2 CADÊ OS HOBBITS?	87
2.3 ELFOS, HOMENS, ANÕES E... <i>HOBBITS</i>	101
2.4 MELKOR E A MALDIÇÃO DA DISSONÂNCIA	113
2.5 AULË E A MALDIÇÃO DA SUBSCRIÇÃO	123
2.6 A PROTEÇÃO DO CONDADO E O ISOLAMENTO DOS HOBBITS	133
2.7 OS HOBBITS DESCONHECEM O MUNDO E SÃO DESCONHECIDOS	138
3. OS HOBBITS, O ÉPICO E O ROMANESCO	150
3.1 “O EXPURGO DO CONDADO”	160
3.2 O EMPODERAMENTO DOS HOBBITS	170
3.3 COMPENSAÇÕES DE TOLKIEN	180
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	186
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	191

INTRODUÇÃO

O Senhor dos Anéis (The Lord of the Rings, 1954 – 1955) obra prima do escritor britânico¹ J. R. R. Tolkien (1892 – 1973) – escrito entre os anos de 1937 e 1949 – trouxe consigo a inovação no cenário da literatura mundial do século XX. O autor buscava uma retomada das raízes das tradicionais lendas populares de países como Alemanha, Suécia, Finlândia, Islândia, Dinamarca e Noruega para chegar a uma mitologia sobre a qual pudesse assentar a tradição histórica da cultura e da literatura inglesa. Baseando-se em textos antigos tais como **Beowulf** (c. VII d.C.), **A Volsungasaga** ou **A saga dos Volsungs (Völsunga saga, c. séc. XIII)**, **O Kalevala** ou **Poemas do Distrito de Kaleva (Kalevala, 1835)**, **A canção dos Nibelungos** ou **A balada dos Nibelungos** ou **O anel dos Nibelungos (Das Nibelungenlied, c. séc. XIII-XIV)** e **As Eddas (Eddas ou The Eddas, c. séc. XIII)**, a proposta do projeto literário-ficcional tolkieniano intencionava a criação de “uma mitologia para o povo inglês que o [ligasse] aos antigos deuses celtas e nórdicos, dando-lhe uma herança divina” (POLACHINI, 1984, f. 24).

Do início dos tempos, ou seja, desde a criação dos deuses no começo da narrativa de **O Silmarillion (The Silmarillion, 1977)**, até o fim da Terceira Era em **O Senhor dos Anéis**, tal mitologia engloba narrativas de diversos estilos. Desde um estilo arcaizante como o **Gênesis** bíblico, um toque mais refinado e detalhado, mítico por assim dizer, que compõe **O Silmarillion**, até o estilo característico do conto de fadas presente em **O Hobbit (The Hobbit, 1937)**, toda a obra do autor parece uma colcha de retalhos muito bem trabalhada de forma que diferentes gêneros e diferentes tendências estilísticas se (re)conciliam para formar algo único e outro. Em Tolkien, o estilo realista se funde com o tema maravilhoso gerando a originalidade de sua fantasia, a *Tolkienian Fantasy* (Fantasia Tolkieniana), termo cunhado por Jared Lobdell² – um dos principais estudiosos da obra de Tolkien – e tal modo de produção é mais conhecido contemporaneamente como *high fantasy*³ (ou *epic fantasy*). Tolkien não é o inventor do gênero *fantasy novel* (romance de fantasia ou romance-fantasia), mas seu estilo literário — com mapas, árvores genealógicas, calendários e quadros

¹ J. R. R. Tolkien nasceu em Bloemfontein, hoje pertencente à África do Sul, mas que em 1892 era a República do Estado Livre de Orange, portanto, o autor pode ser considerado britânico (já que a África do Sul pertencia à *British Commonwealth of Nations*), mas não inglês, e também não pode – segundo a regra estrita – ser chamado de sul-africano. Essa é uma confusão comum entre os estudiosos de Tolkien.

² O termo surge em seu estudo intitulado **The Rise of Tolkienian Fantasy** (2005).

³ Alta fantasia, definição surgida no ensaio “High Fantasy and Heroic Romance” (1971) de autoria de Lloyd Alexander (escritor de fantasia norte-americano).

de caracteres de línguas inventadas, ou seja, o fato de sua obra ser calcada numa elaboração pictórica — tornou-se a coluna vertebral dessa tendência cultural com parâmetros estéticos diferentes daqueles das vanguardas modernistas, isto é, sua narrativa prima pela totalidade e comunhão de criaturas com o mundo circundante, contrário à fragmentação e pessoalidade defendidas nas narrativas modernistas. O mundo circundante filtrado pela percepção e experiência psicológica do indivíduo não encontra expressão nas narrativas do autor, posto que sua preocupação primeira era a de mostrar a comunhão dos seres com o destino comum dentro de um mundo dependente de suas ações. O indivíduo (ou sujeito), em Tolkien, não é, a rigor, um indivíduo, pois nunca deixa de experimentar as vicissitudes do destino comum traçado pelos deuses e desenvolvido em acordo com as dissonâncias herdadas de sua cosmogonia.

O Modernismo inglês da primeira metade do século XX preocupou-se em retratar o mundo a partir da percepção do sujeito, o que implicou o esvaziamento do enredo (a criação de lacunas) dada a ênfase na personagem, na individualização. Tolkien faz o oposto disso, privilegiando a ação como consequência do foco destinado à viagem, ao trajeto, que retoma o enredo baseado no trajeto da epopeia; privilegia o deslocamento, a criação de personagens fortes, bem demarcadas (seja em suas características ou ações) e foca no coletivo, no preenchimento do enredo. Sua produção é marcada pela busca por verossimilhança e a utilização do tema mágico como fundamentação de sua mitologia. Para Tolkien, o mundo em si era mágico, divino, embebido nos mistérios da existência, transcendental, portanto. Ele não compartilhava da ideia corrente, no século XX, de uma existência esvaziada de sentidos, de missões e buscas, como tornou-se comum à literatura produzida a partir do Modernismo. Essa ideia de esvaziamento, de vivência da realidade imediata, era estranha à mente de Tolkien, que criou seu universo ficcional com base num mundo mágico, divino, transcendental, capaz de contestar a própria realidade enquanto ficção. Esse questionamento, aliado à sua busca por verossimilhança, pode ser notado em um pequeno trecho de **Mestre Gil de Ham (Farmer Giles of Ham, 1949)**, no qual o mundo mágico questiona a veracidade do mundo palpável:

Ainda era costume servir Cauda de Dragão no Banquete de Natal do Rei; e todo ano um cavaleiro era escolhido para a tarefa da caça. Ele deveria partir no dia de São Nicolau e voltar com uma cauda de dragão o mais tardar na véspera do banquete. Porém, havia muitos anos o Real Cozinheiro preparava uma iguaria maravilhosa, uma Falsa Cauda de Dragão de bolo e pasta de

amêndoas, com escamas simuladas feitas de açúcar de confeitiro. O cavaleiro escolhido levava esse prato até o salão na Véspera de Natal, enquanto os violinos tocavam e os clarins soavam. A Falsa Cauda de Dragão era comida após o jantar no Dia de Natal, e todo o mundo dizia (para agradar ao cozinheiro) que era muito mais gostosa que a Cauda Verdadeira.

Era essa a situação quando surgiu novamente um dragão de verdade. Grande parte da culpa era do gigante. Depois de sua aventura, ele começou a passear pelas montanhas, visitando seus parentes dispersos mais do que de costume, e muito mais do que lhes agradava, pois estava sempre tentando conseguir uma grande panela de cobre emprestada. No entanto, quer conseguisse o empréstimo, quer não, se sentava e falava, naquele seu estilo arrastado e enfadonho, sobre a excelente região que ficava lá para as bandas do leste e sobre as maravilhas do Vasto Mundo. O gigante cismara que era um viajante ousado e notável.

– Uma terra agradável – dizia ele –, bastante plana, macia aos pés, com alimento à vontade: vacas, vocês sabem, e carneiros por toda parte, fáceis de localizar, se você olhar com cuidado.

– E as pessoas, como são? – perguntavam.

– Não vi ninguém – disse ele. – Não vi nem ouvi um cavaleiro que fosse, meus caros. Nada mais sério que algumas picadas de mosquito perto do rio.

– Por que você não volta e fica por lá? – indagavam.

– Bem, dizem que não existe lugar melhor que a casa da gente. Mas pode ser que eu volte um dia, se me der vontade. Seja como for, já estive lá uma vez, o que é mais do que a maioria das pessoas poderia dizer. E quanto à panela de cobre?

– E essas terras riquíssimas – apressavam-se os outros a perguntar – essas terras aprazíveis, cheias de gado indefeso, para que lado ficam? E a que distância?

– Ah – respondia ele –, muito longe, a leste e a sudeste. É uma longa viagem.

– Então iniciava um relato tão exagerado da distância que havia percorrido, dos bosques, montes e planícies que atravessara, que nenhum dos outros gigantes de pernas menos compridas jamais empreendeu a viagem. Mesmo assim, a história se espalhou.

E então ao verão agradável seguiu-se um inverno rigoroso. Fazia um frio cortante nas montanhas, e havia escassez de alimento. Os comentários aumentaram. Conversava-se muito sobre as vacas e os carneiros das boas pastagens das planícies. Os dragões aguçavam os ouvidos; estavam famintos, e esses boatos lhes interessavam.

– *Quer dizer que os cavaleiros são míticos!* – diziam os dragões mais jovens e menos experientes. – Essa sempre foi nossa opinião.

– *Pelo menos, podem estar se tornando raros* – pensavam os lagartos mais velhos e mais prudentes –, *tão poucos que não inspiram mais temor.*

Houve um dragão que se deixou influenciar profundamente. Chamava-se Chrysophylax Dives, pois era de antiga linhagem imperial, além de muito rico. Era esperto, curioso, voraz, provido de boa couraça, mas não excessivamente corajoso. Fosse como fosse, não tinha medo algum de moscas ou insetos de qualquer tipo ou tamanho, e estava morto de fome.

Assim, num dia de inverno, cerca de uma semana antes do Natal, Chrysophylax abriu as asas e levantou voo. Pousou em silêncio, no meio da noite, bem no coração do reino de Augustus Bonifacius rex et basileus. Em pouco tempo fez um monte de estragos, destruiu e queimou, além de devorar carneiros, gado e cavalos (TOLKIEN, 2012, p. 22-24, grifos nossos).

Apesar de ser uma narrativa que não pertence ao *legendarium*, **Mestre Gil de Ham** demonstra o estilo refinado do autor em relação ao questionamento, à proposição de que o mundo não pode ser constituído somente de técnica e praticidade. Algo mais deve compor a existência, ficcional ou não. É por isso que a

junção de objetos mágicos com a técnica (procedimento) realista de suas narrativas torna sua obra um marco de originalidade na busca pela organicidade de seu universo ficcional mitológico.

A influência da obra do autor sobre a literatura e, particularmente, sobre o desenvolvimento do *fantasy novel* é tão impactante que ele teve seu nome adjetivado e incluído no **Oxford English Dictionary** como sinônimo de seu trabalho, o tipo de ficção produzido por ele, a *high fantasy*. Os termos *tolkienesque* (“tolkienesco”) e *tolkienian* (“tolkieniano”) descrevem a fantasia contemporânea inventada pelo autor. Essa fantasia não só inovou o ato de narrar, mas incorporou à estrutura da narrativa apêndices que não podem ser desconsiderados para a compreensão e mesmo para o acompanhamento dos destinos e caminhos de personagens no decorrer da história. Tolkien não só criou as línguas para os povos existentes em sua obra, como também deixou, nesses apêndices, uma espécie de unidade mínima gramatical para que os leitores pudessem eventualmente se aventurar a aprender tais línguas.

O detalhamento e o amalgamento dos elementos que compõem o universo tolkieniano são de importância cabal para a compreensão da sua obra, que tem seu início em **O Silmarillion** – mitologia iniciada em 1917, quando ele ainda era combatente nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) – e sua conclusão em **O Senhor dos Anéis**. A preocupação com a descrição, de modo a oferecer ao leitor um plano imagético das células que compõem o todo narrativo, serve de base para compreender a riqueza da proposta de criar um universo desde sua cosmogonia e teogonia até seu “fim” (escatologia), passando por milhares de personagens e por milênios de uma intra-História constituída no percurso narrativo. Através dessas perspectivas, Tolkien se propôs a ir na contramão do fluxo da ficção científica, vertente emergente da literatura fantástica na primeira metade do século XX, que se preocupava em retratar a humanidade e o planeta Terra sob um viés tecnológico e futurista.

A ferramenta essencial para a criação do universo de Tolkien foi a precisão, o detalhamento, a paciência para descrever, quase pintar, tudo aquilo do qual se compõe a narrativa. Criaturas novas e lugares por ele imaginados são muito bem descritos para que a história possa ser lida e credibilizada na mente do leitor sem que possíveis problemas de coerência interna sejam evidentes, aparentes ou facilmente detectáveis. Tal capacidade de conectar personagens, espaços, histórias e ações de forma tão precisa é o que fascina todos os leitores, mas poucos conseguem detectar

as malhas – por baixo do pano narrativo, por assim dizer – que sustentam esse trabalho de conexão, como se pretende mostrar mediante a análise da atuação e existência dos hobbits, enquanto criaturas, nas discussões que se sucederão. Retomando a capacidade de costura, ou a maestria na urdidura da narrativa através da descrição minuciosa, entende-se que essa característica é fundamental para qualquer romance, ou seja, a

descrição do espaço revela, pois, o grau de atenção que o romancista concede ao mundo e a qualidade dessa atenção: o olhar pode parar no objeto descrito ou ir mais além. Ela exprime a relação, tão fundamental no romance, do homem, autor ou personagem, com o mundo ambiente: ele foge deste e substitui-o por outro, ou mergulha nele para o explorar, o compreender, o transformar, ou se conhecer a si mesmo (BOURNEUF; OUELLET, 1976, p. 163, grifo nosso).

Como os elementos da obra de Tolkien são construídos para criar a ideia de infindável na mente do leitor, a descrição cumpriu seu papel de permitir a este compreender e distinguir tais elementos. Para Watt, essa preocupação, da qual Tolkien foi mais um expoente, mostrou-se como traço constitutivo do gênero romance, já que tais

aspectos são de especial importância para o romance: caracterização e apresentação do ambiente; certamente o romance se diferencia dos outros gêneros e de formas anteriores de ficção pelo grau de atenção que dispensa à individualização das personagens e à detalhada apresentação de seu ambiente (WATT, 1990, p. 19, grifos nossos).

Tolkien, enquanto professor e pesquisador, estudou por muito tempo os textos antigos, nos quais somente os elementos textuais se apresentavam como possíveis de serem entendidos e analisados de modo independente à biografia de seus autores. A atenção voltada a esses aspectos lhe deu o conhecimento sobre os diferentes gêneros e estilos literários e o embasamento de como utilizar as características específicas de cada um deles na construção dos heróis e demais instâncias narrativas de sua obra. Essa ideia de texto que prescinde da voz e predeterminações autorais configura a tentativa de Tolkien de bloquear a associação de sua proposta cosmogônica aos fatores e acontecimentos da Primeira e Segunda Guerras Mundiais e ao avanço nazista. Nas palavras do próprio autor, a *alegoria* não deveria ser cogitada como intenção e embasamento da história por ele criada:

quanto a qualquer significado oculto ou “mensagem”, na intenção do autor esses não existem. O livro não é nem alegórico e nem se refere a fatos

contemporâneos. Conforme a história se desenvolvia, foi criando raízes (no passado) e lançou ramos inesperados: mas seu tema principal foi definido no início pela inevitável⁴ escolha do Anel como elo entre este livro e *O Hobbit*. O capítulo crucial, “A Sombra do passado” [segundo capítulo de **A Sociedade do Anel**⁵], é uma das partes mais antigas do conto. Foi escrito muito antes que o prenúncio da 1939 [subida de Hitler ao poder, em 30 de janeiro de 1933] se tornasse uma ameaça de desastre inevitável, e desse ponto a história teria sido desenvolvida essencialmente na mesma linha, mesmo que o desastre tivesse sido evitado. Suas fontes são coisas que já estavam presentes na mente muito antes, ou em alguns casos já escritas, e pouco ou nada foi modificado pela guerra que começou em 1939 ou suas sequelas (TOLKIEN, 2000, p. XIV e XV, grifos do autor).

Essa negação à contemporaneidade fez com que Tolkien fosse rejeitado por ser um autor medievalista, ou seja, por remar contra a maré vigente, o Modernismo, pelo fato de seu projeto literário ter como princípios condutores ideias em contestação naquele momento da história literária, tais como a unidade primordial proposta por narrativas cosmogônicas e a centralidade do sujeito. Sua obra apresentou um desvio radical aos preceitos dos movimentos vanguardistas, movimentos esses que, dentre diversas outras propostas, constituíam-se por meio do nihilismo, assim como a busca pela negação do considerado velho e antigo, a tradição literária. Enquanto o Modernismo buscava o esvaziamento do Ser diante da existência, a obra de Tolkien propunha o contrário: a busca do Ser por meio da existência. Sua obra trouxe, parodiou, rejuvenesceu e amalgamou elementos da tradição literária com aquilo que lhe foi fornecido em seu tempo presente. Ela não foi excludente como a literatura de vanguarda, que privilegiou exclusivamente o novo e o presente, mas sim uma literatura que convidou todos os leitores a enveredarem por seus caminhos. Sua obra foi imediatamente bem recebida pelos leitores de sua época e logo tornou-se um símbolo de contracultura. Os jovens leitores, desencantados com os padrões sociais e artísticos da época, ou seja, com a herança Modernista, logo adotaram a obra do autor como uma espécie de bíblia e frases como “*Frodo Lives*” (“Frodo Vive”) e “*Gandalf for President*” (“Gandalf para Presidente”) eram comumente vistas por toda a Inglaterra⁶.

⁴ A “inevitável” escolha do Anel como elo entre **O Senhor dos Anéis** e **O Hobbit**, como definida pelo autor, será discutida mais a frente em momento oportuno.

⁵ (**The Fellowship of the Ring**, 1954).

⁶ RÉROLLE, Raphaëlle. Tolkien, o anel da discórdia. Disponível em: <http://tocace.conselhobranco.com.br/o-universo-em-torno-da-obra/tolkien-o-anel-da-discordia-entrevista-com-christopher-tolkien/>. Acesso em: 15 set. 2016. Entrevista com Christopher Tolkien. *Esta entrevista foi publicada no Le Monde em 9 de julho de 2012. O texto original disponível em:*

Inserido num contexto vanguardista, Tolkien seguiu por um caminho improvável, ainda que esperado, qual seja a herança pré-rafaelita. O movimento Pré-Rafaelita talvez tenha sido um dos poucos movimentos francamente ingleses, que não teve desdobramentos fora da cultura inglesa por tratar-se de um grupo de poetas e pintores da segunda metade do século XIX que, constituindo a terceira e última geração romântica nas ilhas britânicas, tinha como preceito estético um retorno à época e tradições medievais como uma espécie de resistência à apropriação do estético para fins sócio-históricos, filosóficos e mercadológicos. O movimento Pré-Rafaelita britânico culmina na questão estética que conclui o século XIX inglês: o embate entre um grupo de artistas, liderado por Oscar Wilde, que defendia a imanência da arte, a arte pela arte; e um outro grupo de artistas, liderado por George Bernard Shaw, que defendia que a arte deve ter uma utilidade sócio-política, a arte pela sociedade. O Modernismo inglês é tributário do grupo liderado por Shaw, enquanto Tolkien e sua obra alinham-se ao grupo liderado por Wilde.

Em sua proposta cosmogônica e de retorno aos preceitos da tradição literária, folclórica e cultural, proposta em concordância com o projeto pré-rafaelita, Tolkien constrói suas narrativas de tal forma que possam ser lidas em dois níveis, sob dois aspectos. O primeiro aspecto verifica-se na sua forma de narrar, que é típica das novelas de cavalaria e dos contos de fadas, ou seja, trata-se de uma narrativa que atribui certo privilégio à ação. As ações são interligadas no encadeamento textual de forma que uma sempre impulsiona a outra e assim sucessivamente, portanto, há uma sucessão – cronológica e progressiva, por certo – de ações, atitudes e eventos. Espera-se que uma narrativa que privilegie a ação mantenha um ritmo acelerado, como se observa no cinema, por exemplo. Todavia, a obra de Tolkien contradiz essa asserção ao estabelecer-se por meio de um estilo desacelerado (mas não disfórico), expresso por meio de uma narrativa descritiva e lenta das ações, a qual intenciona convidar o leitor a fruir esteticamente cada momento de sua constituição. O outro aspecto é o romance de aventura, que narra grandes feitos como a temática da guerra e de inimigos que precisam ser enfrentados. O alinhamento a essa herança aventureira do romance acaba, nas mãos de Tolkien, por apresentar ao leitor uma dificuldade elevada em função da quantidade de características e conexões possíveis

entre os diversos elementos estruturais (personagens, por exemplo) e simbólicos da narrativa.

A confluência dos elementos estruturais e temáticos até aqui discutidos na obra e estilo tolkienianos, quais sejam o recurso ao cosmogônico e teogônico; o desvio em relação ao alegórico; o prescindir de pré-determinações autorais; a insistência em buscar uma essência do Ser em meio ao existir; o retorno às diversas tradições, desde gêneros romanescos clássicos (aventura, novela de cavalaria) até escolas literárias que privilegiam a tradição (os Pré-Rafaelitas), passando pelas narrativas primordiais (mito, conto de fadas); o jogo que advém de um foco na ação, porém com um estilo desacelerado; todos esses elementos, quando lidos criticamente em conjunto, apontam para uma forma narrativa muito antiga, contemporânea da poesia e da tragédia, qual seja a épica.

A épica, em suas manifestações clássicas – Homero e Virgílio –, medieval – Dante, Camões – ou “moderna” – Milton –, apresenta, dos modos mais variados, todos esses elementos aqui listados: o cosmogônico e o teogônico estão sempre em jogo, seja por meio de referências, seja por meio de determinações estruturais (Homero coloca em cena deuses e semi-deuses; Camões e Milton também o fazem, ainda que de modo mais restrito); a épica tende a desviar-se do alegórico ao privilegiar o mítico e o simbólico; a épica prescinde de pré-determinações autorais a medida em que se constitui como texto fundador de uma cultura e de uma língua, o que confere à textualidade força maior do que qualquer forma de intencionalidade (o nome “Homero” é meramente referencial, visto que não há sequer provas de que alguém chamado “Homero” tenha de fato vivido na Grécia antiga); enquanto narrativa fundadora, a épica só pode buscar a essência do Ser, o elemento unívoco que funda uma cultura e uma língua, um povo, o mistério primordial; a épica constitui o relato do que funda e fundamenta as próprias tradições, sendo ela mesma o mais antigo e tradicional dos gêneros narrativos; a épica foca principalmente a ação. Cabe destacar algumas questões sobre essa última asserção: na narrativa épica, as ideias de trajeto, viagem, busca e missão são predominantes (lembremos Ulisses em sua viagem de retorno à Ítaca; lembremos Dante em seu trajeto pelas três dimensões cristãs da Criação; lembremos ainda Satã em sua busca pela vingança contra Deus, o que o leva a uma viagem do Inferno ao Paraíso) e, conseqüentemente, desenvolvem-se em torno da figura do herói épico, cujas ações são determinantes para o desenvolvimento da narrativa, entendido “ações” aqui tanto como pensamentos e ideias (é Ulisses,

inspirado por Atena, quem soluciona, por meio da estratégia e do pensamento, o problema de como destruir Tróia) quanto como aventuras (lembramos dos diversos episódios vivenciados por Vasco da Gama na épica camoniana: o Velho do Restelo, o Gigante Adamastor, os Doze de Inglaterra etc.).

As teorias do romance escritas por Lukács, Bakhtin e Watt enfatizam, de um modo ou de outro, o hibridismo, a maleabilidade e a natureza inacabada do romance em comparação com outros gêneros narrativos mais antigos, marcadamente a épica, o conto de fadas e as novelas de cavalaria, de modo que o romance, segundo essas teorias, incorporou esses outros gêneros narrativos, bem como outros gêneros literários (poesia, teatro etc.), em sua consolidação enquanto novo gênero ficcional ascenso junto da nova classe social que surge no século XVIII, a burguesia. Diz Bakhtin, por exemplo, que “o romance parodia os outros gêneros (justamente como gêneros), revela o convencionalismo das suas formas e da linguagem, elimina alguns gêneros, e integra outros à sua construção particular, reinterpretando-os e dando-lhes um outro tom” (1998, p. 399). Dentro dessas premissas, a presença do épico – e de todos os demais elementos que fundamentam essa presença acima apontados – na obra de Tolkien deveria se dar por meio do parodiar desse gênero enquanto gênero, ou seja, do jogo com as convenções do épico para deslocá-lo ou desestabilizá-lo e, com isso, construir um romance que, por meio desse parodiar, dramatize a impossibilidade do ideal universalizante inerente ao épico no contexto moderno e contemporâneo, algo semelhante ao que faz James Joyce no seu **Ulisses** (**Ulysses**, 1922). No entanto, a confluência dos elementos acima elencados e que apontam para o épico na obra tolkieniana não parecem incorporar esse aspecto paródico fundamental do romance: o que é épico em Tolkien parece ser, literalmente, *épico*.

Exemplo disso é **O Senhor dos Anéis**, obra máxima do autor. Verifica-se nesse texto que, enquanto obra literária, não se abre mão de seu caráter épico em nenhum momento de sua extensão. Essa característica se estende do ponto de vista temático ao estrutural. Não que o texto seja esteticamente composto pelas formas rígidas preconizadas pela epopeia, mas a sua organização como um todo mantém os traços constitutivos que podem ser tidos como pertencentes ao gênero épico enquanto texto narrativo. Como forma narrativa, o texto épico se constitui de elementos temáticos e estruturais que permeiam desde o senso de missão dos heróis, passando pela distância épica absoluta (a Terra-média, cenário exclusivo da obra, que se fecha

em um passado absoluto), até o sentido último de comunidade enquanto organização social na qual prevalece o senso de igualdade e organicidade do indivíduo face ao todo (o Condado, Rohan, Gondor etc.). Nada disso é parodiado nesse texto de Tolkien.

Se **O Senhor dos Anéis** não abre mão de sua constituição épica em nenhum momento e se destina ao alívio de todas as tensões cosmogônicas e, portanto, épicas, criadas e desenvolvidas ao longo de **O Silmarillion**, a narrativa de **O Hobbit**, posteriormente inserida nesse todo narrativo (cosmogônico e escatológico), parece não se conectar com esse refinado e profundo modo épico tão bem desenvolvido pelo autor. Enquanto as outras duas narrativas se valem de temas grandiosos, heróicos e coletivos, sempre voltados ao destino de todo o universo ficcional em questão, **O Hobbit** não se alinha a nenhum gênero (dentre os dois supracitados, sendo eles a épica e o romance) de forma totalitária. Ele é um romance e retrata uma parcela mínima do todo narrativo que compõe o *legendarium* tolkieniano, ao mesmo tempo em que sua *quest* se configura como um perfeito conto de fadas, aparentemente apartado dos assuntos épicos em curso nas narrativas de **O Silmarillion** e de **O Senhor dos Anéis**. Ao mesmo tempo em que a narrativa de **O Hobbit** não se alinha ao estilo narrativo denso, profundo e cosmogônico de **O Silmarillion** e também não possui a grandeza heróica, épica e guerreira de **O Senhor dos Anéis**, os hobbits, enquanto raça da Terra-média, se apartam diametralmente de todas as demais, possuindo origem incerta (no tempo e no espaço), função não definida nos planos dos Valar e de Eru-Ilúvatar e também não possuem características morais, físicas e psicológicas que os aproximem das demais raças dos Povos Livres.

Em se tratando da publicação das três principais narrativas que compõem a mitologia do autor, tem-se em ordem cronológica **O Hobbit** seguido de **O Senhor dos Anéis** e por último, publicado postumamente, **O Silmarillion**, mas, seguindo a ordem cronológica do próprio universo ficcional, a sequência se inicia em **O Silmarillion**, continua com **O Hobbit** e se finda em **O Senhor dos Anéis**. O início da Terra-média quase coincide com o início do século XX, quando Tolkien começou a rascunhar as histórias dos elfos, compor poemas e canções nas línguas élficas por ele inventadas e decidiu desenhar mapas, guias de pronúncia, alfabetos e cronologias complementares às narrativas que ainda se iniciavam.

Tal inversão entre a ordem cronológica da mitologia e a ordem de publicação suscitou a inquietação com os hobbits, que se desenvolveu ao longo das pesquisas e

leituras do autor deste trabalho enquanto realizava seu mestrado e estudava o papel desempenhado pela personagem Gandalf ao longo da narrativa de **O Senhor dos Anéis**. Desde o início das pesquisas de mestrado, os hobbits centrais da mitologia de Tolkien (Bilbo, Frodo e Sam) se mostraram personagens de difícil compreensão do ponto de vista do todo narrativo criado pelo autor. Tal inquietação relacionada à sua presença e de **O Hobbit** no todo do *legendarium* teve, não sua origem, mas seu despertar, durante a banca de defesa de mestrado do autor, quando a professora Karin Volobuef, por meio de sua fala instigante, deixou o olhar do autor ainda mais aguçado em direção aos pequenos: “**O Hobbit** constitui um ponto fora da curva no *legendarium* de Tolkien” (VOLOBUEF, 2016). Por este motivo, a presente tese tem uma profunda relação de continuidade e retomada de algumas discussões iniciadas na pesquisa de mestrado realizada pelo autor. A recuperação de pontos específicos – não aprofundados na dissertação por falta de tempo e espaço – servirá como ponto de partida para o aprofundamento e continuidade de discussões que se iniciaram e não foram plenamente desenvolvidas naquela pesquisa, portanto, não se trata de mera autoreferenciação ou de dar a entender que a dissertação do autor seja a voz única sobre a obra do Tolkien, mas um modo de retornar os caminhos abertos pelas discussões já iniciadas.

Todos os elementos discutidos anteriormente, surgidos durante o percurso de pesquisa de mestrado – desenvolvido pelo autor da presente tese entre os anos de 2014 e 2016 –, levaram à compreensão de que os hobbits são o ponto crucial para o entendimento da fusão entre romance e épica na narrativa de **O Senhor dos Anéis**. Considerando-se tudo o que foi comentado sobre a relação estabelecida entre os elementos constituintes do universo ficcional criado pelo autor, algumas implicações se fazem pertinentes como forma de orientação do percurso de investigação que daqui se seguirá: como surgem os hobbits durante a cosmogonia criada pelo autor em **O Silmarillion**; o tipo de relação estabelecido por eles com os homens, os elfos, os anões e os magos ao longo da Primeira, Segunda e Terceira Eras do Sol; onde se inserem os hobbits ao longo da Primeira e Segunda Eras dos Sol e durante as Eras das Árvores e as Eras das Lamparinas⁷; a quem é atribuída a responsabilidade de

⁷ Que não possuem contagens reguladas pela duração do movimento do sol ao redor de Arda (Anos Solares) e sim em pela duração dos Anos Valianos (de Valinor; dos Valar); Cada Ano Valiano equivale a 9.582 Anos Solares; não se sabe quantas Eras houve durante as Eras das Árvores e das Lamparinas, isto é, não se pode contabilizar quanto tempo (Anos Solares ou Eras do Sol) durou cada uma dessas Eras.

transformar o mundo épico (da cosmogonia até o fim da Terceira Era do Sol) em mundo romanesco (iniciado na Quarta Era do Sol); os hobbits, entre todas as raças do *legendarium* de Tolkien, são, desde o início de sua cosmogonia, a única não épica; os hobbits se tornam os responsáveis por colocar fim aos problemas que se iniciaram na cena cosmogônica; os hobbits e o Condado se tornam épicos no exato momento em que desfazem o mundo épico; Tolkien transformou os hobbits no ponto central de sua mitologia (da cosmogonia à escatologia); a raça dos hobbits foi a única que não recebeu nenhum anel de poder quando Sauron distribuiu estes às demais raças (anões, homens e elfos); os hobbits desconhecem o mundo e os seres que os cercam (Terra-média e demais raças) e são desconhecidos pelas demais raças da Terra-média; os hobbits, e não outros povos, são os escolhidos para escrever (coletar; organizar) **O Livro Vermelho do Marco Ocidental (The Red Book of Westmarch)** (contendo toda a história da mitologia da Terra-média). Essas são as principais implicações que fundamentarão as discussões aqui elaboradas e abrem espaço para uma pergunta fundamental nos caminhos reflexivos adotados: dado o papel desempenhado pelos hobbits diante do todo da Terra-média, qual a importância dos hobbits para a Terra-média ou para as narrativas do *legendarium*?

Tal pergunta não parece ter sido considerada pelos principais estudiosos da obra do autor. Em trabalhos de grande relevância internacional para a fortuna crítica de Tolkien, a existência dos hobbits não é questionada do mesmo modo como aqui se propõe e sua relação com a composição mesma das narrativas do *legendarium* não é mencionada. Somente alguns pontos específicos das características das personagens são estudados, tais como as características físicas dos hobbits, questões filosóficas e religiosas sobre a atuação dos hobbits sob a influência do Anel, mas não há nenhum grande estudo (nacional ou internacional) que tenha se debruçado sobre o papel dos hobbits como conectores e mantenedores da cronologia dos fatos do *legendarium*. John D. Rateliff em **A Brief History of The Hobbit** (2007) e Douglas A. Anderson em **The Annotated Hobbit – Revised and Expanded Edition** (2002), se dedicam somente a mostrar as diferenças entre as narrativas da primeira edição de **O Hobbit** e da narrativa revisada por Tolkien depois de ter publicado **O Senhor dos Anéis**, sem tecer comentários críticos sobre a posterior inclusão dos pequenos na história da Terra-média e sobre as implicações dessa inclusão na totalidade do enredo de todas as narrativas que compõem o *legendarium*. Corey Olsen, em **Explorando o universo do Hobbit: todos os significados da história**

de Bilbo, Elfos e a terra média (2012), se dedica ao estudo do modo de vida dos hobbits e tudo o que concerne à sua existência em **O Hobbit**, exceto pelas implicações cronológicas e narrativas da aventura de Bilbo no universo circundante. Robert Foster em **Complete Guide to Middle-Earth** (1978), Harold Bloom (ed.) em **Bloom's Modern Critical Interpretations: The Lord of the Rings – New Edition** (2008) e em **Bloom's Modern Critical Views: J. R. R. Tolkien, New Edition** (2008), Stuart D. Lee (ed.) em **A Companion to J. R. R. Tolkien** (2014) e Michael D. C. Drout em **J. R. R. Tolkien Encyclopedia: scholarship and critical assessment** (2007) dedicam-se ao estudo enciclopédico da obra de Tolkien e se voltam – quase sempre abordando exclusivamente as narrativas de **O Silmarillion** e de **O Senhor dos Anéis** – para questões muito superficiais quando se trata de **O Hobbit** ou dos hobbits, já que tal narrativa não é considerada, ainda, pela crítica como um ponto fundamental e angular para a sustentação da ficção criada pelo autor. Quando aparecem entradas para os nomes de locais relacionados aos hobbits ou aos seus nomes próprios, é sempre Bilbo e Frodo que figuram como protagonistas de definições simples de suas responsabilidades pelo achado e destruição do Anel, sem uma análise meticolosa de suas atuações ou características. Essa pequena lista, contendo somente os mais relevantes dos estudos internacionais sobre Tolkien, é composta de pesquisadores que, no máximo, tangenciam o assunto que aqui se apresenta como norteador das futuras reflexões, demonstrando a relevância e pertinência das implicações derivadas da atuação dos hobbits na composição do *legendarium*.

1. PROBLEMAS EDITORIAIS, DE COERÊNCIA E DE CONTINUIDADE

É importante saber – sobre a produção do conteúdo literário de Tolkien – que, embora a publicação não tenha seguido a cronologia interna da Terra-média – quer dizer, não foi **O Silmarillion** o primeiro a ser publicado –, a produção do conteúdo seguiu a cronologia interna do *legendarium*. O fato de **O Silmarillion** não ter sido publicado primeiro deveu-se às recusas das editoras, que alegavam tratar-se de um material muito complexo e variado para o público leitor da época (em pleno Modernismo inglês). Nesse ponto, entende-se que **O Hobbit**, enquanto história “infantil⁸”, chamou mais a atenção do mercado editorial e, posteriormente, para a sua continuação que estava em produção (**O Senhor dos Anéis**), que já mantinha uma conexão indissociável com os relatos da Primeira e Segunda Eras (**O Silmarillion**). De acordo com a vontade de Tolkien, tal como se verá em inúmeras de suas cartas, **O Silmarillion** deveria ser sua primeira obra publicada e, provavelmente, **O Senhor dos Anéis** faria a conexão necessária para o desfecho de sua mitologia. A princípio, podemos supor que se **O Silmarillion** fosse publicado logo na primeira tentativa, então não haveriam hobbits presentes na mitologia tolkieniana, já que os dias antigos (Primeira e Segunda Eras) se voltavam aos feitos dos elfos e os tempos posteriores (Terceira e Quarta Eras) se voltariam aos feitos dos homens.

Tendo sido publicado primeiro, **O Hobbit** abriu as portas do mercado editorial para as publicações de Tolkien. Aproveitando-se disso, Tolkien conectou, posteriormente, **O Hobbit** a **O Senhor dos Anéis** e na esteira deste último veio **O Silmarillion** como conteúdo indispensável para o entendimento da mitologia como um todo. Várias foram as adaptações feitas por Tolkien no texto original de **O Hobbit** para conectá-lo ao todo da mitologia criada (exemplos: Gollum não era um hobbit devastado pelo poder do Anel, mas somente uma criatura estranha das cavernas escuras; o anel encontrado por Bilbo não possuía muitos poderes, apenas o da invisibilidade e não era o Um Anel forjado por Sauron). A partir da abertura editorial, Tolkien se viu obrigado a dar alguma função aos hobbits e a **O Hobbit** dentro de sua mitologia. Talvez por isso seja tão surpreendente o fato de os hobbits viverem isolados do restante da Terra-média por tanto tempo, desconhecendo e sendo desconhecidos para o universo ficcional circundante, o que foi utilizado posteriormente por Tolkien como uma intenção de Gandalf em manter o Condado e os hobbits como uma arma secreta contra os poderes do Senhor do Escuro.

⁸ Infantil refere-se ao ato de criação da narrativa de **O Hobbit**, motivado pelo prazer do autor em criar histórias para os próprios filhos, crianças na época.

Nesse ponto, Gandalf faz a conexão entre os hobbits e as demais criaturas da Terra-média e também fica responsável por fazer a conexão dos dias antigos com **O Hobbit** e deste com **O Senhor dos Anéis**. É por essa centralidade narrativa e conectiva que **O Hobbit** é considerado a grande porta de entrada para o universo ficcional de Tolkien, já que inúmeros leitores começaram sua jornada na Terra-média através das aventuras de Bilbo Bolseiro. Mesmo aqueles que não tenham iniciado com essa obra podem concordar que a narrativa em questão se situa num ponto muito interessante da mitologia tolkieniana e a ligação dela com **O Silmarillion** e **O Senhor dos Anéis** desperta a curiosidade daqueles que começam a se interessar pela profundidade e totalidade de suas histórias.

O Senhor dos Anéis é decorrente de uma mitologia iniciada em 1917 quando Tolkien se retirava – por ter contraído a famosa Febre das Trincheiras ou *Trench Fever* – do combate nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial. A Batalha de Somme, ou Ofensiva de Somme, ocorrida entre julho e novembro de 1916 e batizada com o nome do rio presente naquela região da França, foi um dos mais sangrentos confrontos registrados até hoje na história da humanidade. Estima-se que 30.000 soldados ingleses ficaram feridos e que 20.000 morreram. As tecnologias bélicas disponíveis ainda eram insuficientes para a realização de combates remotos (como se vê atualmente nas guerras locais travadas por grandes potências) e todo o aparato disponível incitava uma batalha muito íntima entre armas de fogo, granadas e simples trincheiras como abrigos. Tolkien vivenciou (ainda que exercendo o cargo de Oficial de Comunicações do Primeiro Batalhão dos *Lancashire Fusiliers*) um cenário de mortandade e terror que marcaria para sempre sua mente e também o seu modo de criar cenas de batalhas em seu universo ficcional:

a primeira história a ser colocada no papel – foi escrita no começo de 1917, durante a convalescença de Tolkien em Great Haywood – ocupa, na verdade, um lugar próximo ao fim do ciclo. É “A Queda de Gondolin”, que relata o ataque de Morgoth, o principal poder maligno, ao último reduto élfico. Após uma terrível batalha, um grupo de habitantes de Gondolin consegue escapar, e entre eles está Earendel, neto do rei. Eis, portanto, o elo com os poemas sobre Earendel, os primeiros esboços da mitologia. O estilo de “A Queda de Gondolin” sugere que Tolkien foi influenciado por William Morris, e é razoável supor que a grande batalha que constitui parte central da história possa ter sido inspirada pelas experiências de Tolkien no Somme – ou melhor, pela sua reação a essas experiências, pois a luta em Gondolin tem uma grandeza heroica quase que inteiramente ausente da guerra moderna (CARPENTER, 2018, p. 131).

Ao mesmo tempo em que Carpenter atribui à Batalha de Somme a ausência da grandeza heróica presente na narrativa **A Queda de Gondolin (The Fall of Gondolin, 2018)**, Tolkien, em suas próprias palavras sobre sua experiência na batalha, afirma ter se impressionado por estar ainda vivo “por causa da coragem indômita de gente bem pequena frente a probabilidades impossíveis” (CARPENTER, 2018, p. 241). Essa coragem de gente pequena frente a probabilidades impossíveis moldaria, no ato da condução da jornada de Frodo Bolseiro, o motivo pelo qual Gandalf depositaria (com o apoio de Galadriel e Elrond) todo o destino da Terra-média nas mãos do frágil e inexperiente hobbit.

1.1 AS RECUSAS DA PUBLICAÇÃO DE **O SILMARILLION**

A narrativa de **O Senhor dos Anéis** finaliza o ciclo iniciado com a cosmogonia presente em **O Silmarillion**, isto é, dissolve todas as tensões criadas pelos eventos ocorridos desde o momento da Música Magnífica (cosmogonia) até o fim da Terceira Era da Terra-média. Mais do que dar continuidade à trama mitológica composta em **O Silmarillion**, **O Senhor dos Anéis** dá continuidade às aventuras de Bilbo Bolseiro. A mitologia que sustenta a ficção criada pelo autor teve início graças à sua curiosidade – e posterior dedicação acadêmica – voltada às línguas e à linguagem:

da mesma forma alguém poderia dizer que o pensamento é uma doença da mente. Estaria mais próximo da verdade dizer que as línguas, em especial as europeias modernas, são uma doença da mitologia. Mas ainda assim a Linguagem não pode ser descartada. A mente encarnada, a língua e o conto são contemporâneos em nosso mundo. A mente humana, dotada dos poderes de generalização e abstração, não vê apenas *grama verde*, discriminando-a de outras coisas (e contemplando-a como bela), mas vê que ela é *verde* além de ser *grama*. Mas quão poderosa, quão estimulante para a própria faculdade que a produziu, foi a invenção do adjetivo: nenhum feitiço ou mágica do Belo Reino é mais potente. E isso não é de surpreender: tais encantamentos de fato podem ser vistos apenas como uma outra visão dos adjetivos, uma parte do discurso numa gramática mítica. A mente que imaginou *leve*, *pesado*, *cinzento*, *amarelo*, *imóvel*, *veloz* também concebeu a magia que tornaria as coisas pesadas leves e capazes de voar, transformaria o chumbo cinzento em ouro amarelo e a rocha imóvel em água veloz (TOLKIEN, 2010, p. 28, grifos do autor).

O apreço pela descrição se faz notar na composição de seu universo e o uso constante da técnica realista – herdada da ideia de se fazer arte por prazer pessoal – inflam a mágica das palavras, tão admiradas e respeitadas por Tolkien. Se as línguas, como quis o autor, podem ser vistas como uma doença da mitologia, então, sua ficção

concebe exatamente o oposto, invertendo a precedência da mitologia, já que

vinha trabalhando há algum tempo na língua influenciada pelo finlandês e, por volta de 1915, ela já havia adquirido algum grau de complexidade. Sentia que era “um passatempo tão louco” e não esperava encontrar um público para ele. Ainda assim, às vezes escrevia poemas nela e, quanto mais trabalhava com a língua, mais sentia que precisava de uma “história” que lhe desse sustentação. Em outras palavras, um idioma não podia existir sem uma raça de pessoas que o falasse. Estava aperfeiçoando a língua; agora tinha de decidir a quem ela pertencia (CARPENTER, 2018, p.108).

A conexão entre língua e literatura sempre esteve presente na carreira acadêmica de Tolkien – enquanto professor de língua e literatura anglo-saxônicas – e se estendeu ao seu modo de fazer ficção. Essa simbiose é bem descrita pelo próprio autor na forma como a pensava: “Tenho o ódio ao *apartheid* em meus ossos; e mais do que tudo, detesto a segregação ou separação entre língua e literatura. Não me importa qual delas você pense que seja branca” (TOLKIEN *apud* DURIEZ, 2018, p. 236). Essa estreita conexão, ou antes interpenetração e coexistência, entre língua e literatura é de fundamental importância para o entendimento do fazer ficcional de Tolkien, posto que cada uma das raças pertencentes à Terra-média se utilizam de línguas próprias para se comunicar. A própria cosmogonia se deve unicamente ao pensamento e à fala – ainda que, também, em forma de canto – conforme discutido em **Gandalf: a linha na agulha de Tolkien** (2016), no subitem “2.1.4. Cosmogonia – O verbo: pensamento, canto, fala e materialização da existência”. Os elfos, homens, orcs, wargs, ents, trolls, Valar, possuem línguas próprias e, dentre elas, algumas merecem ser destacadas: noldorin, quenya, sindarin, telerin, doriathrin, ilkorin, nandorin, adûnaico, khuzdul, westron, língua negra, valarin, rohirric, terrapardense, hadadrim e entês. Tal preocupação de Tolkien com as línguas e a história por trás de cada uma delas resultaria em

um grandioso e extraordinário projeto com poucos paralelos na história da literatura. Ele criaria uma mitologia inteira. A ideia tivera origem no seu gosto pela invenção de línguas. Havia descoberto que, para conferir certo grau de complexidade a tal empreitada, era preciso criar para as línguas uma “história” na qual elas pudessem se desenvolver. Ao escrever os primeiros poemas sobre Earendel, ele já começara a esboçar um pouco dessa história; agora queria registrá-la na sua totalidade. Mas havia também outra força em ação: o desejo de expressar em poesia os seus mais profundos sentimentos, um desejo que devia sua origem à inspiração do T.C.B.S. Não havia nada de extraordinário nos seus primeiros poemas, imaturos como o idealismo inexperiente dos quatro jovens. Contudo, eles foram os primeiros passos em direção ao grande poema em prosa (pois, embora composta em prosa, a sua obra é poética) que agora começaria a escrever. E havia, ainda, um terceiro

elemento: o desejo de criar uma mitologia para a Inglaterra. Nos seus tempos de estudante, ele insinuara tal intenção quando escreveu sobre o *Kalevala* finlandês: “Gostaria que nos houvesse restado mais – algo semelhante que pertencesse aos ingleses.” A ideia cresceu até atingir proporções grandiosas. Eis como Tolkien a expressou ao relembra-la muitos anos depois: “Não ria! Mas, certa vez (minha crista caiu há muito tempo), tive a intenção de criar um corpo de lendas mais ou menos interligadas, que abrangesse desde o amplo e cosmogônico até o nível do conto de fadas romântico – o maior apoiado no menor em contato com a terra, o menor sorvendo esplendor do vasto pano de fundo – que eu poderia dedicar simplesmente à Inglaterra, ao meu país. Deveria possuir o tom e a qualidade que eu desejava, um tanto sereno e claro, com a fragrância do nosso ‘ar’ (o clima e o solo do Noroeste, isto é, da Grã-Bretanha e das regiões europeias mais próximas; não a Itália ou o Egeu, muito menos o Oriente); possuiria (se eu conseguisse alcançá-la) a beleza graciosa e fugidia que alguns chamam de céltica (apesar de raramente encontrada nas antiguidades célticas genuínas), deveria ser ‘elevado’, purgado do grosseiro e adequado à mente mais adulta de uma terra há muito impregnada de poesia. Eu desenvolveria alguns dos grandes contos na sua plenitude e deixaria muitos apenas no projeto e esboçados. Os ciclos deveriam ligar-se a um todo majestoso e ainda assim deixar espaço para outras mentes e mãos, munidas de tinta, música e drama. Absurdo.” O conceito pode ter parecido absurdamente grandioso, mas, ao voltar da França, Tolkien estava determinado a realizá-lo. Aquela era a hora e o lugar certo: mais uma vez estava com Edith e em Great Haywood, na paisagem rural inglesa que lhe era tão cara. Mesmo Christopher Wiseman, longe dali em alto-mar, sentiu que algo estava para acontecer. Ele escreveu a Tolkien: “Você deveria começar a epopeia.” Foi o que Tolkien fez. Na capa de um caderno barato, escreveu com um grosso lápis azul o título que escolhera para seu ciclo mitológico: “O Livro dos Contos Perdidos”. No interior do caderno começou a compor o que acabaria por ser conhecido como *O Silmarillion* (CARPENTER, 2018, p. 127-128, grifos do autor).

Essa grande dedicação à criação de línguas e histórias de grupos de personagens que as falassem leva diretamente ao questionamento: por que os hobbits não possuem língua própria? Seriam eles os únicos a não possuir uma língua própria para comunicação entre seus indivíduos? Sobre tais questões, o próprio autor diz (em **O Senhor dos Anéis**), referindo-se a um passado remoto da história dos hobbits, que eles

aprenderam suas *letras* e começaram a *escrever* na maneira dos Dúnedain, que por sua vez tinham aprendido a arte muito antes com os elfos. E nessa época eles também *esqueceram todas as línguas usadas anteriormente*, e depois disso *sempre falaram a Língua Geral, o Westron*, que era como a chamavam nas terras dos reis desde Arnor até Gondor, e em toda a costa marítima, desde Belfalas até Lûn. Mesmo assim, eles ainda *preservavam* do passado algumas *palavras próprias*, bem como seus *próprios nomes de meses e dias* e uma grande quantidade de *nomes de pessoas* (TOLKIEN, 2000, p. 4, grifos nossos).

A sua preocupação com línguas foi tamanha, desde criança, que chegou a esboçar

uma grande quantidade de línguas inventadas quando era adolescente e

muitas delas chegaram a atingir certo nível de complexidade. Contudo, apenas uma dessas experiências foi do seu agrado e conseguiu expressar o seu gosto linguístico pessoal: uma língua com uma forte influência do finlandês, que ele denominou “quenya”. Em 1917, essa língua já atingira um alto nível de refinamento e possuía um vocabulário de muitas centenas de palavras (baseadas, porém, em um número bastante limitado de radicais). O quenya tinha origem, como qualquer língua “real” em uma língua mais primitiva, supostamente falada em uma era anterior. E, a partir desse “eldarin primitivo”, Tolkien criou uma segunda língua élfica, contemporânea ao quenya, mas falada por outros povos élficos. Essa língua recebeu o nome de “sindarin” e teve a sua fonologia moldada a partir do galês, a língua mais próxima do seu gosto linguístico pessoal depois do finlandês. Além do quenya e do sindarin, Tolkien inventou muitas outras línguas élficas. Embora existissem apenas como esboço, as complexidades das suas inter-relações e a elaboração de uma “árvore” linguística ocuparam bastante a sua mente. Contudo, os nomes élficos em *O Silmarillion* foram construídos quase que exclusivamente a partir do quenya e do sindarin (CARPENTER, 2018, p. 133).

A organização das línguas ocupou, portanto, um ponto central na criação e desenvolvimento de sua mitologia e a partir desse zelo com a história por trás de cada língua surgiram as características de cada uma das raças e também das diferentes famílias pertencentes a essas raças de criaturas. Tolkien partiu da criação das línguas para a criação de uma história que as abarcasse e as tornassem vivas. Considerando seu apreço pelo estudo e criação de línguas ficcionais e, ainda, seu compromisso com sua promissora invenção e contribuição ficcional para o mundo, – os hobbits –, sabe-se que

durante os anos 20 e 30, a imaginação de Tolkien percorria duas trilhas diferentes que não se encontravam. De um lado estavam as histórias compostas por mera diversão, muitas vezes especificamente para o entretenimento de seus filhos. Do outro estavam os temas mais grandiosos, às vezes arthurianos ou célticos, mas geralmente associados com as suas próprias lendas. Nesse meio tempo, nada estava sendo impresso além de uns poucos poemas na *Oxford Magazine*, que indicavam aos seus colegas que Tolkien se divertia com tesouros de dragões e homenzinhos engraçados com nomes como Tom Bombadil – um passatempo inofensivo, pensavam, se bem que um pouco infantil.

Algo estava faltando, algo que unisse as duas facetas de sua imaginação e produzisse uma história heroica e mítica e, ao mesmo tempo, afinada com a imaginação popular. Naturalmente, ele não se deu conta disso e, quando a peça que faltava repentinamente surgiu, não lhe atribuiu nenhum significado especial.

Foi em um dia de verão, quando ele estava sentado à janela do gabinete da Northmoor Road corrigindo provas do School Certificate. Anos mais tarde, lembrou: “Um dos candidatos misericordiosamente havia deixado uma página sem nada escrito (a melhor coisa que pode acontecer a um examinador) e escrevi nela: ‘*Numa toca no chão vivia um hobbit*’. Nomes sempre geram uma história na minha mente. No fim, achei que seria melhor eu descobrir como eram os Hobbits. Mas isso é apenas o começo” (CARPENTER, 2018, p. 235-236, grifos do autor).

Essas duas linhas distintas pontuadas por Carpenter são: as histórias grandiosas pertencentes à mitologia em desenvolvimento, oriundas do interesse pessoal do autor pela criação de línguas, e as histórias compostas por mera diversão, dentre elas **O Hobbit**, **Sr. Bliss (Mr. Bliss, 1982)**, **Roverandom (1998)**, **Mestre Gil de Ham**, **Cartas ao Papai Noel (Letters from Father Christmas, 1976)** e **Ferreiro de Bosque Grande (Smith of Wootton Major, 1967)**. As histórias que compõem o *legendarium* tolkieniano são encontradas em diversos manuscritos (alguns já organizados e publicados em forma de romances) e essas são consideradas partes de sua mitologia e têm como palco comum a Terra-média, seja qual for o período temporal. Dentre elas encontra-se **O Silmarillion**, que

constitui-se de uma série de manuscritos [...] que foram postumamente editados e publicados sob a orientação de Christopher Tolkien, o filho caçula do autor, com a colaboração do escritor canadense de ficção de fantasia Guy Gavriel Kay. No decorrer da criação do Condado e do restante da Terra - média, Tolkien precisou pensar em como seria a cosmogonia de Eä e de Arda, a qual deveria descrever como se originaram os seres e as tramas que culminaram nas ações descritas em **O Hobbit** e em **O Senhor dos Anéis**. **O Silmarillion** constitui essa cosmogonia. Composto por cinco partes ou capítulos, sendo elas “Ainulindalë”, “Valaquenta”, “Quenta Silmarillion”, “Akallabêth” e “Dos Anéis de Poder e da Terceira Era” (STAINLE, 2018, p. 51, grifos do autor).

A cosmogonia presente nessas cinco partes que compõem a obra representa uma organização dos eventos primordiais da Terra-média e serve como fundamentação mitológica para a sequência narrativa posterior. Baseado em textos antigos, tais como os citados anteriormente na introdução, o projeto de Tolkien buscava resgatar as raízes do material mítico presente no imaginário popular europeu – especialmente na região da Escandinávia – e compor um material genuinamente inglês através da literatura fantástica. Objetivando a criação de um substrato mitológico para a cultura inglesa e com a possibilidade de (re)criar esse passado utilizando-se da literatura, Tolkien faz um retorno no tempo e no espaço. O ato de olhar nas profundezas da imaginação humana e buscar as raízes do material mítico se desenvolveu em consonância ao seu empenho profissional com a filologia. O fato de Tolkien considerar língua e literatura como iguais faz a distinção entre literatura por “mera diversão” e literatura de “temas grandiosos” se esfacelar diante da própria postura adotada por ele enquanto ficcionista. Para Tolkien não havia distinção entre trabalho e diversão, ele

não se preocupava que os críticos modernistas considerassem seus escritos de fantasia uma bobagem. Ele inventou e elaborou seu mundo da Terra-média sem qualquer intenção de que aquilo um dia se tornasse mais do que uma diversão particular. “Sou uma pessoa muito séria e não consigo diferenciar o divertimento particular e a obrigação”, escreveu ele, acrescentando: “Trabalho apenas para minha própria diversão, uma vez que acho minhas obrigações particularmente divertidas”.

Muito mais tarde, Tolkien escreveu confessando que somente seu amigo, o escritor C. S. Lewis, o convencera a publicar muitos de seus escritos, incluindo *O Senhor dos anéis*. “Somente após [Lewis] tive noção de que meu ‘material’ poderia ser mais do que um hobby particular”. A maioria dos colegas de Tolkien em Oxford teria considerado sua criação artística “uma bela bobagem”, mas o próprio escritor, assim como os elfos e os anões, tinha uma saudável interpretação da criatividade “por puro prazer” (BASSHAM, 2012, p. 132-133).

Tal indistinção (entre trabalho e diversão) se comprova na vida diária do autor, como quando

começou (no primeiro dia do ano de 1919) a escrever um diário onde registrava os acontecimentos importantes e seus pensamentos a respeito deles. Apesar de tê-lo iniciado em letra normal, passou a usar um alfabeto notável que acabara de inventar, que parecia uma mistura de hebraico, grego e taquigrafia Pitman. Logo decidiu envolvê-lo na sua mitologia e o chamou de “O Alfabeto de Rúmil”, nome de um sábio élfico das suas histórias. Os registros no diário eram todos em inglês, mas escritos nesse alfabeto (CARPENTER, 2018, p. 141).

Tal posicionamento indistinto entre trabalho e diversão caracteriza o modo do fazer poético do autor, revivendo a ideia de arte pela arte já contemplada pelo movimento Pré-Rafaelita, com o qual, a título de exemplo, se alinharam – em seu modo de conceber o fazer literário – as ficções de escritores como Mary Shelley e Oscar Wilde. Isso implica no fato de que esses autores consideravam a fruição como um trabalho mental de suma importância para o entendimento da obra de arte, ao contrário do Modernismo, capaz de defender o desagradado, o não entendimento, a exclusão e divisão dos leitores como forma de provar o valor estético da obra de arte. Para Tolkien, o prazer vinha da satisfação em trabalhar com aquilo que era capaz de lhe fazer vivenciar a própria magia do texto:

O Senhor dos Anéis foi lido por muitas pessoas desde que finalmente foi lançado na forma impressa, e eu gostaria de dizer algumas coisas aqui, com referência às muitas suposições ou opiniões, que obtive ou li, a respeito dos motivos e do significado da história. O motivo principal foi o desejo de um contador de histórias de tentar fazer uma história realmente longa, que prendesse a atenção dos leitores, que os divertisse, que os deliciasse e às vezes, quem sabe, os excitasse ou emocionasse profundamente (TOLKIEN, 2000, p. XIV, grifo do autor).

Esse gosto particular pela fruição estética em detrimento da técnica se apresenta em sua obra através da organicidade de mundo, isto é, do sentido de pertencimento compartilhado pelas raças que habitam a Terra-média. Esse senso de organicidade, pertencimento, tem estreitas relações com a vida cotidiana em meio a natureza e à camada popular da sociedade, como bem ressalta Bassham:

se essa poesia romântica parece um pouco distante do Condado, vale a pena ressaltar que muitos críticos veem o próprio Tolkien como um romântico. Assim como Wordsworth, ele favorece a ideia de que descobrimos quem realmente somos na natureza em vez de entre os outros, uma ideia que é particularmente clara na maneira como Bilbo só encontra seu Tûk interior depois que ingressa nas Terra Ermas. Também como os românticos, Tolkien tem um interesse especial pela cultura “do povo”, pelas canções, pelos contos de fadas e lendas que comunidades incultas preservam; na verdade, ele afirma em algumas ocasiões que começou todo o projeto da Terra-média para criar um mundo no qual pudesse apresentar as diversas línguas que inventara, para criar uma cultura popular imaginária que pudesse servir de lar para as criações com que tinha sonhado. Portanto, de certa forma, todo o projeto dele é um esforço para recuperar um senso perdido, mais inocente, da capacidade de admirar (2012, p. 250-251).

Esse substrato da cultura popular, ou do povo, está profundamente marcado com a noção arquetípica coletiva de poderes pertencentes ao mundo natural, como se observa nos contos de fadas, mitos, lendas e sagas. Faz sentido, então, que Tolkien tenha inventado uma mitologia para a língua inglesa utilizando-se de elementos tradicionais, embora antigos, da cultura oral escandinava, germânica e inglesa. Recorrendo à tradição oral e ao substrato comum ao inconsciente coletivo do norte europeu, Tolkien se aproveitou de temas, paisagens, línguas, nomes próprios e espécies de criaturas já conhecidas, mesmo que não de forma idêntica – e em alguns casos modificando-os quase totalmente. A única espécie até então inteiramente desconhecida do público leitor europeu era a dos hobbits. Esse substrato aproveitado por Tolkien dá ao leitor a oportunidade de se reconhecer nas personagens hobbits – por motivos cotidianos e características comuns (não heroicas) – e fruir junto com eles, de construir a narrativa ao mesmo tempo em que ela é contada pelas hábeis mãos dos três autores de **O Livro Vermelho do Marco Ocidental** (Bilbo, Frodo e Sam), de vivenciar a descoberta de um mundo mágico totalmente novo ao mesmo tempo em se descobrir um perfeito hobbit, mais do que poderia supor.

Entre trabalho e diversão, vida profissional e vida familiar, Tolkien sempre (em várias de suas cartas) se lamentava por ver negada a publicação de seu material

mitológico. Seu compêndio de lendas e mitos, o “Silmarillion”, “há muito rejeitado e posto de lado” (TOLKIEN, 2006, p. 133, grifo do autor), deveria – segundo a vontade explícita do autor – ter sido publicado primeiro, mas

constituía um problema mais complexo.

O manuscrito dessa longa obra – ou melhor, o monte de manuscritos – chegara à editora em um estado um tanto quanto desordenado e a única seção obviamente contínua parecia ser o longo poema “A Gesta de Beren e Lúthien”. Assim, o poema foi entregue para apreciação a um leitor da editora. O leitor não fez muito caso dele, na verdade, foi muito rude ao avaliar os dísticos rimados. Mas se apressou em dizer que achara cativante a versão em prosa da história de Beren e Lúthien – Tolkien presumivelmente a anexara ao poema com o propósito de completar a história, pois o poema propriamente dito estava inacabado. “Aqui o conto prossegue em um ritmo vigoroso”, dizia o relatório recebido por Stanley Unwin e, entusiasmado (se bem que usando elogios um tanto disparatados), prosseguia: “Ele é contado com uma brevidade e uma dignidade pitoresca que cativam o interesse do leitor a despeito de seus nomes celtas de embaralhar a vista. A obra possui algo daquela beleza louca de olhos brilhantes que deixa perplexos todos os anglo-saxões diante da arte celta” (CARPENTER, 2018, p. 251-252).

Foi entre a recusa e a composição de **O Senhor dos Anéis** que Tolkien resolveu intrometer **O Hobbit** nas narrativas do *legendarium* e não restou nada a fazer a não ser conectar a aventura de Bilbo ao todo já criado (**O Silmarillion**) utilizando-se de **O Senhor dos Anéis** como continuação para **O Hobbit**. Sobre essa obra conectora ainda não publicada, o autor revela ao seu editor:

E agora que olho para ela, a magnitude do desastre está aparente para mim. Minha obra escapou do meu controle e produzi um monstro: um romance imensamente longo, complexo, um tanto amargo e muito aterrorizante, bastante inadequado para crianças (se é que é adequado para alguém); e ele não é realmente uma continuação para *O Hobbit*, mas para *O Silmarillion*. Minha estimativa é de que ele possua, mesmo sem certos adjuntos necessários, cerca de 600.000 palavras. Uma datilógrafa estimou mais alto. Posso ver de modo muito claro o quão impraticável ele é. Mas estou cansado. Afastei-o de mim e não sinto que eu possa fazer mais alguma coisa a respeito dele além de uma pequena revisão de inconsistências. Pior ainda: sinto que ele está ligado ao *Silmarillion*.

Talvez o senhor possa lembrar-se dessa obra, um longo legendário de épocas imaginárias em um “estilo elevado” e repleto de Elfos (de um tipo). Ele foi rejeitado pelo conselho de seu leitor muitos anos atrás. Até onde vai minha memória, ele concedeu à obra uma espécie de beleza celta intolerável aos anglo-saxões em grandes doses. Ele provavelmente foi perfeitamente correto e justo. E o senhor comentou que essa era uma obra para se extrair material, não para ser publicada.

Infelizmente, eu não sou um anglo-saxão e, embora posto de lado (até um ano atrás), o *Silmarillion* e tudo o mais se recusaram a serem suprimidos. Ele ferveu, infiltrou-se e provavelmente arruinou tudo (que mesmo remotamente aproximava-se de “Faery”) que tentei escrever desde então. Ele foi mantido fora de *Lavrador Giles* com esforço, mas impediu a continuação. Sua sombra foi profunda nas partes finais de *O Hobbit*. Ele capturou *O Senhor dos Anéis*, de maneira que este tornou-se simplesmente sua continuação e finalização,

exigindo o *Silmarillion* para ser completamente inteligível – sem muitas referências e explicações que o deixam confuso em uma ou dois lugares.

Por mais ridículo e cansativo que o senhor pense que sou, eu desejo publicar ambos – *O Silmarillion* e *O Senhor dos Anéis* – em conjunto ou em ligação. “Eu desejo” – seria mais sábio dizer “eu gostaria”, visto que não é muito provável que um pacotinho de, digamos, um milhão de palavras, de assuntos apresentados por extenso que os anglo-saxões (ou o público falante de inglês) só conseguem aguentar de forma moderada, venha a público, mesmo se o papel estivesse disponível à vontade.

Mesmo assim, é disso que eu gostaria. Ou deixarei tudo isso em paz. Não consigo contemplar qualquer reescrita ou compressão drástica. É claro que, sendo um escritor, eu gostaria de ver meus textos impressos; mas aí estão eles. Para mim, o principal é que sinto que toda a questão está agora “exorcizada” e não mais me atormenta (TOLKIEN, 2006, p. 134, grifo do autor).

Tolkien desejava publicar **O Senhor dos Anéis** e **O Silmarillion** juntos, para que o leitor pudesse entender desde o mito da criação até a eucatástrofe⁹. Isso seria de grande importância para o todo da composição do autor, para o entendimento de todas as questões que são abordadas ao longo da jornada de Frodo e que não são completamente explicadas ao longo da narrativa. Isso, com certeza, reduziria o tamanho do livro e Tolkien poderia colocar todas as listas de calendários, genealogias, indicações linguísticas, anais dos reis e governantes e mapas na edição de **O Silmarillion**. Isso não deixaria o leitor – como foi o caso – desorientado por vinte e quatro anos até a publicação dessa mitologia, suprimindo todas as explicações necessárias para a conexão da criação com a narrativa de Bilbo. Já em 1948 – antes de publicar **O Senhor dos Anéis** – alguns leitores mais atentos já desejavam saber sobre as origens dos povos viventes que Bilbo encontrara em sua aventura, como é o caso de Hugh Brogan e Katherine Farrer. Para estes, Tolkien informa, com pesar, o não aceite da editora de seu compêndio mitológico:

Mas ela não satisfará qualquer curiosidade sobre o mundo mais antigo. Receio que você não encontraria informação alguma sobre esse mundo em simples obras de referência, visto que possuo todos os documentos e as editoras não irão publicá-los. O que você pede é *O Silmarillion*, que é virtualmente uma história do (sic) Eldalië (ou Elfos, por uma tradução não muito precisa), de sua ascensão até a Última Aliança e a primeira derrubada de Sauron (o Necromante): isso o levaria quase ao período de “O Hobbit”. Alguns mapas, tabelas cronológicas e algumas informações elementares sobre os idiomas Eldarin (ou Élficos) também seriam desejáveis. Tenho todas essas coisas, é claro, e elas são conhecidas por um pequeno círculo que inclui meus filhos (todos certa vez alunos do Colégio Dragon). Se eu puder

⁹ A eucatástrofe é um conceito cunhado por J. R. R. Tolkien em seu ensaio intitulado **Tree and Leaf** (1964), opondo-o à discatástrofe, que se refere à virada repentina de uma situação feliz para o pesar ou fracasso enquanto a primeira corresponde à virada repentina de uma situação ruim para um término com o Consolo do Final Feliz.

encontrar algum tempo e modo de reproduzi-las, ou parte delas, digamos, em cópias datilografadas, e você permanecer interessado nessa região pouco explorada de pré-história, deixarei que você veja alguns dos documentos (TOLKIEN, 2006, p. 127, grifo do autor).

O público já pedia por mais informações sobre o universo ficcional do autor (em 1948, onze anos depois da publicação de **O Hobbit**) e a editora se via apegada à continuação da história de Bilbo, ignorando completamente o fato de que – como é comum também ao estudo filológico – a narrativa do *legendarium* não é unidirecional, ela se desenvolve para frente e para trás ao mesmo tempo. Cada passo de Bilbo ou Frodo é um mergulho na mitologia – já decadente, por certo, mas ainda viva – do autor. Tolkien se sentia extremamente magoado pela infeliz avaliação da editora sobre seus escritos e, mais do que isso, se sentia afrontado, posto que **O Silmarillion** representava para ele o coração de seu universo ficcional, como se vê:

Pois embora eu tenha trabalhado nessas coisas (nas brechas de tempo!) desde por volta de 1914, eu nunca encontrei alguém além de C.S.L. e de meu Christopher que desejasse lê-las; e ninguém irá publicá-las. Passei todo o tempo que pude economizar desde que a senhora escreveu reunindo a massa inacabada desses materiais tal como se encontram mais ou menos terminados e decifráveis (quero dizer, legíveis). A senhora pode considerar a “história compendiosa”, ou (sic) *Silmarillion*, tolerável – embora realmente só esteja revisada pela metade. Os contos longos dos quais ela é retirada (por “Pengolod”) estão ou incompletos, ou desatualizados.

A Queda de Gondolin
A Balada de Beren e Lúthien (em verso)
Os Filhos de Húrin

Estou aflito (por mim mesmo) por não ser capaz de encontrar o “Anéis de Poder”, com o qual a “Queda de Númenor” faz a ligação entre o *Silmarillion* e o mundo do Hobbit. Mas seus princípios básicos estão incluídos no Cap. II de *O Senhor dos Anéis*. Esse livro seria, é claro, mais fácil de se escrever se o *Silmarillion* fosse publicado primeiro! (TOLKIEN, 2006, p. 128, grifos do autor).

As recusas da publicação de **O Silmarillion**, bem como a avaliação equivocada do leitor escolhido pela editora para tal, nortearam a criação de uma narrativa completamente diferente dos padrões encontrados em toda a literatura mundial, como já comentado anteriormente, justamente por narrar o presente que se orienta para o futuro (a eucatastrófica destruição do Anel) e revelando o passado simultaneamente nos intervalos das ações. Essa construção notável de passado e futuro dentro de uma só obra dá à narrativa sua característica fundamental em relação ao tempo (descritivo, parado e profundo em alguns momentos e altamente rápido, urgente e voltado à ação

em outros) e ao encontro do mundo épico com o mundo prosaico, romanesco dos hobbits, que são responsáveis por conectar essas duas facetas do *legendarium*.

1.2 O NOVO O HOBBIT

A narrativa de **O Hobbit** inicia-se num tom particular e totalmente desvinculado das preocupações cosmogônicas até então presentes em **O Silmarillion**. Não há elfos, espadas, cronologias, guerras, monstros ou árvores genealógicas; imediatamente no primeiro parágrafo percebe-se a preocupação única de articular as qualidades dos hobbits e sua descrição enquanto povo e, de saída, a palavra conforto fecha o primeiro parágrafo do livro, que é destinado à conexão de um novo tipo de raça inventada pelo autor ao todo cronológico da cosmogonia que antecede **O Hobbit**:

Numa toca no chão vivia um hobbit. Não uma toca desagradável, suja e úmida, cheia de restos de minhocas e com cheiro de lodo; tampouco uma toca seca, vazia e arenosa, sem nada em que sentar ou o que comer: era uma toca de um hobbit, e isso quer dizer *conforto* (TOLKIEN, 1998, p. 1, grifo nosso).

Esse tipo de descrição vai acompanhar Bilbo Bolseiro até o fim de sua aventura, mesmo depois de ter realizado proezas épicas. Sobre a sua família, é dito:

[o]s Bolseiros viviam nas vizinhanças da Colina desde *tempos imemoriais*, e as pessoas os consideravam muito *respeitáveis*, não apenas porque em sua maioria eram *ricos*, mas também porque *nunca tinham tido nenhuma aventura ou feito qualquer coisa inesperada: você podia saber o que um Bolseiro diria sobre qualquer assunto sem ter o trabalho de perguntar a ele*. Esta é a *história de como um Bolseiro teve uma aventura, e se viu fazendo e dizendo coisas totalmente inesperadas* (TOLKIEN, 1998, p. 2, grifos nossos).

Os “tempos imemoriais” mencionados dão profundidade e certo tom de veracidade à existência dos hobbits (os Bolseiros, em específico), porém, os hobbits são os únicos seres intimamente envolvidos nos destinos de Arda que não possuem uma explicação cosmogônica extremamente detalhada em **O Silmarillion**. Isso demonstra a fortitude da ligação entre **O Hobbit** e as duas outras principais narrativas do *legendarium*. Ainda sobre os dados fornecidos pela narrativa, entende-se que se pode saber tudo sobre um Bolseiro sem ter que perguntar a ele, isso se deve ao hábito, à tradição de não realizar nunca nenhum feito inesperado. Nada na vida dos hobbits acontece de modo surpreendente, e isso pode ser comparado ao

caráter épico, no sentido de que os destinos do herói e mundo épicos são dados logo no início da narrativa, mas essa comparação seria um erro, dado que o destino do elfos, sim, pode ser visto como possuidor da inalterabilidade, isto é, projetados para viver no mundo (sendo imortais) até o fim dele ou até que se cansassem dessa vida completamente previsível postulada pelos deuses. Bilbo interfere nos destinos de todos os povos da Terra-média quando decide sair de casa para acompanhar os anões, quando decide não matar Gollum, quando decide manter em segredo o Um Anel e também quando decide trair Thorin, entregando a Pedra Arken para Bard, mudando assim completamente os destinos dos povos envolvidos na Batalha dos Cinco Exércitos e de certo modo, o de todos os Povos Livres:

Foi assim que, cerca de duas horas após sua fuga pelo Portão, Bilbo estava sentado ao pé de uma fogueira acolhedora, diante de uma grande tenda, e ali também estavam sentados, fitando-o curiosamente, o Rei Élfico e Bard. Um hobbit trajando armaduras élficas, parcialmente embrulhado num cobertor velho, era um espetáculo novo para eles.

– Realmente, vocês sabem – Bilbo dizia, no seu melhor estilo comercial –, as coisas estão impossíveis. Pessoalmente, estou cansado da coisa toda. Gostaria de poder voltar para o oeste, para minha própria casa, onde as pessoas são mais sensatas. Mas tenho um interesse neste assunto –, um quatorze avos do tesouro, para ser preciso, de acordo com uma carta que, felizmente, acredito ter guardado. – Ele retirou do bolso de seu velho casaco (que ainda usava sobre a cota de malha), amarfanhada e muito dobrada, a carta de Thorin, que fora colocada embaixo do relógio, em cima da lareira, em maio!

– Uma parte nos *lucros*, vejam bem – continuou ele. – Estou ciente disso. De minha parte estou inteiramente disposta a considerar com cuidado todas as suas exigências e deduzir do total o que é justo antes de tirar a minha própria parte. Contudo, vocês não conhecem Thorin Escudo de Carvalho tão bem quanto eu o conheço agora. Asseguro-lhes, ele está disposto a ficar sentado sobre um monte de ouro e passar fome, enquanto vocês permanecem aqui.

– Pois bem, que faça isso! – disse Bard. – Tamanho tolo merece passar fome. – É verdade – disse Bilbo. – Entendo o seu ponto de vista. Ao mesmo tempo, o inverno está chegando depressa. Logo terão neve, e tudo mais, e as provisões serão um problema, mesmo para os elfos, imagino eu. Além disso, haverá outras dificuldades. Nunca ouviram falar de Dain e dos anões das Colinas de Ferro?

– Ouvimos, há muito tempo; mas o que ele tem a ver conosco? – perguntou o rei.

– É o que eu pensava. Percebo que tenho informações que vocês não têm. Dain, posso lhes assegurar, está agora a menos de dois dias de marcha daqui, trazendo consigo pelo menos quinhentos bravos anões; grande parte deles teve experiência nas terríveis guerras entre anões e orcs, das quais com certeza vocês já ouviram falar. Quando chegarem, pode haver problemas terríveis.

– Por que está nos dizendo isso? Está traindo seus amigos ou nos ameaçando? – perguntou Bard num tom sinistro.

– Meu caro Bard! – retorquiu Bilbo. – Não seja tão precipitado! Nunca conheci pessoas tão desconfiadas! Estou apenas tentando evitar problemas para todos. Agora, farei uma oferta!

– Vamos ouvi-la! – disseram eles.

– Vocês podem vê-la! – disse ele. – É isto! – e exibiu a Pedra Arken, jogando

fora os trapos que a embalavam.

O próprio Rei Élfico, cujos olhos estavam acostumados a coisas belas e maravilhosas, levantou-se estupefato. Até Bard a contemplava, maravilhado, em silêncio. Era como se um globo repleto de luar pendesse diante deles numa rede tecida com o brilho das estrelas geladas.

– Esta é a Pedra Arken de Thrain – disse Bilbo –, o Coração da Montanha, e é também o coração de Thorin. Ele dá mais valor a ela que a um rio de ouro. Vou dá-la a vocês. Pode ajudar nas negociações. – Então Bilbo, não sem um estremecimento, nem sem um olhar de cobiça, entregou a maravilhosa pedra a Bard, que a segurou na mão, aturdido.

– Mas isto lhe pertence, para que possa dar? – perguntou ele finalmente, com esforço.

– Ah, sim! – disse o hobbit, incomodado. – Não exatamente, mas estou disposto a penhorá-la em troca de toda a minha parte, não percebem? Posso ser um ladrão¹⁰, pelo menos é o que eles dizem: pessoalmente, nunca achei que fosse, mas sou um ladrão honesto, eu acho, mais ou menos. De qualquer forma, vou voltar agora, e os anões poderão fazer o que quiserem comigo. Espero que a pedra lhes seja útil.

O Rei Élfico olhou para Bilbo com nova surpresa. – Bilbo Bolseiro! – disse ele. – Você é mais digno de usar as armaduras dos príncipes élficos do que muitos que ficaram mais garbosos com elas. Mas duvido que Thorin Escudo de Carvalho pense da mesma forma. Talvez eu tenha mais conhecimento que você sobre anões em geral. Aconselho que permaneça conosco, e aqui será honrado e três vezes bem-vindo.

– Fico imensamente grato, com certeza – disse Bilbo, fazendo uma reverência. – Mas não acho que deva abandonar meus amigos assim, depois de tudo pelo que passamos juntos. E, além disso, prometi acordar o velho Bombur à meia-noite! Realmente preciso ir, e depressa!

Nada que pudesse dizer iria detê-lo; assim, providenciaram para ele uma escolta e, no momento em que partiu, tanto o rei como Bard prestaram-lhe homenagem. Quando atravessavam o acampamento, um velho, embrulhado numa capa escura, levantou-se da porta de uma tenda onde estava sentado e foi na direção deles.

– Muito bem! Sr. Bolseiro! – disse ele, batendo nas costas de Bilbo.

– Você sempre demonstra ser mais do que se espera! – Era Gandalf.

Pela primeira vez em muitos dias Bilbo sentiu-se realmente feliz. Mas não havia tempo para todas as perguntas que imediatamente quis fazer.

– Tudo em seu tempo! – disse Gandalf. – Agora as coisas se aproximam do fim, a não ser que eu esteja enganado. Há coisas desagradáveis à sua espera, mas mantenha a coragem! *Pode ser* que você se saia bem. Há notícias a caminho que nem os corvos conhecem. Boa noite!” (TOLKIEN, 1998, p. 262-264, grifo do autor).

Ao longo da narrativa de **O Hobbit**, Bilbo se torna gradualmente responsável por suas escolhas e ações, do mesmo modo como acontece com Frodo ao longo de **O Senhor dos Anéis**, e em determinado ponto ambos se mostram prontos para assumir completamente todas as consequências de seus atos e também das ações de todos os seres envolvidos em suas decisões (elfos, anões, homens, orcs e wargs no caso de Bilbo com a Pedra Arken e toda a Terra-média no caso de Frodo com o

¹⁰ Em **O Hobbit**, Gandalf sugere a Thorin a participação de Bilbo na retomada do tesouro da Montanha Solitária indicando-o como ladrão habilidoso. Bilbo só descobre posteriormente que Gandalf o indicara para a aventura graças aos seus serviços de ladroagem que, na realidade, ainda não existem no início da narrativa.

Anel). Bilbo é como

um ladrão que não consegue escapar, e precisa continuar roubando miseravelmente a mesma casa dia após dia”, pensava ele. “Esta é a parte mais melancólica e monótona desta aventura maldita, cansativa e desconfortável! Gostaria de estar em minha toca hobbit, ao pé do fogo acolhedor de minha própria lareira, com a lamparina brilhando!” Muitas vezes também desejava poder enviar uma mensagem de socorro ao mago, mas isso era obviamente impossível; logo percebeu que se havia algo a fazer, teria de ser feito pelo Sr. Bolseiro, sozinho e sem ajuda (TOLKIEN, 1998, p. 169).

Bilbo não quer somente escapar dos salões élficos, mas fica o tempo todo tentando escapar da responsabilidade assumida durante a aventura. Ele deseja escapar de sua própria escolha em se aventurar na Companhia de Thorin, mas percebe, nesse exato momento (quando adentra os salões repletos de tesouros e habitado por Smaug), que sua fuga já não pode acontecer e tem que assumir a responsabilidade por salvar todos os anões, além de si mesmo.

Agora você finalmente conseguiu, Bilbo Bolseiro – disse consigo mesmo. – Você se meteu na encrenca naquela noite da festa, agora deve sair dela e pagar por isso! Céus! Que idiota eu fui e sou! – disse a sua parte menos Tûk. – Não tenho absolutamente nenhuma necessidade de tesouros guardados por dragões, e ele poderia ficar aqui para sempre, se eu pudesse acordar e descobrir que este túnel horroroso era o corredor de entrada de minha casa! (TOLKIEN, 1998, p. 209).

A partir desse posicionamento se pode pensar nos hobbits como seres prosaicos que invadem o mundo épico ao mesmo tempo em que o mundo épico os invade e, a partir disso, tornam-se responsáveis tanto pela inserção de seu mundo prosaico nos acontecimentos épicos do restante da Terra-média, quanto pela inserção do Condado na história das pessoas grandes. Essa característica será discutida mais a frente quando se for comentar sobre o papel dos hobbits no capítulo “O Expurgo do Condado” de **O Senhor dos Anéis**. Os hobbits são inesperados, vistos como criaturas excêntricas no mundo mítico e o mundo mítico é tido como lenda na terra dos pequenos. Pretende-se discutir essa questão no item que trata o desconhecimento do mundo por parte dos hobbits e o desconhecimento da existência dos hobbits por parte dos demais habitantes da Terra-média.

Quando Bilbo adentra o salão sob a Montanha e se depara com Smaug adormecido, o narrador informa que esse “foi o gesto mais corajoso de toda a sua vida” (TOLKIEN, 1998, p. 209). Para compensar a falta de heroísmo da personagem,

o autor lhe dá ares de importância enigmáticos, envolvendo fatos considerados heróicos para um hobbit, pela sua própria voz, quando se descreve como aquele “que caminha ser ser visto”, “o descobridor de pistas, o cortador de teias, a mosca que dá ferroadas”, “escolhido pelos números da sorte”, “o que enterra vivos seus amigos e os afoga, e depois os retira vivos outra vez da água”, vindo “do fundo de uma bolsa, mas nunca bolsa nunca [fora] metido”, “amigo dos ursos e hóspede das águias”, “o Ganhador do Anel e o Portador da Fortuna” e “o Montador de Barril” (TOLKIEN, 1998, p. 217). Todas essas alcunhas enigmáticas utilizadas por Bilbo para descrever a si mesmo trazem um ar de importância, de vida aventureira, com poderes mágicos e façanhas inigualáveis. Isso é uma verdade que pode ser contada nas reuniões hobbits nas plagas do Condado, mas um simples detalhe na história da Terra-média, como se vê no breve diálogo entre Bilbo e Gandalf:

– Então as profecias das antigas canções tornaram-se verdade, de certa forma! – disse Bilbo.
 – É claro! – disse Gandalf. – E por que não deveriam? Com certeza você não deixou de acreditar nas profecias só porque contribuiu em parte para realizá-las? Você não acha, não é mesmo, que todas as suas aventuras e fugas foram conseguidas por mera sorte, apenas para seu próprio benefício? Você é uma ótima pessoa, Sr. Bolseiro, e gosto muito de você; mas, afinal de contas, *você é apenas uma pessoazinha neste mundo enorme!* (TOLKIEN, 1998, p. 296, grifo nosso).

A colocação de Gandalf mostra a Bilbo (ao mesmo tempo em que mostra ao leitor), que suas aventuras podem ter sido excêntricas e terem provado o valor guerreiro do lado Tûk de Bilbo, mas não são dignas dos anais da história dos elfos. Para remediar tal feito Tolkien compensa a insignificância dos hobbits na história geral dotando-os de certos atributos, sobre os quais se pretende abordar no subitem que abordará as compensações do autor em relação aos pequenos. Essa alternância de Bilbo entre o mundo épico – retratando-o como verdadeiro herói – e o mundo romanesco – ora desprovendo-o de importância no mundo maravilhoso que o cerca – se mantém ao longo da narrativa de **O Senhor dos Anéis** quando Frodo se dispõe a ser o portador do Anel, mas a diferença entre os dois hobbits é que o primeiro não entra para a memória dos elfos por causa de suas aventuras, o segundo sim, por salvar todo o mundo circundante. Essa ambiguidade de tom se mostra menos evidente ao longo da narrativa de **O Senhor dos Anéis**, indicando somente a pequenez de Frodo face ao desafio por ele aceito, mas em **O Hobbit** ela chega a ser contraditória, mostrando que talvez as emendas pretendidas por Tolkien – quando da

revisão da segunda edição – não tenham se alinhado completamente ao pano de fundo mitológico e ao seu padrão estético da alta fantasia. Logo no início de **O Hobbit**, Gandalf mostra o Condado e o tempo presente como algo distantes da grandeza épica:

– Isso não adiantaria nada – disse o mago –, não sem um Guerreiro valente, até um Herói. Eu tentei achar um, mas os guerreiros estão ocupados lutando uns contra os outros em terras distantes, e por estes lados os heróis são raros, ou simplesmente impossíveis de encontrar. As espadas nestas partes estão em sua maioria cegas, os machados são usados para árvores, e os escudos como berços ou tampas de pratos; e os dragões estão confortavelmente distantes (e por isso são lendários). É por isso que optei pelo *roubo*, especialmente quando me lembrei da existência de uma porta lateral. E aqui está o nosso pequeno Bilbo Bolseiro, o ladrão, o escolhido e eleito ladrão. Então vamos continuar a fazer alguns planos (TOLKIEN, 1998, p. 21, grifo do autor).

Percebe-se que os heróis são raros nas proximidades do Condado, não só pela fala de Gandalf, mas pela desconfiança dos anões, que persiste até as últimas páginas da narrativa:

Enquanto isso, entretanto, o descendente mais pacífico de Urratouro estava voltando à vida na sala de visitas. Depois de um momento e de uma bebida, arrastou-se nervosamente até a porta da sala. Isto foi o que ouviu, Glóin falando: – “Hunf!” – ou algum resmungo mais ou menos assim. – *Você acha que ele serve? Para Gandalf está tudo bem ficar falando da ferocidade desse hobbits*, mas um acesso desses numa hora de agitação seria o suficiente para acordar o dragão e todos os seus parentes, e matar a todos nós. Eu acho que o acesso pareceu mais de *medo* do que de agitação! Na verdade, se não fosse pelo sinal na porta, eu teria certeza de que tinha chegado na *casa errada*. Assim que bati os olhos nesse sujeitinho bufando e esperneando no tapete, eu *tive minhas dúvidas*. *Ele parece mais um dono de armazém que um ladrão!* (TOLKIEN, 1998, p. 17, grifos nossos).

Glóin não duvida da capacidade heróica de Bilbo, ele duvida de algo menos nobre ainda, sua capacidade enquanto ladrão, e o próprio narrador também o faz:

Um lendário ladrão de primeira classe, àquela altura, já teria saqueado os bolsos dos trolls – quase sempre vale a pena, se você consegue –, arrancado a carne dos espetos, afanado a cerveja e partido sem que ninguém notasse. Outros, mais práticos mas com menos orgulho profissional, teriam talvez enfiado um punhal em cada um deles antes que percebessem. Ai então a noite poderia passar alegremente. Bilbo sabia disso. *Já lera muitas coisas que nunca tinha visto ou feito.* Estava muito alarmado, além de enojado; *desejou estar a uma centena de milhas de distância* – e apesar disso, de alguma forma, não podia voltar para Thorin e Companhia de mãos vazias. Assim, *ficou parado, hesitando*, nas sombras. *Dos vários procedimentos de ladroagem sobre os quais ouvira falar*, saquear os bolsos dos trolls parecia o menos difícil, então finalmente arrastou-se para

trás de uma árvore bem atrás de William (TOLKIEN, 1998, p. 34).

Bilbo só conhece as coisas em teoria. Ele nunca roubou nada e, mais do que isso, ser chamado de ladrão é uma ofensa para a memória de sua família, considerando seus costumes e boa reputação no Condado.

Em se tratando da mitologia criada por Tolkien, “difícilmente você poderá colocar o pé em qualquer lugar [...] sem mexer com o pó da história” (LEWIS, 2018, p.151), é e dessa forma, contando com tal grau de verossimilhança, de organicidade interna, que se entende os dois primeiros capítulos das duas obras que dão sequência à narrativa de **O Silmarillion** e se conectam entre si, formando uma complexa e inimaginável teia de significações e interconexões, digna da maldade de Ungoliant ao destruir Laurelin e Telperion sob a orientação maliciosa de Melkor, durante a Era das Árvores. Tal conexão se faz evidente nos primeiros capítulos de **O Hobbit** e de **O Senhor dos Anéis**, intitulados, respectivamente “Uma festa inesperada” e “Uma festa muito esperada”. A primeira marca a chegada inesperada e, pode-se dizer inoportuna ou indesejada, dos anões ao Bolsão, seguindo um sinal deixado por Gandalf na porta de Bilbo.

Entender **O Senhor dos Anéis** como um novo **O Hobbit** demanda certo esforço por parte do leitor, já que o processo metonímico inverte a expectativa natural de qualquer ser humano habituado à leitura de obras divididas em várias partes, como se vê, por exemplo, na saga **Harry Potter**, composta por sete volumes em sequência, narrando cada um deles um dos sete anos letivos de formação de Harry na escola de Hogwarts. Consequentemente e, seguindo a expectativa natural de publicação, os primeiros volumes são menos extensos e contém menor quantidade de informações novas, enquanto os volumes finais são extremamente mais longos (alguns chegando a ter o dobro do volume de páginas se comparados aos primeiros) justamente por terem que concluir várias questões ainda em aberto iniciadas ao longo de toda a saga. Isso não ocorre com as três principais narrativas que compõem o *legendarium* de Tolkien, graças à ordem de publicação destes ter sido invertida pela falta de interesse da editora em **O Silmarillion** e o pedido de continuação para **O Hobbit** depois de sua publicação.

Esse fato introduz o leitor na Terra-média – assim como faz com os hobbits – *in medias res*, vivenciando o presente que caminha para o futuro, mas, diferentemente do que se esperaria da narrativa de **O Senhor dos Anéis**, ou seja, concluir somente

as questões ainda não resolvidas ao longo de **O Silmarillion** e de **O Hobbit**, ele se destina a suprir os dados necessários para o entendimento dessas mesmas questões, uma vez que o passado (**O Silmarillion**) ainda não havia sido publicado. É nesse sentido que Frodo (o futuro da Terra-média) une o presente (a aventura de Bilbo) ao passado (a mitologia em **O Silmarillion**). Chamar **O Senhor dos Anéis** de “o novo **O Hobbit**” gera uma confusão cronológica na cabeça do leitor e, seguindo sua proposta inicial – ceder ao desejo do público de saber mais sobre os hobbits, seus hábitos e origens –, essa nova versão das aventuras de Bilbo não supre as informações cosmogônicas necessárias ao entendimento da origem os hobbits e, em sequência, **O Silmarillion** também não o faz. O perfeccionismo de Tolkien, a extensão fenomenal de suas narrativas, de seu universo ficcional, aliados à criação de cinco filhos e sua constante necessidade de trabalho extra (sendo insuficiente, em muitos casos, o seu salário de professor em Oxford), fizeram com que seu universo tivesse alguns pontos não muito bem encaixados, revelando alterações e o seu modo de conexão entre as narrativas, principalmente entre **O Hobbit** e **O Senhor dos Anéis**:

No início, a Allen & Unwin esperava que a nova história estivesse pronta para publicação apenas alguns anos após o lançamento de *O Hobbit*. Essa esperança se desvanecera e, em 1942, até mesmo *O Hobbit* original teve de sair de catálogo quando o estoque de exemplares foi queimado na *blitz* de Londres. Mas Stanley Unwin continuou interessado no progresso do “novo Hobbit” e, em dezembro de 1942, recebeu uma carta de Tolkien que relatava: “A história aproxima-se agora do término. Espero conseguir um pouco de tempo livre nessas férias e posso ter esperanças de terminá-lo no início do ano que vem. Ela alcançou o Capítulo XXXI e serão necessários pelo menos mais seis para terminá-la (esses já estão esboçados).”

Contudo, o Capítulo XXXI (o número original de “Escumbros e destroços”) situava-se apenas no fim do que viria a ser o Livro III; haveria não seis, mas 31 capítulos adicionais antes de o livro estar completo. Tolkien tentou trabalhar na história durante os meses seguintes e conseguiu desenvolvê-la um pouco mais. Mas, no verão de 1943, teve de admitir que estava “empacado”.

Um dos motivos era o seu perfeccionismo. Não contente em escrever um livro volumoso e complexo, achava que cada detalhe isolado deveria se ajustar de maneira satisfatória ao esquema total. A geografia, a cronologia e a nomenclatura tinham de ser inteiramente coerentes. Ele recebeu alguma ajuda na geografia, pois seu filho Christopher desenhou um elaborado mapa do território abordado pela história. O próprio Tolkien fazia esboços de mapas desde que começara a trabalhar no livro: “Se for criar uma história complicada, você deve trabalhar com um mapa; senão nunca irá mapeá-la depois”, disse certa vez. Mas o mapa não era suficiente, e ele fazia cálculos intermináveis de tempo e distância, dispondo os eventos da história em tabelas elaboradas onde constavam datas, dias da semana, horas e às vezes até mesmo a direção do vento e a fase da lua. Tudo isso era em parte a sua habitual busca da perfeição, em parte o prazer fruto da “subcriação”, mas principalmente a preocupação de fornecer uma imagem totalmente convincente. Muito tempo depois, ele disse: “Eu queria que as pessoas simplesmente entrassem nessa história e a considerassem (em certo sentido)

historicamente verdadeira”.

A criação de nomes também ocupou muito a sua atenção, como era inevitável, pois as línguas inventadas a partir das quais desenvolvia os nomes eram simultaneamente a força motora da sua mitologia e, por si só, uma atividade fundamental do seu intelecto. Mais uma vez, as línguas élficas quenya e sindarin, agora mais elaboradas do que na época em que iniciara *O Silmarillion*, 25 anos antes, tinham um papel preponderante na criação de nomes e eram usadas na composição de poemas e canções élficas. A história também exigia a invenção de, no mínimo, rudimentos de diversas outras línguas, e tudo isso consumia tempo e energia. Além disso, a história havia chegado a um ponto em que se dividia em diversas cadeias de eventos independentes e complexos e, embora Tolkien acreditasse que levaria apenas dois ou três capítulos para conduzir Frodo e Sam Gamgi até Mordor, ainda não se sentia capaz de enfrentar a necessidade de solucionar a complexidade dos acontecimentos simultâneos em Gondor e Rohan (CARPENTER, 2018, p. 266-267, grifos do autor).

Tolkien, como Bilbo, também foi surpreendido por Gandalf e os anões, vendo-se obrigado a participar de “Uma Festa Inesperada”. É assim que o autor introduz as principais características de Bilbo Bolseiro, como alguém que gosta de conforto, que sempre tem a despensa cheia, tem apego por seus utensílios de cozinha e não gosta de surpresas, de eventos inesperados que fujam ao seu controle, principalmente dentro de sua própria casa. E logo em sequência, após a chegada de todos os anões e de Gandalf, ao fim do jantar, o leitor é introduzido de forma abrupta ao contexto dessa visita inesperada através da canção dos anões, que revela sua real ambição de retomar sua montanha, seu tesouro e matar o dragão. Não há tempo para descobrir quem são esses anões, quem é o mago e quem, de fato, é Bilbo Bolseiro; essas descobertas acontecem ao longo da jornada da Companhia de Thorin em direção a Montanha Solitária. Essa “festa inesperada” pode ser vista como um breve resumo de como um hobbit comum e respeitável se encontrou no meio de uma jornada com tesouros, dragões, inimigos e um mundo mágico circundante. O mesmo não acontece em **O Senhor dos Anéis** com “Uma festa muito esperada”, isto é, os planos de Bilbo são meticulosamente seguidos, desde os convites até seu desaparecimento, culminando em sua partida para Valfenda e no fato de deixar seu Anel para Frodo. Bilbo não sabe que esse Anel é o grande anel forjado por Sauron, que carrega os destinos de toda a Terra-média, mas o autor sabe e, diante disso, se pode pensar nesses dois títulos dos capítulos iniciais como um esquema consciente de Tolkien para conectar as duas obras e mostrar a principal diferença de seus posicionamentos dentro dessa grande teia que é seu universo mitológico.

Como comentado anteriormente, **O Hobbit** foi escrito para entreter os filhos do autor, enquanto **O Senhor dos Anéis** seguiu o pedido da editora, que alegava haver

muitos pedidos de uma continuação para a história de Bilbo e dos anões. Entre a publicação de um e outro, Tolkien mantinha seu trabalho compondo sua mitologia presente (e publicada postumamente) em **O Silmarillion**. As recusas de publicação desse corpo mais ou menos organizados de lendas e mitos a respeito da criação do universo e dos seres que ali existem entristecia o autor, já que sua intenção primeira era publicar esse material e não o livro que escrevera para entreter os filhos. Assim como faz Bilbo com a Pedra Arken no final de **O Hobbit** e Frodo com o Anel no final de **O Senhor dos Anéis**, Tolkien desiste de seu maior tesouro (a publicação de sua mitologia) em favor do pedido do público e da editora. Ele se mostra um verdadeiro hobbit ao abrir mão de seu projeto pessoal, da ganância de satisfazer seu maior desejo editorial em favor do outro, em favor daqueles que lhe depositavam confiança e esperança na continuação da história do valente Bilbo Bolseiro. Do mesmo modo que Bilbo e Frodo, Tolkien consegue conciliar esse seu desejo com o clamor externo e por isso declara ao editor que sua nova narrativa estava tomando um tom mais sinistro e esquecia-se das aventuras inadvertidas de Bilbo com os anões, ou seja, a nova narrativa parece “abatid[a] com o passado”, revela “a angústia que os personagens carregam” e “eles são imediatamente atingidos e apoiados pela memória das civilizações desaparecidas e do esplendor perdido” (LEWIS, 2018, p. 151). A festa inesperada em **O Hobbit** pode tanto simbolizar a própria surpresa de Tolkien ao perceber que o livro escrito aos seus filhos poderia ser tão bem recebido pelo público quanto o fato de uma continuação ser desejada por ele, e a festa muito esperada revela a realização consciente do maior desejo do autor, ou seja, a publicação (ainda que futura e póstuma) de seu material mitológico agora conectado com as aventuras de Bilbo Bolseiro graças à sua continuidade, **O Senhor dos Anéis**. O grande papel, em termos de coerência interna da Terra-média, de **O Senhor dos Anéis** é sua conexão entre o mundo pacato do Condado em **O Hobbit** e os perigos dissonantes herdados da Música Magnífica em **O Silmarillion**. Tal afirmação se faz evidente considerando que o próprio

Bilbo manifesta alguma surpresa quando fica sabendo que “as antigas canções tornaram-se verdade, de certa forma!”. Na resposta de Gandalf, o mago finalmente aborda abertamente uma verdade que foi ficando cada vez mais clara enquanto estudamos a história de Bilbo. “Você não acha, não é mesmo”, ele pergunta, “que todas as suas aventuras e fugas foram conseguidas por mera sorte, apenas para seu próprio benefício?”. Gandalf confirma que aquilo que Bilbo e o narrador chamaram de “sorte” todo o tempo era mais do que meramente acaso. As aventuras de Bilbo foram “manejadas”

pela divina Providência para o propósito muito maior que o enriquecimento de um pequeno hobbit. Como vimos, Bilbo foi um dos instrumentos principais da Providência nessa história, mas a história de Bilbo se misturou completamente com as vozes de muitos outros instrumentos, contribuindo para uma sinfonia cuja partitura incorpora de tudo, desde chás da tarde dos hobbits até os deslocamentos da lua e das estrelas (OLSEN, 2012, p. 246-247).

É durante a narrativa de **O Senhor dos Anéis** que o leitor fica sabendo, de forma detalhada, que existe um mundo não só externo ao Condado – fato informado logo no início de **O Hobbit** –, mas que o Condado faz parte da história da Terra-média, por meio do acidental encontro entre Bilbo e Gollum e de o Anel de Sauron ter sido levado para a terra do povo pequeno. Enquanto **O Silmarillion** narra as grandiosas aventuras de elfos, homens, anões e forças criadoras (Eru, Ainur, Valar, Maiar, Aratar), **O Hobbit** narra a aventura isolada de Bilbo, um inexperiente e ainda não investido ladrão, constituído pelo imprevisto, pela sorte, pelo impulso de Gandalf e pela oportunidade. A jornada de Bilbo é somente a jornada de construção de sua metade aventureira (já existente e ainda adormecida), opondo-se à sua outra metade voltada ao conforto e apegada ao hábito (ressalta-se aqui a enorme semelhança de sonoridade e grafia entre as palavras hobbit e *habit* ou hábito), à tradição. Bilbo carrega consigo suas próprias decisões, seu próprio destino e só nos últimos capítulos se torna responsável por decidir o destino de todos os povos envolvidos na Batalha dos Cinco Exércitos. Ainda que sua responsabilidade diante do desfecho da intriga entre anões, homens do lago, elfos e orcs seja enorme, ele não faz mais do que instaurar o equilíbrio da tensão entre os povos. O mesmo acontece com Frodo enquanto carrega o Anel para a fenda fundente de Orodruin, se esgueirando pelos trajetos menos usuais e se arrastando para o equilíbrio do destino de toda a Terra-média. Bilbo salva a si mesmo e evita a tragédia de guerra entre os povos de bem, enquanto Frodo (mesmo sem saber) se utiliza da guerra como forma de passar despercebido ao olho do Inimigo. Bilbo se constrói enquanto aventureiro ao mesmo tempo em que dá continuidade à história de retomada de poder e fortuna dos anões, iniciada (de acordo com os dados fornecidos pela própria narrativa) não se sabe quando. Frodo constrói, igualmente, sua identidade de herói, busca sua paz interna entre desistência e senso de missão ao mesmo tempo em que carrega toda a esperança de todos os povos da Terra-média. Nesse sentido, a narrativa de **O Senhor dos Anéis** tem muito mais profundidade psicológica, em termos de reflexões e consciência moral, do que as irrefletidas, e sempre cheias de uma sorte invejável,

aventuras de Bilbo ao longo de **O Hobbit**.

A jornada de Frodo é dupla, sendo uma forma de assumir o compromisso (individual) pela herança das ações de Bilbo (o achado do Anel e sua ida para o Condado) e, pós Conselho de Elrond, uma batalha épica marcada pela responsabilidade do destino de todos os povos e de toda a Terra-média. A batalha entre as forças de Frodo e o desejo corrupto do Anel de dominar-lhe torna-se o tema principal da narrativa,

[m]as nunca nos é permitido esquecer a relação íntima entre ele e o resto. Por um lado, o mundo inteiro está indo à guerra; a história está rodeada de cascos galopantes, trombetas, aço contra aço. Por outro lado, muito distantes, figuras miseráveis se esgueiram (como camundongos em uma pilha de escória) no crepúsculo de Mordor. E durante todo o tempo sabemos que o destino do mundo depende muito mais do pequeno movimento do que do grande. Essa é uma invenção estrutural da mais alta ordem: acrescenta imensamente à emoção, à ironia e à grandeza do conto (LEWIS, 2018, p.153).

É nesse sentido que **O Senhor dos Anéis** não aparece somente como continuação de **O Hobbit**, mas faz a conexão entre a aventura isolada do despreparado Bilbo com a magia e mistério dos dias antigos, anteriores à contagem dos anos solares. Os próprios títulos das duas narrativas escritas pelos hobbits já sugerem essa diferenciação no tom e estilo: enquanto **O Hobbit** recebe o título de **Lá e de Volta Outra Vez (There and Back Again)**, **O Senhor dos Anéis** é intitulado como **O Livro Vermelho do Marco Ocidental**. Enquanto o título **O Hobbit** demonstra se tratar da história de um hobbit que esteve “lá” (na Montanha Solitária) e está “de volta outra vez” (ao Condado), o título de **O Senhor dos Anéis** mostra que aqui a preocupação é com o grande inimigo dos povos livres e suas façanhas com seus anéis de poder. De forma análoga ao que foi anteriormente discutido sobre o posicionamento geográfico do Condado e também sobre o posicionamento da narrativa de **O Hobbit** (em termos de cronologia interna), o título da aventura de Bilbo centra a figura e participação desse hobbit e do Condado na trama geral da Terra-média, enquanto que o título da aventura de Frodo foca na história da Guerra do Anel.

Bilbo mostra o Condado a partir da Terra-média e Frodo mostra a Terra-média a partir do Condado. Desde o primeiro capítulo de **O Hobbit**, se vê como um hobbit não se adequa ao mundo que circunda o Condado (isso também acontece brevemente durante O Conselho de Elrond em **O Senhor dos Anéis**), quando os anões duvidam de sua capacidade e destreza como ladrão – e essa dúvida não se

restringe somente ao primeiro capítulo perdurando até o momento do roubo da Pedra Arken. Bilbo sai de casa para roubar um tesouro e acaba roubando a própria pessoa que o havia contratado para roubar o dragão. A sorte caminha ao lado de Bilbo durante toda a sua jornada em direção a Motanha Solitária. Bilbo encontrou o Anel e “colocou-o no bolso [...] isso pareceu mera *sorte*” (TOLKIEN, 2000, p. 12, grifo nosso), antes de jogar adivinhas com Gollum e ganhar, no final, “mais por *sorte* (ao que parece) do que por esperteza; pois tinha ficado em apuros sem ter mais uma charada a propor” (TOLKIEN, 2000, p. 12, grifo nosso). Quando Gollum perde o jogo de adivinhas e decide trair o compromisso assumido (de levar o hobbit para fora das cavernas da montanha), Bilbo “percebeu o perigo em tempo, e fugiu cegamente pela passagem para longe da água; e mais uma vez foi salvo por sua *sorte*. Pois enquanto corria colocou a mão no bolso, e o anel escorregou-lhe no dedo” (TOLKIEN, 2000, p. 13, grifo nosso). A sorte de Bilbo deve-se sempre a um caráter acidental, tão acidental quando a sua participação na jornada da Companhia de Thorin Escudo de Carvalho:

Como se narra em *O Hobbit*, um dia chegou à porta de Bilbo o grande mago, Gandalf, o Cinzento, e treze anões junto com ele: na realidade, ninguém mais que Thorin Escudo de Carvalho, descendente de reis, e seus doze companheiros de exílio. Com eles partiu, para sua grande surpresa, numa manhã de abril, no ano de 1341, de acordo com o Registro do Condado, na busca de grandes riquezas, o tesouro acumulado pelos anões e pertencente aos Reis sob a Montanha abaixo de Erebor em Valle, no extremo Leste. A busca foi bem-sucedida e o dragão que guardava o tesouro foi destruído. Mas, embora antes que tudo estivesse terminado, *a Batalha dos Cinco Exércitos tenha sido travada e Thorin tenha sido morto, e muitos feitos importantes tenham acontecido, o assunto não teria sido de muito interesse para a história posterior, ou merecido mais que uma nota nos longos anais da Terceira Era, se não fosse por um “acidente”*. O grupo foi assaltado por orcs numa passagem nas Montanhas Sombrias enquanto ia para as Terras Ermas; e então aconteceu que Bilbo ficou perdido por um tempo nas escuras minas dos orcs sob as montanhas, e ali, quando tateava em vão no escuro, *ele pôs a mão sobre um anel que estava no chão de um túnel. Colocou-o no bolso. Na hora, isso pareceu mera sorte* (TOLKIEN, 2000, p. 11-12, grifos nossos).

Aqui tanto a sorte quanto o acidente parecem fazer parte de um mesmo conjunto de situações. Como demonstrado e muito bem exemplificado por Corey Olsen o longo de todo o seu estudo sobre **O Hobbit**, a sorte tem um papel fundamental na existência de Bilbo:

Depois que Bilbo passou pelo seu primeiro momento decisivo e escapou das montanhas, viu-se confrontado por um dilema que, imediatamente, desafiou sua nova resolução aventureira. Percebeu que seus amigos ainda podiam estar presos nos túneis dos goblins. Mal tendo conseguido escapar, temia

que seria seu dever tentar algo muito mais difícil: localizar sozinho seus amigos, resgatá-los e levá-los para fora de novo. Embora Bilbo fosse poupado naquela ocasião, descobrindo que os anões já haviam conseguido escapar com a ajuda de Gandalf, ele estava preparado para fazer o que tinha de fazer. No Capítulo 8, ele depara com exatamente o mesmo dilema, e, dessa vez, não há escapatória. Com Ferroada em sua mão, a “mosca” destemida se vira e começa a procurar a casa das aranhas para libertar as outras “moscas” cativas das suas teias.

Esse momento da resolução de Bilbo é um lugar onde o primeiro esboço de Tolkien a respeito da história é de particular interesse. Na versão inicial, Bilbo demonstra grande engenhosidade em localizar o viveiro das aranhas. A aranha que Bilbo matou quando acordou deixou um fio de rastro. O hobbit encontra esse fio e o segue de volta até alcançar a colônia, enrolando o excesso de fio num novelo enquanto isso. Bilbo não só utiliza o fio para guiá-lo até a colônia de aranhas para onde os anões foram levados, mas também deixa uma trilha atrás de si no caminho, depois de atravessá-lo, uma trilha que ele pode seguir para sua segurança, como Teseu fez no Labirinto de Creta. No entanto, antes de o livro ir para a impressão, Tolkien rejeitou a ideia, livrou-se do fio condutor de Bilbo e excluiu quase toda referência a isso. *O que ele colocou no lugar foi a simples sorte.*

Quando Bilbo decide ir resgatar seus amigos das aranhas, ele faz e melhor adivinhação possível a respeito da direção e, *por sorte*, “adivinha mais ou menos certo”. A princípio, pode parecer que a decisão de Tolkien de trocar o uso engenhoso do fio da aranha por outro elemento de *pura sorte* vindo em ajuda de Bilbo serviria para subtrair algo da personalidade do hobbit. Em vez disso, o que podemos observar é o próximo estágio do desenvolvimento de Tolkien da *ideia de sorte* em *O Hobbit*. Observamos antes os *diversos golpes de sorte notáveis que contribuíram para a história de Bilbo, desde o sincronismo quase milagroso de Elrond segurando o mapa contra a luz da lua até o salto do peixe assustado sobre os dedos do pé de Bilbo do lago de Gollum. Há um plano maior ou um destino superior em ação por trás daqueles golpes de sorte que acompanharam a busca de Bilbo desde o início.*

Agora, no Capítulo 8, podemos ver essa sorte especialmente associada com o próprio Bilbo. Quando Bilbo adivinha a direção do viveiro das aranhas e, casualmente, pega a direção correta através das sombras profundas da Floresta das Trevas, o narrador comenta que Bilbo “*nasceu com uma boa parcela*” de sorte. *Mais tarde, os anões falam da sorte como se fosse um atributo do próprio hobbit.* Observam que Bilbo possui “alguma espirtuosidade, e também sorte e um anel mágico, todos os três bens são muito úteis”. *Em certo sentido, a sorte parece realmente pertencer ao hobbit* (OLSEN, 2012, p. 132-133, grifos nossos).

Como exemplificado pelo autor, a sorte de Bilbo parece preencher e excluir certas características de sua personalidade, tornando-o muito mais sortudo do que heroico, valente, esperto ou hábil. Essa forte característica lhe permitiu encontrar “por acidente” o Anel no chão da caverna. Essas duas características, aliadas, marcam o modo como Tolkien operou diante de sua necessidade (criar uma narrativa que desse continuidade à narrativa de Bilbo, satisfazendo os pedidos do público à editora; revisar toda a narrativa de **O Hobbit** a fim de conseguir um encaixe perfeito dessa história no pano de fundo da Terra-média) e sua vontade (publicar suas histórias de mitologia criadas na narrativa mitológica de **O Silmarillion**). Essa mescla de prosaísmo do mundo hobbit com a magnanimidade épica do passado mítico deu aos hobbits, ao

longa da narrativa de **O Senhor dos Anéis**, essa responsabilidade de união entre os dois diferentes tons encontrados no *legendarium* e no seu conto de fadas extremamente extenso. O próprio fim da narrativa de **O Hobbit** serve como preâmbulo para o estilo narrativo que aparecerá em **O Senhor dos Anéis** depois da partida dos hobbits do Condado e permanecerá até o fim da narrativa:

De certo modo, o Capítulo 14 é o apogeu da ação do livro, a consumação evidente de todos os golpes da sorte e da fortuna. O capítulo ainda está longe da conclusão da ação da história, mas a morte do dragão e a destruição da Cidade do Lago prenunciam uma mudança importante e notável no tom da narrativa.

A história nunca se afastou de coisas assustadoras ou pavorosas. No primeiro capítulo, falei sobre como Tolkien apresentava coisas apavorantes ou dolorosas, mas tendia a suavizar seu impacto sobre seu público infanto-juvenil por meio da comédia. Esse padrão é consistente através de todos os perigos associados a Bilbo, e sempre somos solicitados a misturar risos neles na nossa experiência de casas de ursos, teias de aranhas e tocas de dragões. Após a destruição da Cidade do Lago, porém, não temos esse acolchoamento contra o golpe emocional. O narrador lista as coisas que os moradores têm de agradecer pelo fato de “ao menos, três quartos das pessoas da cidade terem escapado com vida”. É um número que dá o que pensar, pois nos apresenta à realidade de que um quarto das pessoas da cidade morreram queimadas ou afogadas durante o ataque do dragão. No caso de a gravidade da situação passar despercebida para nós nessa única referência, o narrador se expande sobre os sofrimentos das pessoas, que estão só começando, pois a cidade deles afunda sob a superfície do Lago. A excitação acerca do ouro dos anões, que agora se encontra disponível, como acreditam, está bastante reduzida pela penúria das pessoas, que se multiplica com a passagem dos dias. Tomamos conhecimento de que “Muitos ficaram doentes por causa da umidade, do frio e da tristeza daquela noite, e depois morreram, e nos dias que se seguiram houve muita doença e fome”. A história está caminhando para finais felizes, mas, agora, a dor está sempre por perto. A alegria da boa solução será abrandada, como sempre é na ficção de Tolkien, com a realidade do sofrimento humano. A voz do narrador, outrora tão divertida, agora se torna tão severa quanto a voz do próprio Bard (OLSEN, 2012, p. 200-201).

Esse processo de junção de uma narrativa criada para entreter os filhos (de acordo com Carpenter e relatos incertos dos próprios filhos de Tolkien, estima-se que o início da composição de **O Hobbit** se deu por volta do ano de 1933) e seu universo mitológico que já vinha sendo escrito desde 1917 (quando Tolkien retornou da Batalha de Somme, na França, na I Guerra Mundial) demandou algumas adaptações em ambos os lados:

Assim, Tolkien começou a trabalhar, não na revisão de *O Senhor dos Anéis*, que era urgente, mas na de *O Hobbit*, que não era. Gastou horas e horas procurando algumas anotações que já fizera, mas não conseguiu encontrá-las. Em vez disso, encontrou um texto datilografado de “A Nova Sombra”, uma continuação de *O Senhor dos Anéis* que começara há muito tempo, mas

abandonara após algumas páginas. O texto falava do retorno do mal à Terra-média. Ficou acordado até as quatro da manhã, lendo e pensando a respeito. Quando, no dia seguinte, foi se ocupar com *O Hobbit*, achou que boa parte dele era “muito fraca” e teve de se controlar para não reescrever o livro inteiro. A atividade de revisão levou algum tempo e, quando finalmente voltou a *O Senhor dos Anéis*, o verão já estava bem avançado. Definiu certo número de alterações que corrigiam imprecisões, conferiu o índice que lhe haviam preparado, mas só conseguiu enviar o texto revisado para os Estados Unidos em agosto (CARPENTER, 2018, p. 310, grifos do autor).

Algumas mudanças ocorreram em seu corpo mitológico e outras ocorreram na segunda edição de **O Hobbit** a fim de que as duas histórias pudessem se complementar, uma vez que

a história começou como um simples divertimento pessoal. Com certeza Tolkien inicialmente não tinha intenção alguma de relacionar o mundo burguês e confortável de Bilbo Bolseiro com a vasta paisagem mitológica de *O Silmarillion*. Gradativamente, no entanto, elementos da sua mitologia começaram a aparecer na obra. Inevitavelmente, uma conexão foi sugerida pelos [anões], pois ‘dwarves’ [anões] haviam desempenhado um papel na obra anterior, e quando no primeiro capítulo de *O Hobbit* o mago mencionava “o Necromante”, havia aí uma referência à lenda de Beren e Lúthien. Logo ficou evidente que a viagem de Bilbo Bolseiro e seus companheiros passava por um canto daquela Terra-média cuja história antiga fora relatada em *O Silmarillion*. Nas palavras de Tolkien, esse era “o mundo no qual o Sr. Bolseiro se extraviou”. E se os acontecimentos da nova história se passavam evidentemente muito tempo depois dos de *O Silmarillion*, então, já que as crônicas anteriores registravam a história da Primeira e da Segunda Era da Terra-média, parecia que *O Hobbit* estava destinado a ser uma história da Terceira Era (CARPENTER, 2018, p. 243, grifos do autor).

A principal mudança foi a do anel encontrado por Bilbo. A princípio, era somente um anel capaz de tornar invisível quem o usasse, mas posteriormente tornou-se o

único anel dominante que controlava todos os demais; o anel que era fonte e o instrumento do poder de Sauron, o Senhor Sombrio de Mordor; o anel que devia ser levado à sua destruição pelos Hobbits, ou, do contrário, o mundo todo cairia sob o domínio de Sauron. Agora tudo se encaixava e a história ascendeu do nível “juvenil” de *O Hobbit* à esfera do romance grandioso e heroico. Havia até um nome para ela: quando escreveu novamente a respeito para a Allen & Unwin, Tolkien referiu-se ao livro como *O Senhor dos Anéis*. O que ocorrera era quase inevitável. Tolkien não queria realmente escrever mais histórias como *O Hobbit*, queria continuar com a atividade séria de sua mitologia. E era isso que agora podia fazer. A nova história se ligara firmemente ao *O Silmarillion* e iria adquirir a dignidade de propósito e o estilo elevado do livro mais antigo. É verdade que os Hobbits ainda eram Hobbits, gente pequena de pés peludos e nomes engraçados como Bolseiro e Gamgi (a piada familiar sobre o “Feitor Gamgi” o levava a incluir um personagem com esse nome e, mais importante, à invenção de seu filho “Sam”, que desempenharia um papel vital na história). Em certo sentido, os hobbits haviam saído do livro anterior e entrado na história por acaso. Mas agora,

pela primeira vez, Tolkien percebeu o significado dos hobbits na Terra-média. O tema de sua nova história era amplo, mas estaria centralizado na coragem dessa gente pequena, e o coração do livro poderia ser encontrado nas estalagens e nos jardins do Condado, a representação de Tolkien de tudo o que mais amava na Inglaterra.

Agora que a natureza plena da história se tornara evidente, passaram a ocorrer menos falhas ou reconsiderações (CARPENTER, 2018, p. 258, grifos do autor).

Esse caráter acidental das aventuras de Bilbo na Terra-média faz parte também do acidente envolvendo a inserção da narrativa dessa personagem nos acontecimentos do *legendarium*. É por esse motivo que se decidiu, no presente trabalho, criar um sub-título para abordar as compensações adotadas por Tolkien para suavizar essa intromissão acidental da história dos hobbits pequenos na história das pessoas grandes e, também, acredita-se que a isso se deva a ambivalência das características constituintes das personagens pertencentes (entenda-se aqui: Gollum, Frodo, Sam, Merry, Pippin e Bilbo) à raça dos hobbits durante a narrativa de **O Senhor dos Anéis**, ora para o romance e ora para a épica.

Partindo do elemento tempo em direção ao espaço, tem-se que, horizontalmente, a Terra-média se estende do Condado a Mordor, do extremo Oeste ao extremo Leste. Tendo visto as condições temporais e espaciais do *legendarium*, entende-se pertinente a pontuação da coerência total da obra do autor comparando-se elementos de seus principais livros, **O Silmarillion**, **O Hobbit** e **O Senhor dos Anéis**. Como comentado anteriormente, a sequência narrativa dos acontecimentos da Terra-média se inicia com a cosmogonia presente em **O Silmarillion**, depois passa pela aventura (empreendida pela Companhia de Thorin Escudo de Carvalho) na Montanha Solitária envolvendo o achado do Um Anel narrada em **O Hobbit** e termina com a jornada do Um Anel, partindo do Condado e chegando à Montanha da Perdição, onde é destruído por Frodo e Gollum, como narrado em **O Senhor dos Anéis**. Como conta a primeira pesquisadora brasileira a estudar academicamente a obra de J. R. R. Tolkien,

The Silmarillion é o fundamento mitológico e histórico das obras anteriores: uma espécie de livro de referência, que explica a cosmologia da Terra Média. Iniciando, como o *Gênesis*, com a criação do Universo, termina com um resumo da Guerra dos Anéis: o fim da Era Mágica e o início da Era dos Homens (POLACHINI, 1984, f. 1, grifos da autora).

A autora pontua o fim da Era Mágica (referindo-se ao fim da Terceira Era) e o

início da Era dos Homens (referindo-se ao início da Quarta Era), narrados em **O Silmarillion**. O capítulo “Dos anéis de poder e da Terceira Era”, último presente em **O Silmarillion**, foi incluído posteriormente – por iniciativa de Christopher Tolkien, seguindo o desejo expresso de seu pai – e não narra literariamente os eventos ocorridos durante a Terceira e Quarta Eras, mas apresenta uma espécie de resumo ou sumarização de tais eventos. Não se sabe qual (ou quais) foi a ideia inicial de se incluir esse capítulo no fim da edição de **O Silmarillion**, posto que essa parte da história cria uma desconexão em relação à própria narrativa de **O Hobbit**, isto é, começa com a cosmogonia e revela o desfecho da Terceira Era (o fim da narrativa de **O Senhor dos Anéis**) sem se preocupar com a coerência interna do todo narrativo, altamente dependente da participação de Bilbo, Gandalf e Thorin como conectores dessa consistência temporal interna. Esse fim e esse início são narrados ao final de **O Senhor dos Anéis**. Em resumo, plasmando a disposição e o modo como se relacionam as três obras fundamentais da mitologia tolkieniana,

O Hobbit, apesar de ter sido o primeiro texto criado por Tolkien, a priori em caráter oral e posteriormente escrito, é o texto que se insere no limiar entre os demais textos que compõem a totalidade da obra do autor. Sobre os tempos antigos existem os relatos de **O Silmarillion** e sobre o desfecho da Terceira Era existem os relatos de **O Senhor dos Anéis**. A criação do Um Anel, o anel mais poderoso de todos, se dá ainda nos tempos antigos e sua destruição é relatada junto com os acontecimentos do fim da Terceira Era. Existe uma lacuna entre a história da produção dos Anéis de Poder e a pacata existência de Frodo Bolseiro no Condado. É na narrativa de **O Hobbit** que se conta como o Um Anel (o mais poderoso) foi aparecer nas mãos do tio de Frodo, Bilbo Bolseiro e de como as personagens ficam sabendo, mais adiante, que esse Anel era realmente o Um Anel que outrora pertencera a Sauron. Em **O Silmarillion**, a narrativa é interrompida no início da Terceira Era, sendo que dentro dessa narrativa encontram-se relatos das histórias completas da Primeira e Segunda Eras. Já a narrativa de **O Hobbit** se inicia no final da Terceira Era [...] Se não fosse pela figura do Anel encontrado por Bilbo na Montanha Solitária, não haveria uma ligação direta entre as narrativas de **O Silmarillion** e de **O Senhor dos Anéis**. Por esse motivo, pode-se dizer que, não só o Anel está presente na narrativa de **O Hobbit**, como também é o elo entre os dias antigos e os tempos modernos narrados na Terceira Era. Isso é muito apropriado para a simbologia atribuída ao objeto, como a representação de um ciclo cuja origem se entrelaça ao fim. Em **O Hobbit** é o Anel que liga o fio narrativo de ambos. Como **O Hobbit** foi o primeiro a ser escrito, fez-se necessária a utilização de um elemento comum para conectar essa narrativa à narrativa de **O Senhor dos Anéis** e, mais tarde, conectar **O Silmarillion** sutilmente à trama de **O Hobbit**. O elemento utilizado para esse fim é o Anel mágico encontrado por Bilbo durante sua aventura em busca dos tesouros da Montanha Solitária que eram vigiados pelo dragão Smaug. Resumindo a figura desse Anel às três narrativas, têm-se os relatos de: como os anéis foram feitos (**O Silmarillion**); como o Um Anel foi encontrado depois de perdido (**O Hobbit**); e como ele se tornou uma ameaça à Terra-média e foi destruído (**O Senhor dos Anéis**) (STAINLE, 2018, p. 94-95, grifos do autor).

A narrativa de **O Silmarillion** possui uma cosmogonia aos moldes da cosmogonia judaico-cristã e dentro dessa narrativa o autor criou diversos mitos envolvendo os primeiros deuses e as primeiras criaturas. Pereira se utiliza da comparação da cosmogonia tolkieniana com a bíblica:

Em *The Silmarillion*, encontra-se uma coleção de textos relativamente curtos, escritos em um estilo bastante conciso e arcaizante, semelhante ao texto bíblico, que incluem desde o mito de criação de *Middle-earth* até um breve relato dos dias finais da Terceira Era, ponto para além do qual a narrativa tolkieniana não se estende (2011, f. 18, grifos do autor).

Essa distinção temporal e cronológica é fundamental para o entendimento da construção mitológica do autor e a forma como ela se distribui nas três principais narrativas que a compõe. Como visto, a narrativa presente em **O Silmarillion** cuida da cosmogonia e dos feitos das Duas primeiras Eras. Ela também alcança a Terceira Era, mas não chega ao seu fim. O início da narrativa de **O Hobbit** situa-se em fins da Terceira Era, e já não se situa no território primordial e cosmogônico:

a imagem de Tolkien para a Terra-média durante a Terceira Era não é muito diferente da *Europa durante a Idade Média*. É composta principalmente de florestas grandes e antigas onde espreitam coisas sombrias, tendo aqui e ali fragmentos de vida caseira – pequenas fazendas, campos plantados e pequenas cidades – formando ilhas de pacata sociedade rural em meio à escuridão do ermo. É um mundo que está seguindo em direção ao *meio-dia da civilização*, explorando gradualmente seus limites e domando seus lugares selvagens, lembrando-se vagamente das civilizações elevadas e nobres de eras distantes das quais sobrou – a perdida Númenor em meio ao Mar, a orgulhosa Arnor ao norte e Gondor nas terras do sul. Mas é um mundo *medieval* com a seguinte diferença: como a Grécia na era mitológica antes do início de sua história, os homens ainda compartilham o mundo com seres que não são homens, como os personagens da mitologia grega se movem por paisagens ainda habitadas por dríades e ninfas, tritões, faunos, sátiros, centauros e estranhos monstros híbridos (CARTER, 2003, p. 39, grifos nossos).

Vê-se que o autor se refere à Terceira Era como um período medieval, situado no meio-dia da civilização e essa afirmação faz sentido, uma vez que o início da civilização coincide com o princípio da narrativa de **O Silmarillion**. Pensando desse modo, o início se concentra na cosmogonia, a Idade Média da civilização se concentra nas narrativas de **O Hobbit** e de **O Senhor dos Anéis** e o pós-medieval não é narrado na mitologia tolkieniana, pois faz parte da Quarta Era, a Era dos Homens. Tolkien, com seu intento de criar uma mitologia para o povo inglês, deveria coincidir o fim de

sua obra com um tempo anterior ao vivido por ele e, talvez, por seus pais ou avós. Através dessa proximidade temporal desejada pelo autor entende-se que

Middle-earth não é, contudo, nenhum planeta distante ou um mundo cuja existência se dá unicamente no reino da fantasia; pelo contrário, trata-se de uma recriação mítica (ou antes subcriação) de nosso próprio planeta em uma época muito antiga, anterior até mesmo aos épicos que nos transmitem as mitologias (PEREIRA, 2011, f. 17, grifo do autor).

Esse posicionamento anterior à história próxima do período no qual escrevia é planejado por Tolkien, pois situa-se

em um momento no qual vários autores se voltavam ao mito, dando-lhes novas roupagens e atualizando-os para um contexto e cenário modernos. Tolkien, ao contrário, lança um olhar nas profundezas do tempo e da imaginação humana em busca das próprias raízes do material mítico. Assim, ele consegue forjar com sucesso toda uma nova mitologia, que atende às expectativas do leitor contemporâneo, consagrando o romance de fantasia como gênero literário (PEREIRA, 2011, f. 28).

Esse olhar voltado para o passado sempre fez parte da carreira de Tolkien, já que era filólogo clássico e precisava entender os contextos nos quais as palavras antigas se inseriam e eram utilizadas. Isso o levou às antigas sagas, lendas, contos de fadas e mitos dos povos do norte da Europa, sobretudo os da região da Escandinávia e da Alemanha. Outro movimento que lhe ajudou a pousar os olhos no passado foi o movimento iniciado com os pintores chamados de Pré-Rafaelitas que se empenhavam em temáticas medievais, como por exemplo o modo de vida dos celtas. Nas narrativas de **O Silmarillion** e de **O Senhor dos Anéis**, essas descrições similares ao modo de vida antigo podem ser vistas de modo mais claro, enquanto que na narrativa de **O Hobbit** essa relação fica mascarada no pano de fundo da aventura da Companhia de Thorin Escuro de Carvalho e

nesse aspecto, de forma mais marcante, é que se difere **O Hobbit**, estilisticamente falando, dos demais livros. **O Senhor dos Anéis** foi escrito depois, a pedido do enorme público leitor de **O Hobbit**, com a intenção de que apresentasse uma continuação para as aventuras de Bilbo (STAINLE, 2018, p. 53, grifos do autor).

A respeito disso, Tolkien escreveu em uma de suas cartas, destinada ao Sr. Furth, da editora Allen & Unwin, dizendo que

a continuação para o *Hobbit* permaneceu onde havia parado. Ela perdeu minha estima, e não tenho ideia do que fazer com ela. Em primeiro lugar, o *Hobbit* original não estava destinado a ter uma continuação – Bilbo “permaneceu muito feliz até o fim de seus dias, que foram extraordinariamente longos”: uma frase que considero um obstáculo quase insuperável para um vínculo satisfatório. Em segundo lugar, praticamente todos os “motivos” que posso usar foram comprimidos no livro original, de maneira que uma continuação ou parecerá “mais diluída”, ou meramente repetitiva. Terceiro: divirto-me pessoal e imensamente com os hobbits tal como o são, e posso contemplá-los comendo e fazendo suas piadas tolas indefinidamente; mas acho que esse não é o caso mesmo com meus “fãs” mais fiéis (TOLKIEN, 2006, p. 42, grifo do autor).

Esse final, considerado por Tolkien como quase insuperável, põe **O Hobbit** em uma situação especial na configuração da produção literária que narra a história da Terra-média. Esse encaixe realizado pelo autor tem como fundamento, dito anteriormente, a figura do Um Anel e, para complementar a ligação dessa narrativa intermediária com a inicial e com a final, os hobbits desempenham papel intermediário. Se a intenção inicial de Tolkien fosse dividir toda a narrativa da Terra-média em três partes, sistemático como era, seria mais conveniente dedicar cada uma aos acontecimentos, respectivamente, da Primeira, Segunda e Terceira Eras. **O Silmarillion** contaria os grandes feitos dos elfos durante a Primeira Era, **O Senhor dos Anéis** contaria os dos homens e elfos durante a Segunda e Terceira Eras e, por fim, existiria uma narrativa sobre os feitos dos homens durante a Quarta Era (a Era dos Homens). Em outras palavras, são três as Eras retratadas nos três livros do autor (**O Silmarillion**, **O Hobbit** e **O Senhor dos Anéis**)¹¹. Nessas três Eras existem os relatos dos feitos dos elfos (Primeira Era), dos feitos de homens e elfos (Segunda e Terceira Eras). A exclusão dos elfos a partir da Quarta Era marca o fim do mundo mágico na Terra-média, culminando com a partida dos elfos para Valinor. A questão crucial é que **O Hobbit** retrata somente uma parcela minúscula da Terceira Era e não se dedica aos grandes feitos de elfos e homens, mas à busca gananciosa de um bando de anões motivados pela vingança e pela cobiça.

Essa posição de **O Hobbit** como ponto intermediário justifica-se cada vez mais somente por causa da escolha feita por Tolkien, escolha essa que se utilizou dos hobbits, do Condado e da história do Um Anel para conectar essas narrativas tão divergentes do ponto de vista estilístico. Em resumo, plasmando a disposição e o modo como se conectam as três obras fundamentais da mitologia tolkieniana e por

¹¹ A exclusão da contagem do tempo em Anos Valianos, das Eras das Árvores e das Lamparinas nessa discussão é proposital.

meio das reflexões até aqui desenvolvidas, pode-se dizer que os hobbits estão numa posição intermediária da ficção criada pelo autor, já que aparentam um distanciamento da composição original das narrativas da Terra-média. Basta lembrar que Bilbo se depara com o Um Anel – que carrega consigo grande parte da história da Terra-média – por acidente e, por mais que se diga o contrário, fica evidente que o autor se utilizou da vontade própria do Um Anel como forma de conectar a narrativa de **O Hobbit** com as outras duas (**O Silmarillion** e **O Senhor dos Anéis**) que já seguem um estilo previamente elaborado de acordo com a proposta ficcional do autor, que consistia em criar uma mitologia relacionada à história da Inglaterra. Nesse sentido, a narrativa de **O Hobbit**, em se considerando seu estilo, extensão e enredo, serviu como encaixe para cobrir uma lacuna fundamental dessa mitologia e sem o qual não haveria uma conexão muito segura entre as histórias das primeiras Eras (narradas em **O Silmarillion**) e da Terceira Era (narrada em **O Senhor dos Anéis**).

Esse encaixe feito por Tolkien teve suas complicações, já que, como visto, o autor não desejava continuar a narrativa de **O Hobbit** e, em virtude disso fica claro que essa narrativa não estava previamente programada para compor uma parte da narrativa da Terra-média. Esse final insuperável de que falou o próprio Tolkien teve seu retrocesso através de algumas figuras importantes, como Bilbo, Gandalf, Gollum e principalmente o Um Anel, que nas primeiras versões publicadas de **O Hobbit** era apenas um anel comum capaz de deixar invisível quem o usasse. Tolkien teve que alterar parte da narrativa de **O Senhor dos Anéis** e de **O Silmarillion** para conseguir encaixar a história dos hobbits em meio a essas duas outras narrativas que possuem características míticas e épicas. Pode-se dizer que é pelo fato de **O Hobbit** ser o ponto fora da curva na mitologia tolkieniana que os hobbits receberam tanta importância no desenrolar dos fatos – por exemplo, eles encontraram o Anel mais poderoso de todos, destruíram esse Anel e também o Senhor do Escuro (Sauron), e quase metade do grupo de personagens que formam A Sociedade do Anel era composta por hobbits. O próprio anel encontrado por Bilbo teve de ser reconstruído enquanto objeto mágico, sua narrativa teve que se encaixar nos tempos antigos (**O Silmarillion**) e na narrativa futura (**O Senhor dos Anéis**) e, a partir daí, passou a representar o objeto que liga as três narrativas numa mesma história.

É evidente que há elementos que também conectam as três narrativas, mas **O Hobbit** poderia ter sido excluído dessa linha temporal caso **O Senhor dos Anéis** não tivesse sido requisitado pelos leitores apaixonados pelas aventuras dos hobbits. **O**

Hobbit e os hobbits, então, são o ponto intermediário na ficção criada por Tolkien. Caso **O Hobbit** não tivesse sido publicado, talvez não haveria acesso à mitologia criada por Tolkien. Ele foi o primeiro a ser publicado e seu sucesso foi imediato, de modo que os próprios leitores escreviam pedindo a continuação. De outro lado, se analisadas as três narrativas em conjunto, parece que **O Hobbit** não compartilha o mesmo espaço com as duas outras, já que seu tom mais bem-humorado o distancia dessa mitologia de guerras, disputas e vinganças. Nesse sentido, **O Hobbit** está num ponto intermediário de delicada delimitação, pois foi fundamental para dar vida à mitologia tolkieniana ao mesmo tempo em que destoou, estilística e tematicamente, das outras narrativas.

Retomando a discussão trazida, tem-se a distinção feita por Carpenter entre dois tipos de imaginação (portanto, da literatura escrita por Tolkien), sendo eles “mera diversão” e “temas grandiosos”. Fica evidente que, para o crítico, a literatura escrita para o prazer dos filhos do autor não pode ser considerada a mesma que aborda temas grandiosos da Terra-média. Se deduz, a partir disso, que em seu ponto de vista a literatura oriunda do passatempo do autor com a criação de línguas deva ser considerada de melhor qualidade do que a literatura criada para entreter os filhos. Seguindo ainda essa distinção pouco salutar para a obra criada por Tolkien, vê-se que **O Silmarillion**, filho direto de seu divertimento criando línguas, é mais profundo do que **O Hobbit**. Como apontado anteriormente, **O Hobbit** é, de fato, uma narrativa mais leve, menos detalhada e carregada de descrições se comparada à narrativa de **O Silmarillion**. Nesse sentido, entende-se que **O Hobbit** é, como comentado anteriormente, um “ponto fora da curva” na obra do autor, mas essa reflexão não se limita e não se fecha quando se considera as questões editoriais pelas quais passaram os manuscritos de Tolkien e a posição de **O Senhor dos Anéis** nessa distinção defendida por Carpenter. Cabe aqui retomar um ponto associado à distinção já discutida (defendida por Carpenter): se **O Silmarillion** surgiu e se tornou uma mitologia, como já visto, a partir do prazer em criar línguas e, se a profundidade ou grandiosidade derivam diretamente da presença de um substrato linguístico – excluindo, assim, a narrativa de **O Hobbit** dessa grandiosidade –, como foi que os hobbits tornaram-se agentes principais da eucatástrofe de todos os povos da Terra-média se não possuem nem ao menos uma língua própria? Qual seria o projeto de Tolkien quando se esqueceu(?) de criar uma língua para a raça de criaturas que viria a se tornar uma das mais importantes de toda a história de seu *legendarium*? Cabe

ainda uma nova reflexão, ainda pautada nessa proposição excludente de Carpenter, a respeito da posição assumida pela narrativa de **O Senhor dos Anéis** dentro da composição do *legendarium*. **O Senhor dos Anéis** une a continuação da história de **O Hobbit** (“mera diversão”) com a continuação das histórias fundadoras de **O Silmarillion** (“grandiosidade”), utilizando-se dos dois estilos para conectar e assentar a narrativa de **O Hobbit** exatamente no ponto central entre ela e a cosmogonia. A conexão entre as histórias de **O Silmarillion** e as aventuras descritas em **O Senhor dos Anéis** precisava se estabelecer de alguma forma:

de certa maneira, é errado falar dos hobbits como “a peça que faltava” para que as duas facetas da imaginação de Tolkien durante os anos 20 e 30 pudessem se encontrar e se fundir; errado ao menos cronologicamente, pois Tolkien provavelmente começou a escrever *O Hobbit* logo no início desse período. Seria mais exato dizer que foi apenas quando concluiu e publicou o livro – que ele percebeu a importância dos Hobbits e viu que eles tinham um papel crucial a desempenhar em sua mitologia. Em si, *O Hobbit* começou meramente como mais uma história para diversão. Além disso, quase sofreu o destino de tantas outras e permaneceu inacabado.

Embora possamos perceber com clareza por que Tolkien começou a escrever a história, é impossível determinar exatamente quando o fez. O manuscrito não fornece nenhuma indicação da data e o próprio Tolkien era incapaz de lembrar-se das origens precisas do livro. Em um relato disse: “Não tenho certeza, mas acho que ‘Uma Festa Inesperada’ (o primeiro capítulo) foi escrito às pressas antes de 1935, mas certamente após 1930, quando me mudei para a 20 Northmoor Road.” Em outro lugar escreveu: “Em uma folha em branco rabisquei ‘Numa toca no chão vivia um hobbit’. Não sabia e não sei por quê. Não fiz nada a respeito por um longo tempo, e por alguns anos não fui além do Mapa de Thrór. Porém, tornou-se *O Hobbit* no início dos anos 30.”

A lembrança de um hiato entre a ideia original e a composição do texto principal da história é confirmada por uma anotação de Tolkien em uma página do primeiro capítulo original: “Única página preservada da primeira cópia rabiscada de *O Hobbit*, que não passou do primeiro capítulo.” Em 1937, logo após a publicação do livro, Christopher Tolkien registrou (em sua carta ao Papai Noel) este relato das origens do livro: “Papa escreveu faz um tempão e leu para John, para Michael e para mim nas nossas ‘leituras’ de inverno depois do chá da tarde, mas os capítulos finais eram bem toscos e nem estavam datilografados; ele terminou há mais ou menos um ano.” E, escrevendo a seus editores durante o mesmo ano, Tolkien declarou: “Meu filho mais velho tinha 13 anos quando ouviu o folhetim. Este não tinha apelo junto aos mais novos, que tiveram de crescer sucessivamente a ele.”

Essas declarações levam à conclusão de que o livro foi iniciado em 1930 ou 1931 (quando John, o filho mais velho, tinha 13 anos). Certamente existia um texto datilografado completo (ao qual faltavam somente os capítulos finais) a tempo de ser mostrado a C.S. Lewis no fim de 1932. No entanto, John e Michael Tolkien não creem que esse seja o panorama completo, pois se lembram claramente de terem ouvido certos elementos da história no gabinete da 22 Northmoor Road, isto é, antes de 1930. Eles não têm certeza se o que ouviram na época era necessariamente uma história *escrita*: acreditam que pode muito bem ter sido certo número de contos improvisados que mais tarde forma absorvidos por *O Hobbit* propriamente dito.

O manuscrito de *O Hobbit* sugere que a composição efetiva da parte principal da história aconteceu em um período comparativamente breve: a tinta, o

papel e o estilo caligráfico são consistentes ao longo do trabalho, as páginas estão numeradas consecutivamente e quase não há divisões em capítulos. Parece também que Tolkien escreveu a história com fluência e pouco hesitação, pois, comparativamente, há poucas rasuras ou revisões. Originalmente o dragão chamava-se “Pruftan”, o nome “Gandalf” pertencia ao anão principal e o mago chamava-se “Bladorthin”. O nome do dragão foi logo alterado para “Smaug”, do verbo germânico *smugan*, que significa “espremer através de um buraco” – Tolkien disse que era “um gracejo filológico menor”. Mas o nome “Bladorthin” foi mantido durante algum tempo e só quando o rascunho estava bem avançado é que o anão principal recebeu o novo nome de “Thorin Escudo de Carvalho” e o nome “Gandalf” (tirado, como todos os nomes dos anões, da Edda Antiga) foi dado ao mago, ao qual se adequava perfeitamente em virtude do seu significado em islandês, “elfo-feiticeiro” e, portanto, “mago”.

Assim, a história começou como um simples divertimento pessoal. Com certeza Tolkien inicialmente não tinha intenção alguma de relacionar o mundo burguês e confortável de Bilbo Bolseiro com a vasta paisagem mitológica de *O Silmarillion*. Gradativamente, no entanto, elementos da sua mitologia começaram a aparecer na obra. Inevitavelmente, uma conexão foi sugerida pelos anões (sic), pois “dwarves” [anões] (sic) haviam desempenhado um papel na obra anterior, e quando no primeiro capítulo de *O Hobbit* o mago mencionava “o Necromante”, havia aí uma referência à lenda de Beren e Lúthien. Logo ficou evidente que a viagem de Bilbo Bolseiro e seus companheiros passava por um canto daquela Terra-média cuja história antiga fora relatada em *O Silmarillion*. Nas palavras de Tolkien, esse era “o mundo no qual o Sr. Bolseiro se extraviou”. E se os acontecimentos da nova história se passavam evidentemente muito tempo depois dos de *O Silmarillion*, então, já que as crônicas anteriores registravam a história da Primeira e da Segunda Era da Terra-média, parecia que *O Hobbit* estava destinado a ser uma história da Terceira Era (CARPENTER, 2018, p. 241-243, grifos do autor).

Em face aos apontamentos de Carpenter, vê-se que a conexão entre os mundos de **O Silmarillion** e de **O Hobbit** (que culminam na narrativa de **O Senhor dos Anéis**) foram se encaixando de forma espontânea e sem muito planejamento prévio por parte do autor. Os responsáveis apontados para essa conexão entre os dias antigos e a vida burguesa de Bilbo Bolseiro (de todos os hobbits e do Condado) são os anões e Gandalf, por meio de sua busca pelo tesouro de Thorin na Montanha Solitária. Lewis pontua:

em primeiro lugar, devemos entender claramente que, embora *A Sociedade do Anel*, em certo sentido, continue o conto de fadas do autor, *O Hobbit*, ele não é, de modo algum, um “juvenil” crescido. O contrário é a verdade. *O Hobbit* era apenas um fragmento arrancado do enorme mito do autor e adaptado para crianças, inevitavelmente perdendo algo pela adaptação. *A Sociedade* nos dá finalmente os contornos desse mito “em sua verdadeira dimensão, como eles mesmos”. O mal-entendido sobre esse ponto poder ser facilmente encorajado pelo primeiro capítulo, no qual o autor (assumindo um risco) escreve quase da maneira do livro mais antigo e mais distante. Para os que acharão o corpo principal do livro profundamente comovente, esse capítulo pode não ser o favorito.

No entanto, havia boas razões para essa abertura, e ainda mais para o prólogo (totalmente admirável) que a precede. É essencial que sejamos primeiro bem imersos no caráter “acolhedor”, na frivolidade, até mesmo (em

seu melhor sentido) na vulgaridade das criaturas chamadas hobbits; esses seres não ambiciosos, pacíficos, mas quase anárquicos, com rostos “mais bem-humorados (sic) que bonitos” e “bocas prontas ao riso e a comer”, que fazem do fumar uma arte e gostam de livros que lhes dizem o que já sabem. Eles não são uma alegoria dos ingleses, mas talvez sejam um mito que apenas um inglês (ou, devemos adicionar, um holandês?) poderia ter criado. O tema central de quase todo o livro é o contraste entre os hobbits (ou “o Condado”) e o destino terrível ao qual alguns deles são chamados, a descoberta terrível que a humilde felicidade do Condado, que eles pensavam ser certamente normal, é, na realidade, um espécie de acidente local e temporário, que sua existência dependa de sua proteção por poderes que os hobbits não se atrevem a imaginar, que qualquer hobbit pode se ver forçado a sair do Condado e se envolver nesse grande conflito. Mais estranhamente ainda, o advento desse conflito entre coisas mais fortes pode depender deles, que são quase os mais fracos (LEWIS, 2018, p. 148-149, grifos do autor).

Quando Lewis afirma que **O Hobbit** é um fragmento – e também uma adaptação – de uma mitologia maior criada anteriormente por Tolkien, cria a impressão de que o autor simplesmente retirou algumas ideias de sua ampla mitologia e as adaptou para o público infantil a fim de publicá-lo. Se fosse esse o caso, então Tolkien teria feito essa jogada editorial a fim de despertar o interesse do público e dos editores objetivando conseguir publicar seu trabalho mais valioso (de acordo com a sua própria opinião), isto é, a mitologia presente na narrativa de **O Silmarillion**. Se assim fosse, então Tolkien teria deixado a versão final (versão de publicação de 1937) de **O Hobbit** pronta para se conectar com todas as histórias envolvendo **O Silmarillion** e também **O Senhor dos Anéis**, não havendo espaço para correções e alterações posteriores, mas não é isso que se vê durante a leitura das três obras, em todas as alterações feitas posteriormente na edição original de **O Hobbit**, e também nas próprias afirmações do autor:

o Sr. Bolseiro começou como um conto cômico entre convencionais e inconsistentes anões (sic) de contos de fadas dos Grimm, e acabou atraído para a borda disso – de maneira que até mesmo Sauron, o terrível, espiou por cima da borda. E o que mais hobbits podem fazer? Eles podem ser cômicos, mas sua comédia é suburbana, a menos que seja colocada junto de coisas mais elementares. Mas a verdadeira diversão a respeito dos orques (sic) e dragões (na minha opinião) ocorreu antes da época dos hobbits. Quem sabe uma nova linha (mesmo que similar)? (CARPENTER, 2018, p. 253-254).

A borda a que se referia Tolkien é justamente a mitologia existente em **O Silmarillion** e a continuação das histórias da Terceira Era em **O Senhor dos Anéis**. O editor,

Stanley Unwin provavelmente não compreendeu boa parte dessa carta, mas, de qualquer forma, Tolkien estava realmente pensando em voz alta e começado a planejar, pois apenas três dias depois, em 19 de dezembro de

1937, escreveu a Charles Furth, membro da equipe editorial de Allen & Unwin: “Escrevi o primeiro capítulo de uma nova história sobre Hobbits – ‘Uma festa muito esperada’.”

A nova história começava de modo muito semelhante à primeira sobre Hobbits. O Sr. Bilbo Bolseiro da Vila dos Hobbits dá uma festa para comemorar seu aniversário e, após discursar para seus convidados, coloca o anel mágico que conseguiu em *O Hobbit* e desaparece. A razão para seu desaparecimento nesse primeiro rascunho é que Bilbo “não tinha mais nenhum dinheiro ou joias” e estava partindo em busca de mais ouro de dragões. Nesse ponto a primeira versão do capítulo de abertura se interrompe, inacabada.

Tolkien ainda não tinha uma ideia clara do tema da nova história. No final de *O Hobbit* afirmara que Bilbo “permaneceu muito feliz até o fim de seus dias, e estes forma extraordinariamente longos”. Assim, como o hobbit podia viver novas aventuras dignas desse nome, sem contradizer essa afirmativa? E ele não explorara a maior parte das possibilidades do caráter de Bilbo? Então, Tolkien decidiu introduzir um novo hobbit, filho de Bilbo – e lhe dar o nome de uma família de coalas de brinquedo pertencente a seus filhos, “Os Bingos”. Riscou então “Bilbo” no primeiro rascunho e por cima escreveu “Bingo”. Ocorreu-lhe, então, outra ideia e ele anotou um lembrete (como faria muitas vezes durante a invenção dessa nova história): “Fazer da *devolução do anel* um motivo.”

O anel, afinal, era um elo com o livro anterior e um dos seus poucos elementos que não havia sido plenamente desenvolvido.

Bilbo o conseguira acidentalmente com o viscoso Gollum sob as Montanhas Nevoentas. Seu poder de tornar invisível quem o usasse fora plenamente explorado em *O Hobbit*, mas bem que poderia ter outras propriedades. Tolkien fez mais algumas anotações: “O Anel: qual é a sua origem? Necromante? Não muito perigoso, se usado para bons fins. Mas cobra sua penalidade. Ou a pessoa o perde, ou perde *a si mesma*.” Reescreveu o capítulo inicial, chamando o harói de “Bingo Bolger-Bolseiro” e o tornou sobrinho, não filho de Bilbo. Datilografou-o e, no começo de fevereiro de 1938, e enviou a Allen & Unwin perguntando se Rayner, o filho de Stanley Unwin que escrevera o relatório original sobre *O Hobbit*, se importaria de lhe dar sua opinião a respeito.

Stanley Unwin escreveu em 11 de fevereiro dizendo que Rayner lera o texto e estava maravilhado: “Vá em frente.”

Tolkien sentiu-se incentivado, mas respondeu: “Acho muito fácil escrever capítulos de abertura – e por enquanto a história não está se desenrolando. Desperdicei tanto no ‘Hobbit’ original (o que não pretendia que tivesse uma continuação) que é difícil encontrar alguma coisa nova naquele mundo.” Mesmo assim, começou a trabalhar de novo e escreveu um segundo capítulo que intitulou “Três não é demais”. Contava como Bingo e seus primos Odo e Frodo partiam sob as estrelas em uma jornada pelo campo.

“Histórias tendem a sair do controle”, Tolkien escreveu a seu editor algumas semanas mais tarde, “e esse tomou uma direção não premeditada.” Ele se referia à aparição, que não planejava, de um sinistro “Cavaleiro Negro” que evidentemente está procurando pelos hobbits. Era na verdade a primeira de várias reviravoltas não premeditadas que a história sofreria. Inconscientemente, e normalmente sem antecipação, Tolkien desviava sua história do estilo jovial de *O Hobbit* em direção a algo mais sombrio e grandioso, e mais próximo em concepção ao *Silmarillion* (CARPENTER, 2018, p. 254-255, grifos do autor).

Esse caráter acidental presente na costura entre as narrativas de **O Silmarillion**, **O Hobbit** e **O Senhor dos Anéis** revela toda a condição posterior e o papel desempenhado pela raça dos hobbits (Bilbo, Gollum/Sméagol, Frodo, Sam,

Merry e Pippin) diante do destino da mitologia da Terra-média. Os hobbits não pertenciam a nenhum planeta, território ou universo ficcional específicos, exceto pelo seu reduzido mundo e seu pacato e confortável modo de levar a vida cotidiana no Condado.

1.3 A COERÊNCIA INTERNA DO *LEGENDARIUM*

Um dos problemas de coerência interna do *legendarium* se inicia na parte final de **O Silmarillion** – intitulado “Dos Anéis de Poder e da Terceira Era”, escrito por Tolkien e organizado por seu filho Christopher, sendo publicado postumamente, vinte e dois anos depois da publicação de **O Senhor dos Anéis**. A respeito de tais problemas, Christopher se pronuncia logo no prefácio:

De mais a mais, meu pai veio a conceber *O Silmarillion* como uma compilação, uma narrativa sucinta e abrangente, feita muito tempo depois, a partir de fontes de grande diversidade (poemas, crônicas históricas e narrativas orais), que sobreviveram numa tradição secular. Essa concepção tem de fato paralelo na verdadeira história do livro, pois um enorme volume de prosa e poesia antiga subjaz a ele; ele é, até certo ponto, um compêndio de fato, e não apenas em teoria. A esse fator, podem-se atribuir a variação de ritmo da narrativa e a riqueza de detalhes em diversas partes, o contraste (por exemplo) entre as recordações precisas de lugar e motivo na lenda de Túrin Turambar e o relato remoto e sublime do final da Primeira Era, quando as Thangorodrim foram destruídas e, Morgoth, derrotado; bem como algumas diferenças de tom e de descrição, alguns pontos obscuros e, aqui e ali, alguma falta de coesão. No caso do *Valaquenta*, por exemplo, temos de supor que, embora ele contenha muitos fatos que devem remontar aos primeiros dias dos eldar em Valinor, de tal modo que os poderes divinos ora parecem presentes a ativos no mundo, ora remotos, constituindo uma camada desaparecida, conhecida apenas na lembrança.

O livro, embora devidamente intitulado *O Silmarillion*, contém não somente o *Quenta Silmarillion* ou *O Silmarillion*, mas também quatro outras obras curtas. O *Ainulindalë* e o *Valaquenta*, que são apresentados no início, estão na realidade intimamente associados a *O Silmarillion*. Já o *Akallabêth* e *Dos Anéis de poder*, que aparecem no final, são totalmente separados e independentes (o que se deve salientar). Estão incluídos em obediência à explícita intenção de meu pai; por meio de sua inclusão, toda a história é descrita, desde a Música dos Ainur, com a qual o mundo começou, até a passagem dos Portadores do Anel saindo dos Portos de Mithlond, no final da Terceira Era (TOLKIEN, 2009, p. XVIII-IX, grifos do autor).

Christopher alega ter incluído o “Akallabêth” e “Dos Anéis de Poder e da Terceira Era” no final da edição de **O Silmarillion** “em obediência à explícita intenção” de seu pai e o subtítulo dessa última “obra curta” inserida é “Dos anéis de poder e da Terceira Era, em que estas histórias chegam ao fim”. O problema é que essa intenção do autor causou uma quebra de continuidade na cronologia interna do *legendarium*,

como se pretende, ainda que brevemente, mostrar aqui. Algumas passagens do final de **O Silmarillion** se prestam a resumir alguns fatos que duraram muito tempo e a impressão que se tem é a de que Tolkien tentava concluir toda a narrativa da Terra-média em um só capítulo destinado, pela própria vontade do autor (como seu viu anteriormente), a concluir todas as histórias ali iniciadas, como se nota no próprio subtítulo “em que estas histórias chegam ao fim”. Essa urgência e economia (de tempo e espaço físico do livro) se percebe no excerto a seguir, quando a história dos anéis é resumida em três parágrafos, o fim da Terceira Era é decretado e também o início da Era dos Homens:

Dos Três Anéis que os elfos haviam conservado imaculados, não se falava abertamente entre os Sábios; e mesmo entre os eldar poucos sabiam a quem haviam sido cedidos. Contudo, depois da queda de Sauron, seu poder estava sempre ativo; e onde eles se encontrassem lá também estava a alegria; e as coisas não eram anuviadas pelo desgosto da passagem do tempo. Portanto, antes que terminasse a Terceira Era, os elfos perceberam que o Anel de Safira estava com Elrond, no belo vale de Valfenda, sobra cuja casa as estrelas do firmamento brilhavam mais forte. Enquanto o Anel de Diamante estava na Terra de Lórien, onde morava a Senhora Galadriel. Rainha ela era dos elfos dos bosques, esposa de Celeborn de Doriath e, entretanto, ela mesma pertencia aos noldor, lembrava-se do Dia antes dos dias em Valinor e era a mais bela e poderosa de todos os elfos que restavam na Terra-média. O Anel Vermelho, porém, permaneceu oculto até o final, e ninguém além de Elrond, Galadriel e Círdan sabiam a quem fora confiado.

Foi assim que em dois territórios a bem-aventurança e a beleza dos elfos permaneceram ainda intactas enquanto transcorreu aquela Era: em Imladris e em Lothlórien, a terra oculta entre o Celebrant e o Anduin, onde as árvores tinham flores douradas e nenhum orc ou criatura maléfica ousou jamais entrar. Contudo, ouviam-se muitas vozes entre os elfos que prediziam que, se Sauron por acaso voltasse, ou ele encontraria o Anel Governante, que estava perdido, ou, na melhor das hipóteses, seus inimigos o descobririam e o destruiriam. Em qualquer das duas circunstâncias, porém, os poderes dos Três deveriam então se extinguir, e tudo o que era mantido por ele, desaparecer. Com isso, os elfos deveriam passar para a penumbra, e teria início o Domínio dos Homens.

E com efeito foi isso que aconteceu desde então: o Um, os Sete e os Nove foram destruídos; e os Três se acabaram. E, com eles, a Terceira Era terminou, e os relatos dos Eldar na Terra-média chegaram ao fim. Aqueles foram os Anos de Desaparecimento; e neles a última floração do elfos a leste do Mar chegou a seu inverno. Naquela época, os noldor ainda caminhavam nas Terras de Cá, os mais poderosos e mais belos dos filhos de mundo, e seus idiomas ainda eram ouvidos pelos mortais. Muitas criações de beleza e assombro permaneciam na terra naquela época; assim como muitas criações de pavor e maldade: havia orcs, trolls, dragões e animais ferozes, além de estranhas criaturas antigas e sábias nos bosques, cujos nomes estão esquecidos. Os anões ainda trabalhavam obras e metais e pedras que ninguém mais consegue agora imitar. Preparava-se, entretanto, o Domínio dos Homens e tudo estava em transformação, até que afinal o Senhor do Escuro se ergueu novamente na Floresta das Trevas (TOLKIEN, 2009, p. 380-381).

Nesse trecho estão anunciados o fim da Terceira Era, a partida dos elfos para as Terras Imortais, a destruição de todos os anéis de poder, o início da Quarta Era (e conseqüente início da Era dos Homens), em suma, a partida de todos os seres mágicos da Terra-média e o início da contagem dos anos dos Homens, sem a presença da magia élfica. Esses assuntos encerram toda a cosmogonia e o desfecho de todas as tramas abertas pela narrativa das *Silmarilli*.

Há um grande problema de continuidade na cronologia interna da obra de Tolkien, oriundo dessa vontade explícita de incluir o fim da Terceira Era no mesmo volume de **O Silmarillion**. Desse modo, o autor anuncia toda a dissolução dos desequilíbrios surgidos na composição da Música Magnífica e também derivados da rebeldia de homens e elfos, excluindo a necessidade de explicações narrativas sobre o fim da Terceira Era e início da Quarta. Tolkien adianta o fim dos eventos de seu *legendarium*, quebrando a consistência interna (a coerência cronológica) de sua mitologia, mas talvez esse breve anúncio dos fatos futuros tenha sido planejado como modo de conectar **O Silmarillion** às duas outras narrativas, alavancando-o e fazendo-o necessário ao entendimento do pano de fundo das aventuras de Bilbo e de Frodo, já que o próprio autor já estava desistindo de publicar aquela que considerava se sua obra prima, **O Silmarillion**, “há muito rejeitado e posto de lado” (TOLKIEN, 2006, p. 133) pela editora. A conexão entre as narrativas mitológicas e a história de Bilbo é tão problemática quanto a conexão destas com a sua continuidade, **O Senhor dos Anéis**, que será discutida adiante. Tolkien afirma:

Minha obra escapou do meu controle e produzi um monstro: um romance imensamente longo, complexo, um tanto amargo e muito aterrorizante, bastante inadequado para crianças (se é que é adequado para alguém); e ele não é realmente uma continuação para *O Hobbit*, mas para *O Silmarillion* (TOLKIEN, 2006, p. 134, grifos do autor).

O autor produz uma obra que se propõe a dar continuidade nas aventuras de Bilbo, mas que, na realidade, serve como continuação para as histórias iniciadas em **O Silmarillion**. **O Hobbit** foi o primeiro a ser publicado, trazendo ao público as aventuras de Bilbo (o achado do Um Anel) em finais da Terceira Era do Sol. Quase vinte anos depois, o autor publica a continuação dessas aventuras, mas alega que essa continuação não dá continuidade às aventuras de Bilbo, mas aos relatos mitológicos de **O Silmarillion**. Este foi publicado mais de vinte anos depois da publicação de **O Senhor dos Anéis** e trouxe as narrativas do início dos tempos, da

criação dos deuses, do universo e das criaturas, da queda de elfos e homens, e, por último, do desfecho dos eventos da Terceira Era (que também são relatados em **O Senhor dos Anéis**). Esse é um problema que não faz sentido e não se adequa à obra quando se considera o esmero e perfeccionismo tão característicos ao autor. Talvez a única explicação plausível seja mesmo a tentativa de conexão a fim de publicar seu corpo de lendas e mitos, tantas vezes rejeitado pela editora, juntamente com **O Senhor dos Anéis**:

Posso ver de modo muito claro o quão impraticável ele é. Mas estou cansado. Afastei-o de mim e não sinto que eu possa fazer mais alguma coisa a respeito dele além de uma pequena revisão de inconsistências. Pior ainda: sinto que ele está ligado ao *Silmarillion*.

Talvez o senhor possa lembrar-se dessa obra, um longo legendário de épocas imaginárias em um “estilo elevado” e repleto de Elfos (de um tipo). Ele foi rejeitado pelo conselho de seu leitor muitos anos atrás. Até onde vai minha memória, ele concedeu à obra uma espécie de beleza celta intolerável aos anglo-saxões em grandes doses. Ele provavelmente foi perfeitamente correto e justo. E o senhor comentou que essa era uma obra para se extrair material, não para ser publicada.

Infelizmente, eu não sou um anglo-saxão e, embora posto de lado (até um ano atrás), o *Silmarillion* e tudo o mais se recusaram a serem suprimidos. Ele ferveu, infiltrou-se e provavelmente arruinou tudo (que mesmo remotamente aproximava-se de “Faery”) que tentei escrever desde então. Ele foi mantido fora de *Lavrador Giles* com esforço, mas impediu a continuação. Sua sombra foi profunda nas partes finais de *O Hobbit*. Ele capturou *O Senhor dos Anéis*, de maneira que este tornou-se simplesmente sua continuação e finalização, exigindo o *Silmarillion* para ser completamente inteligível – sem muitas referências e explicações que o deixam confuso em um ou dois lugares.

Por mais ridículo e cansativo que o senhor pense que sou, eu desejo publicar ambos – *O Silmarillion* e *O Senhor dos Anéis* – em conjunto ou em ligação. “Eu desejo” – seria mais sábio dizer “eu gostaria”, visto que não é muito provável que um pacotinho de, digamos, um milhão de palavras, de assuntos apresentados por extenso que os anglo-saxões (ou o público falante de inglês) só conseguem aguentar de forma moderada, venha a público, mesmo se o papel estivesse disponível à vontade.

Mesmo assim, é disso que eu gostaria. Ou deixarei tudo isso em paz. Não consigo contemplar qualquer reescrita ou compressão drástica. É claro que, sendo um escritor, eu gostaria de ver meus textos impressos; mas aí estão eles. Para mim, o principal é que sinto que toda a questão está agora “exorcizada” e não mais me atormenta. [...] Deixe-me saber o que o senhor pensa. O senhor pode receber toda essa montanha de material, se desejar. Será necessário um leitor que realmente leia por um longo tempo, receio, embora ele possa decidir-se com uma amostra. Mas não terei qualquer mágoa justificável (nem ficarei terrivelmente surpreso) se o senhor declinar de proposta tão obviamente não-lucrativa e pedir para que eu me apresse e apresente algum livro mais razoável tão logo seja possível (TOLKIEN, 2006, p. 134-135, grifos do autor).

O primeiro problema de coerência interna, como visto, é o fato de que **O Silmarillion** adianta os eventos do fim da Terceira Era. O segundo problema é que a conexão entre **O Silmarillion** e **O Hobbit** é fraca, sendo o primeiro – de acordo com

as palavras do autor – um passado conectado a **O Senhor dos Anéis** e não a **O Hobbit**. Desse modo, **O Silmarillion** narra os eventos das Eras das Lamparinas, das Árvores, da Primeira e Segunda Eras do Sol e pula para o fim da Terceira Era do Sol (cronologicamente localizada no fim da narrativa de **O Senhor dos Anéis**). Assim, o seu fim faz a conexão com o início (e fim) de **O Senhor dos Anéis**, ignorando completamente a aventura de Bilbo, tendo de ser retomada, explicada e encaixada na narrativa geral da Terra-média por intermédio de Gollum, Gandalf, Elrond e Bilbo. Esse é o terceiro problema de coerência do *legendarium*. Ele deixa a narrativa de **O Hobbit**, cronologicamente, entre **O Silmarillion** e **O Senhor dos Anéis**, não tendo função específica enquanto componente do *legendarium*. É por isso que o autor teve de fazer tantas alterações em **O Hobbit** depois da publicação de **O Senhor dos Anéis**, para que o primeiro se encaixasse nas narrativas do segundo e também nas de **O Silmarillion** (que já estavam escritas há muito tempo, embora não publicadas, e fundamentavam todo o seu fazer ficcional). Nesse caso, **O Silmarillion** não se adaptou a **O Hobbit** de nenhum modo, tanto que nenhum hobbit aparece em suas narrativas, nem sua origem ali é contada, como acontece com todos os seres.

O Hobbit, de algum modo, se adaptou a **O Silmarillion** – quando Tolkien se aproveitou da inserção de anões, Smaug, trolls, orcs, Gandalf, Elrond, Beorn, as Águias e Thranduil – para conectá-lo ao universo mitológico anterior, enquanto **O Senhor dos Anéis** é a narrativa do autor que mais sofreu para se adaptar às duas outras, já que tinha que dar continuidade à história de Bilbo e, além disso, justificar a existência dessa história dentro do panorama mais vasto e interconectado de **O Silmarillion** e de **O Senhor dos Anéis**. É para isso que Tolkien se utiliza dos hobbits, como conectores das Primeiras Eras (Lamparinas e Árvores) com a Terceira Era (na qual se encontram as Eras do Sol: Primeira, Segunda, Terceira e Quarta), narrada em **O Hobbit** e em **O Senhor dos Anéis**. Os hobbits surgem como conectores das histórias e depois se tornam heróis, protagonistas e narradores dessas histórias.

2. A RESPEITO DOS HOBBITS

Tendo sido questionado sobre a origem dos personagens hobbits e sobre uma possível influência na criação do nome do povo e da personagem Bilbo, Tolkien respondeu:

Não possuo qualquer recordação consciente de pigmeus peludos (em livros ou ao luar); nem de qualquer bicho-papão Hobbit publicado por volta de 1904. Suspeito que os dois hobbits sejam homófonos acidentais, e fico contente que eles não sejam (ao que parece) sinônimos. E afirmo que meu hobbit não vivia na África e não era peludo, com exceção de seus pés. Tampouco era parecido com um coelho. Ele era um próspero e bem alimentado solteiro de recursos independentes. Chamá-lo de “coelhinho sujo” foi um exemplo de vulgaridade troll, assim como “descendente de ratos” foi um exemplo de malícia anã – insultos deliberados à sua altura e aos seus pés, dos quais ele se ressentiu profundamente. Seus pés, ainda que convenientemente cobertos e calçados pela natureza, eram tão elegantes quanto seus longos e hábeis dedos das mãos (TOLKIEN, 2006, p. 35).

Ainda respondendo ao editor da revista *Observer* que desejava saber “algo mais a respeito do nome e dos primórdios do intrigante herói” (TOLKIEN, 2006, p. 34), Tolkien deixa claro que a história contida em **O Hobbit**

não é baseada conscientemente em qualquer outro livro – com exceção de um, e ele não foi publicado: o ‘Silmarillion’, uma história dos Elfos, ao qual frequentes alusões são feitas. Não pensei nos futuros pesquisadores; e, como há apenas um manuscrito, no momento me parece haver poucas chances dessa referência ser de utilidade.

Mas essas questões são meras preliminares. Agora que me fizeram ver as aventuras do Sr. Bolseiro como objeto de futuras pesquisas, percebo que será necessário muito trabalho. Há a questão da nomenclatura. Os nomes dos anões, e do mago, são do¹² Antigo Edda. Os nomes dos hobbits vêm de Fontes Óbvias à sua raça (TOLKIEN, 2006, p. 35).

Em uma reposta a R. W. Burchfield – quando a “equipe do *Oxford English Dictionary*, sob o comando do Dr. Burchfield, estava compilando uma entrada para hobbit em seu Segundo Suplemento” e procurou “a ajuda de Tolkien, particularmente na questão de se ele havia inventado a palavra ou se houve uma história mais antiga com o mesmo título” (TOLKIEN, 2006, p. 382) – Tolkien escreveu:

A questão de *hobbit* não é muito importante, mas posso ser perdoado por ter um interesse pessoal nela e por estar ansioso para que o significado pretendido por mim seja tornado claro.

Infelizmente, como todos os lexicógrafos sabem, “não investigue as coisas, a menos que esteja procurando por problemas: elas quase sempre acabam

¹² “Edda”, do Nórdico Antigo, traduzida para o Português como “Bisavó”, deve ser precedida por artigo que define o gênero feminino (“a”). O correto é, seguindo a lógica do gênero: “Os nomes dos anões, e do mago, são da Antiga Edda”.

sendo menos simples do que se pensava”. Em breve o senhor receberá uma carta sobre *hobbit* e questões relacionadas, das quais, mesmo que esteja em tempo, apenas uma pequena parte deve ser útil ou de interesse para vocês. Por ora essa carta está atrasada, pois tenho a questão da etimologia: “Inventada por J. R. R. Tolkien”: investigada por especialistas. Eu sabia que a afirmação não estava clara, mas não me preocupei em investigá-la, até estar diante da inclusão de *hobbit* no Suplemento.

Nesse ínterim, envio para sua consideração a seguinte definição:

Um membro de um povo imaginário, uma variedade pequena da raça humana, que deram a si próprios esse nome (cujo significado é “habitante de toca”), mas que eram chamados por outros de *pequenos*, visto que tinham a metade a (sic) altura dos Homens normais.

Isso presume que a etimologia sustenta-se. Caso contrário, pode ser necessário modificá-lo: por ex., ao substituir o trecho após “raça humana”, por (sic); nas histórias de J. R. R. Tolkien, é dito que deram a si próprios esse nome, embora outros os chamem . . .

Caso se sustente, como creio que o fará mesmo que uma suposta história mais antiga chamada ‘O Hobbit’ puder ser encontrada, então o “(cujo significado é ‘habitante de toca’)” poderia ser transferido para a etimologia (TOLKIEN, 2006, p. 382-383, grifos do autor).

Em uma outra carta, tendo sido questionado a respeito também sobre a palavra “hobbit”, Tolkien diz que

O Ox. E. D., em preparação de seu Segundo Suplemento, chegou a *Hobbit*, a qual propõe que seja incluído junto com sua prole: *hobbitez*, *-esco*, etc. Tive, portanto, de justificar minha afirmação de ter inventado a palavra. Minha reivindicação na verdade baseia-se em minha “palavra de honra” ou afirmação não-comprovada de que me lembro da ocasião da invenção da palavra (por mim), e que *na época* eu não tinha qualquer conhecimento de *Hobberdy*, *Hobbaty*, *Hobberdy Dick* etc. (usadas para “duendes domésticos”); e que meus “hobbits”, de qualquer modo, eram de um tipo completamente diferente, um ramo diminuto da raça humana. E também que a única palavra ing. que influenciou a invenção foi “hole” [“toca”]; essa palavra permitiu a descrição dos *hobbits*, o uso da parte dos trolls da palavra *rabbit* [“coelho”] foi meramente um insulto óbvio, de importância não mais etimológica do que o insulto “descendente de ratos” de Thorin a Bilbo. Contudo, lançou-se dúvida quanto a isso já em 1938. Uma crítica apareceu em *The Observer*, em 16 de jan. de 1938, assinada “*Hábito*” (assim, incidentalmente, antecipo em muito a percepção de Coghill da semelhança das palavras em seu adj. humorístico “formador de hobbit”, aplicado aos meus livros). “*Hábito*” afirmou que uma amiga dizia ter lido, cerca de 20 anos antes (isto é, c. 1918) um antigo “conto de fadas” (em uma coleção de tais contos) chamado *O Hobbit*, embora a criatura fosse muito “assustadora”. Pedi mais informações, mas jamais recebi alguma; e pesquisas intensivas recentes não descobriram a “coleção”. Acho que é provável que a memória da amiga não era precisa (depois de 20 anos), e a criatura provavelmente tinha um nome da classe de *Hobberdy*, *Hobbaty*. Porém, não se pode excluir a possibilidade que lembranças de infância enterradas podem vir à tona repentinamente depois (sic) muito tempo (no meu caso, depois de 35-40 anos), embora possam ser aplicadas de modo bastante diferente. Conteí aos pesquisadores que costumavam ler para mim (antes de 1900) uma “antiga coleção” – esfarrapada e sem capa ou frontispício –, da qual tudo que posso lembrar-me agora é que (creio) era de Bulwer Lytton e continha uma história que na época eu gostava muito, chamada “*Puss Cat Mew*” [“Gatinho Miau”]. Eles não a descobriram. Pergunto-me se o senhor, o mais culto dos estudiosos vivos nesta região, pode dizer algo. Esp., para minha própria satisfação, a respeito de *Puss Cat*

Mew – não creio que o senhor tenha encontrado um nome precisamente *hobbit*, ou o senhor o teria mencionado. Oh, que teia emaranhada tecem aqueles que tentam uma nova palavra conceber! (TOLKIEN, 2006, p. 384-385, grifos do autor).

Com simples argumentos e poucos recursos para provar sua invenção, Tolkien simplesmente afirma não se lembrar de nenhuma referência para a palavra inventada e compara os hobbits com as criaturas já existentes que possuem nomes semelhantes. Quando Tolkien disse que os hobbits “deram a si próprios esse nome (cujo significado é ‘habitante de toca’), mas que eram chamados por outros de *pequenos*” (TOLKIEN, 2006, p. 382-383, grifo do autor), a questão da invenção da palavra já deveria bastar, mas alguns críticos e fãs desejavam saber a origem ou influências da palavra que designa esse povo. **O Senhor dos Anéis** diz, sobre a inexistência de uma língua hobbit, que eles tinham

adotado a Língua Geral havia provavelmente mil anos. Usavam-na a seu próprio modo, livre e descuidadamente, embora os mais eruditos entre eles ainda tivessem o domínio de uma língua mais formal, quando a ocasião a exigia.

Não há registro de qualquer língua peculiar aos hobbits. Nos dias antigos, parece que sempre usavam as línguas dos homens perto dos quais ou entre os quais viviam. Assim, adotaram rapidamente a Língua Geral depois de entrarem em Eriador, e, na época de seu estabelecimento em Bri, já haviam começado a esquecer seu idioma anterior. Este era evidentemente uma língua humana do alto Anduin, aparentada com a dos rohirrim, apesar de os Grados, no sul, aparentemente terem adotado uma língua semelhante à da Terra Parda antes de se dirigirem ao norte, para o Condado.

Na época de Frodo, ainda restavam alguns vestígios desses fatos em palavras e nomes locais, muitos dos quais se assemelhavam bastante aos encontrados em Valle ou em Rohan. Os mais notáveis eram os nomes dos dias, meses e estações do ano; diversas outras palavras da mesma espécie (tais como *mathom* e *smial*) também eram ainda de uso comum, enquanto outros estavam preservadas nos topônimos de Bri e do Condado. Os nomes pessoais dos hobbits eram também peculiares e muitos provinham dos dias antigos.

Hobbit era o nome normalmente dado pela gente do Condado a toda a sua espécie. Os homens chamavam-nos *Pequenos* ou os elfos, *Periannath*¹³. A origem da palavra *hobbit* fora esquecida pela maioria. Parece, no entanto, que inicialmente fora um nome dado aos Pés-peludos pelas Cascalvas e Grados, e que era a forma deturpada de uma palavra mais plenamente preservada em Rohan: *holbytla*, “construtor de tocas” (TOLKIEN, 2000, p. 1193-1194, grifos do autor).

Em outro momento, Tolkien afirma que a palavra

¹³ A palavra *periannath* é oriunda do idioma sindarin, significa “meio-homem” e designa a raça dos hobbits. *Perian* é o singular. Meio-homem se deve à sua estatura com cerca de metade da altura de um Dúnadan (Númenoriano).

Hobbit é uma invenção. Em westron a palavra empregada, nas raras ocasiões em que se fazia referência a esse povo, era *banakil*, “Pequeno”. Mas nessa época a gente do Condado e de Bri usava a palavra *kuduk*, que não se achava em outra parte. Meriadoc, no entanto, registra efetivamente que o Rei de Rohan usou a palavra *kû-dûkan*, “habitante de toca”. Visto que, como já se observou, os hobbits haviam outrora falado uma língua aparentada à dos rohirrim, parece provável que *kuduk* fosse uma forma corrompida de *kûd-dûkan*. Traduzi esta última, por razões já explicadas, por *holbytla*; e *hobbit* é uma palavra que bem poderia ser uma forma corrompida de *holbytla*, se esse nome tivesse outrora ocorrido (TOLKIEN, 2000, p. 1201, grifos do autor).

Então, “hobbit” é a forma como Tolkien escolheu representar “kuduk” quando traduziu, seguindo sua própria lógica de criação ficcional, **O Livro Vermelho do Marco Ocidental e Lá e de Volta Outra Vez** para a língua inglesa moderna. Nesse ponto existem duas curiosidades fundamentais para o entendimento do uso das palavras “hobbit” e “orc”, tendo esses usos desdobramentos não só linguísticos ou filológicos, mas também na história desenvolvida no universo ficcional de Tolkien. O mesmo ocorre com “orc”, que

não é uma palavra inglesa. Ocorre em um ou dois lugares mais é geralmente traduzida como *goblin* (ou *hobgoblin* no caso das espécies maiores). *Orc* é a forma hobbit do nome dado naquele tempo a essas criaturas e não tem nenhuma relação com *orc*, *ork* [orca], que se aplicam a animais marinhos aparentados com o golfinho (TOLKIEN, 1998, p. XIII, grifos do autor).

Entende-se, então, que “orc” é como os hobbits chamam os goblins e isso encerraria uma série de discussões sobre as traduções corretas ou equivocadas de “orc” para “orc” ou “orque”. Tolkien traduziu a palavra “kuduk” para “hobbit”, mas não traduziu a palavra “orc” para algum equivalente no inglês moderno. Como não se sabe qual é, exatamente, a língua utilizada pelos hobbits – sabendo-se somente que é aparentada com a língua falada pelos Rohirrim ainda pertencente ao Westron – então não há necessidade de mudar a palavra quando vertida para outros idiomas. Os “ents” são “ents”, os “Istari” são “Istari”, os “Valar” são “Valar”, os “Maiar” são “Maiar”, os “Ainur” são “Ainur” e os “orcs” podem, simplesmente, ser “orcs”, “yrch” ou “orchoth”:

Os idiomas Eldarin fazem distinções em formas e usam entre um plural “partitivo” ou “particular” e o plural geral ou total. Assim, *yrch* “orcs, alguns orcs, des orques” ocorre em vol I pp.359, 402; os Orcs, como uma raça ou o todo de um grupo mencionado previamente, teria sido *orchoth* (TOLKIEN, 2006, p. 172, grifos do autor).

Não há a mínima necessidade de traduzir (adaptar ou transliterar visando adaptação fonética) uma palavra que é utilizada pelos hobbits e não possui

correspondentes – seguindo as características da espécie criada pelo autor – em nenhuma língua do mundo real:

Em lugar algum se afirma claramente que os Orcs (a palavra, no que me diz respeito, na verdade é derivada da palavra em inglês antigo *orc* ‘demônio’, mas somente por causa de sua adequação fonética) sejam de alguma origem em particular [...] *goblin* é usada como uma tradução em *O Hobbit*, onde *orc* ocorre apenas uma vez, creio [...] O nome possui a forma *orch* (pl. *yrch*) em Sindarin e *uruk* na Língua Negra (TOLKIEN, 2006, p. 172, grifos do autor).

Os orcs e os hobbits são as duas invenções de Tolkien que mais chamam a atenção. É claro que existem os trolls, ents, ursos, águias, wargs, olifantes, mas nenhum deles tem a complexidade – considerando sua importância no desenvolvimento das narrativas do *legendarium* – de orcs e hobbits. A origem dos orcs está relatada em **O Silmarillion** e a “origem dos hobbits se situa nos Dias Antigos, *agora* perdidos e esquecidos” (TOLKIEN, 2000, p. 2, grifo nosso). A origem dos hobbits, conforme informa o narrador de **O Senhor dos Anéis**, não está somente “agora” perdida, como também está perdida para sempre. Com “perdidos” Tolkien também se refere à sua esperança e desejo – como se espera comentar mais adiante – de publicar **O Silmarillion** antes ou em conjunto com **O Senhor dos Anéis**. Os “Dias Antigos” estão relatados na narrativa cosmogônica, mas esse material não foi publicado enquanto o autor era vivo e mesmo depois de publicado não mostrou a origem dos hobbits. Respondendo a uma leitora sobre os recursos de verossimilhança da Terra-média, Tolkien pontua a existência dos hobbits no *legendarium*:

Estou mais ciente de minha superficialidade na arqueologia e nas *realien* do que na economia: roupas, implementos agrícolas, trabalho em metal, cerâmica, arquitetura e assim por diante. Sem mencionar a música e seus instrumentos. Não sou incapaz ou inconsciente de pensamento econômico; e acho que, no que diz respeito aos “mortais”, Homens, Hobbits e Anões, as situações estão tão planejadas que a probabilidade econômica está lá e poderia ser desenvolvida: Gondor possui “terras cidadinas”, e feudos suficientes com um bom acesso à água e estradas para abastecer sua população; e possui claramente muitas indústrias, embora estas quase não sejam mencionadas. O Condado está disposto em uma posição de água e montanha e a uma distância do mar e em uma latitude que lhe renderia uma fertilidade natural, bem à parte do fato declarado de que essa era uma região bem-cultivada quando tomaram posse dela (sem dúvida com uma boa dose de artes e ofícios mais antigos). Os Hobbits do Condado não possuem muita necessidade de metais, mas os Anões são agentes; e no leste das Montanhas de Lûn estão algumas de suas minas (como mostrado nas lendas mais antigas): sem dúvida a razão, ou uma delas, para atravessarem o Condado frequentemente. Algumas das modernidades encontradas entre eles (penso especialmente nos *guarda-chuvas*) são provavelmente, creio que certamente, um erro, da mesma ordem de seus nomes tolos, e toleráveis com

eles apenas como uma “anglicização” deliberada para apontar o contraste entre eles e outros povos nos termos mais familiares. Não acho que pessoas daquele tipo e estágio de vida e desenvolvimento possam ser tanto pacíficas como muito valentes e firmes “num aperto”. A experiência em duas guerras confirmou-me essa visão. Mas os *hobbits* não são uma visão utópica ou recomendados como um ideal em sua própria era ou em qualquer outra. Eles, como todos os povos em suas situações, são um acidente histórico – como os Elfos mostram para Frodo – e impermanente, no final das contas. Não sou o reformador nem um “embalsamador”! Não sou um “reformador” (por exercício de poder) posto que isso parece estar condenado ao sarumanismo. Mas a “embalsamação” possui suas próprias punições (TOLKIEN, 2006, p. 189-190).

Ver a existência dos hobbits como “um acidente histórico” “impermanente” é resultado da inversão na ordem da publicação das narrativas componentes do *legendarium* – como já discutido –, e também resulta em todos os problemas de coerência interna da obra

Em primeiro lugar, devemos entender claramente que, embora *A Sociedade do Anel*, em certo sentido, continue o conto de fadas do autor, *O Hobbit*, ele não é, de modo algum, um “juvenil” crescido. O contrário é a verdade. *O Hobbit* era apenas um fragmento arrancado do enorme mito do autor e adaptado para crianças, inevitavelmente perdendo algo pela adaptação. *A Sociedade* nos dá finalmente os contornos desse mito “em sua verdadeira dimensão, como eles mesmos”. O mal-entendido sobre esse ponto poder ser facilmente encorajado pelo primeiro capítulo, no qual o autor (assumindo um risco) escreve quase da maneira do livro mais antigo e mais distante. Para os que acharão o corpo principal do livro profundamente comovente, esse capítulo pode não ser o favorito.

No entanto, havia boas razões para essa abertura, e ainda mais para o prólogo (totalmente admirável) que a precede. É essencial que sejamos primeiro bem imersos no caráter “acolhedor”, na frivolidade, até mesmo (em seu melhor sentido) na vulgaridade das criaturas chamadas hobbits; esses seres não ambiciosos, pacíficos, mas quase anárquicos, com rostos “mais bem-humorados (sic) que bonitos” e “bocas prontas ao riso e a comer”, que fazem do fumar uma arte e gostam de livros que lhes dizem o que já sabem. Eles não são uma alegoria dos ingleses, mas talvez sejam um mito que apenas um inglês (ou, devemos adicionar, um holandês?) poderia ter criado. O tema central de quase todo o livro é o contraste entre os hobbits (ou “o Condado”) e o destino terrível ao qual alguns deles são chamados, a descoberta terrível que a humilde felicidade do Condado, que eles pensavam ser certamente normal, é, na realidade, um espécie de acidente local e temporário, que sua existência dependa de sua proteção por poderes que os hobbits não se atrevem a imaginar, que qualquer hobbit pode se ver forçado a sair do Condado e se envolver nesse grande conflito. Mais estranhamente ainda, o advento desse conflito entre coisas mais fortes pode depender deles, que são quase os mais fracos (LEWIS, 2018, p. 148-149, grifos do autor).

Embora configurem problemas na coerência interna do *legendarium*, os hobbits também são responsáveis pelo estilo único na criação da narrativa de **O Senhor dos Anéis**:

O Hobbit, que possui uma vida muito mais essencial nele, foi concebido de maneira bastante independente: eu não sabia quando o iniciei que ele fazia parte do tema. Mas ele provou ser a descoberta da conclusão do todo, seu modo de descer à terra e fundir-se na “história”. Assim como presume-se que as Lendas elevadas do início sejam a visão das coisas através de mentes Élficas, a história intermediária do *Hobbit* assume um ponto de vista praticamente humano – e a última história combina-os (TOLKIEN, 2006, p. 142, grifo do autor).

O acidente histórico, que é a existência dos hobbits nas narrativas do *legendarium*, é remediado por Tolkien através da atuação de Gandalf (como se verá mais adiante), marca a profundidade e distância temporais de **O Silmarillion**, combinando-os com a leveza e fluidez da narrativa de **O Hobbit**, fazendo com que **O Senhor dos Anéis** tenha o olhar inexperiente e inocente dos hobbits e a profunda tristeza reflexiva e já cansada dos elfos:

O tom e o estilo geralmente diferentes de *O Hobbit* devem-se, em termos de gênese, ao fato de que o considerei como uma questão do grande ciclo suscetível a um tratamento como um “conto de fadas” para crianças. Alguns dos detalhes do tom e do tratamento estão errados, creio agora, mesmo nessa base. Mas eu não gostaria de mudar muita coisa. Pois, com efeito, esse é um estudo do homem simples e comum, nem artístico nem nobre e heroico (mas não sem as sementes subdesenvolvidas dessas coisas) frente a um cenário elevado – e de fato (como um crítico percebeu) o tom e o estilo mudam com o desenvolvimento do *Hobbit*, passando do conto de fadas ao nobre e elevado e recaindo com o retorno.

A busca do Ouro do Dragão, o principal tema da verdadeira história de *O Hobbit*, é bastante periférica e incidental no ciclo geral – ligada a este principalmente pela história dos Anões, que não é central em parte alguma nestes relatos, embora frequentemente seja importante. Mas no decorrer da Busca, o *Hobbit*, por aparente “acidente”, toma posse de um “anel mágico”, cujo principal poder, e o único imediatamente óbvio, é o de tornar seu possuidor invisível. Apesar de ser nesta história um acidente, imprevisto e sem lugar em qualquer plano para a busca, ele demonstra ser essencial para o sucesso. Ao retornar, o *Hobbit*, crescido em visão e sabedoria, ainda que inalterado na linguagem, guarda o anel como um segredo pessoal.

A continuação, *O Senhor dos Anéis*, de longe a maior, e espero que em proporção também a melhor parte de todo o ciclo, conclui todo o tema – uma tentativa é feita para incluir e concluir nela todos os elementos e motivos do que a precedeu: elfos, anões, os Reis dos Homens, heróicos cavaleiros “homéricos”, orcs e demônios, os terrores dos servos do Anel e da Necromancia, e o vasto horror do Trono Escuro, até mesmo no estilo deve incluir o coloquialismo e a vulgaridade dos Hobbits, a poesia e o mais elevado estilo de prosa. Vemos a derrota da última encarnação do Mal, a destruição do Anel, a partida final dos Elfos e o retorno em majestade do verdadeiro Rei, para assumir o Domínio dos Homens, herdando tudo o que pode ser transmitido do mundo Élfico pelo seu nobre casamento com Arwen, filha de Elrond, assim como pela realeza linear de Númenor. Mas assim como as primeiras Histórias são vistas, por assim dizer, através de olhos Élficos, esse último grande Conto, descendo do mito e da lenda para a terra, é visto principalmente através dos olhos dos Hobbits: torna-se assim antropocêntrico de fato. Mas através dos Hobbits, não dos chamados Homens, porque o último Conto deve exemplificar muito claramente um tema recorrente: o lugar na “política mundial” dos atos imprevistos e impreviáveis da vontade, e dos

feitos de virtude dos aparentemente pequenos, sem grandeza, esquecidos nos lugares dos Sábios e Grandes (tanto bons quanto maus). Uma moral do todo (depois do simbolismo primário do Anel, como vontade de mero poder, que busca tornar-se objetivo por força e mecanismos físicos, e assim, inevitavelmente, também por mentiras) é aquela óbvia de que, sem o elevado e o nobre, o simples e vulgar é totalmente vil; e sem o simples e ordinário, o nobre e heroico não possui significado (TOLKIEN, 2006, p. 155-156, grifos do autor).

Em outra de suas cartas, Tolkien faz um breve resumo dos eventos da Terceira Era do Sol:

A Terceira Era ocupa-se principalmente com o Anel. O Senhor do Escuro não está mais em seu trono, mas seus monstros não estão totalmente destruídos, e seus terríveis servos, escravos do Anel, resistem como sombras entre as sombras. Mordor está vazia e a Torre Escura evacuada, e uma vigia é mantida nas fronteiras da terra maligna. Os Elfos ainda possuem refúgios ocultos: nos Portos Cinzentos de seus navios, na Casa de Elrond e alhures. No Norte está o Reino de Arnor governado pelos descendentes de Isildur. Ao sul, de lado a lado do Grande Rio Anduin, estão as cidades e fortes do reino Númenóreano de Gondor, com reis da linhagem de Anárion. Longe dali, no Leste e no Sul inexplorados (no tocante a estes contos), estão os países e reinos de homens selvagens ou maus, semelhantes somente em seu ódio pelo Oeste, derivado de seu mestre Sauron; mas Gondor e seu poder bloqueiam o caminho. O Anel está perdido, espera-se que para sempre; e os Três Anéis dos Elfos, controlados por guardiões secretos, estão operantes na preservação da lembrança da beleza de outrora, mantendo enclaves encantados de paz onde o Tempo parece parar e o declínio é refreado, uma imagem da bem-aventurança do Verdadeiro Oeste.

Porém, no norte Arnor definha, é dividido em principados menores e finalmente desaparece. Os remanescentes dos Númenóreanos tornam-se um Povo vagante e oculto, e embora sua verdadeira linhagem de Reis, herdeiros de Isildur, jamais seja interrompida, isso só é conhecido da Casa de Elrond. No sul Gondor ascende a um ápice de poder, quase refletindo Númenor, e então desvanece lentamente para uma Idade Média decadente, uma espécie de Bizâncio orgulhosa, venerável, porém progressivamente impotente. A guarda sobre Mordor é relaxada. A pressão dos Orientais e dos Sulistas aumenta. A linhagem dos Reis é interrompida e a última cidade de Gondor, Minas Tirith ('Torre de Vigilância'), é governada por Mordomos hereditários. Os Cavaleiros do Norte, os Rohirrim ou Cavaleiros de Rohan, admitidos em aliança perpétua, estabelecem-se nas verdes planícies, agora despovoadas, que foram outrora a parte setentrional do reino de Gondor. Sobre a grande mata primeva, a Grande Floresta Verde, a leste das águas superiores do Grande Rio, uma sombra cai e cresce, e a mata torna-se a Floresta das Trevas. Os Sábios descobrem que a sombra provém de um Feiticeiro ('O Necromante' de *O Hobbit*) que possui um castelo secreto no sul da Grande Floresta (TOLKIEN, 2006, p. 153, grifo do autor).

Enquanto as grandes questões envolvendo as pessoas grandes, sábias e poderosas se desenrolam ao longo da Terceira Era, "os Hobbits aparecem", sua "origem é desconhecida (até mesmo por eles)" (TOLKIEN, 2006, p.153-154), pois

escaparam à atenção dos grandes, ou dos povos civilizados com registros, e

não mantiveram eles próprios registros, exceto por vagas tradições orais, até que tivessem migrado das fronteiras da Floresta das Trevas, fugindo da Sombra, e vagassem em direção ao oeste, entrando em contato com os últimos remanescentes do Reino de Arnor.

Seu principal povoado, onde todos os habitantes são hobbits, e onde é mantida uma vida organizada e civilizada, ainda que simples e rural, é o *Condado*, originalmente as terras aráveis e florestas do domínio real de Arnor, concedidas como um feudo: mas o 'Rei', autor das leis, há muito tempo desapareceu, exceto da lembrança, antes que ouçamos mais d'o *Condado*. É no ano 1341 do Condado (ou 2941 da Terceira Era: ou seja, em seu último século) que Bilbo – O Hobbit e herói daquela narrativa – parte em sua 'aventura'.

Naquela história, que não precisa ser retomada, os hobbits e sua situação não são explicados, mas tomados por verdadeiros, e o pouco que é contado da sua história está na forma de alusões casuais a algo conhecido. O todo da 'política mundial', delineada acima, naturalmente está lá em mente, e também se alude ocasionalmente a ela como a coisas registradas na sua totalidade em outra parte (TOLKIEN, 2006, p. 154, grifos do autor).

Enquanto a história e os entraves do mundo se desenvolvem, os hobbits vivem sua vida pacata, rural e civilizada, sem tomar conhecimento da, como diz o autor, política mundial que os cerca, exceto pelo conhecimento e adoção das antigas leis utilizadas pelo Rei de Arnor antes de abandonar aquelas terras. Os hobbits são

realmente pretendidos como um ramo da raça especificamente *humana* (não Elfos ou Anões) – por isso as duas espécies podem morar juntas (como em Bri), e são chamadas simplesmente de Pessoas Grandes e Pessoas Pequenas. São inteiramente desprovidos de poderes não-humanos, mas são representados como estando em maior contato com a "natureza" (o solo e os outros seres vivos, plantas e animais), e anormalmente, para os humanos, livres de ambição ou cobiça de riqueza. Eles são criados *pequenos* (pouco mais que meia estatura humana, porém diminuindo à medida que os anos passam), em parte para exibir a mesquinhez do homem, do homem simples, sem imaginação e provinciano – embora sem a pequenez ou crueldade de Swift, e principalmente para mostrar, em criaturas de força física muito pequena, o espantoso e inesperado heroísmo de homens comuns "em apuros" (TOLKIEN, 2006, p. 154, grifos do autor).

Quando a editora escreve para Tolkien a respeito do sucesso da publicação de **O Hobbit** e informa que o público pede uma continuação para as histórias e aventuras de Bilbo Bolseiro, é para o futuro da personagem que o autor e suas narrativas deveriam olhar, mas aconteceu exatamente o oposto. Ao mesmo tempo em que escreve **O Senhor dos Anéis** – que deveria ser o futuro do Anel e também de Bilbo –, Tolkien se volta para a conexão das histórias de Bilbo com o passado mítico, com a criação do universo no qual se insere a personagem e na sua interação com as demais criaturas (o mesmo acontece com a interação entre O Condado e os demais locais habitados da Terra-média). O público não clamava pela história da criação dos

deuses e do universo circundante, não clamava pela explicação minuciosa da criação de homens, elfos, anões, oceanos, rios, florestas, montanhas, orcs, anéis, céus, estrelas, sol, lua e animais. Enquanto o público procurava respostas para a sua curiosidade relacionado ao futuro de Bilbo, Tolkien se empenhava em emendar **O Hobbit** com **O Senhor dos Anéis** e ao mesmo tempo adequar ambos às premissas cosmogônicas de **O Silmarillion**. Em uma carta à editora – tendo terminado o Prólogo de **O Senhor dos Anéis** – o autor informa: “Envio também o capítulo preliminar do Prólogo para o todo: ‘A respeito de Hobbits’, que *funciona como um elo com o livro anterior* e, ao mesmo tempo, responde perguntas que foram feitas” (TOLKIEN, 2006, p. 123, grifo nosso). É nesse detalhe que reside o problema de coerência interna do *legendarium*, o meio do caminho veio a público antes de início e do fim. **O Hobbit** assume papel inicial nas publicações literárias de Tolkien e assume papel intermediário na cronologia de Eä. Como os fundamentos da mitologia já estavam muito bem consolidados ao longo de mais de vinte anos de produção (o ano de 1917 marca o início da criação dos poemas sobre Eärendil e 1937 é o ano de publicação de **O Hobbit**), e o meio do caminho já havia sido publicado, então cabe a Tolkien o papel de conectar essa aventura indesejada de Bilbo com o passado mitológico dos seres que habitam esse universo, e é por isso que ele teve imensa dificuldade e trabalho (publicou **O Senhor dos Anéis** somente em 1954 e 1955, quase vinte anos depois da publicação de **O Hobbit**) para criar essa conexão ao longo da narrativa de **O Senhor dos Anéis**.

Ao mesmo tempo em que serve como continuação para **O Hobbit**, **O Senhor dos Anéis** também serve como elo entre o passado mítico e a Terceira Era do Sol, época vivenciada por Bilbo ao longo de sua aventura, onde as lendas, mitos, tradições e crenças já se haviam tornado uma espécie de tradição sem fundamento para algumas raças da Terra-média, como por exemplo os Homens do Lago, apegado em cifras, comércio e negociações (totalmente descrentes das velhas canções ainda entoadas e lembradas por suas avós):

Outras pessoas estavam longe, e alguns dos habitantes mais jovens da cidade duvidavam abertamente da existência de algum dragão na montanha, e riam dos barbas-brancas e das velhotas que diziam tê-lo visto voando no céu nos seus dias de juventude (TOLKIEN, 1998, p. 189).

Seguindo essa característica prosaica, os hobbits são capazes de manter

idênticos seus cotidianos (totalmente desprovidos de magia ou tradição, no sentido élfico de tradição, que se refere aos costumes aprendidos e herdados das terras além-mar) sem se questionarem sobre sua origem, seu destino e seu papel enquanto personagens integrantes da Terra-média. Esse posicionamento dos hobbits – intrometidos nas lendas e tradições dos povos mágicos – é o que confere à narrativa do **O Senhor dos Anéis**, ao mesmo tempo, o estilo elevado da épica e o prosaísmo do mundo trivial e corriqueiro do Condado. Também é por isso que os hobbits desempenham esse papel duplo, de personagens romanescas e épicas, sendo os responsáveis por trazer à tona o passado distante e absoluto e vivenciá-lo sob a perspectiva psicológica e individual de personagens sem profundidade temporal, sem espírito guerreiro ou bélico e sem poderes mágicos. Sobre a própria existência dos hobbits e sua fortuita conexão com os demais eventos da Terceira Era, Tolkien se ressentia, mas diz não achar que

muita coisa possa ser feita para sanar os defeitos dessa história volumosa e muito abrangente – ou para torná-la “publicável”, caso já não o seja. Uma leve revisão (agora concluída) de um ponto crucial em *O Hobbit*, esclarecendo o caráter de Gollum e sua relação com o Anel, permitir-me-á reduzir o Livro I, capítulo II, “A sombra do passado”, simplificá-lo e acelerá-lo – e também simplificar um pouco a discutível abertura do Livro II. Se o *outro material*, “O Silmarillion” e alguns outros contos ou elos, tais como *A Queda de Númenor*, forem publicados ou estiverem em processo de publicação, então muitas explicações de pano de fundo, especialmente aquela encontrada no *Conselho de Elrond* (Lv II), poderão ser dispensadas. Mas no geral isso dificilmente equivaleria à exclusão de um único capítulo longo (de um total de cerca de 72) (TOLKIEN, 2006, p. 156-157, grifos do autor).

Os hobbits, portanto, são seres pequenos, invisíveis para o mundo circundante e ignorantes em relação à sua própria pequenez neste mundo maravilhoso que os cerca. Seu “mundo” é um “lugar limitado” (CARPENTER, 2018, p. 226) e sua experiência não deriva de longos e tradicionais conhecimentos adquiridos pela vivência de seus antepassados ou pelo contato com textos que contenham registrados tais ensinamentos. Como explica o próprio autor, “Frodo é um nome real da tradição germânica. Sua forma em inglês antigo era *Fróda*. Sua ligação óbvia é com a antiga palavra *fród*, que significa etimologicamente ‘sábio por experiência’” (TOLKIEN, 2006, p. 215, grifos do autor). Não só Frodo, mas todos os hobbits só conseguem adquirir algum conhecimento por meio da experiência – especificamente, a experiência das aventuras e viagens, nesse caso – e novas experiências não são bem-vindas na comunidade hobbit. Bilbo, Frodo, Sam, Merry, Pippin e até Gollum são aqueles, entre

o seu povo, que conhecem o mundo de fora, o mundo externo e aprenderam a conviver com os estranhos povos que vivem para além da fronteira graças às suas aventuras e experiências pessoais.

2.1 E NO PRINCÍPIO ERAM AS PESSOAS GRANDES

A começar por uma análise elemental da constituição de Arda (o mundo físico habitado pelos seres vivos; local onde se situa a Terra-média), têm-se a presença dos quatro elementos (terra, água, ar e fogo). Os Ainur, tendo ajudado a criar Eä, através das canções propostas por Eru, se identificam, cada qual (em maior ou menor grau), com algum desses quatro elementos:

foi para a *água* que aquele Ainu que os elfos chamam de *Ulmo* voltou seu pensamento, e de todos foi ele quem recebeu de Ilúvatar noções mais profundas de música. Já sobre os *ares* e os *ventos*, mais havia refletido *Manwë*, o mais nobre dos Ainur. Sobre a *textura da Terra* havia pensado *Aulë*, a quem Ilúvatar concedera talentos e conhecimentos pouco inferiores aos de *Melkor*, mas a alegria e o prazer de *Aulë* estão no ato de fazer e no resultado desse ato, não na posse nem em sua própria capacidade; motivo pelo qual ele dá, e não acumula, é livre de preocupações e sempre se interessa por alguma nova obra (TOLKIEN, 2009, p. 8, grifos nossos).

O último elemento, não presente no excerto supracitado, é o fogo, aparecendo pouco depois:

e Ilúvatar falou a Ulmo, e disse: – Não vês como aqui neste pequeno reino, nas Profundezas do Tempo, *Melkor* atacou tua província? Ele ocupou o pensamento com um *frio severo e implacável*, mas não destruiu a beleza de tuas fontes, nem de teus lagos cristalinos. Contempla a *neve*, e o belo trabalho da *geada*! *Melkor* criou *calores e fogo sem limites*, e não conseguiu secar teu desejo nem sufocar de todo a música dos mares. Admira então a altura e a glória das nuvens, e das névoas em permanente mutação; e ouve a chuva e cair sobre a Terra! E nessas nuvens, tu és levado mais para perto de *Manwë*, teu amigo, a quem amas (TOLKIEN, 2009, p. 8-9, grifos nossos).

Ulmo se estabelece como senhor das águas (doces e salgadas), *Manwë* como senhor dos ares e ventos, *Aulë* como senhor da terra – incluindo todos os metais, pedras e elementos que existem em seu subterrâneo – e *Melkor* como senhor do fogo e do gelo. No caso de *Melkor* em sua relação com o fogo cabe conferir a discussão feita na dissertação do autor deste trabalho no terceiro capítulo intitulado “Gandalf: o arquiteto da narrativa”, no subitem “O fogo: a essência da divindade”, no qual se pode entender qual o tipo de fogo que se relaciona à *Melkor* (e também *Sauron*), isto é, o

fogo que queima, destrói e consome as coisas e o fogo relacionado aos Istari, Saruman e Gandalf.

Dos quatro Aratar elencados, Manwë e Ulmo são os que mais se aproximam – em uma análise dos elementos – dos elfos, os primogênitos. Os elfos amam os céus e têm grande respeito pela ajuda e existência das Águias Gigantes (subordinadas diretas de Manwë); o povo de Thorondor é livre e têm seus próprios assuntos a resolver, mas se juntam aos elfos e demais povos livres sempre que necessário, visto que compartilham o mesmo sentimento de inimizade em relação à Melkor, Sauron e todo aquele que se impuser contra os desígnios de Eru. De Ulmo, essa proximidade com os elfos fica clara durante a leitura de **O Silmarillion**, seja pelo fato de serem grandes navegantes, dominadores dos segredos da construção de barcos tão magníficos (em beleza e funcionalidade), seja pelo domínio das águas e sua conexão com sua magia, a exemplo do espelho de Galadriel, que se utiliza dos reflexos proporcionados pela água. O próprio Elrond, com alguma ajuda de Gandalf, manipula as águas – em **O Senhor dos Anéis** – para criar uma enchente, com “a forma de grandes cavalos brancos com cavaleiros brancos e brilhantes” (TOLKIEN, 2000, p. 233), destinada a expulsar os Cavaleiros Negros do encaço de Frodo. A própria história dos elfos na Terra-média se alinha às viagens marítimas, começando com sua partida das Terra Abençoadas em direção à Terra-média e seu retorno em fins da Terceira Era através do mar e da Rota Plana.

Os anões se relacionam com o elemento terra, posto que não são incluídos entre os Filhos de Ilúvatar (elfos e homens; primogênitos e sucessores), por serem filhos de Aulë, aquele que

governa todas as *substâncias* das quais Arda é feita. No início [...] a criação de todas as *terras* foi sua tarefa. Ele é ferreiro e *mestre de todos os ofícios*; deleita-se com trabalhos que exigem perícia, por menores que sejam, e também com a poderosa construção do passado. São suas as *pedras preciosas* que jazem nas profundezas da Terra, e o ouro que é belo nas mãos, não menos do que as muralhas das montanhas e as bacias dos oceanos (TOLKIEN, 2009, p. 18, grifos nossos).

Tendo em vista seu amor pelos minerais, pela terra (tendo-a criado no início dos tempos), ele criou os anões

na escuridão da Terra-média. Pois, tão grande era o desejo de Aulë pela vinda dos Filhos, para ter aprendizes a quem ensinar suas habilidades e seus conhecimentos, que *não se dispôs a aguardar a realização dos desígnios de*

Ilúvatar. E Aulë criou os anões, exatamente como ainda são, porque as formas dos Filhos que estavam por vir não estavam nítidas em sua mente e, como o poder de Melkor ainda dominasse a Terra, desejou que eles fossem *fortes e obstinados*. Temendo, porém, que os outros Valar pudessem condenar sua obra, *trabalhou em segredo* e fez em primeiro lugar os Sete¹⁴ Pais dos Anões num palácio sob as montanhas na Terra-média (TOLKIEN, 2009, p. 39, grifos nossos).

Não é por acaso que os anões das primeiras famílias sempre habitaram no subsolo, nas profundezas das montanhas, onde construíram seus salões e palácios debaixo da terra, cobertos com as mais belas produções manuais imagináveis (jóias, armas, ornamentos, pedrarias).

Os homens são amantes das águas – como se percebe na íntima relação dos númenorianos com o mar –, dos ventos (das aves), da terra (principalmente pela sua relação de possessividade e agricultura) e do fogo. Os númenorianos receberam Sauron em sua casa e ali lhe deram ouvidos, chegaram a acreditar que Eru era uma invenção dos elfos e dos Valar, venerando Melkor sob a orientação de Sauron:

Ar-Pharazôn, porém, não se deixou enganar. E lhe ocorreu que, para melhor vigiar Sauron e controlar seus votos de lealdade, ele deveria ser levado para Númenor, para lá permanecer como refém de si mesmo e de todos os seus servos na Terra-média. Sauron consentiu nessa ideia como que a contragosto, embora em seu íntimo a acolhesse com alegria, pois ela de fato se harmonizava com seus desejos. E Sauron atravessou o Mar e contemplou a terra de Númenor e a cidade de Armenelos nos dias de sua glória, e ficou estarecido. Mas no fundo de seu coração, encheu-se ainda mais de inveja e ódio.

Contudo, tal era sua astúcia em raciocínio e palavras, e tal a força de sua determinação oculta, que, antes que se passassem três anos, ele já se tornara íntimo dos pensamentos secretos do Rei. Pois elogios doces como o mel estavam sempre na ponta de sua língua, e Sauron conhecia muitos fatos ainda não revelados aos homens. E, ao ver o privilégio de que ele gozava junto ao ser senhor, todos os conselheiros começaram a adular-lo, à exceção de um, Amandil, senhor de Anúnië. Então, lentamente, operou-se na terra uma transformação, e os corações dos amigos-dos-elfos se perturbaram profundamente, e muitos se afastaram cheios de medo. E, embora os que permanecessem ainda se intitulassem fiéis, seus inimigos os chamavam de rebeldes. Pois, agora, tendo acesso aos ouvidos dos homens, Sauron com muitos argumentos negava tudo o que os Valar haviam ensinado. E disse aos homens que pensassem que no mundo, no leste e mesmo no oeste, ainda havia muitos mares e muitas terras a serem conquistadas, que possuíam tesouros sem conta. E, no entanto, se eles acabassem chegando ao final dessas terras e desses mares, para além de tudo ficava o Escuro Ancestral.

¹⁴ O número sete é associado à tradição cabalística, à magia e aos cultos de mistérios. Historicamente representa um número de poder e não foi escolhido por Tolkien aleatoriamente, relacionando-se aos contos de fadas dos Sete Anões, dos Sete Corvos, dentre outros. Por motivos de relevância e não aderência aos objetivos propostos, não se discutirá aqui essa interação intertextual muito bem aproveitada pelo autor. A saber, os Sete Pais dos Anões e o nome de suas famílias (entre parênteses) são: Dúrin (Longbeards), Uri (Firebeards), Dwálin (Broadbeams), Sindri (Ironfists), Thúlin (Stiffbeards), Thrár (Blacklocks) e Bavór (Stonefoots).

– E dele o mundo foi feito. Pois somente o Escuro é digno de adoração, e seu Senhor pode ainda criar outros mundos para doar àqueles que lhe prestarem serviços, de modo que seu poder não terá limites.

– Quem é o Senhor do Escuro? – perguntou, então, Ar-Pharazôn.

E a portas fechadas Sauron falou ao Rei, dizendo-lhe mentiras.

– É aquele cujo nome não se pronuncia mais, pois os Valar os enganaram a respeito dele, apresentando em seu lugar o nome de Eru, um espectro criado pela insensatez de seus corações, que procura acorrentar os homens em servidão aos Valar. Pois eles são o oráculo desse Eru, que fala apenas o que eles querem. Mas aquele que é senhor dos Valar ainda vencerá, e os libertará desse fantasma. E seu nome é Melkor, Senhor de Todos, Doador da Liberdade, e ele os tornará mais fortes do que os Valar.

Então, Ar-Pharazôn, o Rei, voltou-se para o culto do Escuro e de Melkor, seu Senhor, a princípio em segredo; mas dentro em pouco abertamente e diante de seu povo. E eles em sua grande maioria o imitaram (TOLKIEN, 2009, p. 345-346).

Os hobbits não possuem nenhuma relação evidente com nenhum dos elementos, isto é, sua conexão com a terra não passa de uma furtiva associação com a agricultura (ou jardinagem), com a fato de viverem em tocas e também com o amor pela sua terra natal, o Condado. Pode-se dizer com relacionam-se com a terra de modo utilitário, para proteção dentro de suas tocas, produção de alimentos e erva de fumo. Com o ar, a água e o fogo também não existem grandes conexões, a não ser com o hábito de fumar cachimbo e dominar o fogo para a finalidade de cocção dos alimentos.

A associação das quatro raças supracitadas com os quatro Valar mais evidentemente relacionados com os quatro elementos (fogo, ar, água e terra) não é gratuita, e pretende-se, ao longo das discussões vindouras, explicitar todas as implicações cosmogônicas desses elementos com o destino e atuação dos hobbits ao longo da história da Terra-média. Em suma, origem e destino da raça élfica estão conectados com o destino da Terra-média. Enquanto a dissonância criada por Melkor durante o ato de criação não se reparar, os elfos não poderão voltar às Terras Imortais para o seu devido descanso. Ao mesmo tempo em que pertencem à Terra-média, também não pertencem, posto que seu destino está conectado ao destino das coisas enquanto reflexo da dissonância criada por Melkor durante a criação da Música Magnífica. Os homens estão destinados a viver na Terra-média enquanto ela existir e como exemplo disso a Quarta Era é também chamada de Era dos Homens. Os anões e hobbits permanecem na Terra-média depois do término da Terceira Era e provavelmente serão incumbidos de exercer papel importante na unificação de todos os territórios sob o comando de Aragorn, o novo Rei.

O Hobbit assume posição intermediária na ordem da cronologia interna do

universo ficcional em questão. Sua publicação conecta o passado (**O Silmarillion**) e o futuro (**O Senhor dos Anéis**). Também assume a mesma posição na ordem de produção, vindo depois de **O Silmarillion** e antes de **O Senhor dos Anéis**. Os hobbits encontram-se na mesma condição conectiva; lembremos que Bilbo foi o instrumento do achado do Um Anel e de seu retorno à história da Terra-média e que Frodo foi o utilizado para a sua destruição nas Fendas de Perdição. Como comentado, Bilbo e Frodo já marcam suas posições de intermédio na história do Um Anel e, por conseguinte, dos destinos da mitologia que envolve essa história. Em termos cosmogônicos, os hobbits também marcam essa posição mediana em relação aos povos livres, especialmente entre homens e elfos. Os elfos são chamados de primogênitos, as primeiras criaturas, o primeiro povo criado por Eru (o deus primordial, que também era chamado de Ilúvatar) e pelos Valar para habitar a Terra-média. Eru criou

os elfos, também chamados de Primogênitos, e os homens, também chamados de Sucessores, Forasteiros ou Hóspedes. Os Filhos de Ilúvatar são fruto da terceira melodia proposta por ele, ao passo que as duas primeiras propostas serviram para moldar Eä. Os próprios Ainur não sabiam, de forma completa, quais eram os propósitos das propostas de Eru, então não sabem precisa e detalhadamente como os elfos e homens foram idealizados nos temas das canções (STAINLE, 2018, p. 78).

A própria história da Terra-média se confunde com a história da raça dos elfos que, durante duas Eras do Sol (sem contar as Eras anteriores aos anos solares) lutaram para estabelecer a paz e seguir os desígnios dos Valar. Incontáveis foram os confrontos pelos quais passaram e gigantesca é sua linhagem de sabedoria, justamente por serem imortais. Por desígnio de Eru foram condenados a viver na Terra-média enquanto ela existir. Das quatro raças mais conhecidas da Terra-média (elfos, anões, homens e hobbits) somente os elfos são imortais. Eles atuaram com muita intensidade nas duas primeiras Eras do Sol e, entre inúmeros feitos, ajudaram Sauron (o vilão da narrativa de **O Senhor dos Anéis**) a forjar os anéis de poder (que ao todo são vinte; e foram presenteados com três desses anéis). Os homens são conhecidos entre os elfos como forasteiros, pois são filhos secundários dos Valar e chegaram ao mundo depois deles. Os homens,

Filhos Mais Novos de Ilúvatar despertaram na terra de Hildórien, nas regiões orientais da Terra-média; mas o primeiro Sol raiou no Oeste, e os olhos dos homens que se abriam se voltaram para ele; e seus pés, quando

perambularam pela Terra, acabavam indo naquela direção. Atani foi como os eldar os chamaram, o Segundo Povo; mas também os chamavam de Hildor, os Sucessores, entre muitos outros nomes: Apanónar, os Posteriores; Engwar, os Enfermiços; e Fírimar, os Mortais. Ainda os chamavam de Usurpadores, Desconhecidos, Inescrutáveis, Malditos, Desajeitados, Temerosos-da-noite, Filhos do Sol (TOLKIEN, 2009, p. 123-124).

A eles não foi concedida a imortalidade, mas o dom da morte, ou seja, o dom de poder morrer e descansar:

as inúmeras alcunhas dadas à raça dos homens se deve ao fato de terem sido agraciados por Eru com o dom da Morte. O fato de morrer era visto pelos Primogênitos como algo anormal, que revelava fragilidade e ignorância, no sentido de que não tinham muito tempo para aprender e observar os fatos da vida e as coisas da criação. Sempre houve, como se vê, desde o primórdio dos tempos, uma desigualdade natural entre os Primogênitos e os Sucessores, e isso se intensificou com o decorrer do tempo a ponto de, em **O Senhor dos Anéis**, a desconfiança dos elfos para com os homens chegar ao clímax devido às más ações cometidas por eles. Ao se pensar nos elfos na obra de Tolkien, imediatamente uma atmosfera de sabedoria, mistério e astúcia envolve as descrições, porém, por outro lado, quando os elfos falam sobre os homens, os pontos principais são sempre a impaciência, a ignorância, a arrogância e a cobiça pelo poder. São considerados os Filhos de Ilúvatar os elfos e homens que primeiro habitaram a Terra-média (STAINLE, 2018, p. 80, grifo do autor).

No início dos tempos os elfos consideravam isso uma fraqueza, mas posteriormente, quando suas vidas se tornaram monótonas e já estavam cansados de ver o mundo ser destruído por forças malignas, passaram a invejar esse dom concedido por Eru. Durante muito tempo elfos e homens mantiveram bom relacionamento e muito aprenderam uns com os outros. Os homens da Terra-média são geralmente guerreiros, descendentes de antigas linhagens de reis ou governantes. Alguns, durante muito tempo, serviram a Sauron e por isso nove reis da sua raça foram presenteados com nove dos anéis de poder.

Os elfos são os primogênitos, os sábios, poderosos e imortais; os homens são os filhos do Sol, os enfermiços, fracos, gananciosos e mortais; os anões são os melhores artífices da Terra-média, têm sua origem incerta e envolta em mistérios, são robustos, teimosos e resistentes. Diante disso, a pergunta que se coloca é: quem são os hobbits? A resposta demanda reflexão e certa dose de sensibilidade. Sua origem é incerta, sua genealogia se perdeu no tempo. Eles nunca se envolveram com os assuntos das pessoas grandes e sua raça é desconhecida da maioria dos povos mais antigos da Terra-média. Os hobbits não são imortais, nem sábios ou poderosos como os elfos, mas também não são gananciosos e insensatos como a maioria dos homens.

Através de Bilbo e Frodo fica evidente que os hobbits também não são fracos em relação à cobiça por dinheiro ou poder, já que portam o Anel mais poderoso e se corrompem de forma muito mais lenta do que acontece com os homens, como se nota, por exemplo, na rápida corrupção de Isildur ou Boromir. Não há outra posição mais adequada, a não ser a intermediária, que possa ser adequada aos hobbits, quando comparados com homens e elfos. Bilbo e Frodo são, respectivamente em **O Hobbit** e em **O Senhor dos Anéis**, heróis incertos, com qualidades e destrezas incertas, com futuros incertos e disposições guerreiras, no mínimo, questionáveis. Sua participação nas principais aventuras da mitologia de Tolkien (o achado do Um Anel e, posteriormente, sua destruição) pode ser atribuída ao acaso, à necessidade editorial de conexão entre as narrativas de **O Silmarillion** e **O Senhor dos Anéis**, à vontade do Anel ou à astúcia de Gandalf enquanto arquiteto dos destinos da Terra-média:

em **O Hobbit**, a personagem Gandalf aparece como aquele que organiza uma aventura em busca de um tesouro. A busca é o pretexto para ditar a cadência narrativa e o desenrolar de todas as ações que acompanham a Companhia de Thorin. A narrativa se inicia com a chegada de Gandalf à porta da casa de Bilbo e com um breve diálogo. Embora pareça somente um velho versado em truques de magia e na fabricação de maravilhosos fogos de artifício, as descrições do mago ajudam o leitor da obra de Tolkien a completar suas referências sobre o papel da personagem num sentido mais amplo, sendo esse o espaço de toda a Terra-média e a história do Anel. Não há um aprofundamento das características de Gandalf, pois o enfoque da narrativa recai sobre a personagem Bilbo e seus aprendizados sobre o mundo que existe fora dos limites d'O Condado. Sendo uma narrativa de curta extensão em relação a quantidade de fatos e personagens que engloba, **O Hobbit** não fornece mais do que uma breve descrição e aparição de Gandalf. Fica claro, após o término da leitura, que nessa narrativa existem inúmeros fios soltos, assim como na de **O Silmarillion**, que serão todos rearranjados e costurados e culminarão com o fim da Terceira Era da Terra-média que também culmina com o final da narrativa de **O Senhor dos Anéis**. Se analisada mais detidamente, a narrativa de **O Hobbit** parece curta demais para fazer a ligação entre as histórias de **O Silmarillion** e de **O Senhor dos Anéis**, porém há de se salientar, como visto anteriormente, que essa narrativa foi a primeira a ser [publicada], e que as outras duas tiveram de se adaptar a ela de alguma forma para que o todo ficasse coerente (STAINLE, 2018, p. 122-123, grifos do autor).

Em **O Hobbit**, é Gandalf quem traz o desequilíbrio para a homogeneidade do Condado e da vida de Bilbo Bolseiro, fato que se comprova com a voz do narrador quando, no início da história, define a narrativa: “esta é a história de como um Bolseiro teve uma aventura, e se viu fazendo e dizendo coisas totalmente inesperadas” (TOLKIEN, 1998, p. 2), já que

Bilbo em **O Hobbit**, assim como Frodo em **O Senhor dos Anéis**, não tem nenhuma pretensão de participar de nada que esteja fora dos limites do Condado. Gandalf é quem aparece nos dois casos com propostas que fazem os dois hobbits abandonarem o conforto de suas casas e partirem em busca do inexplorado. De forma um pouco mais particular, no caso de Frodo, Gandalf conta-lhe sobre o enorme poder de destruição do Um Anel e consegue convencê-lo de que ele mesmo, enquanto herdeiro de Bilbo e dono do Anel, é quem deve levá-lo para fora do Condado (STAINLE, 2018, p.41-42, grifos do autor).

A descrição de Lin Carter, que deixa evidente o caráter accidental da participação de Bilbo na narrativa da Terra-média, corrobora o argumento da aventura indesejada:

o Sr. Bilbo Bolseiro de Bolsão no Condado é um hobbit típico. Solteirão respeitável e de certas posses, mora sozinho em seu *smial*, perfeitamente contente com as coisas como são. Um *smial* é uma toca, “um buraco de hobbit” na encosta de um morro, com uma porta redonda cuja maçaneta fica exatamente no centro e que se abre para um túnel em forma de tubo com paredes revestidas de madeira e piso com ladrilhos e tapetes, e muitos cômodos pequenos que se projetam dele no mesmo nível (para os hobbits, nada de escadas subindo ou descendo) que eram usados como quartos, adegas, copas, guarda-roupas, cozinhas e coisas assim. O Sr. Bolseiro está fumando seu cachimbo junto à porta da frente quando é abordado por um estranho – um mago caminhante chamado Gandalf, que está procurando alguém para se juntar a ele em uma aventura. Gandalf, como aparece pela primeira vez naquelas páginas, não é nem um pouco agradável; é “um homenzinho velho com chapéu azul, alto e pontudo, uma capa cinzenta comprida, um cachecol prateado sobre o qual sua longa barba branca caía até abaixo da cintura, e imensas botas pretas”, apoiando em seu cajado. Bilbo tenta deixar claro que não está nem um pouco interessado em deixar seu quente e agradável buraco de hobbit em busca de aventuras desagradáveis no mundo selvagem fora do Condado. Para se livrar do velho chato sem ser grosseiro, ele apressadamente o convida para tomar chá no dia seguinte (CARTER, 2003, p. 42-43, grifos do autor).

Considere-se as características sociais, individuais, físicas, psicológicas e comportamentais dos hobbits: eles não são bravos guerreiros como os elfos e os homens, mas também não são seres primordiais e gananciosos, respectivamente, como o são elfos e homens. Os elfos são associados aos grandes feitos da história da Terra-média, eles estiveram conectados com todos os grandes eventos relacionados à configuração da Primeira, Segunda e Terceira Eras. Seu conhecimento é profundo e se confunde com o próprio conhecimento dos deuses criadores do universo. Sua imortalidade configura-se como um eterno advindo da sabedoria, da leveza, da delicadeza e do poder primordial. Os homens também estão relacionados com a história da configuração das três primeiras Eras, mas, na condição de

enfermiços, foram agraciados com a morte e o dom do esquecimento, o que os relaciona diretamente com a fugacidade da vida tal qual conhecida pela humanidade. Início, meio e fim são os eventos que configuram a breve vida dos homens, enquanto aos elfos foi destinada uma cronologia diversa, na qual a vida tem a mesma idade da vida das coisas que os cercam e sua história só acaba quando acabar a história da Terra-média. Os hobbits, em meio a isso, não são guerreiros e nem chamados de filhos de Eru-Ilúvatar, como elfos e homens. Também não são dados às grandes aventuras que os cercam e, em virtude disso, a impressão que se tem é que sua história não começa com o início da Terra-média e não termina com o início da Quarta Era, portanto, a história de seu povo está numa posição tangente à história do restante dos Povos Livres e sua participação nela é acidental e indesejada (por parte dos hobbits).

Os elfos então carregam o peso do destino da Terra-média, tendo sido os primeiros filhos de Ilúvatar a viver na criação e também tendo sido responsáveis por dar nome a todas as coisas que existiam na criação. Esse trabalho de criação secundária, dando nome às coisas e, conseqüentemente, compartilhando suas próprias vidas com a histórias dessas coisas, dá aos elfos a responsabilidade de suportar toda e qualquer consequência advinda das ações de todas as criaturas viventes, mas também lhes dá a vantagem de sentir, viver e compartilhar da pulsação da Chama Imperecível com o restante do universo. Isso lhes dá a sabedoria suficiente para, gradualmente, se afastarem dos acontecimentos do mundo e ficarem conectados com as vontades e as, cada vez mais distantes e sutis, vontades dos deuses. Os elfos não vivem no passado ou no futuro, eles vivem no eterno presente e não sentem a presença do tempo tal qual os homens, anões ou hobbits o fazem. Eles sentem as mudanças da vida, as mudanças do mundo e a evolução da história, mas não sentem o efeito do tempo cronológico humano. Por isso simbolizam a eternidade, o infinito, o não tempo. Um dos representantes dessas qualidades élficas durante as narrativas de **O Hobbit** e de **O Senhor dos Anéis** é Elrond. Ele

simboliza, do início ao fim, a antiga sabedoria, e sua Casa representa o Saber – a preservação em reverente lembrança de todas as tradições a respeito do bom, do sábio e do belo. Não é uma cena de *ação*, mas de *reflexão*. Desse modo, é um local visitado a caminho de todos os feitos ou “aventuras”. Pode acabar estando na estrada direta (como em *O Hobbit*); mas pode ser necessário partir de lá em um trajeto totalmente inesperado. Assim, necessariamente, em *O Senhor dos Anéis*, tendo escapado até Elrond da perseguição iminente pelo mal presente, o herói parte em uma direção

completamente nova para ir enfrentá-lo na sua fonte (TOLKIEN, 2019, p. 31, grifos do autor).

Valfenda, Lothlórien e a sabedoria dos elfos se mostram fundamentais para traçar os destinos dos Povos Livres ao longo da jornada de Frodo, que vivencia um mundo em desencanto, um mundo que já não é mais o mesmo de quando os elfos ainda andavam alegres cantando e nomeando as criaturas. Esse mundo vivido pelos hobbits no fim da Terceira Era é um mundo praticamente desencantado, em que a magia se escondeu para dar lugar ao poder tirânico daqueles que desejam dominar as vontades de todos os povos. Esse mundo é resultado – como se discutirá adiante – das várias quedas que compõem a narrativa do *legendarium*. Existem muitas quedas, relativas a diferentes personagens, como por exemplo: Melkor, Sauron, elfos, homens e anões:

A Queda de Númenor, a Segunda Queda do Homem (ou do Homem reabilitado, mais ainda mortal), ocasiona o fim catastrófico, não apenas da Segunda Era, mas do Mundo Antigo, o mundo primevo das lendas (visto como plano e limitado). Depois disso, começou a Terceira Era, uma Era de Crepúsculo, um Medievo, a primeira do mundo partido e mudado; a última do domínio remanescente dos Elfos visíveis e completamente encarnados, e também a última na qual o Mal assume uma única forma encarnada dominante (TOLKIEN, 2019, p. 32, grifo do autor).

Uma das questões fundamentais da composição do *legendarium* é a Queda – que será discutida em momento oportuno – que, como defende Tolkien, constitui a base para qualquer narrativa. Em se tratando de sua importância e atuação nos eventos que culminaram na restauração da ordem, harmonia e paz na Terra-média, cabe questionar (e espera-se responder mais a frente): qual será a queda sofrida pelos hobbits?

2.2 CADÊ OS HOBBITS?

Os hobbits não aparecem no corpo de lendas (ou mitos) que compõem a principal linha cronológica narrativa presente em **O Silmarillion** e, para amenizar essa falta de informações a respeito de uma raça que viria a se tornar tão importante para a história da Terra-média, Tolkien dedica basicamente as 130 primeiras páginas de **O Senhor dos Anéis** a explicar quem são os hobbits, como é o modo de vida no Condado e às descobertas surgidas ao longo da jornada de Frodo, Sam, Merry e

Pippin até a casa de Tom Bombadil. Ao leitor, fica a impressão de que os hobbits – e, conseqüentemente, a narrativa – se recusam a deixar o Condado, se opõem ao enfrentamento do vasto mundo de fora. Para emendar as narrativas de **O Silmarillion** e de **O Senhor dos Anéis**, e também para suprir a falta de informações a respeito dos hobbits durante a narrativa de **O Hobbit**, Tolkien traz ao leitor algumas explicações sobre a origem e costumes desse povo, ou sobre sua ausência em narrativas anteriores:

Em grande parte, este livro trata de hobbits, e através de suas páginas o leitor pode descobrir muito da personalidade deles e um pouco de sua história. Informações adicionais podem ser obtidas na seleção feita a partir do Livro Vermelho do Marco Ocidental, já publicada sob o título de *O Hobbit*. Essa história originou-se dos primeiros capítulos do Livro Vermelho, escritos pelo próprio Bilbo, o primeiro hobbit a se tornar famoso no mundo todo, e chamados por ele de *Lá e de Volta Outra Vez*, porque relatavam a sua viagem para o Leste e sua volta: uma aventura que mais tarde envolveria todos os hobbits nos grandes acontecimentos daquela Era relatados aqui. Entretanto, muitos podem desejar desde o início saber mais sobre esse povo notável, uma vez que alguns podem não possuir o primeiro livro. Para esses leitores, aqui vão algumas notas sobre os pontos mais importantes dos hobbits, e um rápido resumo da primeira aventura (TOLKIEN, 2000, p. 1, grifos do autor).

Algumas das explicações necessárias que deveriam constar em **O Silmarillion**, mas não constam, aparecem aqui como forma de justificar a existência velada da raça dos hobbits na história da Terra-média até então:

Os hobbits são um povo discreto mas muito antigo, mais numeroso outrora do que é hoje em dia. Amam a paz e a tranquilidade e uma boa terra levrada: uma região campestre bem organizada e bem cultivada era seu refúgio favorito. Hoje, como no passado, não conseguem entender ou gostar de máquinas mais complicadas que um fole de forja, um moinho de água ou um tear manual, embora sejam habilidosos com ferramentas. Mesmo nos tempos antigos, eles geralmente se sentiam intimidados pelas “Pessoas Grandes”, que é como nos chamam, e atualmente nos evitam com pavor e estão se tornando difíceis de encontrar. Têm ouvidos agudos e olhos perspicazes, e, embora tenham tendência a acumular gordura na barriga e a não se apressar desnecessariamente, são ligeiros e ágeis em seus movimentos. Possuem, desde o início, a arte de desaparecer rápida e silenciosamente, quando pessoas grandes que não desejam encontrar aparecem pelos caminhos aos trambolhões; e desenvolvem essa arte a tal ponto que para os homens ela pode parecer magia. Mas os hobbits na verdade nunca estudaram qualquer tipo de magia, e sua habilidade para desaparecer se deve somente a um talento profissional que a hereditariedade, a prática e uma relação íntima com a terra tornaram inimitáveis por raças maiores e mais desengonçadas (TOLKIEN, 2000, p. 1).

O responsável pela conexão entre Bilbo (e Frodo) e o mundo externo ao

Condado, o mundo de fora, é Gandalf, que traz as notícias do universo circundante ao mesmo tempo em que mantém o Condado protegido dele. Além de ser o responsável pela conexão entre o Condado e o restante da Terra-média, ele também é o responsável por trazer à narrativa de **O Senhor dos Anéis** a complexidade do universo épico que precede as narrativas de **O Hobbit** e de **O Senhor dos Anéis**. A costura entre passado e presente narrativos, entre fora e dentro, e dos destinos de todos os povos livres fica sob a responsabilidade do mago:

como se narra em *O Hobbit*, um dia chegou à porta de Bilbo o grande mago, Gandalf, o Cinzento, e treze anões junto com ele: na realidade, ninguém mais que Thorin Escudo de Carvalho, descendentes de reis, e seus doze companheiros de exílio. Com eles partiu, para sua grande surpresa, numa manhã de abril, no ano de 1341, de acordo com o Registro do Condado, na busca de grandes riquezas, o tesouro acumulado pelos anões e pertencente aos Reis sob a Montanha abaixo de Erebor em Valle, no extremo Leste. Mas, embora antes que tudo estivesse terminado, a Batalha dos Cinco Exércitos tenha sido travada e Thorin tenha sido morto, e muitos feitos importantes tenham acontecido, o assunto não teria sido de muito interesse para a história posterior, ou merecido mais que uma nota nos longos anais da Terceira Era, se não fosse por um “acidente”. O grupo foi assaltado por orcs numa passagem nas Montanhas Sombrias enquanto ia para as Terras Ermas; e então aconteceu que Bilbo ficou perdido por um tempo nas escuras minas dos orcs sob as montanhas, e ali, quando tateava em vão no escuro, ele pôs a mão sobre um anel que estava no chão de um túnel. Colocou-o no bolso. Na hora, isso pareceu mera sorte.

Tentando achar a saída, Bilbo desceu até as raízes das montanhas, até que não pudesse ir adiante. No chão do túnel ficava um lago frio, longe da luz, e numa ilha de pedra sobre a água vivia Gollum. Era uma criaturinha repugnante: remava um pequeno barco com seus grandes pés chatos, perscrutando com olhos pálidos e luminosos e pegando peixes cegos com longos dedos e comendo-os crus. Comia qualquer coisa viva, até mesmo orcs, se pudesse capturá-los e estrangulá-los sem esforço. Possuía um tesouro secreto, que tinha chegado até ele muito tempo atrás, quando ainda vivia na luz: um anel de ouro que fazia com que quem o usasse se tornasse invisível. Era a única coisa que amava, seu “precioso”, e conversava com ele mesmo quando não o tinha consigo. Guardava-o seguro num esconderijo, um buraco em sua ilha, a não ser quando estava caçando ou espionando os orcs das minas.

Talvez ele tivesse atacado Bilbo imediatamente se estivesse com o anel quando se encontraram; mas não estava, e o hobbit segurava uma faca élfica, que lhe servia de espada. Então, para ganhar tempo, Gollum desafiou Bilbo para um jogo de charadas, dizendo que, se propusesse uma charada que Bilbo não conseguisse adivinhar, poderia matá-lo e comê-lo. Por outro lado, se Gollum fosse derrotado, faria o ordenado por Bilbo: conduzi-lo até a saída dos túneis.

Já que estava perdido no escuro e sem esperanças, não podendo nem ir adiante e nem voltar, Bilbo aceitou o desafio e eles propuseram um ao outro muitas charadas. No final Bilbo ganhou o jogo, mais por sorte (ao que parece) do que por esperteza; pois tinha ficado em apuros sem ter mais uma charada a propor, e gritou, quando sua mão alcançou o anel que tinha apanhado e esquecido: *O que eu tenho no meu bolso?* Isso Gollum não conseguiu responder, embora tivesse exigido três chances.

As Autoridades, é verdade, discordam quanto a essa última pergunta ser uma mera “pergunta” ou uma “charada”, de acordo com as regras estritas do Jogo;

mas todos concordam que, depois de aceitá-la e tentar acertar a resposta, Gollum se obrigava a cumprir sua promessa. E Bilbo o pressionou a manter sua palavra, pois lhe ocorreu que essa criatura gosmenta poderia voltar atrás, embora essas promessas fossem consideradas sagradas, e desde antigamente apenas as criaturas mais perversas não temiam quebrá-las. Mas depois de muito tempo sozinho no escuro, Gollum tinha o coração negro, e a traição morava nele. Escapou e voltou à sua ilha, da qual Bilbo não sabia coisa alguma, não muito distante na água escura. Ali, pensou, estava seu anel. Estava faminto agora, e raivoso, e se o seu “precioso” estivesse com ele, não temeria qualquer tipo de arma.

Mas o anel não estava na ilha; ele o havia perdido, sumira. Seu chiado causou arrepios em Bilbo, embora ele ainda não tivesse entendido o que havia acontecido. Mas Gollum tinha descoberto a resposta, tarde demais. *O que ele tem nos bolsos?*, gritou ele. A luz em seus olhos era como uma chama verde, e ele correu de volta para matar o hobbit e recuperar seu “precioso”. Bilbo percebeu o perigo em tempo, e fugiu cegamente pela passagem para longe da água; e mais uma vez foi salvo por sua sorte. Pois enquanto corria colocou a mão no bolso, e o anel escorregou-lhe no dedo. Foi assim que Gollum passou por ele sem vê-lo, e seguiu em frente para guardar a saída, para que o “ladrão” não fugisse. Cuidadosamente, Bilbo o seguiu, conforme ele ia em frente, xingando e conversando consigo mesmo sobre seu “precioso”; dessa conversa Bilbo finalmente descobriu a verdade, e recuperou a esperança na escuridão; ele próprio tinha encontrado o anel e uma chance de escapar dos orcs e de Gollum.

Finalmente pararam perante uma abertura escondida, que levava até os portões inferiores das minas, no lado leste das montanhas. Ali Gollum se agachou, farejando e escutando, e Bilbo se sentiu tentado a matá-lo com sua espada. Mas teve pena, e embora mantivesse o anel, no qual estava sua única esperança, não o usaria como um recurso para matar a criatura ignóbil em desvantagem. No final, juntando toda sua coragem, pulou por cima de Gollum no escuro, e fugiu pela passagem, seguido pelos gritos de ódio e desespero de seu inimigo: *Ladrão, ladrão! Bolseiro! Nós odeia ele para sempre!*

É curioso o fato de que essa não é a história que Bilbo contou inicialmente a seus companheiros. Para estes disse que Gollum havia prometido dar-lhe um *presente* se ele ganhasse o jogo; mas quando Gollum foi pegá-lo em sua ilha descobriu que o presente havia sumido: um anel mágico, que lhe tinha sido dado em seu aniversário havia muito tempo. Bilbo adivinhou que era exatamente esse anel que ele havia encontrado, e como tinha ganhado o jogo, o anel já era seu por direito. Mas, estando numa situação difícil, não disse nada, e obrigou Gollum a mostrar-lhe a saída como recompensa em vez do presente. Esse relato Bilbo colocou em suas memórias e parece nunca tê-lo alterado, nem mesmo depois do Conselho de Elrond. Evidentemente isso ainda constava no Livro Vermelho original, da mesma forma que em várias cópias a resumos. Mas muitas cópias contêm a história verdadeira (como uma alternativa), derivada sem dúvida das notas de Frodo ou Samwise; ambos souberam a verdade, embora não parecessem dispostos a apagar qualquer coisa já escrita pelo velho hobbit. Gandalf, entretanto, descreditou da primeira história de Bilbo assim que a escutou, e continuou muito curioso a respeito do anel. Finalmente conseguiu saber da verdadeira história pelo próprio Bilbo, depois de muitos questionamentos, que por um tempo estremeceram sua amizade; mas o sábio parecia considerar a verdade importante. Embora não dissesse isso a Bilbo, ele também achava importante, e perturbador, o fato de o bom hobbit não ter contado a verdade desde o começo, o que era contrário aos seus hábitos. A idéia de um “presente” não era uma mera invenção de hobbit, de qualquer forma. Ela lhe foi sugerida, como o próprio Bilbo confessou, pela conversa de Gollum que ele por acaso ouvira; porque Gollum, na verdade, chamou o anel de seu “presente de aniversário” muitas vezes. Este fato Gandalf também considerou estranho e suspeito, mas só descobriu a verdade sobre ele depois de muitos

anos, como se verá neste livro.

Sobre as aventuras posteriores de Bilbo é preciso dizer pouca coisa mais. Com a ajuda do anel ele escapou dos guardas-orcs no portão e reencontrou seus companheiros. Usou o anel muitas vezes nessa viagem, principalmente para ajudar seus amigos; mas o manteve em segredo o quanto pôde. Depois de sua volta, nunca mais falou dele para qualquer pessoa, a não ser Gandalf e Frodo, e ninguém mais no Condado sabia de sua existência, ou assim ele pensava. Apenas a Frodo mostrou o relato de sua Viagem que estava escrevendo. Sua espada, Ferroada, Bilbo pendurou sobre a lareira, e seu maravilhoso casaco de malha de metal, presente que os anões lhe deram e que fazia parte do tesouro do dragão, foi doado a um museu, na verdade à Casa-mathom em Grã Cava. Mas ele mantinha numa gaveta em Bolsão a velha capa e o capuz que havia usado em suas viagens; e o anel, pendurado numa corrente fina, era mantido em seu bolso.

Ele voltou para sua casa em Bolsão em 22 de junho, no seu quinquagésimo segundo aniversário (R.C. 1342), e nada de muito notável aconteceu no Condado até que o Sr. Bolseiro começou os preparativos para a comemoração de seu centésimo décimo primeiro aniversário (R.C. 1401). Nesse ponto esta História começa (TOLKIEN, 2000, p. 11-14, grifos do autor).

Do ponto de vista narrativo, Gandalf cumpre o papel de conectar Primeira e Segunda Eras com a Terceira. Ele atua como conector do passado com o presente, do mundo épico e sempre em guerra (Terra-média) com o mundo ordeiro, pacífico e cotidiano (o Condado), além de servir como porta voz de Tolkien para atribuir – através de sua atuação – sentido e coerência interna aos fatos do *legendarium*, posto que,

quem introduz, como dito anteriormente, essa noção de que o Condado é uma parcela mínima dentro da história da Terra-média, é Gandalf. Se o leitor se identifica com os hobbits e no início da narrativa a impressão que se tem é que **O Senhor dos Anéis** é uma história sobre hobbits, é a chegada da personagem Gandalf que faz a grande reviravolta do conceito adquirido e então tanto os hobbits quanto o leitor passam a compreender que existe uma dimensão temporal e espacial, com proporções astronômicas, ainda desconhecidas (STAINLE, 2018, p. 46, grifo do autor)

Retomando uma das questões cosmogônicas, tê-se que os Valar

com admiração viram a chegada dos Filhos de Ilúvatar, e também a habitação que era preparada para eles. E perceberam que eles próprios, na elaboração de sua música, estavam ocupados na construção dessa morada, sem saber, no entanto, que ela tinha outro objetivo além da própria beleza. Pois os Filhos de Ilúvatar foram concebidos somente por ele; e Ilúvatar propusera no início, e nenhum dos Ainur participou de sua criação. Portanto, quando os Ainur os contemplaram, mais ainda os amaram, por serem os Filhos de Ilúvatar diferentes deles mesmos, estranhos e livres; por nele verem a mente de Ilúvatar refletida mais uma vez e aprenderam um pouco mais de sua sabedoria, a qual, não fosse por eles, teria permanecido oculta até mesmo para os Ainur (TOLKIEN, 2009, p. 7).

Há uma distinção no modo de criação das quatro raças anteriormente elencadas, e essa distinção será de grande importância para o entendimento do

entrelaçamento das mesmas ao longo das narrativas escritas por Tolkien, principalmente a de **O Senhor dos Anéis**. Homens e elfos (Os Filhos de Ilúvatar) foram criados somente por ele, o Supremo. Os anões foram criados por Aulë, mas animados (ou inflados com a chama imperecível) por Eru. E sobre a criação dos hobbits não existem relatos ou notícias ao longo de todo o *legendarium* tolkieniano. A primeira aparição dos hobbits em **O Silmarillion** acontece bem próximo ao final dos relatos, no capítulo intitulado “Dos anéis de poder e da Terceira Era”:

passou então o Anel para um país distante, para a terra dos periannath, o Povo Pequeno, os Pequenos, que moravam no oeste de Eriador. E até esse dia eles haviam sido considerados insignificantes por elfos e por homens; e nem Sauron nem nenhum dos Sábios, à exceção de Mithrandir, em todas as suas conversas deram atenção a eles.

Ora, por sorte e por vigilância, Mithrandir soube do Anel primeiro, antes que Sauron dele tivesse notícias. Ficou, porém, consternado e em dúvida. Pois era demasiado o poder maligno desse objeto para que qualquer um dos Sábios o usasse, a menos que, como Curunír, ele desejasse por sua vez se tornar um tirano e um sinistro senhor. Entretanto, o Anel nem poderia ficar escondido de Sauron para sempre; nem poderia ser desmanchado pela arte dos elfos. *Portanto, com a ajuda dos dúnedain do norte, Mithrandir montou guarda sobre a terra dos periannath e deu tempo ao tempo.* Sauron, porém, tinha muitos ouvidos, e logo ouviu rumores do Um Anel, que desejava acima de todas as coisas, e despachou os nazgûl para pegá-lo. Detonou-se então a guerra, e em combates com Sauron a Terceira Era terminou, exatamente como havia começado.

Contudo, aqueles que presenciaram os feitos daquela época, atos de bravura e espanto, relataram em outros textos a história da Guerra do Anel e de como terminou em vitória inesperada e em tristezas há muito previstas. Aqui, relatemos apenas que naquela época o Herdeiro de Isildur surgiu no norte; apanhou os fragmentos da espada de Elendil, e em Imladris ela voltou a ser forjada. E ele então foi para a guerra, um admirável comandante de homens. Era Aragorn, filho de Arathorn, o vigésimo terceiro herdeiro na linha direta de Isildur, e ainda assim mais parecido com Elendil do que qualquer outro antes dele. Houve combate em Rohan, e Curunír, o Traidor, foi derrubado; e Isengard, destruída. E, diante da Cidade de Gondor, houve enorme batalha campal; e o Senhor de Morgul, capitão de Sauron, ali passou para a escuridão; e o Herdeiro de Isildur conduziu o exército do oeste até os Portões Negros de Mordor.

Nessa batalha final estavam Mithrandir, os filhos de Elrond, o Rei de Rohan, senhores de Gondor e o Herdeiro de Isildur com os dúnedain do norte. Ali, no final, eles contemplaram a morte e a derrota; e toda a sua bravura foi inútil, pois Sauron era forte demais. Entretanto, naquela hora ficou provado aquilo que Mithrandir dissera, e a ajuda veio das mãos dos fracos quando os Sábios tropeçaram. Pois, como muitos versos cantaram desde então, foram os periannath, os Pequenos, habitantes de encostas de colinas e campinas, que lhes trouxeram a salvação.

Pois diz-se que Frodo, o Pequeno, a pedido de Mithrandir aceitou a responsabilidade e, sozinho com seu criado, passou por perigos e pela escuridão para afinal chegar, contra a vontade de Sauron, à própria Montanha da Perdição. E ali, no Fogo em que fora forjado, Frodo atirou o Grande Anel de Poder. E assim ele foi desfeito, e seu mal, consumido.

Fraquejou então Sauron e foi totalmente derrotado, fugindo como uma sombra de maldade. E as torres de Barad-dûr desmoronaram em ruínas; e, com o rumor de sua queda, muitas terras tremeram. Assim voltou a reinar a

paz, e uma nova primavera teve início na Terra. O Herdeiro de Isildur foi coroado Rei de Gondor e Arnor, e o poder dos dúnedain cresceu, e sua glória foi renovada. Nos pátios de Minas Anor, a Árvore Branca voltou a florir, pois uma muda fora encontrada por Mithrandir nas neves da Mindolluin, que se erguia alta e branca, acima da Cidade de Gondor. E, enquanto a árvore ainda crescia ali, os Dias Antigos não foram completamente esquecidos nos corações dos Reis (TOLKIEN, 2009, p. 385-387, grifo nosso).

Uma questão aparentemente simples, mas que requer uma compreensão profunda é: se os homens e elfos foram criados por Eru e se os anões foram criados por Aulë e Eru, então os hobbits foram criados por quem de dentro dessa cosmogonia? E, afinal, quem ou o quê são os hobbits? Tolkien responde da seguinte forma:

imagino que os hobbits requeiram alguma descrição *hoje em dia*, uma vez que se tornaram raros e esquivos diante da *Pessoas Grandes, como eles nos chamam*. Eles são (ou eram) um povo pequeno, com cerca de metade da *nossa altura*, e menos que os anões barbados. Os hobbits não têm barba. Não possuem nenhum ou quase nenhum poder mágico, com exceção daquele tipo corriqueiro de mágica que os ajuda a desaparecer silenciosa e rapidamente quando *peessoas grandes e estúpidas como vocês e eu* se aproximam de modo desajeitado, fazendo barulho como um bando de elefantes, que eles podem ouvir a mais de uma milha de distância. Eles têm tendência a serem gordos no abdome; vestem-se com cores vivas (principalmente verde e amarelo), não usam sapatos porque seus pés já têm uma sola natural semelhante a couro, e também pelos espessos e castanhos parecidos com os cabelos da cabeça (que são encaracolados); têm dedos morenos, longo e ágeis, rostos amigáveis, e dão gargalhadas profundas e deliciosas (especialmente depois de jantarem, o que fazem duas vezes por dia, quando podem). Agora *vocês* sabem o suficiente para *continuarmos* (TOLKIEN, 1998, p. 2, grifos nossos).

Tal excerto deixa evidente que o autor conversa diretamente com o público leitor, coisa que ele não faz em nenhum momento durante a narrativa de **O Silmarillion** (que antecede **O Hobbit** na dinâmica interna de sua mitologia). Essa quebra de estilo não parece ser um mero desejo do autor e, no entanto, também não pareceu um acidente ou descuido por parte dele. Cabe ressaltar que o caráter não mágico dos hobbits é explícito no trecho supracitado, aproximando-o do leitor comum (um ser humano). Outra questão trazida pela passagem anterior é o fato de que Tolkien dialoga abertamente com o leitor, num tom voltado à oralidade, sem vocabulário rebuscado ou grandes questões voltadas ao passado mítico presente em **O Silmarillion**, tanto é que o leitor não está situado cronologicamente em nenhuma das Eras da Terra-média. Não há a preocupação em dizer ao leitor quais foram os feitos do passado e nem quais serão os desdobramentos para o futuro dessa narrativa. Isso

se deve ao fato de **O Hobbit** ter sido publicado antes de qualquer outro texto de Tolkien. Isso se desdobrará em toda a sequência mitológica da Terra-média e, através desses desdobramentos, pretende-se entender de que modo eles foram facilitadores e dificultadores do desenrolar cronológico coerente do *legendarium*.

Os hobbits não possuem nenhum tipo de magia, desconhecem o universo circundante e não possuem nenhuma predisposição guerreira ou épica. As qualidades mitológicas dos habitantes do Condado são inexistentes, mas há uma comunhão evidente e organicidade da comunidade com o território que habitam. Os hobbits são conectados à terra como forma de sustento, de alimentação e também são completos enquanto seres, já que não desejam ou não objetivam nada além daquilo que já possuem. Essa é a primeira impressão quando da leitura de **O Hobbit** e do início de **O Senhor dos Anéis**, mas logo que Gandalf volta, essa organicidade de mundo, essa interconexão entre indivíduo e natureza se desfaz gradualmente, dando lugar às contínuas e profundas incertezas representadas pelas escolhas da personagem Frodo. Portanto,

se o foco narrativo que acompanha os passos de Frodo no início da narrativa leva a uma leitura épica da comunidade orgânica em que ele se insere, o foco narrativo que acompanha a constituição da personagem Gandalf dilui toda a certeza de que essa comunidade carrega consigo algum caráter épico. A ciência de que existem povos muito mais antigos na história da Terra-média e que esses, efetivamente, participaram do começo de tudo, esses eram guerreiros, eram auxiliados pelos deuses e sua realização só seria possível através da batalha, da honra na guerra, coloca em cheque o caráter épico do Condado. Um exemplo simples é a história dos númenorianos, que tinham contato direto com os deuses primordiais, os criadores de tudo o que existe, esses deuses que se posicionaram junto aos heróis nos campos de batalha. Quem introduz, como dito anteriormente, essa noção de que o Condado é uma parcela mínima dentro da história da Terra-média, é Gandalf. Se o leitor se identifica com os hobbits e no início da narrativa a impressão que se tem é que **O Senhor dos Anéis** é uma história sobre hobbits, é a chegada da personagem Gandalf que faz a grande reviravolta do conceito adquirido e então tanto os hobbits quanto o leitor passam a compreender que existe uma dimensão temporal e espacial, com proporções astronômicas, ainda desconhecidas (STAINLE, 2018, p. 46, grifo do autor).

Outro ponto intermediário em relação aos hobbits é a localização de suas terras ou, mais precisamente, o Condado. Na configuração geográfica da Terra-média na Terceira Era (período relativo às narrativas de **O Hobbit** e **O Senhor dos Anéis**), o Condado representa papel intermediário seja do ponto de vista divino, seja do meramente espacial. No extremo Oeste, além-mar, situa-se a morada dos deuses, de onde os Valar assistem a vida dos povos livres. No extremo Leste situa-se a terra

negra de Mordor, a morada do supremo opositor da vontade dos Valar, Sauron, outrora subordinado de Melkor. Entre o extremo oeste (Aman) e o extremo Leste (Mordor), quase que exatamente no meio e muito próximo aos Portos Cinzentos (principal conexão entre a Terra-média e as terras imortais) está a terra dos hobbits. Se nas terras imortais a contagem do tempo não existe e se em Mordor o tempo é tido como elemento principal para o sucesso na guerra contra os povos livres (lembramos da velocidade de trabalho das forjas de Mordor e da incansável disposição dos orcs e trolls), no Condado o tempo não se estende indefinidamente, mas também não há pressa. Entre a paz e a guerra, entre o bem-estar dos povos livres (e da Terra-média) e sua total destruição estão os hobbits, o Condado e **O Hobbit**. Horizontalmente, a Terra-média se estende do Condado a Mordor, do extremo Oeste ao extremo Leste. Em todas as descrições do espaço físico do Condado, seja em **O hobbit**, seja em **O Senhor dos Anéis**, a beleza da simplicidade da vida pacata, rural e campestre chama a atenção e remete a um período histórico que pode ser comparado ao Medieval europeu.

No período Medieval europeu, muitas vezes retratado como terrificante e violento, havia também a simplicidade da manufatura, a troca de excedentes, a vida em pequenas comunidades campestres e o trabalho braçal, que fazem lembrar os cenários e descrições da vida pacata dos hobbits. Além da falta de violência, a vida no Condado também difere substancialmente da vida Medieval europeia em razão da não preocupação com invasões, crimes, guerras ou calamidades. A vida dos hobbits é plenamente feliz, completa em seu próprio cotidiano, na qual a fartura de alimentos e riquezas (financeiras e naturais) são suficientes para garantir uma comunidade pacífica, ordeira, bem organizada e voltada a pequenos trabalhos rurais ou artesanais. Essa vida pode se comparar à vida em um local paradisíaco e extremamente reconfortante. Em oposição (ideológica e geográfica), Mordor fica próxima aos confins do mapa da Terra-média no extremo Leste. Essa terra foi adotada por Sauron e tornou-se berço de seu reino de terror, ódio, vingança e maldade. Em contraste com as verdejantes colinas floridas do Condado, as terras de Mordor são fuliginosas, cobertas com cinzas que saem do fogo constante das forjas do mal. Tudo parece ser estéril e o barulho se assemelha ao de um setor industrial. Forjas, aço, trabalho e maquinário remetem ao desenvolvimento industrial, inclusive através da figura dos orcs, servos de Sauron, que trabalham sem descanso e possuem características físicas e psicológicas desfiguradas.

Há uma semelhança entre essas terras situadas em espaços diametralmente opostos. Poucos são aqueles que estiveram nessas localidades ou mesmo que sabem como chegar até elas. Em se tratando do Condado, talvez seja por pura falta de curiosidade, mas em se tratando de Mordor, trata-se de medo dos poderes malignos de Sauron. Outro ponto em comum, notado durante a narrativa de **O Senhor dos Anéis**, é o fato de que o Um Anel foi forjado na Montanha da Perdição (situada em Mordor) e foi descoberto (como sendo o Um Anel, forjado e pertencente a Sauron) dentro do Condado. O Um Anel poderia estar em qualquer lugar quando do início da narrativa de **O Senhor dos Anéis**, mas não estava em qualquer lugar, estava exatamente do lado oposto (no extremo Oeste) de onde havia sido feito. Essa distância é significativa, pois representa a jornada mais longa que os hobbits e o Um Anel poderiam percorrer em termos espaciais. Do extremo Oeste para o extremo Leste o Um Anel foi transportado até sua destruição. Tendo-se determinado esses dois polos que norteiam a narrativa de **O Senhor dos Anéis**, pode-se pensar em duas das personagens mais poderosas envolvidas na trama dos anéis de poder, Gandalf e Sauron. Em determinado momento os dois são, exatamente, seres divinos dispostos em polos extremamente opostos. Em primeiro lugar, ambos são Maiar. À criação (ao mundo), junto com

os Valar vieram outros *espíritos cuja existência também começou antes do Mundo*, e da mesma ordem dos Valar, mas de *grau inferior*. São os Maiar, o povo dos Valar, seus *criados e auxiliares*. Seu número não é conhecido entre os elfos, e poucos têm nomes em qualquer dos idiomas dos Filhos de Ilúvatar. Pois, embora seja diferente em Aman, na Terra-média os Maiar raramente apareceram em forma visível a elfos e homens (TOLKIEN, 2009, p. 21, grifos nossos).

Gandalf ficou conhecido primeiramente como Olórin, que é o “mais sábio dos Maiar [...] ele também mora em Lórien, mas sua natureza o levava com frequência à casa de Nienna, e com ela aprendeu a compaixão e a paciência” (TOLKIEN, 2009, p. 22). Sauron

ou Gorthaur, o Cruel. No início, ele *pertencia aos Maiar* de Aulë e continuou poderoso na tradição daquele povo. Em todos os atos de Melkor, o Morgoth, em Arda, em seus imensos trabalhos e nas trapaças originadas por sua astúcia, Sauron teve participação; e era menos maligno do que seu senhor somente porque por muito tempo serviu a outro, e não a si mesmo. No entanto, nos anos posteriores, ele se elevou como uma *sombra de Morgoth* e como um espectro de seu rancor, e o acompanhou no mesmo caminho desastroso de *descida ao Vazio* (TOLKIEN, 2009, p. 23, grifos nossos).

Ambos, sendo Maiar, tinham poderes muito grandes e pertenciam à classe de seres primordiais criados por Eru ainda na cosmogonia presente em **O Silmarillion**. Como entidades opostas, Sauron defende sua morada em Mordor e Gandalf defende toda a Terra-média, especialmente o Condado. Gandalf, ao contrário de Sauron, não residia no local associado a ele, o que permite um questionamento:

o que será que os Hobbits têm que é tão atraente para o mago? Como ele diz a Frodo, a respeito dos Hobbits: “Você pode aprender tudo sobre eles em um mês, mas, após cem anos, eles ainda podem surpreender você, se necessário”. As pessoas do Condado são pequenas, mas têm corações enormes. Eles têm boa índole, são corajosos e sagazes. E nunca roubam em jogos (uma coisa que Frodo lembra a Gandalf com orgulho) (SMITH, 2012, p. 140).

A resposta é dada pelo autor imediatamente, demonstrando a vontade do próprio Gandalf que, “não só quer preservar este lugar excepcional da ira vindoura de Sauron, como também percebe que os habitantes do Condado serão integrantes, de certa forma, da derrota daquele poder sombrio” (SMITH, 2012, p. 140). Além de admirar o modo de vida e o comportamento dos hobbits, Gandalf também gosta de fumar cachimbo e o Condado é famoso pela produção de um tipo de tabaco descrito como sendo de alta qualidade. Além dessas qualidades, Gandalf também desconfia do anel encontrado por Bilbo durante sua aventura na caverna escura e por conta disso mantém os hobbits e o Condado em segredo. Distantes

do restante dos povos, o Condado e os hobbits chegam a ser desconhecidos por quase todas as espécies de criaturas que não eles próprios. Sabe-se que, *por intermédio de Gandalf*, o Condado permaneceu *vigiado e protegido por Guardiões* durante bastante tempo. Sua função era garantir que nada prejudicasse o andamento monótono dos afazeres dos hobbits e também garantir que ninguém fizesse mal a eles. Gandalf, além de seguir o Protocolo Istari e não revelar sua verdadeira identidade, ainda consegue proteger o Condado do “mundo de fora”. Esse desconhecimento dos povos acerca da existência desse vilarejo e da espécie dos hobbits foi *planejado por Gandalf* desde o momento em que suspeitou que Saruman pudesse se corromper e desde que desconfiou que o anel de Bilbo pudesse ser o Um Anel de Sauron (STAINLE, 2018, p. 150, grifos nossos).

É nesse momento em que se tem ambos os Maiar relacionados aos dois espaços distintos (Mordor e o Condado) e conectados através do mesmo objeto. Como um elo, o Um Anel conecta Gandalf e Sauron, os hobbits e os demais Povos Livres, o bem e o mal, o início e o fim e o Condado e Mordor. A destruição do Um Anel

marca o fim da Terceira Era e também o fim do mundo conhecido até então, pois os elfos partem para as terras imortais – localizadas no extremo Oeste nas terras além-mar e conhecidas pelo nome de Valinor – e o mundo passa a ser habitado por anões, homens e hobbits. O início desse novo mundo coincide com o início da Quarta Era, também chamada de Era dos Homens. Em torno do destino do Um Anel e de toda a Terra-média também estão os destinos dos hobbits, de Gandalf e de Sauron. A missão de Sauron é reencontrar seu Anel para voltar a governar toda a Terra-média e a missão de Gandalf é reunir todos os Povos Livres para destruir o Um Anel, derrotar Sauron e trazer a normalidade de volta para a Terra-média. Entre um destino e outro existe o destino dos hobbits, destino esse que permeia todo o destino do Um Anel, de Gandalf, dos Povos Livres, de Mordor, de Sauron e de toda a história da Terra-média. Pensando assim, pode-se entender como a disposição geográfica da Terra-média – relacionada ao posicionamento do Condado, de Mordor e de Valinor – influencia na narrativa criada pelo autor desde a cosmogonia até o seu fim e coloca o Condado exatamente no meio do caminho entre Valinor e Mordor.

Percebe-se que a questão da disposição geográfica das duas localidades foi pensada em acordo com a disposição temática da mitologia proposta. Valinor, tematicamente, está disposta no extremo Oeste além-mar e ali reina a paz e a harmonia enquanto que no extremo Leste do mapa situa-se Mordor representando o oposto, a desarmonia e a guerra. Do extremo Oeste além-mar, terra dos deuses criadores, até o extremo Leste, terra da maldade perpetrada por Sauron e herdeira da desarmonia instaurada por Melkor durante a cosmogonia, a polarização dos valores fica evidente. Nesse meio termo situa-se o Condado com seus afazeres cotidianos, com sua leveza despreocupada de contato com a natureza e os prazeres da vida simples. É nesse meio de caminho que surgem os hobbits e o interesse de Gandalf pela comunidade dos pequenos. A disposição geográfica dos três elementos em análise, Valinor, Mordor e o Condado, corrobora a análise dessa polarização do percurso narrativo, dos valores personificados pelas personagens de cada uma delas e constitui uma trajetória interessante. Outro ponto importante sobre a localização do Condado é a sua proximidade com os Portos Cinzentos, local por onde chegam, à Terra-média, aqueles vindos de Valinor e também o local por onde se vão aqueles que partem em direção às terras ocidentais abençoadas. Assim, os Portos Cinzentos, próximos ao Condado, representam o espaço de fluxo e refluxo, de chegada e partida de todos os seres que vieram de Valinor e também o local por onde todos os elfos,

que assim desejaram, partiram de volta para lá. Outro dado importante relaciona-se com os trajetos feitos por Bilbo e Frodo (os portadores do Um Anel durante, respectivamente, as narrativas de **O Hobbit** e **O Senhor dos Anéis**), já que ambos partiram do Condado e a ele retornaram para depois, finalmente, rumar para Valinor. Bilbo sai do Condado, chega na Montanha Solitária e volta para casa. Frodo sai do Condado, chega na Montanha da Perdição e volta para casa também. Além de estar no meio do caminho, o Condado é a representação da passagem para o lar definitivo das divindades e seres mágicos (elfos), é o local mais próximo (em ambiente terrestre) de Valinor.

Especificamente, sobre o posicionamento privilegiado do Condado (considerando sua proximidade aos Portos Cinzentos e sua centralidade entre Mordor e as Terras Imortais), percebe-se tal característica no início da narrativa de **O Senhor dos Anéis**, quando o mundo externo ao cotidiano dos hobbits se apresenta para eles de forma inesperada, revelando assim sua centralidade geográfica:

havia rumores sobre *coisas estranhas* acontecendo no *mundo lá fora*, e como Gandalf não tinha até aquele momento aparecido ou enviado recados já por vários anos, Frodo recolhia todas as notícias que conseguia. Os elfos, que raramente entravam no Condado, podiam agora ser vistos passando em direção ao Oeste através dos bosques à noite, passando e não retornando; mas eles estavam abandonando a Terra-média e não estavam mais preocupados com os problemas do lugar. Havia, entretanto, anões na estrada em quantidade incomum. A velha estrada Leste-Oeste passava pelo Condado, indo acabar nos Portos Cinzentos, e os anões sempre a tinham usado para chegar até suas minas nas Montanhas Azuis. Eram a principal fonte de notícias de partes distantes que os hobbits possuíam – se é que desejavam qualquer notícia: geralmente os anões diziam pouco e os hobbits perguntavam menos ainda. Mas agora Frodo sempre encontrava anões estranhos de *países distantes*, procurando refúgio no Oeste. Estavam preocupados, e alguns deles falavam aos sussurros sobre o Inimigo e a Terra de Mordor.

Os hobbits só conheciam esse nome em *lendas do passado escuro*, como uma *sombra no fundo de suas memórias*; mas era um nome agourento e perturbador. Parecia que o poder maligno da Floresta das Trevas havia sido expulso pelo Conselho Branco para reaparecer com força maior nas velhas fortalezas de Mordor. A Torre Escura tinha sido reconstruída, dizia-se. Dali o poder estava se espalhando em todas as direções, e lá no extremo oriente e ao sul havia guerras e o medo crescia. Os orcs se multiplicavam de novo nas montanhas. Os trolls estavam longe de suas terras e tinham deixado de ser estúpidos; eram astutos e tinham armas terríveis. E havia murmúrios sobre criaturas ainda mais horríveis que todas essas, mas que não tinham nome (TOLKIEN, 2000, p. 44-45, grifos nossos).

A narrativa de **O Hobbit** também assume esse posicionamento intermediário na cronologia dos fatos narrados, conforme de vê na afirmação de Tolkien sobre **O Senhor dos Anéis**:

esta história cresceu conforme foi sendo contada, até se tornar uma história da Grande Guerra do Anel, incluindo muitas passagens da história ainda mais antiga que a precedeu. O conto foi iniciado logo depois que *O Hobbit* foi escrito e antes de sua publicação, em 1937; mas não continuou nessa sequência, pois eu queria primeiro completar e colocar em ordem a mitologia e as lendas dos Dias Antigos, que já vinham tomando forma havia alguns anos. Quis fazer isso para minha própria satisfação, e tinha alguma esperança de que outras pessoas ficassem interessadas nesse trabalho, especialmente por ser ele fruto de uma inspiração primordialmente linguística, e por ter sido iniciado a fim de fornecer o pano de fundo “histórico” necessário para as línguas élficas. Quando aqueles a quem pedi opinião e aconselhamento corrigiram *alguma esperança* por *nenhuma esperança*, eu voltei à sequência, encorajado pelos leitores que solicitavam mais informações sobre os hobbits e suas aventuras. Mas a história foi levada irresistivelmente em direção ao mundo mais antigo e tornou-se, por assim dizer, um relato de seu fim e extinção, antes que o início e o meio tivessem sido contados. O processo havia começado enquanto eu estava escrevendo *O Hobbit*, no qual já havia algumas referências ao material mais antigo: Elrond, Gondolin, os Altos-Elfos e os orcs, além de passagens que surgiram espontaneamente e tratavam de coisas mais elevadas ou profundas ou obscuras do que poderiam parecer à primeira vista: Durin, Moria, Gandalf, o Necromante e o Anel. A descoberta da importância dessas passagens e de sua relação com as histórias antigas revelou a Terceira Era e seu apogeu na Guerra do Anel (TOLKIEN, 2000, p. XIII, grifos do autor).

Os hobbits, o Condado e **O Hobbit** podem ser vistos como pontos intermediários na história do universo ficcional criado por Tolkien e estranha o fato de ainda não haver um estudo que tenha se dedicado a esse aspecto específico, pois, ao que tudo indica, a história dos hobbits está mesmo num ponto intermediário da ficção escrita pelo autor. Mais do que assumir esse papel de intermédio na mitologia tolkieniana, os hobbits também ocupam posição muito peculiar face aos desenvolvimentos das histórias das raças pertencentes aos Povos Livres, mais detidamente homens, anões e elfos. Cada uma dessas três raças possui sua própria história relacionada aos fatos ocorridos na Terra-média, partindo do “Ainulindalë” (cosmogonia e teogonia) e se desdobrando nos acontecimentos do fim da Terceira Era. Cada uma delas possui características específicas que delimitam seus modos de vida, de reflexão sobre o mundo e também seu *modus operandi* enquanto personagens da ficção de Tolkien. A própria natureza diversa de cada uma já fornece indícios do modo como se relacionam com o mundo (Arda), sendo os elfos muito mais apegados às sutilezas da criação, como as estrelas, os animais e as plantas, os homens conectados com a guerra, o poder e à brevidade da vida e os anões voltados à cobiça, considerados robustos, teimosos e obstinados. Todas essas questões estão colocadas desde o momento da Música Magnífica proposta por Ilúvatar durante o ato

de criação de Eä, sendo fatores primordiais e etéreos que se desdobrarão na própria história de cada um dos povos pertencentes a essas raças. A peculiaridade dos hobbits, nesse sentido, resume-se à sua total ausência nos registros dos elfos e da criação do universo.

Outros dois pontos muito importantes para o estabelecimento de reflexões sobre a natureza dos hobbits enquanto raça são: os hobbits, dessas quatro raças supracitadas, são os únicos que não receberam nenhum anel de poder das mãos do próprio Sauron e também são os únicos que não possuem uma língua própria ainda em uso durante a narrativa de **O Senhor dos Anéis**, pois “nessa época eles também esqueceram todas as línguas usadas anteriormente, e depois disso sempre falaram a Língua Geral, o Westron” (TOLKIEN, 2000, p. 4). Os hobbits, diante da estatura física das três demais raças elencadas, são considerados uma raça de pequenos e muitas vezes são chamados de pequeninos ou somente pequenos. Por esse motivo escolheu-se chamar elfos, homens e anões de pessoas grandes, tendo em vista sua estatura física comparada a dos hobbits e também a ideia de que possuem traços humanóides que os aproximam da ideia comum de pessoa (ser humano).

2.3 ELFOS, HOMENS, ANÕES E ... *HOBBITS*

Os hobbits são, de fato, as criaturas mais curiosas da Terra-média. Isso não se deve às suas características exuberantes ou incomuns dentro do universo ficcional ao qual pertencem, mas à sua atuação e características não incomuns, isto é, o fato de serem relativamente iguais a qualquer ser humano comum. Cada uma das quatro principais raças mais próximas ao que conhecemos como humanóides tem suas características próprias e seu mistério particular. Os elfos são seres conectados com os poderes do mundo, com a força dos Valar e Maiar, têm uma existência leve e destinada à eterna restauração da ordem – rompida durante o canto cosmogônico dos Ainur – na Terra-média. Seus mistérios conectam-se com sua imortalidade, com o destino de suas almas quando morrem em batalhas, com sua própria configuração enquanto Ser. Os homens são mortais e receberam a morte como dádiva enviada diretamente por Eru, o deus primordial e criador, causando certo preconceito em relação à imortalidade dos elfos e, posteriormente, inveja por parte destes. Seu destino no pós-morte também está envolto em mistérios e gera muitas especulações por parte dos elfos na obra do autor. Os anões compartilham dessa aura de mistério

através de sua criação, pelas mãos de Aulë, inicialmente sem a autorização de Eru e posteriormente com o seu consentimento (quando infla seus corpos com o fogo secreto, ou Chama Imperecível, dando-lhes alma e vontade própria). O mistério que envolve os hobbits é aparentemente insignificante quando se considera a longa história de batalhas e vivências de homens, anões e elfos, mas percebe-se, ante uma leitura atenta, que sua simples existência na Terra-média e sua própria participação nas narrativas do *legendarium* já configuram mistérios imensuráveis. Essa percepção, aliada à questões de consistência interna da narrativa presente nas três principais obras componentes do *legendarium* – **O Silmarillion**, **O Hobbit** e **O Senhor dos Anéis** – são indícios mais que suficientes para uma interpretação muito particular do posicionamento dos hobbits no universo tolkieniano e também da inserção da despreocupada existência dos hobbits na longa e complexa história dos povos da Terra-média. A existência dos hobbits no desenvolvimento interno das narrativas que compõem a história da Terra-média e, posteriormente, o fato de **O Hobbit** ter sido a primeira obra de J. R. R. Tolkien a ser publicada – ainda que não fosse a pretensão inicial do autor quando do momento de sua criação – já fornecem indícios de interpretações acerca das relações estabelecidas entre o povo dos hobbits e os demais, bem como entre **O Hobbit**, **O Silmarillion** e **O Senho dos Anéis**.

Diante dessas aparentemente inexplicáveis posturas adotadas pelo autor, ou seja, inserir **O Hobbit** em sua mitologia (que já estava em desenvolvimento – iniciada em 1917) duas décadas antes de sua publicação, em 1937, e conferir aos hobbits participação na principal *quest* de seu universo (a destruição do Anel e a restauração da ordem primordial), é que surgiram todas as reflexões discutidas até o presente momento. Cabe lembrar que o presente trabalho desenvolve e aprofunda aspectos da dissertação de mestrado do autor, intitulada **Gandalf: a linha na agulha de Tolkien** (2016), posto que algumas percepções sobre os hobbits surgiram durante as pesquisas e a escrita da mesma como desdobramentos do interesse particular de Gandalf, Saruman e Sauron pelo universo hermético e cotidiano dos hobbits em sua vida no Condado. Posto isso, tem-se que Gandalf é peça chave para o entendimento da existência dos hobbits no *legendarium* tolkieniano.

Esse todo narrativo (*legendarium*) se inicia com a cosmogonia constante em **O Silmarillion** e se finda no início da Era dos Homens (Quarta Era) relatado em **O Senhor dos Anéis**. Tal inquietação com os hobbits se manteve, sobretudo, por elementos muito particulares que corroboraram a manutenção dessa investigação

sobre a natureza desse pequeno, mas numeroso, povo. Além da atuação de Bilbo em **O Hobbit** e das atuações de Frodo, Sam, Merry e Pippin ao longo de **O Senhor dos Anéis**, também há fatos intrigantes – como visto anteriormente – quando se pensa na questão geográfica da Terra-média e sua relação com o posicionamento do Condado, bem como as descrições utilizadas por Tolkien para caracterizar o modo de vida, os valores, o cotidiano, as preocupações e compleição física dos hobbits. Em leituras menos atentas pode-se pensar que não há nenhuma dificuldade de compreensão na existência e atuação dos hobbits diante do todo narrativo que compõe a mitologia de Tolkien e é justamente esse tipo de pensamento que se pretende evitar diante da discussão que aqui se mantém. Não se trata de focar somente na leveza da narrativa de **O Hobbit** (se comparada às de **O Silmarillion** e de **O Senhor dos Anéis**) ou no alívio cômico trazido por Merry e Pippin ao longo de **O Senhor dos Anéis**; a presente reflexão caminha muito mais por portas estreitas voltadas à interação da construção mitológica de Tolkien com o papel desempenhado pelos hobbits nessa mitologia e ao modo como a fusão dessa interação altera os entendimentos do funcionamento desse universo e de sua composição narrativa. Como adverte Gandalf, “os hobbits são de fato criaturas surpreendentes, como já disse antes. Pode-se aprender tudo o que há para saber sobre eles num mês, e apesar disso ainda podem depois de cem anos surpreendê-lo numa emergência” (TOLKIEN, 2000, p. 64-65).

Os hobbits representam, se comparadas as raças das criaturas da literatura fantástica da tradição nórdica ou celta com as da obra de Tolkien, a grande inovação e curiosamente também são pertencentes à raça da Terra-média sobre a qual menos informações existem. A princípio, durante o ato da leitura de **O Senhor dos Anéis** ou de **O Hobbit**, percebe-se que a preocupação com a descrição dessa nova espécie de criatura fantástica estava muito a florada no ato de criação de Tolkien e por esse motivo existem tantas páginas descrevendo os costumes, tradições e aparências físicas dos pequenos moradores do Condado. Tal insistência – não gratuita, em se tratando do estabelecimento e criação de uma nova espécie de criaturas ainda totalmente desconhecidas do público leitor – na descrição dos hobbits fica evidente e, em alguns pontos, repetitiva quando se compara as informações contidas em **O Hobbit** e em **O Senhor dos Anéis**.

Essa repetição das características fundamenta o ato de recordar os atributos dos hobbits enquanto povo e criar a impressão de uma tradição consolidada e revisitada por ângulos diferentes a cada repetição. Logo no início da narrativa de **O**

Hobbit é informado que eles possuem baixa estatura, são gordos, gostam de cores vivas, são amigáveis, divertidos e glutões. Essa primeira descrição remete à figura de criaturas extremamente confortáveis com sua condição de vida, posto que são amigáveis e têm bom humor, além de parecerem bem alimentados e revelarem sua alegria de viver através das roupas chamativas. Tolkien, logo no início de **O Hobbit**, apresenta Bilbo Bolseiro ao leitor:

esse hobbit era um hobbit muito abastado, e seu nome era Bolseiro. Os *Bolseiros viviam nas vizinhanças da Colina desde tempos imemoriais*, e as pessoas os consideravam muito respeitáveis, não apenas porque em sua maioria eram ricos, mas também porque *nunca tinham tido nenhuma aventura ou feito qualquer coisa inesperada* (TOLKIEN, 1998, p. 2, grifos nossos).

Fica claro, através das duas informações grifadas acima, que os hobbits possuem uma existência para além da memória e também que não possuem um caráter aventureiro. Quando descreve Bilbo, ou a família Bolseiro, o autor descreve toda a comunidade em si e, por mais que Bilbo, Frodo, Sam, Merry e Pippin tenham se destacado da totalidade de seu povo, as características compartilhadas pelos hobbits em relação ao seu caráter aventureiro e sua realidade prosaica são sempre as mesmas. Não que todos os hobbits sejam exatamente iguais, mas sua realidade cotidiana não difere absurdamente se comparados dois indivíduos de famílias diferentes. Essa falta de disposição – ou antes, falta de oportunidade, como se pretende abordar adiante – para aventuras e essa existência “desde tempos imemoriais” (TOLKIEN, 1998, p. 2) são informações de extrema relevância para a discussão aqui proposta. No Apêndice B de **O Senhor dos Anéis**, na cronologia da Terceira Era, no ano 1050 consta: “os Periannath são *mencionados pela primeira vez nos registros*, com a chegada dos Pés-peludos a Eriador” (TOLKIEN, 2000, p. 1149, grifo nosso). O primeiro registro escrito da história dos hobbits aconteceu no ano 1050 da Terceira Era, sem contar as Eras das Árvores e as Eras das Lamparinas, então não se pode precisar qual foi o exato momento de seu aparecimento na Terra-média, qual a sua verdadeira origem, quais foram os Valar que os criaram através de sua música magnífica e nem há resquícios de sua criação durante a narrativa cosmogônica que inicia **O Silmarillion**.

Então, os hobbits existem desde tempos imemoriais, mas o registro escrito de sua existência só ocorreu no início do segundo milênio da Terceira Era. Pode-se

atribuir essa lacuna de informação ao fato de que “apenas os elfos preserva[ram] registros de sua própria história, na qual os homens aparecem raramente e os hobbits não são mencionados” (TOLKIEN, 2000, p. 2). Se os homens, que são Filhos de Ilúvatar, quase não aparecem nos registros dos elfos, então é fácil compreender que os hobbits não são mencionados por falta de interesse, por parte dos elfos, em relatar qualquer coisa que não diga respeito unicamente à história de sua própria raça. Mas parece que há algo muito incongruente quando se cruzam as informações, fornecidas pelo próprio autor, sobre o papel e a origem dos hobbits:

é fato que, apesar de um estranhamento posterior, os hobbits são nossos parentes; muito mais próximos que os elfos, ou mesmo que os anões. *Antigamente, falavam a língua dos homens, à sua própria maneira*, e em grande parte gostavam e desgostavam das mesmas coisas que os homens. Mas qual é exatamente *nosso parentesco não se pode mais descobrir. A origem dos hobbits se situa nos Dias Antigos, agora perdidos e esquecidos*. Apenas os elfos preservam registros de sua própria história, na qual os homens aparecem raramente e os *hobbits não são mencionados*. Mas *não há dúvida* de que os hobbits, de fato, viveram sossegadamente na Terra-média por muitos anos antes que qualquer outro povo tomasse conhecimento deles. E estando o mundo afinal de contas cheio de inumeráveis criaturas estranhas, *esse pequeno povo parecia ter muito pouca importância*. Mas na época de Bilbo e de Frodo, seu herdeiro, eles repentinamente se tornaram, sem que o desejassem, tanto importantes quanto renomados, e *atrapalharam* as deliberações dos Sábios e dos Grandes (TOLKIEN, 2000, p. 2, grifos nossos).

Nesse pequeno excerto há informações suficientes para gerar desconfiança em relação à própria história dos hobbits. Um dado de extrema importância é que os hobbits falavam a mesma língua que os homens, com ligeiras mudanças. O desconhecimento da exata origem dos hobbits (seja geograficamente, cosmogonicamente ou cronologicamente) revela uma despreocupação por parte de Tolkien? Tal questão se faz pertinente se consideradas todas as árvores genealógicas, a contagem dos anos e a precisão com que Tolkien situa as demais raças no palco (geográfico e cronológico) da Terra-média. Sabe-se precisamente a localização e a data em que homens e elfos surgiram na criação, também se sabe como os anões foram criados e a localização de suas primeiras atividades (enquanto seres vivos) na Terra-média. Todos os povos livres possuem extensas informações sobre suas histórias nos apêndices (ou durante a própria narrativa) de **O Senhor dos Anéis**, *en passant* durante **O Hobbit** e de forma extremamente detalhada em **O Silmarillion**. Não existem informações suficientes para afirmar, com precisão, a exata origem (cronológica e geográfica) da raça dos hobbits. Isso não pode ser lido como

uma desatenção do autor e possibilita diferentes interpretações sobre essa lacuna propositalmente construída na história do povo pequeno. Pode-se pensar que os hobbits sempre estiveram ali, embora desconectados ou despercebidos da história épica do restante da Terra-média ou que surgiram posteriormente, talvez na Era das Lamparinas ou na Era das Árvores, e mesmo assim continuam sua história sem envolvimento com o universo circundante. Ainda no trecho supracitado há afirmação de que esse povo pequeno parecia ter pouca importância para os fatos da Terra-média. Esse é um estratagema criado habilmente por Tolkien como forma de sustentar a manutenção da ordem do equilíbrio de forças durante a narrativa de **O Senhor dos Anéis**.

Os hobbits, de fato, não têm importância nenhuma para todos os fatos ocorridos desde a cosmogonia até o final da Terceira Era, quando se envolvem com o achado do Um Anel (Bilbo) e com a sua destruição. Tolkien construiu uma forma de manter os hobbits afastados do mundo que os cerca (de certo modo isolados e escondendo sua existência do restante do mundo) através da atuação de Gandalf, dos Guardiões e preservando-os da maligna e traiçoeira – ainda oculta no início da narrativa de **O Senhor dos Anéis** – influência de Saruman, o Branco. Por fim, aproveitando o trecho citado anteriormente, diz-se que os hobbits tornaram-se importantes e renomados, atrapalhando as deliberações dos Sábios e Grandes. Essa afirmação exclui as qualidades de sabedoria e grandeza da lista de qualidades atribuídas aos hobbits e ainda dá a entender que eles atrapalharam o curso natural da história da Terra-média. Esse curso natural da Terra-média, se levado ao campo da criação literária, será uma imagem da própria forma como a mitologia de Tolkien veio a existir no campo prático, graças aos problemas com editoras e ao total desinteresse das mesmas pela publicação de **O Silmarillion**. Um recurso, já mencionado, utilizado por Tolkien para defender a falta de importância da vida dos hobbits na história da Terra-média é e não utilização da escrita (apenas o uso da transmissão oral) como meio de registro de suas tradições:

no final da Terceira Era, o papel desempenhado pelos hobbits nos grandes eventos que *levaram à inclusão do Condado no Reino Reunido* despertou neles um interesse muito mais amplo por sua *própria história*, e *muitas de suas tradições*, até então na maioria orais, foram coletadas e escritas. As famílias maiores também estavam interessadas pelos eventos do Reinado em geral, e *muitos de seus membros estudavam suas histórias e lendas antigas*. No final do primeiro século da Quarta Era já se podiam encontrar no Condado várias *bibliotecas com muitos livros e registros históricos* (TOLKIEN, 2000, p. 14, grifos nossos.)

É somente após o retorno do rei (Aragorn) e a reunificação dos reinos dos homens que os hobbits passam a registrar suas tradições no papel e se interessar pelos registros escritos de outras histórias, lendas e tradições.

As personagens – talvez os elementos contruídos com maior esmero por Tolkien ao longo de suas narrativas – chamam a atenção por fatores diversos, tais como a profundidade de suas histórias ligadas (em alguns casos como o de Aragorn, Gimli, Boromir, entre outros) ao passado cosmogônico que embasa as ações ocorridas na Terra-média, ou à quantidade de informações que as rodeiam, seja a variedade de nomes em línguas diferentes, seja a interação e conexão das personagens com as outras espécies de criaturas que as rodeiam. Sabe-se que a mitologia de Tolkien teve início com seu amor pelas línguas e sua invenção de línguas artificiais. A criação de línguas carecia da invenção de povos que as falassem e de histórias que levassem a tradição e formação da cultura de cada raça ao palco da Terra-média. A origem e o desenvolvimento de uma língua requerem o estudo minucioso da origem e desenvolvimento das civilizações, de povos, comunidades ou mesmo um número reduzido de falantes que utilizem o mesmo dialeto. Essa preocupação técnico-teórica serviu como impulso para que todas as histórias de Tolkien se desenvolvessem e gerassem uma narrativa completa que se inicia com uma cosmogonia, termina com a dissolução das questões ainda em aberto oriundas da cosmogonia e também as surgidas ao longo do desenvolvimento de seu universo ficcional. O estudo da língua dos elfos revela informações imprescindíveis para o entendimento de sua origem, de seus valores enquanto comunidade (classe ou espécie), de seus objetivos frente ao mundo em que vivem, diante dos fatores da natureza circundante e interna, de seus hábitos, formas de pensamento e características básicas.

O mesmo ocorre com todas as criaturas existentes no universo ficcional de Tolkien, como por exemplo a língua negra de Mordor falada pelos orcs, algo gutural e agressivo; ou a língua dos anões, carregada de elementos voltados às produções manuais, aos ofícios de ferreiro, minerador, construtor, comerciante e também guerreiro. Todas as características de cada uma dessas línguas levam ao entendimento, ainda que parcial, de cada uma das espécies de personagens que as falam, e o inverso também acontece. Como filólogo clássico, Tolkien possuía facilidade e extrema habilidade para criar línguas. Foi desse modo que o embrião da

Terra-média se desenvolveu. Com base em línguas europeias, especialmente o finlandês – idioma pelo qual era apaixonado e admirador das construções sonoras –, o autor criou suas línguas élficas e a partir desse momento começou a imaginar possibilidades de narrativas nas quais elas comporiam parte relevante.

Foi a partir das línguas que Tolkien sentiu a necessidade de criar um panorama ficcional que abarcasse suas histórias e seus usos. Embora a construção da Terra-média tenha se iniciado logo nos primeiros anos do século XX, a narrativa de **O Hobbit** teve início posterior, já que havia

durante alguns anos – talvez já em 1935 – ele vinha divertindo seus filhos contando histórias do mundo imaginário que tinha inventado. Esse mundo fantasioso da Terra-média, como ele o chamava (nome emprestado da mitologia nórdica), e suas línguas e paisagens, seus heróis e suas histórias, passaram a ocupar sua atenção cada vez mais. Foi a pedido de alguns de seus colegas de Oxford que ele começou a escrever um livro infantil baseado no material dessas histórias (CARTER, 2003, p. 23).

O Silmarillion é a narrativa primordial, na qual o início do universo é narrado ainda no plano divino. Seu tom e linguajar é grave, rebuscado e faz lembrar o próprio estilo e vocabulário do **Gênesis** presente na **Bíblia**. **O Senhor dos Anéis** é extenso e reúne elementos que se desdobram desde o momento da criação do universo até o início da Quarta Era. Seu estilo realista assemelha-se à uma pintura, em que os detalhes da descrição são quase pictóricos e se alinham à proposta Pré-Rafaelita a qual Tolkien simpatizava e admirava. O estilo narrativo é menos rebuscado do que o encontrado em **O Silmarillion** e a velocidade da narrativa é muito instável, em algumas passagens demorando-se muito em descrições detalhadas e em outras mantendo um ritmo bem dinâmico semelhante às narrativas das novelas de cavalaria.

A jornada de Bilbo Bolseiro se inicia por incentivo de Gandalf, o mago. Até então, a vida confortável e sem grandes aventuras de Bilbo tinha se passado sem nada de realmente novo ou surpreendente e ele só começa a ter contato com criaturas, locais e realidades diferentes quando sai de sua casa e se aventura na Companhia de Thorin Escudo de Carvalho em busca de tesouros perdidos em terras muito distantes. Essa aventura de Bilbo foi escrita como passatempo e, originalmente, contada oralmente, o que remete ao próprio nascimento da literatura e, mais detidamente, aos gêneros originários da oralidade, como por exemplo os mitos, lendas, sagas, contos de fadas e fábulas. Além desse caráter oral, corre-se o risco de atribuir à obra, de forma irrefletida, um caráter infantil, lúdico, despretensioso, simplista

e menos sério do que se vê nas duas outras principais narrativas que compõem a história da Terra-média. Isso se deve à sua prosa de fácil compreensão, ao pequeno número de personagens principais e também ao fato de que o próprio Bilbo Bolseiro desconhece quase completamente o restante da Terra-média (Bilbo conhece relatos esparsos e muito antigos de outros povos e outras terras, mas, por experiência cotidiana só conhece os limites próximos do Condado), quer dizer, a aventura de descobrir personagens e locais da Terra-média também se estende ao ato da leitura, o que insere o leitor nessa busca por descobrimentos e aventuras. Pode-se dizer que o próprio Bilbo (e qualquer hobbit, em geral) pode ser visto como um representante – e essa analogia se remete unicamente, por parte da presente análise, à figura dos hobbits durante a narrativa de **O Hobbit** – do olhar infantil em busca de um mundo totalmente desconhecido, repleto de aventuras, desafios, descobertas e perigos.

O fato de os hobbits ficarem conhecidos como os pequenos já diz respeito ao seu posicionamento enquanto personagens na Terra-média, ou seja, ser pequeno não se relaciona somente com sua estatura (de fato diminuta), mas à maneira como os povos observam o modo de vida e a importância dos hobbits para a história do mundo ficcional. Eles são quase totalmente desconhecidos pelos demais povos e, como é informado ao longo da narrativa de **O Senhor dos Anéis**, considerados – pelos demais povos, principalmente homens e criaturas extremamente velhas, como o caso de Tom Bombadil ou Barbárvore – irrelevantes para o destino dos Povos Livres da Terra-média.

Os hobbits, enquanto raça, podem se situar numa posição intermediária em meio às demais componentes dos Povos Livres. O Condado, geograficamente, como se mencionou alhures, pode ser visto como ponto intermediário na configuração da Terra-média. A narrativa de **O Hobbit** também assume esse posicionamento intermediário na cronologia dos fatos narrados. Em termos de escrita e na cronologia própria do universo ficcional em questão, **O Hobbit** fica exatamente no meio do caminho entre **O Silmarillion** e **O Senhor dos Anéis**. Em termos literários também, tendo em vista seu tom mais leve, prosaico, voltado à oralidade que o assemelha aos contos populares ou de fadas que se consolidaram a partir do substrato inconsciente comum à coletividade dos povos do continente europeu. Tal narrativa não possui a complexidade genealógica e estrutural presente em **O Silmarillion** e também não se configura como uma narrativa densa e de difícil entendimento devido ao volume de detalhes; no entanto, também não está desconectada dessa teia bem elaborada de

informações presentes em **O Silmarillion** e **O Senhor dos Anéis**. O tom narrativo presente em **O Silmarillion** é grave, rebuscado, ao mesmo tempo conciso e criador da mitologia tolkieniana.

A narrativa de **O Senhor dos Anéis** é mais voltada às conexões com o passado mítico (leia-se os fatos narrados em **O Silmarillion**) ao mesmo tempo em que mantém a narrativa em estreita conexão com seu compromisso com o futuro da Terra-média, isto é, com a resolução das questões cosmogônicas ainda pendentes e rumando para o mundo prosaico marcado pelo estilo narrativo do gênero romance. O tom narrativo encontrado em **O Silmarillion** é pesado, a criação da narrativa é, em si, a criação de todo o universo ficcional. O ato de leitura de **O Silmarillion** carrega consigo a responsabilidade da palavra criadora, a palavra que torna real o que anteriormente era somente etéreo. O peso da responsabilidade de criar uma mitologia transferiu-se para as palavras do artista e o tempo de leitura faz lembrar o tempo mítico por excelência. O modo narrativo de **O Senhor dos Anéis** já pende para o romance de cavalaria (não em sua totalidade) e é repleto de cenas de ação em meio a descrições aceleradas (em comparação aos fatos narrados em **O Silmarillion**) voltadas para o desfecho de questões urgentes em abundância.

Em meio a esses dois diferentes tons narrativos, **O Hobbit** se debruça no reino encantado do conto de fadas e abre caminho para a futura narrativa de ação (jornada/guerra) presente em **O Senhor dos Anéis**. Desse modo, percebe-se que **O Hobbit** é a ponte narrativa entre os dias antigos (o passado mítico da Primeira e Segunda Eras do Sol¹⁵), o presente (em **O Hobbit** e **O Senhor dos Anéis**, na Terceira Era do Sol) e o futuro (a Quarta Era do Sol, iniciada com o fim da narrativa de **O Senhor dos Anéis**). Outro fator de cabal importância para a inclusão dos hobbits na mitologia em questão é o fato de que eles são os responsáveis por escrever **O Livro Vermelho do Marco Ocidental**. Bilbo, Frodo e Sam são os responsáveis pela escrita dos relatos presentes nesse livro (que deu origem, segundo a própria obra de Tolkien, à mitologia traduzida pelo autor para o inglês moderno). Bilbo, Frodo e Sam são os protagonistas das narrativas de **O Hobbit** e **O Senhor dos Anéis** ao mesmo tempo em que são os autores do livro que as contém. As narrativas de **O Silmarillion** e de **O Hobbit** são marcadamente (e em ordem) lembranças de registros da tradição élfica preservada e acessada por Bilbo e as lembranças deste sobre sua própria jornada à

¹⁵ Leia-se aqui, também, as Eras das Árvores e as Eras das Lamparinas, constantes em **O Silmarillion**.

Montanha Solitária. Em outros termos, são narrativas que rememoram, que narram fatos passados. O mesmo não acontece com a narrativa de **O Senhor dos Anéis**, que é narrada ao mesmo tempo em que é contada.

Retomando a questão que se coloca diante da comparação da história das quatro principais raças envolvidas na narrativa de **O Senhor dos Anéis**, tem-se a origem de cada uma delas dentro do *legendarium* tolkieniano, diante de sua cosmogonia e, posteriormente, sua atuação nos desdobramentos de sua mitologia. Entre elas estão os hobbits, considerados a grande contribuição de Tolkien para o rol de criaturas da literatura fantástica. Os hobbits foram trazidos ao mundo com a publicação de **O Hobbit**, não se sabe quando foi que eles surgiram, de onde vieram, onde se localiza o Condado¹⁶. A imprecisão na indicação do tempo remete ao que Bakhtin em “Epos e romance” (1941) postula ao afirmar que “o mundo épico é isolado da contemporaneidade, isto é, do tempo do escritor (do autor e dos seus ouvintes), pela distância épica absoluta” (1998, p. 405). Essa distância épica é o que separa o leitor contemporâneo dos fatos que ocorrem na história contada, ou seja, o épico remete justamente a um passado/tempo imemorial, “a referência e a participação do mundo representado no passado é o traço constitutivo formal do gênero épico” (BAKHTIN, 1998, p. 405).

Esse tempo imemorial que aparece logo no começo de **O Hobbit** já predispõe o leitor a anular toda e qualquer associação, que porventura possa fazer, em analogia com o tempo histórico presente e essa falta de referência ou associação proposital por parte de Tolkien é mais do que suficiente para criar a distância épica absoluta postulada por Bakhtin. Os hobbits são as criaturas da Terra-média que mais se aproximam, comparando física e cotidianamente, do leitor comum. Os hobbits, antes da intervenção de Gandalf, nunca tiveram contato com os anéis e, em sua quase totalidade, desconheciam a história dos anéis de poder além de desconhecer Sauron. Eles vivem no Condado e não possuem disposição guerreira. Sua origem se perdeu na história da Terra-média e são desconhecidos por muitos dos povos ali existentes.

O Hobbit narra as aventuras de Bilbo e **O Senhor dos Anéis** narra as aventuras de Frodo, seu sobrinho, que herda seu Anel – que é o Um Anel, forjado por Sauron com o objetivo de controlar todos os demais – e recebe de Gandalf a missão do conduzi-lo até Valfenda. Depois da reunião entre todos os Povos Livres (dentre

¹⁶ Não se sabe onde se localiza o Condado durante a narrativa de **O Hobbit**, já que ainda não foram expostas a extensão completa da Terra-média e a localização de outras partes desse universo ficcional.

eles, elfos, anões, homens e hobbits) conhecida como O Conselho de Elrond e formada A Comitativa do Anel (composta por Frodo, Sam, Merry, Pippin, Boromir, Gimli, Legolas, Aragorn e Gandalf), Frodo se oferece para carregar o Anel até Mordor, ir à Montanha da Perdição e destruí-lo, como de fato o faz no fim da narrativa. Enquanto Frodo ainda está no Condado, suas principais preocupações, como a de todo hobbit, limitam-se ao conforto de sua casa, ao contato com os vizinhos e principalmente com sua alimentação. Entende-se que não há grandes propósitos para a vida de um hobbit, seja ele qual for, posto que suas preocupações não passam de necessidades basicamente fisiológicas, ou seja, o povo do Condado não se questiona sobre o modo de vida que leva, não se questiona sobre o futuro, não se interroga em relação ao destino, ao tempo, aos problemas da vida e ao restante do mundo. Caracteriza-se aí o distanciamento e isolamento físico do Condado, mas também se caracteriza o distanciamento psicológico de uma comunidade que não tem por objetivo nenhum tipo de realização heroica.

O caráter homogêneo do Condado fica evidente para o leitor, residindo aí a unicidade e totalidade do indivíduo com o mundo/sociedade que o cerca, de modo que qualquer hobbit poderia ter sido o modelo utilizado para descrever o Condado. Descrever qualquer um dos indivíduos que compõe a sociedade dos hobbits implicaria, necessariamente, em descrever toda a comunidade na qual este se insere. O hobbit não possui, ainda, qualidades psicológicas que possam transformá-lo em indivíduo, ou seja, um hobbit representa a totalidade de aspectos morais, intelectuais e psicológicos do Condado e do mesmo modo o Condado representa, ao primeiro olhar, tudo aquilo que um hobbit pode se tornar. O mundo que se faz presente nos afazeres, costumes e perspectivas adotados pelos hobbits é um mundo que determina como o indivíduo é, não há grandes distinções entre os caracteres tanto cotidianos quanto psicológicos de nenhum hobbit em relação ao todo do qual faz parte. Não há ainda nenhum problema de ordem individual ou social que impulse um hobbit ao questionamento sobre a vida, sobre o tempo, sobre seu destino ou missão diante do mundo. Frodo pode ser classificado como esse “indivíduo épico” (LUKÁCS, 2000, p. 66) já que seu “mundo é intrinsecamente homogêneo” (LUKÁCS, 2000, p. 66) e, como todo herói pertencente à uma comunidade homogênea, “ergue-se somente um palmo acima da multidão” (LUKÁCS, 2000, p. 66).

Enquanto está no Condado, o pensamento de Frodo limita-se a captar somente aquilo que ele tem como uma realidade familiar, ou seja, uma realidade dada e sem

grandes perspectivas. O mundo que o cerca, em sua extensão e complexidade, é somente o mundo feito nos limites da comunidade a qual pertence. Frodo não tem grandes vicissitudes ou obstáculos que o façam se questionar sobre os motivos da existência de tudo o que o cerca, de modo que sua vida não se constitui senão basicamente pelos atos corriqueiros de um hobbit, sendo eles comer, dormir, fumar e se divertir. Pode-se dizer que, de certo modo, guardadas as devidas proporções, o modo de vida de Frodo e do Condado de modo geral se assemelham às perspectivas adotadas pelas crianças durante a infância. A forma despreziosa como Frodo lida com o tempo, o espaço e os afazeres cotidianos remetem ao processo infantil de recepção dos estímulos do mundo, no sentido de que tudo o que o cerca não parece mais do que uma extensão de seu próprio ser e aparentemente nada pode romper com essa harmonia social, a não ser Gandalf.

2.4 MELKOR E A MALDIÇÃO DA DISSONÂNCIA

O retorno é uma marca de todas as narrativas que compõem o *legendarium* tolkieniano. Basta notar o título da viagem de Bilbo, **Lá e de Volta Outra Vez**, ou o terceiro volume que compõe a trilogia do Anel, **O Retorno do Rei (The Return of the King, 1955)**, para entender que a viagem é um fato preponderante nas obras do autor. Para salientar a importância da viagem nas narrativas que compõem as histórias da Terra-média, vale destacar alguns pontos: o Anel foi encontrado por Déagol e Sméagol, dois parentes próximos dos hobbits do Condado, e passou muito tempo escondido sob as profundezas das cavernas mantido por Gollum (que já não pode mais ser considerado um hobbit em sua totalidade¹⁷). Bilbo encontra o Anel e assim ele retorna para os hobbits e para uma localização próxima (o Condado) aquela em que fora encontrado por Déagol. O Anel também deseja retornar a Sauron e faz de tudo para manipular seu portador. Ao final de **O Senhor dos Anéis**, o Anel retorna a Orodruin e a Sauron, não da forma como criador e objeto gostariam, mas retorna. Isildur, Senhor de Todos os Dúnedain, possui o Anel e falha em destruí-lo, ao lado de Elrond. Quando Frodo vai para Valfenda, o Anel retorna para a presença de Elrond e também para a presença de Aragorn, herdeiro de Isildur, um Dúnapan. Pode-se

¹⁷ Isso resulta da posse e utilização do Anel de Sauron por um longo período e também da capacidade do objeto de dominar, corromper e destruir, mas total incapacidade de criar ou construir. Sauron compartilha suas características com o seu Anel e Gollum se torna uma corrupção do que fora outrora, semelhante ao que acontece com orcs e trolls se comparados com elfos e ents.

entender, novamente, durante o Conselho de Elrond, o retorno do Anel à presença dos homens (Boromir e Aragorn).

A todo momento durante os trajetos de Bilbo, Frodo e Sam, Merry e Pippin, os hobbits desejam retornar ao Condado e conseguem isso depois da destruição do Anel. Os Istari, os Maiar, os elfos, todos retornam para Valinor depois da unificação do Reino da Terra-média e início da Quarta Era do Sol. O Retorno do Rei marca o momento em que Aragorn se revela o Rei de toda a Terra-média, como herdeiro de direito do trono de Gondor, almejando também o retorno da condição de equilíbrio dos poderes na Terra-média – que nunca existiu, na realidade, desde que Melkor destoou na composição da Música Magnífica. Depois da derrota de Melkor e da destruição de parte do corpo de Sauron (quando Isildur corta seu dedo junto com o Anel), em princípios da narrativa de **O Senhor dos Anéis**, o Conselho Branco sente o mal retornando à Terra-média, novamente pela atuação de Sauron, agora sem corpo e representando por um olho sem pálpebras. Gandalf retorna do mundo dos mortos, depois de ter sido derrotado pelo Balrog¹⁸ (um Valarauco). O retorno de Thorin à Montanha Solitária marca “O Retorno do Rei Sob a Montanha”. O retorno marca não só as questões da narrativa da Terra-média, mas também é fator constituinte do fazer literário adotado por Tolkien.

Em oposição aos padrões estéticos modernistas, já comentados anteriormente, a obra do autor retorna ao mito, ao medievalismo, ao Romantismo inglês e sua organicidade de mundo, seja na interação das personagens com o pano de fundo da cosmogonia, seja em sua relação de pertencimento com o mundo natural. O retorno acontece com o resgate das tradições da cavalaria, dos contos de fadas, da busca, do passado distante, do ideal Pré-Rafaelita, das características da narrativa épica, do uso de arquétipos bem delimitados e da queda, fundadora de toda a cosmovisão empírica dos saberes ocidentais e do imaginário vindo da Europa para as Américas. A questão do retorno, que é múltipla e constante, remete ao equilíbrio primordial perdido através das múltiplas quedas constituintes do *legendarium*. No fim, todo o universo tolkieniano constitui-se do restabelecimento da harmonia quebrada pelas constantes quedas, como aponta o próprio autor:

¹⁸ Balrog (Balrogs, no plural, em Sindarin) ou Valarauco (Vala significando Poder e Rauko, Demônio, em Quenya; Valaraukar é o plural), é um Maia monstruoso que foi corrompido por Melkor para trabalhar a seu serviço.

Seja como for, todo esse material diz respeito principalmente à *Queda*, à Mortalidade e à Máquina. *Inevitavelmente à Queda, e esse motivo ocorre em diversos modos*. À Mortalidade, especialmente na medida em que esta afeta a arte e o desejo criativo (ou, devo dizer, subcriativo) que parece não possuir qualquer função biológica e estar à parte das satisfações da vida biológica comum, com a qual, em nosso mundo, de fato parece estar geralmente em conflito. Ao mesmo tempo, esse desejo está unido a um amor ardente pelo mundo primário real e, por isso, repleto do sentimento de mortalidade, e mesmo assim insatisfeito com ele. Possui *várias oportunidades de “Queda”*. Podendo tornar-se possessivo, agarrando-se às coisas criadas como “suas próprias”, *o subcriador deseja ser o Senhor e Deus de sua criação particular*. Ele irá rebelar-se contra as leis do Criador – especialmente contra a mortalidade. Essas duas condições (isoladas ou juntas) levarão ao desejo por Poder, para tornar a vontade mais rapidamente efetiva – e, assim, levarão à Máquina (ou Magia). Com a última tenho em mente o uso de planos ou artifícios (aparatos) externos em vez do desenvolvimento dos poderes ou talentos interiores inerentes – ou mesmo o uso desses talentos com o motivo corrupto da dominação: de intimidar o mundo real ou coagir outras vontades. A Máquina é nossa forma moderna mais óbvia, embora mais intimamente relacionada à Magia do que se costuma reconhecer.

Não usei a “magia” de maneira consistente e, de fato, a rainha élfica Galadriel é obrigada a advertir os *Hobbits* sobre o *uso confuso da parte deles da palavra tanto para os artifícios e operações do Inimigo como para aqueles dos Elfos*. Eu não o fiz, pois não há uma palavra para o último caso (uma vez que todas as histórias humanas sofreram da mesma confusão). Mas os Elfos estão lá (em minhas histórias) para demonstrar a diferença. A “magia” deles é Arte, livre de muitas das suas limitações humanas: com menos esforço, mais rápida, mais completa (produto e visão em correspondência sem imperfeições). E seu propósito é Arte, não Poder; subcriação, não dominação e reforma tirânica da Criação. Os “Elfos” são “imortais”, pelo menos no que diz respeito a este mundo. O Inimigo, em sucessivas formas, sempre se ocupa “naturalmente” de mera Dominação, sendo o Senhor da magia e das máquinas; mas o problema – de que esse mal aterrorizante pode surgir, e surge, de uma raiz aparentemente boa, o desejo de beneficiar o mundo e os demais, rapidamente e de acordo com os próprios planos do benfeitor, – é um motivo recorrente (TOLKIEN, 2019, p. 20-21, grifos nossos).

Percebe-se, no excerto acima, dois temas principais abordados pelo autor: a queda e a magia (em seus dois entendimentos). A magia pode ser vista sob duas formas, sendo elas a Máquina e a Arte. A primeira se afasta da ideia original de magia pretendida por Tolkien, que é aquele tipo de magia natural e inerente aos elfos, que só proporciona o bem para todos que a cercam, revela a conexão entre o espírito dos elfos e a matéria do mundo. Sendo assim, a Máquina deriva da luta contra a Mortalidade vista como uma fraqueza da criação, leva ao desejo de Poder, à vontade de Criar por si mesmo. A Máquina é um artifício, um construto externo de dominação ou Poder e a Arte é natural, interna, subcriativa e criadora. É importante salientar que os hobbits não têm a menor ideia sobre a diferença entre os dois tipos acima mencionados, e que essa confusão se nota quando chegam em Lothlórien e são instruídos pelos elfos sobre tal diferença. Esse desconhecimento não é gratuito, sendo que os hobbits foram inventados pelo autor e não possuem nenhuma relação com a

Magia, nem Máquina, nem Arte (a não ser que se considere mágico o ato de fumar cachimbo). Ainda de acordo com a explicação do autor, presente no excerto supracitado, é a Máquina que leva ao desejo de Poder e dominação.

Os hobbits são criaturas frágeis, pequenas, quase invisíveis e irrelevantes para as primeiras Eras da Terra-média (sejam elas as duas primeiras Eras do Sol ou as Eras das Lamparinas e das Árvores) e não possuem desejo pela dominação ou Poder, talvez justamente por não terem lidado com as grandes questões mitológicas espargidas pela Terra-média. Sobre as inúmeras quedas que aparecem no *legendarium* e que representam uma disputa entre Luz e Trevas, Bem e Mal, cabe salientar a diferença sutil entre a cosmogonia de Tolkien e os mitos mais conhecidos pela história humana:

Havia a Luz de Valinor tornada visível nas Duas Árvores de Prata e Ouro. Estas foram mortas pelo Inimigo por malícia e Valinor foi escurecida, embora delas, antes de morrerem por completo, tenham se derivado as luzes do Sol e da Lua. (Uma diferença evidente aqui entre essas lendas e a maioria das demais é que o Sol não é um símbolo divino, mas algo de segunda categoria, e “luz do Sol” (o mundo sob o sol) torna-se um termo para designar o mundo caído e uma visão imperfeita e deslocada.) (TOLKIEN, 2019, p. 24).

Sol e Lua não são mais que modos alternativos de iluminar Arda e carregam consigo a terceira tentativa de iluminar o mundo habitado, iniciando também a contagem do tempo:

Na medida em que tudo isso possui significado simbólico ou alegórico, a Luz é um símbolo tão primevo na natureza do Universo que mal pode ser analisada. A Luz de Valinor (derivada da luz antes de qualquer queda) é a luz da arte não divorciada da razão, que vê as coisas tanto científica (ou filosófica) como imaginativamente (ou subcriativamente) e diz que são boas – como belas. A Luz do Sol (ou da Lua) é derivada das Árvores somente após elas serem maculadas pelo Mal (TOLKIEN, 2019, p. 24).

A destruição das Lamparinas e Árvores (por Melkor) marcam o fim das duas Primeiras Eras de Arda (Eras das Lamparinas e Eras das Árvores), deixando espaço para o início das Eras do Sol. Essa mudança é derivada do Poder (máquina) sendo exercida na criação como oposição à Magia (criação) de Eru e dos outros Ainur durante o momento cosmogônico. Entende-se que a máquina deriva completamente das ações de Melkor enquanto tentava destronar seu pai ou dominar a criação. A criação, depois de inflada com a Chama Imperecível, recebe a atenção dos Ainur e

desse, Melkor era o chefe, exatamente como no início ele fora o mais poderoso dos Ainur que haviam participado da Música. E ele fingia, a princípio até para si, que desejava ir até lá e ordenar tudo pelo bem dos Filhos de Ilúvatar, controlando o turbilhão de calor e frio que o atravessava. No fundo, porém, *desejava submeter à sua vontade tanto elfos quanto homens, por invejar-lhes os dons eu Ilúvatar prometera conceder-lhes; e Melkor desejava ter seus próprios súditos e criados, ser chamado de Senhor e ter comando sobre a vontade de outros* (TOLKIEN, 2009, p. 7-8, grifos nossos).

O poder, comparado à magia, resulta em corrupções da criação e não na própria criação. É sabido que Melkor corrompeu a natureza dos elfos e ents, torturando-os por tempo infundável até que conseguisse transformá-los em orcs e trolls, mas não conseguiu criar nada de esplendoroso ou novo, apenas corromper a natureza bela dos seres primordiais:

Entretanto, pouco se sabe daqueles infelizes que caíram na armadilha de Melkor. Pois, quem, entre os seres vivos, desceu aos abismos de Utumno, ou percorreu as trevas dos pensamentos de Melkor? É, porém, considerado verdadeiro pelos sábios de Eressëa que todos aqueles quendi que caíram nas mãos de Melkor antes da destruição de Utumno foram lá aprisionados, e, por lentas artes de crueldade, corrompidos e escravizados; e assim Melkor gerou a horrenda raça dos orcs, por inveja dos elfos e em imitação a eles, de quem ele mais tarde se tornaram os piores inimigos. Pois os orcs tinham vida e se multiplicavam da mesma forma que os Filhos de Ilúvatar; e nada que tivesse vida própria, nem aparência de vida, Melkor jamais poderia criar desde sua rebelião no Ainulindalë antes do Início. Assim dizem os sábios. E, no fundo de seus corações negros, os orcs odiavam o Senhor a quem serviam por medo, criador apenas de sua desgraça. Esse pode ter sido o ato mais abjeto de Melkor, e o mais odioso aos olhos de Ilúvatar (TOLKIEN, 2009, p. 49).

Melkor e Sauron (também, posteriormente, Saruman) não só corromperam a criação de Eru, como também dotaram suas criaturas de capacidade semelhante, voltada somente à destruição, mortes, guerras e engenhosidades mecânicas. A criatividade dos orcs e trolls não se volta para as coisas belas, para a experimentação do mundo tal qual ele é. Eles compartilham da centelha maldita surgida na dissonância de Melkor na composição da Música Magnífica:

Ora, os orcs são cruéis, malvados e perversos. Não fazem coisas bonitas, mas fazem muitas coisas engenhosas. Podem cavar túneis e minas tão bem quanto qualquer um, exceto os anões mais habilidosos, quando se dão ao trabalho, embora geralmente sejam desorganizados e sujos. Martelos, espadas, punhais, picaretas, tenazes, além de instrumentos de tortura, eles fazem muito bem, ou mandam outras pessoas fazerem conforme o seu padrão, prisioneiros e escravos que têm de trabalhar até morrer por falta de ar e luz. *Não é improvável que tenham inventado algumas das máquinas que desde então perturbam o mundo, especialmente os instrumentos engenhosos para matar um grande número de pessoas de uma só vez, pois sempre gostaram muito de rodas e motores e explosões, como também de*

não trabalhar com as próprias mãos além do estritamente necessário; mas naqueles dias e naquelas regiões selvagens ainda não tinham avançado (como se diz) tanto (TOLKIEN, 1998, p. 62-63, grifo nosso).

Depois das doze páginas dedicadas à criação do universo e dos poderes (o “Ainulindalë”), Tolkien inicia o “Valaquenta” anunciando a Primeira Queda do *legendarium*, queda essa que norteará toda a trama divina vivenciada entre a criação do universo e a destruição do Anel:

Os Grandes, entre esses espíritos, os elfos denominam Valar, os Poderes de Arda; e os homens com frequência os chamaram deuses. Os Senhores dos Valar são sete; e as Valier, as Rainhas dos Valar, são também em número de sete. Estes eram seus nomes no idioma élfico falado em Valinor, embora eles tenham outros nomes na fala dos elfos da Terra-média, e entre os homens seus nomes sejam numerosos. Os nomes dos Senhores na ordem correta são Manwë, Ulmo, Oromë, Mandos, Lórien e Tulkas; e os das Rainhas são Varda, Yavanna, Nienna, Estë, Vairë, Vána e Nessa. *Melkor não é mais incluído entre os Valar, e seu nome não é pronunciado na Terra* (TOLKIEN, 2009, p. 16, grifo nosso).

Essa não inclusão de Melkor revela o primeiro ato derivado da queda. Esse tema já estava previsto quando da construção do universo na Música Magnífica:

Agora, porém, Ilúvatar escutava, sentado, e por muito tempo aquilo lhe pareceu bom, pois *na música não havia falha*. Enquanto o tema se desenvolvia, no entanto, *surgiu no coração de Melkor o impulso de entremear motivos de sua própria imaginação que não estavam em harmonia com o tema de Ilúvatar; com isso procurava aumentar o poder e a glória do papel a ele designado*. A Melkor, entre os Ainur, haviam sido concedidos os *maiores dons de poder e conhecimento, e ele ainda tinha um quinhão de todos os dons de seus irmãos*. Muitas vezes, *Melkor penetrara sozinho nos espaços vazios em busca da Chama Imperecível, pois ardía nele o desejo de dar Existência a coisas por si mesmo; e a seus olhos Ilúvatar não dava atenção ao Vazio, ao passo que Melkor se impacientava com o vazio*. E no entanto ele não encontrou o Fogo, pois este está com Ilúvatar. Estando sozinho, porém, *começara a conceber pensamentos próprios, diferentes daqueles de seus irmãos*.

Alguns desse pensamentos ele agora entrelaçava em sua música, e logo a dissonância surgiu ao seu redor. Muitos dos que cantavam próximo perderam o ânimo, seu pensamento foi perturbado e sua música hesitou; mas *alguns começaram a afinar sua música à de Melkor, em vez de manter a fidelidade ao pensamento que haviam tido no início*. Espalhou-se então cada vez mais a *dissonância de Melkor, e as melodias que haviam sido ouvidas antes soçobraram num mar de sons turbulentos*. Ilúvatar, entretanto, escutava sendado até lhe parecer que em volta de seu trono bramia uma *tempestade violenta, como a de águas escuras que guerreiam entre si numa fúria incessante que não queria ser aplacada*. [...] Mas a *dissonância de Melkor cresceu em tumulto e o enfrentou*. Mais um vez houve uma *guerra sonora, mais violenta do que antes, até que muitos dos Ainur ficaram consternados e não cantaram mais, e Melkor pôde dominar*. Ergue-se então novamente Ilúvatar, e os Ainur perceberam que sua expressão era severa. Ele levantou a mão direita, e vejam! Um terceiro tema cresceu em meio à confusão,

diferente dos outros. Pois, de início parecia terno e doce, um singelo murmúrio de sons suaves em melodias delicadas; mas ele não podia ser subjugado e acumulava poder e profundidade. E afinal pareceu haver *duas músicas evoluindo ao mesmo tempo diante do trono de Ilúvatar, e elas eram totalmente díspares*. Uma era profunda, vasta e bela, mas lenta e mesclada a uma tristeza incomensurável, na qual sua beleza tivera principalmente origem. *A outra havia agora alcançado uma unidade própria; mas era alta, fútil e infundavelmente repetitiva; tinha pouca harmonia, antes um som uníssono e clamoroso como o de muitas trombetas soando apenas algumas notas. E procurava abafar a outra música pela violência de sua voz, mas suas notas mais triunfais pareciam ser adotadas pela outra e entremeadas em seu próprio arranjo solene.*

No meio dessa contenda, na qual as mansões de Ilúvatar sacudiram, e um tremor se espalhou, atingindo os silêncios até então impassíveis, Ilúvatar ergueu-se mais um vez, e sua expressão era terrível de ver. Ele então levantou as duas mãos, e num acorde, mais profundo que o Abismo, mais alto que o Firmamento, penetrante como a luz do olho de Ilúvatar, a Música cessou.

Então, falou Ilúvatar e disse: – Poderosos são os Ainur, e *o mais poderoso dentre eles é Melkor*, mas, para que *ele* saiba, e saibam todos os Ainur, que eu sou Ilúvatar, essas melodias que vocês entoaram, irei mostrá-las para que vejam o que fizeram. *E tu, Melkor, verás que nenhum tema pode ser tocado sem ter em mim sua fonte mais remota, nem ninguém pode alterar a música contra a minha vontade. E aquele que tentar, provará não ser senão meu instrumento na invenção de coisas ainda mais fantásticas, que ele próprio nunca imaginou.* [...] Entretanto, quando eles entraram no Vazio, Ilúvatar lhes disse: – Contemplem sua Música! – E lhes mostrou uma visão, dando-lhes uma imagem onde antes havia somente o som. [...] E, depois que os Ainur haviam olhado por algum tempo, calados, Ilúvatar voltou a dizer: – Contemplem sua Música! Este é o seu repertório. *Cada um de vocês encontrará aí, em meio à imagem que lhes apresento, tudo aquilo que pode parecer que ele próprio inventou ou acrescentou. E tu, Melkor, descobrirás todos os pensamentos secretos de tua mente e perceberás que eles são apenas uma parte do todo e subordinados à sua glória* (TOLKIEN, 2009, p. 4-6, grifos nossos).

Os três temas musicais de Eru podem ser interpretados como as três Eras da Terra-média (Lamparinas, Árvores e Sol). Vale lembrar que no primeiro tema não há falhas, só há dissonância no final quando alguns Ainur afinam sua música à de Melkor. No segundo tema há uma disputa musical entre Eru e Melkor, já que no final os Ainur pararam de cantar. O terceiro tema é somente uma disputa entre Melkor e Eru, nos qual os demais não se envolvem. Pode-se entender o primeiro tema como as Eras das Lamparinas na qual não há dissonância, exceto pelo seu fim. O segundo já vem mais permeado pela dissonância – dá continuidade à dissonância iniciada por Melkor no primeiro tema – e se adequa à todas as quedas dos Filhos de Ilúvatar nas Eras das Árvores. O terceiro tema, que mais interessa para a presente comparação, não tem envolvimento dos demais Ainur, e se desenvolve completamente entre Eru e Melkor na sua disputa final. O vencedor dessa disputa melódica é Eru, mostrando a Melkor a sua impotência e inocência diante do criador. A questão da queda, dos ciclos

e uma brevíssima explicação de sua mitologia completa são abordados pelo próprio autor:

Os ciclos começam com um mito cosmogônico: a “Música dos Ainur”. Deus e os Valar (ou poderes: nome traduzido como “deuses”) são revelados. Estes últimos são o que chamaríamos de poderes angélicos, cuja função é exercer uma autoridade delegada em suas esferas (de domínio e governo, *não* de criação, fazer ou refazer). São “divinos”, isto é, originalmente estavam “fora” e existiam “antes” da criação do mundo. Seu poder e sua sabedoria são derivados de seu Conhecimento do drama cosmogônico, o qual perceberam primeiramente como um drama (ou seja, de certo modo como percebemos uma história composta por outra pessoa) e posteriormente como uma “realidade”. Pelo lado do simples artifício narrativo, isso assim se dá, é claro, para proporcionar seres da mesma ordem de beleza, poder e majestade que os “deuses” de uma mitologia mais elevada, que, ainda assim, podem ser aceitos – bem, digamos grosseiramente, – por uma mente que creia na Santíssima Trindade.

Passa-se então rapidamente para a “História dos Elfos”, ou o *Silmarillion* propriamente dito; para o mundo tal como o percebemos, mas obviamente transfigurado de uma maneira ainda semimítica: isto é, ele trata de criaturas racionais encarnadas de estatura mais ou menos comparável à nossa. O Conhecimento do Drama da Criação estava incompleto: incompleto em cada ‘deus’ individual e incompleto se todo o conhecimento do panteão fosse reunido, pois (em parte para reparar o mal do rebelde Melkor, em parte para a conclusão de tudo em uma fineza de detalhes definitiva) o Criador não revelara tudo. A criação e a natureza dos Filhos de Deus eram os dois segredos principais. Tudo o que os deuses sabiam é que eles chegariam em determinadas épocas. Dessa forma, os Filhos de Deus são primeiramente relacionados e aparentados e primeiramente diferentes. Visto que também são algo completamente “diferente” dos deuses, em cuja criação estes não tomaram parte, eles são o objeto do desejo e amor especiais dos deuses. Esses são os *Primogênitos*, os Elfos, e os *Seguidores*, os Homens. O destino dos Elfos é o de serem imortais, amarem a beleza do mundo, conduzi-lo ao florescimento pleno com seus dons de delicadeza e perfeição, durarem enquanto ele durar, jamais o deixando, mesmo ao serem “mortos”, mas retornando – com isso, quando os Seguidores chegarem, ensiná-los e abrir caminho para eles, “desvanecer” à medida que os Seguidores crescem e absorvem a vida da qual ambos originaram-se. A Sina (ou a Dádiva) dos Homens é a mortalidade, a liberdade para além dos círculos do mundo. Posto que o ponto de vista de todo o ciclo é o élfico, a mortalidade não é explicada miticamente: ela é um mistério de Deus sobre a qual nada mais é sabido além de que “o que Deus designou aos Homens permanece oculto” – um pesar e uma inveja para os Elfos imortais.

Como eu disse, o *Silmarillion* lendário é peculiar e difere de todos os materiais similares que conheço por não ser antropocêntrico. Seu centro de vista e interesse não está nos Homens, mas nos “Elfos”. Os Homens surgiram inevitavelmente: afinal de contas, o autor é um homem e, se ele tiver um público, este será de Homens, e os Homens devem ingressar em nossas histórias como tais, e não meramente transfigurados ou parcialmente representados como Elfos, Anões, Hobbits etc. Mas eles permanecem periféricos – recém-chegados e, por muito que cresçam em importância, não são atores principais.

Na cosmogonia há uma queda: uma queda de Anjos, diríamos, apesar de evidentemente ser bem diferente, em forma, daquela do mito cristão. Essas histórias são “novas”, não são derivadas diretamente de outros mitos e lendas, mas devem possuir inevitavelmente uma ampla medida de motivos ou elementos antigos e difundidos. Afinal, acredito que as lendas e mitos são compostos mormente da “verdade”, e, sem dúvida, aspectos presentes nela

só podem ser recebidos nesse modo; e, há muito tempo, certas verdades e modos dessa espécie foram descobertos e devem reaparecer sempre. Não pode haver qualquer “história” sem queda – todas as histórias, no fim, são sobre a queda –, pelo menos não para mentes humanas tal como as conhecemos e possuímos.

Assim, prosseguindo, os Elfos sofrem uma queda, antes que sua “história” possa tornar-se histórica. (A primeira queda do Homem, por razões explicadas, não aparece em lugar algum – os Homens não entram em cena até que tudo isso tenha há muito passado, e há apenas um rumor de que, por algum tempo, eles sucumbiram ao domínio do Inimigo e de que alguns se arrependeram.) A parte principal da história, o *Silmarillion* propriamente dito, trata da queda do mais talentoso clã dos Elfos, de seu exílio de Valinor (uma espécie de Paraíso, o lar dos Deuses) no longínquo Oeste, de sua reentrada na Terra-média, a terra de seu nascimento, mas há muito sob o jugo do Inimigo, e de sua luta contra ele, o poder do Mal ainda visivelmente encarnado. A história recebe seu nome porque os eventos estão todos interligados ao destino e significado das *Silmarilli* (“radiância de pura luz”) ou Joias Primevas. Pela criação das gemas a função subcriativa dos Elfos é mormente simbolizada, mas as *Silmarilli* eram mais do que simples objetos belos em si. Havia a Luz. Havia a Luz de Valinor tornada visível nas Duas Árvores de Prata e Ouro. Estas foram mortas pelo Inimigo por malícia e Valinor foi escurecida, embora delas, antes de morrerem por completo, tenham se derivado as luzes do Sol e da Lua. (Uma diferença evidente aqui entre essas lendas e a maioria das demais é que o Sol não é um símbolo divino, mas algo de segunda categoria, e “luz do Sol” (o mundo sob o sol) torna-se um termo para designar o mundo caído e uma visão imperfeita e deslocada.)

Mas o principal artífice dos Elfos (Fëanor) havia aprisionado a Luz de Valinor nas três joias supremas, as *Simarilli*, antes que as Árvores fossem maculadas ou mortas. Essa Luz, portanto, desde então, sobreviveu apenas nessas gemas. A queda dos Elfos ocorre através da atitude possessiva de Fëanor e seus sete filhos para com essas gemas. Elas são capturadas pelo Inimigo, engastadas em sua Coroa de Ferro e guardadas em sua fortaleza impenetrável. Os filhos de Fëanor fazem um juramento terrível e blasfemo de inimizade e vingança contra todos ou qualquer um, mesmo dentre os deuses, que ouse reivindicar qualquer quinhão ou direito sobre as *Simarilli*. Corrompem a maior parte de seu clã, que se rebela contra os deuses, deixa o paraíso e vai mover uma guerra sem esperança contra o Inimigo. O primeiro fruto da sua queda é a guerra no Paraíso, o assassinato de Elfos por Elfos, e esse fato, bem como seu juramento maligno, persegue todo o seu heroísmo subsequente, gerando traições e arruinando todas as vitórias. O *Silmarillion* é a história da Guerra dos Elfos Exilados contra o Inimigo, que ocorre no Noroeste do mundo (Terra-média). Vários contos de vitória e tragédia misturam-se a ela; mas ela termina em catástrofe e com a passagem do Mundo Antigo, o mundo da longa Primeira Era. As joias são recuperadas (pela intervenção final dos deuses), e os Elfos as perdem para sempre, uma no mar, uma nas profundezas da terra e uma como uma estrela no céu. Esse legendário termina com uma visão do fim do mundo, sua ruptura e reconstrução, e com a recuperação das *Silmarilli* e da “luz anterior ao Sol” – após uma batalha final que, suponho, deve mais à visão nórdica do Ragnarök do que a qualquer outra coisa, embora não seja muito parecida com ela.

Conforme as histórias tornam-se menos míticas e mais semelhantes a histórias e romances, os Homens são entrelaçados nelas. Na sua maior parte são “Homens bons” – famílias e seus líderes que, ao rejeitar o serviço ao Inimigo e ao escutar rumores dos Deuses do Oeste e dos Altos Elfos, fogem em direção ao oeste e entram em contato com os Elfos Exilados em meio à guerra destes. Os Homens que aparecem são principalmente aqueles das Três Casas dos Pais de Homens, cujos líderes tornam-se aliados dos Senhores-élficos. O contato entre Homens e Elfos já prenuncia a história das Eras posteriores, e um tema recorrente é a ideia de que nos Homens (como

o são agora) há um traço de “sangue” e hereditariedade derivado dos Elfos, e de que a arte e a poesia dos Homens são em grande medida dependentes dele ou modificadas por ele. Ocorrem, assim, dois casamentos entre mortal e elfo – ambos posteriormente unindo-se no clã de Eärendil, representado por Elrond, o Meio-Elfo, que aparece em todas as histórias, inclusive em *O Hobbit* (TOLKIEN, 2019, p. 21-25, grifos do autor).

A passagem da Terceira Era do Sol para a Quarta Era do Sol marca o fim das contendas iniciadas na cosmogonia cantada por Eru e os Ainur, é “o fim da Era Mágica e o início da era dos Homens” (POLACHINI, 1984, f. 1). Marca também o fim do mundo tal qual era conhecido e as criaturas mais próximas (irmãs mais novas, na criação) dos deuses (Ainur, Aratar, Valar e Maiar) partem em direção às Terras Imortais para dar lugar a uma nova era regida pelos homens, anões e hobbits. As sucessivas quedas vivenciadas por diversas personagens ou raças, como por exemplo, Melkor, Sauron, Maiar, Elfos, Homens, Isildur, Gollum, Saruman (Magos ou Istari) e Anões deixam de fazer sentido, uma vez que a destruição do Anel e a coroação de Aragorn representam o fim da Era Mágica e o Início da Era dos Homens, como lhe conta Gandalf:

– Este é o seu reino, e o coração do *reino maior que haverá*. *A Terceira Era do mundo está terminada, e a nova era começou*; é sua tarefa ordenar o início e preservar o que pode ser preservado. Pois, embora muito tenha sido salvo, muita coisa deve agora morrer, e *o poder dos Três Anéis também terminou*. *E todas as terras que você está vendo, e aquelas que ficam em torno delas, deverão ser moradias de homens. Chegou o tempo do Domínio dos Homens, e a Gente Antiga deverá desaparecer ou partir*.
 – Sei muito bem disso, caro amigo – disse Aragorn –, mas ainda gostaria de contar com seus conselhos.
 – Não por muito tempo agora – disse Gandalf. – *A Terceira Era foi a minha. Eu era o Inimigo de Sauron e meu trabalho está terminado. Partirei em breve. E o fardo deverá ser carregado por você e pelo seu povo* (TOLKIEN, 2000, p. 1029, grifos nossos).

O fim da Terceira Era marca a dissolução das questões até então em aberto, como por exemplo a dissonância de Melkor, a destruição das Árvores e Lamparinas que iluminavam o mundo, a rebelião de Sauron, a Queda de Númenor, a ruína de Isildur, o Fratricídio de Alqualondë, a rebelião dos Primogênitos, o arredondamento do mundo, a interdição dos Valar ao acesso às Terra Imortais, a traição de Saruman, a Ruína de Isildur, as guerras, a descrença nos deuses, as mesquinhez e avareza dos anões e todo o tipo de ação desvirtuando o propósito original de Eru (e dos Ainur).

Se, como afirma o autor, toda grande narrativa é composta pela queda, então qual seria a queda relatada em **O Hobbit**? Há a queda dos elfos, dos magos, dos

homens, dos Valar, dos Maiar, dos anões, e qual seria o grande erro cometido pelo povo dos hobbits? Qual a sua queda particular enquanto povo que os une (em dissonância com a Música Magnífica ou consonância com a dissonância de Melkor) com as questões cosmogônicas da queda? Cabe questionar quais seriam as quedas pelas quais passam os hobbits e o que isso acarreta para o todo do *legendarium*. A princípio, tendo-se analisado todos os dados e indícios constantes em todos os materiais escritos por Tolkien e até agora publicados, a queda do povo dos hobbits se resume à traição e cobiça de Sméagol quando mata Déagol, a mentira de Bilbo quando rouba o Anel não sendo justo (trapaceando) no “sagrado” e tradicional jogo de adivinhas e, finalmente, na falha de Frodo diante do fogo de Orodruin.

2.5 AULË E A MALDIÇÃO DA SUBCRIAÇÃO

Enquanto Melkor é

[a]quele que se levanta Poderoso [...] [que] [d]ispunha dos poderes e conhecimentos de todos os outros Valar, mas os desviava para objetivos perversos e desperdiçava sua força em violência e tirania [...] cobiçava Arda e tudo o que nela existia (TOLKIEN, 2009, p. 23).

Aulë era o criador por natureza. Conta-se em **O Silmarillion** que ele

[g]overna todas as *substâncias* das quais Arda é feita. No início [...] a criação de todas as *terras* foi sua tarefa. Ele é ferreiro e *mestre de todos os ofícios*; deleita-se com trabalhos que exigem *perícia*, por menores que sejam, e também com a *poderosa construção do passado*. São suas as *pedras preciosas* que jazem nas profundezas da *Terra*, e o ouro que é belo nas mãos, não menos do que as *muralhas das montanhas* e as bacias dos oceanos (TOLKIEN, 2009, p. 18, grifos nossos).

Sabe-se que os Valar são, estão para elfos e homens, mais “como antepassados e chefes do que como senhores” (TOLKIEN, 2009, p. 35) ou deuses, pois são “Filhos de Ilúvatar; e, como os Ainur não entendessem plenamente o tema através do qual os Filhos entraram na Música, nenhum Aino ousou acrescentar nada de seu próprio alvitre” (TOLKIEN, 2009, p. 35). Os Ainur são, portanto, irmãos dos outros Filhos de Ilúvatar (elfos e homens), de outra ordem e com propósitos (não totalmente revelados por Eru) diferentes. Aulë é o criador por natureza, pois foi o único dos Ainur que conseguiu criar – como reflexo de sua impaciência –, a princípio sem a

ajuda de Eru, seus próprios filhos. Tem-se, portanto, ao longo do *legendarium* os Filhos de Ilúvatar, os Filhos de Aulë e as deturpações dos Filhos de Ilúvatar “criadas” por Melkor. Os Filhos de Aulë são os anões, criados

na escuridão da Terra-média. Pois, tão grande era o desejo de Aulë pela vinda dos Filhos, para ter aprendizes a quem ensinar suas habilidades e seus conhecimentos, que *não se dispôs a aguardar a realização dos desígnios de Ilúvatar*. E Aulë criou os anões, exatamente como ainda são, porque as formas dos Filhos que estavam por vir não estavam nítidas em sua mente e, como o poder de Melkor ainda dominasse a Terra, desejou que eles fossem *fortes e obstinados*. Temendo, porém, que os outros Valar pudessem condenar sua obra, *trabalhou em segredo* e fez em primeiro lugar os Sete Pais dos Anões num palácio sob as montanhas na Terra-média (TOLKIEN, 2009, p. 39, grifos nossos).

Quando estava prestes a terminar o seu trabalho, Eru soube das intenções secretas de Aulë e lhe interrogou: “– Por que fizeste isso? Por que *tentaste algo que sabes estar fora de teu poder e de tua autoridade?* Pois tens de mim como dom apenas tua própria existência e nada mais” (TOLKIEN, 2009, p. 39, grifo nosso). Diante do poder limitado de Aulë, Eru questiona-o, novamente: “as criaturas de tua mão e de tua mente poderão viver apenas através dessa existência, movendo-se quanto tu pensares em movê-las e ficando ociosas se teu pensamento estiver voltado para outra coisa. É esse teu desejo?” (TOLKIEN, 2009, p. 39). Aulë justifica seu impulso, com humildade e arrependimento:

– Não desejei tamanha ascendência – respondeu Aulë. – Desejei seres diferentes de mim, que eu pudesse amar e ensinar, para que também eles percebessem a beleza de Eä, que tu fizeste surgir. Pois me pareceu que há muito espaço em Arda para vários seres que poderiam nele deleitar-se; e, no entanto, em sua maior parte ela ainda está vazia e muda. E, na minha impaciência, *cometi essa loucura*. Contudo, a vontade de fazer coisas está em meu coração porque eu mesmo fui feito por ti. E a criança de pouco entendimento, que graceja com os atos de seu pai, pode estar fazendo isso sem nenhuma intenção de zombaria, apenas por ser filho dele. E agora, o que posso fazer para que não te zangues comigo para sempre? Como um filho ao pai, ofereço-te essas criaturas, obras das mãos que criaste. Faze com elas o que quiseres. Mas não seria melhor eu mesmo *destruir* o produto de minha presunção? (TOLKIEN, 2009, p. 40, grifos nossos).

Mostrando seu real arrependimento por ter descumprido as ordens expressas de Eru e tendo medo de ser castigado por ter tentado se igualar ao poder do pai, Aulë

apanhou um enorme martelo para esmagar os anões, e chorou. Mas Ilúvatar apiedou-se de Aulë e de seu desejo, em virtude de sua *humildade*. E os anões se encolheram diante do martelo e sentiram medo; baixaram a cabeça e

imploraram clemência. E a voz de Ilúvatar disse a Aulë: – Tua oferta aceitei enquanto ela estava sendo feita. Não percebes que *essas criaturas têm agora vida própria* e falam com suas próprias vozes? Não fosse assim, e elas não teriam procurado fugir ao golpe nem a nenhum comando de tua vontade (TOLKIEN, 2009, p. 40, grifos nossos).

Em face da humildade de Aulë e de sua alegação de ter somente imitado o pai, Eru se comove e se apieda:

– Exatamente como dei existência aos pensamentos dos Ainur no início do Mundo, agora adotei teu desejo e lhe atribuí um lugar no Mundo; mas de nenhum outro modo corrigirei tua obra; e, como tu fizeste, assim ela será. Contudo não tolerarei o seguinte: que esses seres cheguem antes dos Primogênitos de meus desígnios, nem que tua impaciência seja premiada. *Eles agora deverão dormir na escuridão debaixo da pedra, e não se apresentarão enquanto os Primogênitos não tiverem surgido sobre a Terra;* e até essa ocasião tu e eles esperareis, por longa que seja a demora. Mas quando chegar a hora, eu os despertarei, e eles serão como filhos teus; e *muitas vezes haverá discórdia entre os teus e os meus*, os filhos de minha adoção e os filhos de minha escolha (TOLKIEN, 2009, p. 40-41, grifos nossos).

Aulë, então,

pegou os Sete Pais dos Anões e os levou para descansar em locais bem afastados; voltou em seguida a Valinor e esperou os longos anos transcorrerem.

Como fossem surgir na época em que Melkor prevalecia, Aulë fez os anões *resistentes*. Por isso, eles *são duros como a pedra, teimosos, firmes na amizade e na inimizade, e conseguem suportar fadiga, fome e ferimentos com mais bravura do que todos os outros povos que falam; e vivem muito, bem mais do que os homens*, embora não para sempre. Antigamente, dizia-se entre os elfos na Terra-média que os anões, ao morrer, voltavam para a terra e a pedra da qual eram feitos; no entanto, não é essa a crença entre eles próprios. Pois dizem que Aulë, o Criador, que chamam de Mahal, gosta deles e os acolhe em Mandos em Palácios separados; e que ele declarou a seus antigos Pais que Ilúvatar os abençoará e lhes dará um lugar entre os Filhos no Final. Então, seu papel será servir a Aulë e auxiliá-lo na reconstrução de Arda depois da Última Batalha. Dizem também que os Sete Pais dos Anões voltam a viver em seus próprios parentes e a usar de novo seus nomes ancestrais: dos quais Durin foi o mais célebre em épocas posteriores, pai daquela família mais simpática aos elfos, cujas mansões ficavam em Khazad-dûm (TOLKIEN, 2009, p. 41, grifos nossos).

No arrependimento e na humildade diante de Eru é que residem as principais diferenças entre os comportamentos de Aulë e Melkor. O primeiro se mostra disposto a cumprir suas obrigações e prestar obediência aos ensinamentos e autoridade de seu pai, sabendo que seus poderes não são suficientes para igualá-lo ao pai no campo da criação enquanto o segundo tenta se igualar aos poderes do pai e, não podendo, decide se vingar dessa desigualdade hierárquica corrompendo e destruindo tudo o

que o pai, os irmãos e ele próprio haviam criado. Ainda se tratando do período da criação,

os Valar trouxeram ordem aos mares, terras e montanhas, e Yavanna finalmente plantou as sementes que havia muito imaginara. E, como houvesse necessidade de luz, já que os fogos estavam dominados ou enterrados sob as colinas primitivas, *Aulë, a pedido de Yavanna, criou duas lamparinas poderosas para iluminar a Terra-média, construída por ele entre os mares circundantes*. Então Varda encheu as lamparinas, e Manwë as consagrou; e os Valar as puseram em cima de colunas altíssimas, mais elevadas do que qualquer das montanhas mais recentes. Ergueram uma lamparina junto ao norte da Terra-média, e ela se chamou Illuin; e a outra foi erguida no sul, e foi chamada Ormal; e a luz da Lamparinas dos Valar se derramou por toda a Terra, iluminando tudo como se fosse sempre dia (TOLKIEN, 2009, p. 27-28, grifo nosso).

Aulë criou as Lamparinas (com ajuda de Varda e Manwë) e as elevou acima de qualquer monte ou pico, pois era o responsável por tudo aquilo que concernia à “textura da Terra” (TOLKIEN, 2009, p. 8). Aulë – com seu poder e maestria na criação de coisas com suas próprias mãos – criou as lamparinas que primeiro iluminaram a terra habitada pelos Filhos de Ilúvatar e assim teve início a Era das Lamparinas, antes de Melkor destruí-las por inveja. Após a queda das Lamparinas, os Valar saíram da Terra-média e se mudaram para a Ilha de Aman (ou Valinor), criando novamente uma morada para si mesmos (e iniciando a Era das Árvores):

[e] *no meio do Reino Abençoado estava a morada de Aulë; e lá ele muito trabalhou. Pois, na criação de todas as coisas naquela terra, ele teve o papel principal, e lá realizou muitas obras bonitas e bem-feitas, tanto abertamente quanto em segredo*. Dele vêm as *tradições e os conhecimentos da Terra* e de tudo o que ela contém – tanto as tradições dos que nada fazem mas buscam o entendimento do que seja, quanto as tradições de todos os *artífices*: o *tecelão*, aquele que dá forma à *madeira*, aquele que trabalha os *metais*; aquele que *cultiva* e também *lavra*, embora estes últimos e todos os que lidam com o que cresce e dá frutos devam recorrer também à esposa de Aulë, Yavanna Kementári. É Aulë que é chamado de *Amigo-dos-noldor*, pois com ele aprenderam muito nos tempos que viriam; e os noldor são os mais habilidosos dos elfos. E, a seu próprio modo, de acordo com os dons que Ilúvatar lhes concedeu, eles muito acrescentaram aos seus ensinamentos, apreciando línguas e textos, figuras bordadas, desenho e entalhe. Foram também os noldor os primeiros a aprender a criar pedras preciosas; e as mais belas de todas as gemas foram as Silmarils, que estão perdidas (TOLKIEN, 2009, p. 32-33).

Em Valinor habitavam os Valar e três povos éficos,

Manwë e Varda gostavam mais do vanyar, os belos-elfos, mas os *noldor tinham a preferência de Aulë*, e ele e seu povo costumavam andar entre eles. Enormes tornaram-se seu conhecimento e sua habilidade. Entretanto, ainda

maior era sua sede de conhecimento; e, sob muitos aspectos, logo ultrapassaram seus mestres. *Eram criativos na fala, pois tinham um amor imenso pelas palavras e sempre procuravam descobrir nomes mais adequados para todas as coisas que conheciam ou imaginavam* (TOLKIEN, 2009, p. 62-63, grifos nossos).

A sede de conhecimento dos noldor e sua criatividade na fala (criação de nomes), também se devem à influência de Aulë, que

tem poder pouco inferior ao de Ulmo. Governa todas as substâncias das quais Arda é feita. No início, trabalhou bastante na companhia de Manwë e Ulmo; e a criação de todas as terras foi sua tarefa. Ele é ferreiro e mestre de todos os ofícios; deleita-se com trabalhos que exigem perícia, por menores que sejam, e também com a poderosa construção do passado (TOLKIEN, 2009, p. 18).

Tendo construído as Lamparinas para iluminar o mundo – e estas tendo sido destruídas por Melkor –, Aulë, novamente se empenha para criar Luz aos elfos:

Então Manwë pediu a Yavanna e Nienna que exercessem todos os seus poderes em prol do crescimento e da cura. E elas aplicaram todos os seus poderes às Árvores. Porém, as lágrimas de Nienna não conseguiram curar seus ferimentos mortais; e por muito tempo Yavanna cantou sozinha na penumbra. Mesmo assim, no exato momento em que faltou esperança, e seu canto hesitou, Telperion produziu, afinal, num galho sem folhas, uma enorme flor de prata; e Laurelin, um único fruto de ouro.

Esses Yavanna colheu; e então as Árvores morreram. E seus troncos sem vida ainda estão em pé em Valinor, um monumento à alegria perdida. Já a flor e o fruto Yavanna deu a Aulë, e Manwë os abençoou. E Aulë e seu povo criaram naves para contê-los a conservar seu brilho, como está relatado no *Narsilion*, o *Cântico do Sol e da Lua*. Essas naves os Valar entregaram a Varda, para que se tornassem lamparinas no firmamento, brilhando mais do que as estrelas antigas, por se encontrar mais perto de Arda. E ela lhes deu o poder de transitar pelas regiões inferiores de Ilmen e as pôs a percorrer trajetos definidos acima do cinturão da Terra, do oeste para o leste, e a voltar. Tudo isso os Valar fizeram, lembrando, em sua penumbra, a escuridão das terras de Arda. E resolveram então iluminar a Terra-média para, com a luz, dificultar os feitos de Melkor. Pois lembravam-se dos avari que havia permanecido junto às águas de seu despertar; e também não haviam abandonado totalmente os noldor no exílio. Além disso, Manwë sabia que a hora da chegada dos homens se aproximava. E o que se diz é que, da mesma forma que os Valar fizeram guerra a Melkor para proteger os quendi, agora eles eram tolerantes para proteger os hildor, Os Sucessores, os Filhos Mais Novos de Ilúvatar. Pois tão graves haviam sido os danos causados à Terra-média na guerra contra Utumno, que os Valar temiam que algo ainda pior pudesse acontecer, já que os hildor seriam mortais e mais fracos do que os quendi para suportar o medo e o tumulto. Ademais, não foi revelado a Manwë em que local se daria o início dos homens, a norte, sul ou leste. Por isso, os Valar produziram luz, mas fortificaram a terra onde habitavam.

Isil, o Esplendor, foi como os vanyar de outrora chamaram a Lua, em Valinor, flor de Telperion; e Anar, o Ouro de Fogo, fruto de Laurelin, foi como chamaram o Sol. Já os noldor também os chamaram de Rána, a Inconstante, e Vása, o Coração de Fogo, que desperta e incendeia. Pois o Sol foi criado como um sinal para o despertar do homem e para o declínio dos elfos, ao

passo que a Lua homenageia sua memória.

A donzela que os Valar escolheram entre os Maiar para conduzir a nave do Sol chamava-se Arien; e aquele que guiava a ilha da Lua foi Tilion. No tempo das Árvores, Arien cuidava das flores douradas nos jardins de Vána e as regava com os orvalhos cintilantes de Laurelin. Já Tilion era um caçador do grupo de Oromë e possuía um arco de prata. Ele adorava a prata e, quando em Lórien, deitava-se, sonhador, junto aos poços de Estë, sob os raios cintilantes de Telperion. E Tilion implorou que lhe dessem a missão de cuidar para sempre da última Flor de Prata. Arien, a donzela, era mais poderosa do que ele, e foi escolhida por não ter sentido medo do calor de Laurelin e por não ter sido ferida por ele, já que desde o início ela era um espírito de fogo que Melkor não havia conseguido enganar nem atrair para seu serviço. Os olhos de Arien eram brilhantes demais até mesmo para os elfos contemplarem; e, ao deixar Valinor, ela abandonou a forma e os trajes que, como os Valar, usava lá e se tornou como que uma labareda nua, terrível na plenitude de seu esplendor.

Isil foi criada e preparada em primeiro lugar, e subiu primeiro para o reino das estrelas, sendo a mais velha dos novos luzeiros, como Telperion fora a mais velha das Árvores. Por algum tempo, então, o mundo teve luar, e começou a se mover e a despertar grande quantidade de seres que muito haviam aguardado no sono de Yavanna. Os servos de Morgoth muito se admiraram, mas os elfos das Terras de Fora olhavam para o céu, felizes. E no exato instante em que a Lua surgiu, acima da escuridão no oeste, Fingolfin souou suas trombetas de prata e começou sua marcha para entrar na Terra-média. E as sombras de sua hoste iam longas e negras a sua frente.

Tilion já atravessara os céus sete vezes e, portanto, estava no extremo leste, quando a nave de Arien ficou pronta. E então Anar surgiu, gloriosa. E a primeira aurora do Sol foi como um enorme incêndio sobre as torres das Pelóri: as nuvens da Terra-média forma aquecidas, e ouviu-se o som de muitas cachoeiras. Então, Morgoth de fato se intimidou, enfurnou-se nas maiores profundezas de Angband e recolheu seus servos, emitindo vapores fortíssimos e uma nuvem negra para ocultar seus domínios da luz da Estrela do Dia.

Ora, Varda pretendia que as duas naves viajassem em Ilmen e que sempre estivesse nas alturas, mas não juntas. Cada uma deveria passar por Valinor, entrar no leste e voltar, sendo que uma saíria do oeste no momento em que a outra começasse a voltar do leste. Assim, os primeiros dos novos dias foram contados à maneira das Árvores, pela mescla das luzes quando Arien e Tilion passavam cada um em seu trajeto, acima do meio da Terra. Entretanto, Tilion era inconstante e incerto em sua velocidade e não se fixava no caminho que lhe era designado. Além disso, procurava se aproximar de Arien, sendo atraído pelo seu esplendor, embora a chama de Anar o queimasse, e a ilha da Lua ficasse chamuscada.

Em virtude da rebeldia de Tilion e ainda mais em resposta às súplicas de Lórien e Estë, que diziam que o sono e o descanso haviam sido banidos da Terra e as estrelas estavam ocultas, Varda mudou de opinião e concedeu um período no qual o mundo ainda tivesse sombra e penumbra. Anar descansaria algum tempo em Valinor, deitado no colo fresco e acolhedor do mar de Fora; e o Entardecer, a hora da descida e do descanso do Sol, era a hora de maior luz e alegria em Aman. Logo, porém, o Sol era arrastado para baixo pelos servos de Ulmo e seguia apressado por baixo da Terra, chegando, assim, invisível, ao leste para ali voltar a subir no firmamento, a fim de que a noite não se prolongasse, e o mal não se espalhasse à luz da Lua. Pelo poder de Anar, porém, as águas do Mar de Fora eram aquecidas e refulgiam com um fogo colorido, e Valinor teve luz por algum tempo depois da passagem de Arien. Contudo, à medida que Arien seguia por baixo da Terra e se aproximava do leste, o fulgor desbotava, e Valinor ficava às escuras. Nessa hora, as Valar mais lamentavam a morte de Laurelin. Ao amanhecer, as sombras das Montanhas da Defesa caíam pesadas sobre o Reino Abençoado.

Varda ordenou que a Lua se movimentasse da mesma forma e que, passando por baixo da Terra, nascesse no leste, mas somente depois que o Sol tivesse descido do céu. Tilion, no entanto, seguia com um ritmo instável, como ainda segue, e era sempre atraído por Arien, como sempre será. De tal modo que, com frequência, os dois podem ser vistos acima da Terra, juntos; ou pode acontecer que Tilion se aproxime tanto do Sol, que sua sombra esconda o brilho de Arien, e surja a escuridão no meio do dia.

Portanto, com as idas e vindas de Anar, os Valar contaram os dias a partir dali até a Mudança do Mundo. Pois Tilion pouco se demorava em Valinor, mas na maioria das vezes passava veloz pelas terras do ocidente, por Avathar, Araman ou Valinor, e mergulhava no abismo do outro lado do Mar de Fora, seguindo seu caminho em solidão em meio às grutas e cavernas nas raízes de Arda. Ali, costumava passar muito tempo perambulando, só voltando tarde.

Ainda assim, após a Longa Noite, a luz de Valinor era mais forte e mais clara do que a da Terra-média; pois o Sol lá descansava, e as luzes do firmamento se aproximavam mais da Terra naquela região. No entanto, nem o Sol nem a Lua conseguem trazer à lembrança a luz que existia antes, a que emanava das Árvores antes que elas fossem tocadas pelo veneno de Ungoliant. Aquela luz sobrevive agora apenas nas Silmarils.

Morgoth, porém, odiava os novos luzeiros, e por algum tempo ficou desorientado com esse inesperado golpe dos Valar. Atacou, então, Tilion, enviando espíritos de sombra contra ele; e houve luta em Ilmen sob os caminhos das estrelas, mas Tilion saiu vitorioso. E de Arien, Morgoth sentia um medo imenso e não ousava se aproximar, já não possuindo mais esse poder. Pois, à medida que crescia em perversidade e transmitia o mal que concebia sob a forma de mentiras e criaturas nefastas, seu poder passava para elas e se dispersava, enquanto ele e mesmo ficava cada vez mais preso à terra, relutante em sair de seus redutos sinistros. Com sombras, escondia a si mesmo e a seus servos de Arien, cujo olhar não conseguia suportar por muito tempo; e as terras em torno de sua morada eram envoltas em vapores e nuvens enormes.

Ao ver, porém, a investida contra Tilion, os Valar ficaram em dúvida, temendo o que a perversidade e as astúcia de Morgoth poderiam ainda tramocar contra eles. Embora não se dispusessem a enfrentá-lo na Terra-média, eles mesmo assim se lembravam da destruição de Almaren. E resolveram que nada de semelhante aconteceria a Valinor. Por isso, naquela época, voltaram a fortificar toda a terra e ergueram as paredes das Montanhas Pelóri a alturas tremendas e intransponíveis, a leste, norte e sul (TOLKIEN, 2009, p. 116-120, grifo nosso).

Aulë se torna o responsável por trabalhar com a última flor de Telperion e o último fruto de Laurelin criando, assim, Isil (o Esplendor), guiada por Tilion, e Anar (o Ouro de Fogo), guiada por Arien. Inicia-se a contagem do tempo tal qual conhecido pelos homens (Os Filhos do Sol, por terem despertado junto com as naves do Sol e da Lua) e os anos valianos deixam de ser contados. Tal como comentado por Tolkien, os anos solares marcam o fim do esplendor das luzes das Árvores e das Lamparinas, demarcando um mundo decaído e já sem esperanças para os deuses (Valar). Para os homens e justamente por ser responsável pelo elemento Terra na criação, é Aulë quem cria a sustentação da Ilha de Eressëa:

Portanto, quando Morgoth foi expulso, eles se reuniram para deliberar sobre

as Eras que deveriam se seguir. Os eldar eles convocaram para retornar ao oeste; e aqueles que deram ouvidos ao chamado foram morar na Ilha de Eressëa. E existe nessa ilha um porto que é chamado de Avallónë, pois de todas as cidades é a que está mais próxima de Valinor; e a torre de Avallónë é o primeiro ponto que o marinheiro avista quando finalmente se aproxima da Terras Imortais depois de percorrer as léguas do Mar. Aos Ancestrais dos Homens, das três Casas fiéis, também foi dada uma rica recompensa. Eönwë viveu entre eles e transmitiu conhecimentos. E a eles foram concedidos sabedoria, poder e vida mais longa do que as de quaisquer outros da raça mortal. Foi criada uma terra para ser habitada pelos edain, nem parte da Terra-média nem de Valinor, pois estava separada das duas por um vasto oceano. Entretanto, ficava mais próxima de Valinor. Foi erguida por Ossë das profundezas das Grandes Águas, e *foi estabelecida por Aulë* e enriquecida por Yavanna; e os eldar para lá levaram flores e fontes de Tol Eressëa. Essa terra os Valar chamaram de Andor, a Terra da Dádiva; e a Estrela de Eärendil brilhou luminosa no oeste como sinal de que tudo estava pronto, e para servir como guia pelo mar; e os homens se admiraram de ver aquela chama prateada nos caminhos do Sol.

Então, os edain partiram a navegar nas águas profundas, seguindo a Estrela. E os Valar deixaram o mar em calma por muitos dias, mandaram Sol e um vento propício, de modo que as águas cintilavam diante dos olhos dos edain como um vidro ondulante, e a espuma voava como neve diante da proa de suas embarcações. Contudo, tão intenso era o brilho de Rothinzil, que mesmo pela manhã os homens conseguiam vê-la refulgindo no oeste; e, na noite sem nuvens, ela brilhava sozinha, pois nenhuma outra estrela conseguia se equiparar a ela. E, tendo fixado o rumo em sua direção, os edain finalmente transpuseram as léguas do mar e avistaram ao longe a terra que estava preparada para eles, Andor, a Terra da Dádiva, a cintilar numa névoa dourada. Aproximaram-se, então, saindo do mar para encontrar uma terra bela e produtiva, e se alegraram. E chamaram essa terra de Elenna, que significa Na Direção da Estrela; mas também Anadûnê, que significa Ponente, Númenorê no idioma alto-eldarin.

Foi esse o princípio daquele povo que na fala dos elfos-cinzentos é chamado de dúnedain: os númenorianos, reis entre os homens. Entretanto, eles não escaparam desse modo do destino da morte que Ilúvatar havia estabelecido para toda a humanidade, e ainda eram mortais, embora atingissem idade avançada e não conhecessem nenhuma enfermidade até o momento em que a sombra caísse sobre eles. Por conseguinte, tornaram-se sábios e ilustres; e sob todos os aspectos eram mais semelhantes aos Primogênitos do que qualquer outra linhagem dos homens. E eram altos, mais altos do que os mais altos dos filhos da Terra-média. E a luz de seus olhos era como a das estrelas brilhantes. Contudo, era muito devagar que seu número aumentava na Terra; pois, embora lhes nascessem filhos e filhas, mais belos do que os pais, mesmo assim era pequena sua prole (TOLKIEN, 2009, p. 330-332, grifo nosso).

Aulë possuía “talentos e conhecimentos pouco inferiores aos de Melkor” (TOLKIEN, 2009, p. 8), o mais perfeito e poderoso dos Ainur no começo dos tempos, porém, “a alegria e o prazer de Aulë estão no ato de fazer e no resultado desse ato, não na posse nem em sua própria capacidade; motivo pelo qual ele dá, e não acumula, é livre de preocupações e sempre se interessa por alguma nova obra” (TOLKIEN, 2009, p. 8). Justamente por ser humilde e criar por amor é que Aulë não tem apego às suas criações, ele compreende que suas criações são instrumentos da vontade de Eru e não de sua própria vontade. Por ser humilde e obediente,

Melkor sentia inveja de Aulë pois era Aulë o que mais se assemelhava a ele em ideias e poderes; e houve um longo conflito entre os dois, no qual Melkor sempre desfigurava ou desfazia as obras de Aulë; e Aulë se exauria a reparar os tumultos e as desordens de Melkor. *Os dois também desejavam criar coisas que fossem suas, novas e ainda não imaginadas pelos outros, e gostavam de ter sua habilidade elogiada* (TOLKIEN, 2009, p. 18, grifo nosso).

Melkor e Aulë eram semelhantes em ideias e poderes, os dois tinham desejo por criar coisas novas – orcs no caso de Melkor (que não são coisas novas e sim deturpações das já existentes) e anões no caso de Aulë –, os dois são muito parecidos, mas Aulë cria para imitar o pai e Melkor criar para subjugar o pai (para superá-lo). Também na deturpação dos ensinamentos de Aulë, Melkor se mostrou interessado quando

viu que as mentiras se inflamavam, e que o orgulho e a raiva havia despertado entre os noldor, ele lhes falou de armas. E foi nessa época que os noldor começaram a forjar espadas, machados e lanças. Também fizeram escudos, exibindo os símbolos das muitas casas e clãs que competiam entre si. Somente estes eles usavam em público, e de outras armas não falavam, pois cada um acreditava que somente ele havia recebido o aviso. E Fëanor construiu uma forja secreta, que nem mesmo Melkor conhecia; e ali temperou espadas cruéis para si e para os filhos, além de criar elmos altos, com plumas vermelhas. Lamentou amargamente Mahtan o dia em que ensinara ao marido de Nerdanel todo o conhecimento de metais que havia aprendido com Aulë (TOLKIEN, 2009, p. 76).

Os noldor – aqueles elfos que mais se aproximaram e aprenderam com Aulë – começam a produzir as primeiras armas, desvirtuando assim os ensinamentos do Vala ferreiro, utilizando-os com propósitos maléficos. Outra conexão entre Melkor e Aulë está na manipulação do fogo e no desejo pela terra. Aulë é Vala que domina todos os elementos que ficam abaixo do chão (incluindo o próprio chão: areia, pedra e terra) e tem extrema habilidade com o fogo na forja dos metais (isto é, na criação de coisas belas) e Melkor se utiliza da terra como esconderijo (Angband) e do fogo como meio de destruição (Valaraukar e os dragões). Enquanto Melkor corrompe, destrói, tortura, aniquila, inveja, odeia, deforma e espalha sua dissonância pelo mundo, Aulë molda, forja, constrói, ensina, sustenta, cria, inventa, imagina e produz – e quando não o faz é esse o legado que deixa para que homens, anões, elfos e hobbits sigam. Melkor o inveja tanto que tenta habitar o subsolo (Angband) e usar o fogo para seus propósitos malignos (como por exemplo a corrupção dos Valaraukar, os Flagelos de Fogo). Sobre os servos de Melkor, diz **O Silmarillion**, que “o maior era aquele espírito que os eldar

chamavam de Sauron, ou Gorthaur, o Cruel. No início, ele pertencia aos Maiar de Aulë e continuou poderoso na tradição daquele povo” (TOLKIEN, 2009, p. 23). O próprio arquivilão da narrativa de **O Senhor dos Anéis**, o próprio Senhor dos Anéis, possui os conhecimentos aprendidos com Aulë para o trabalho manual e produção de coisas belas, e também o conhecimento adquirido com seu mestre escolhido, Melkor. Juntando as duas facetas desse Maia, tem-se a perfeição do esmero de Aulë unido ao potencial destrutivo e corruptivo de Melkor na produção dos vinte Anéis de Poder. Não é por acaso que diante do demais Valar, ele é chamado de “Aulë, o Criador” (TOLKIEN, 2009, p. 88). A diferença é que Aulë cria por criar, somente para contemplar a beleza de sua criação. O propósito da criação é o próprio prazer de criar e contemplar a beleza do resultado.

Tolkien diz que “o subcriador deseja ser o Senhor e Deus de sua criação particular” e que ele se rebelará “contra as leis do Criador – especialmente contra a mortalidade” (2019, p. 20). Aulë deseja ser o Senhor e Deus de sua criação particular, os anões, mas se mostra humilde e entende sua limitação face aos poderes de Eru. Ele não se rebela contra as leis do Criador e nem contra a mortalidade. O mesmo não acontece com Melkor, que se rebela contra as leis do Criador e contra as leis dos Valar. No entanto, seu servo (Sauron) se rebela contra as leis e tenta se tornar imortal, isto é, prende parte de sua alma a um objeto praticamente indestrutível e monta guarda constante no único local em que ele pode ser destruído. Saruman (inicialmente foi enviado à Terra-média por Aulë e depois se tornou seguidor da malícia de Melkor quando tentou pegar o Anel para si e rivalizar com Sauron, criando até mesmo seus próprios orcs, os Uruk-hai) também demonstra essa busca pela imortalidade e por subjugar as leis do criador. Ambos, Aulë e Melkor se encaixam na subcriação descrita pelo autor. As personagens que melhor representam as duas faces desses Valar são Sauron e Saruman.

A subcriação, segundo Tolkien, pertence à Melkor quando deseja corromper a dominar a criação; ele é o verdadeiro praticante da subcriação, mas Aulë também subcria e passa essa “maldição” para seus filhos: anões que criam obras em metais, elfos que criam Silmarilli e Anéis de Poder, elfos e homens que criam armas, Saruman que cria os Uruk-hai, Sauron que cria orcs e trolls. Dentre todos os poderes herdados de Aulë, o mais importante para a história da Terra-média é o gosto pela “poderosa construção do passado” (TOLKIEN, 2009, p. 18), herdado pelos elfos (tais como, por

exemplo, Rúmil de Tirion ou Pengolodh de Gondolin) e pelos hobbits (que não são herdeiros enviados por Aulë e não se sabe nada a respeito de sua conexão, enquanto povo, com a tradição dos aprendizes do Vala Ferreiro) que contam toda a história coletada com os elfos e depois a vivida por eles mesmos (Bilbo, Frodo e Sam) no fim da Terceira Era do Sol.

2.6 A PROTEÇÃO DO CONDADO E O ISOLAMENTO DOS HOBBITS

Como comentado e discutido anteriormente, Gandalf tem uma certa predileção pelo estilo de vida dos hobbits, mas o “que será que os Hobbits têm que é tão atraente para o mago?” (SMITH, 2012, p. 140). Gandalf, como os pequenos, “também gosta da hora do chá e de boa cerveja, e até pegou o curioso hábito hobbit, ou ‘arte’, como os Hobbits dizem, de fumar Folha do Velho Tolby. O mago ficou tão encantado com o Condado que se tornou quase um nativo” (SMITH, 2012, p. 139-140). Justamente o fato de serem pequenos e terem sido praticamente esquecidos dos grandes relatos das Eras das Árvores, das Lamparinas e das duas primeiras Eras do Sol, faz com que sejam os elementos perfeitos para atuar como uma arma secreta na luta contra o poder maligno de Sauron: “Gandalf não só quer preservar este lugar excepcional da ira vindoura de Sauron, como também percebe que os habitantes do Condado serão integrantes, de certa forma, da derrota daquele poder sombrio” (SMITH, 2012, p. 139-140). Gandalf é um Maia, pertencente a classe dos Istari, uma personagem poderosíssima dentro do universo em questão, interdita e limitada pelos desígnios dos Valar, proibida de fazer valer sua vontade pela força e de mostrar seus poderes abertamente. Gandalf está “cheio de poderes ocultos” (SMITH, 2012, p. 140), mas prefere atuar como “guia, que coloca os habitantes da Terra-média em seus caminhos e reaparece, em períodos cruciais, em suas aventuras ou para conduzi-los à direção certa, ou para, literalmente, tirá-los do fogo” (SMITH, p. 141). Se comparado aos hobbits, dentro de sua ordem e seguindo o Protocolo Istari, Gandalf também assume a posição de alguém que atua na surdina, atua no subtexto, no pano de fundo das ações da Terra-média,

[e]le se torna um ajudante de todas as pessoas boas das terras, estuda suas histórias e tradições, e, ao mesmo tempo, viaja disfarçado para países distantes, espionando os habitantes sinistros da Terra-média. Mas Gandalf visita o Condado de tempos em tempos simplesmente para relaxar. (Apesar de ser um Istari, ele tem o corpo e as necessidades de um humano.) Durante

séculos ele passa um tempo, de vez em quando, na terra dos Pequenos, e estuda essas curiosas criaturas chamadas Hobbits (SMITH, 2012, p. 139).

Quando chega à Terra-média, trajando as vestes do mundo (o corpo humano que lhe foi atribuído), Gandalf chega por último – os quatro primeiros a desembarcar nos Portos Cinzentos foram Saruman, Alatar, Pallando e Radagast – e é descrito como o menos poderoso, imponente e aquele cujas feições e estatura demonstravam mais fragilidade. Essa importância secundária destinada a ele, como membro do Conselho Branco, mas não como líder (papel adotado por Saruman, o Branco), lhe dá liberdade para cuidar de seus próprios interesses (a missão, na verdade, atribuída pelos Valar, de convencer os Povos Livres a lutar contra Sauron, sem o uso da força ou de seus poderes) e também aprender tudo sobre os habitantes da Terra-média sem se expor como figura de grande importância:

Quando Bilbo se encontra com Gandalf, do lado de fora de sua porta da frente, no começo de *O Hobbit*, ele vê o mago como uma espécie de mágico ordinário, um estágio acima, vamos dizer, de um viajante vendedor de cogumelo ou um Sacola-Bolseiro. Gandalf é conhecido por seus maravilhosos fogos de artifício, é claro, mas ele parece suspeito para Bilbo. Não muito respeitável. Mas tudo isso faz parte do *modus operandi* de Gandalf. Se ele dissesse às pessoas quem e o que ele era de verdade, ou elas ficariam apavoradas com ele ou pensariam que ele era louco. Ele esconde o seu poder e a sua inteligência para que possa se entrosar e observar todos sem chamar atenção para si mesmo. [...] Para um Istari como Gandalf, a prova de o pudim ser bom está em comê-lo: nossas ações é que contam (SMITH, 2012, p.140, grifos do autor).

Gandalf sabe, através de estudo e conhecimento das tradições, que o Anel de Sauron tem o poder de corromper os corações daqueles que ousam portá-lo e utilizá-lo, por isso “não se atreve a experimentar o poder [...] ele sabe que se ele tentar usar a ferramenta de Sauron, a natureza do Anel do mal corromperá suas intenções virtuosas e o tornará tão mau quanto Sauron” já que o Anel “tem grande poder, mas apenas o poder de destruir” (SMITH, 2012, p.141). Sua sabedoria, humildade e compaixão fazem com que Gandalf sinta pena de Gollum ao interrogá-lo sobre o Anel: “ele sente pena daquela coisinha horrível e infeliz [...] porque Gollum foi corrompido pelo pior poder do Anel” e “acredita que Gollum talvez ainda tenha um papel a desempenhar na derrota de Sauron” (SMITH, 2012, p. 143).

Gandalf é, nesse ponto, o responsável pela conexão entre as três narrativas que envolvem a mitologia completa do *legendarium*, sendo ele – em sua incansável atuação desde a sua chegada à Terra-média até sua partida nos Portos Cinzentos –

responsável por descobrir e planejar o meio mais apropriado para restaurar o equilíbrio e paz entre os povos do mundo. Como se verá adiante, os hobbits desconhecem o mundo externo e são desconhecidos pelos povos “de fora” (do Condado, como eles costumam se referir a todos que não vivem em suas terras). Por esse motivo, fruto da sabedoria divina de Gandalf, a demanda do Anel pôde ser completada por Frodo sem que o Inimigo soubesse de sua movimentação. Essa ação planejada por Gandalf é um eco temático do passado distante:

porque [...] deve exemplificar muito claramente *um tema recorrente*: o lugar na “política mundial” dos *atos imprevistos e impreviáveis* da vontade, e dos *feitos de virtude dos aparentemente pequenos, sem grandeza, esquecidos nos lugares dos Sábios e Grandes* (tanto bons quanto maus). Uma moral do todo (depois do simbolismo primário do Anel, como vontade de mero poder, que busca tornar-se objetivo por força e mecanismos físicos, e assim, inevitavelmente, também por mentiras) é aquela óbvia de que, sem o elevado e o nobre, o simples e vulgar é totalmente vil; e sem o simples e ordinário, o nobre e heroico não possui significado (TOLKIEN, 2006, p. 155-156, grifos nossos).

Essa luta entre paz e guerra se mostra como fundamento da narrativa em **O Senhor dos Anéis**, a gradual perda da inocência e aprendizado com a insegurança das terras externas ao Condado é o

tema central de quase todo o livro [...] o *contraste entre os hobbits (ou “o Condado”)* e o *destino terrível* ao qual alguns deles são chamados, a descoberta terrível que *a humilde felicidade do Condado, que eles pensavam ser certamente normal, é, na realidade, um espécie de acidente local e temporário, que sua existência dependa de sua proteção por poderes que os hobbits não se atrevem a imaginar*, que qualquer hobbit pode se ver forçado a sair do Condado e se envolver nesse grande conflito. Mais estranhamente ainda, *o advento desse conflito entre coisas mais fortes pode depender deles, que são quase os mais fracos* (LEWIS, 2018, p. 148-149, grifos nossos).

Quando Tolkien fala sobre o “tema recorrente”, refere-se à

principal história de *O Silmarillion*, e que recebe o tratamento mais pleno, é a “História de Beren e Lúthien, a Donzela-élfica”. Aqui encontramos, entre outras coisas, o primeiro exemplo do motivo (que se tornará dominante nos *Hobbits*) de que as grandes políticas da história mundial, “as rodas do mundo”, são frequentemente giradas não pelos Senhores e Governantes, ou mesmo pelos deuses, mas pelos aparentemente desconhecidos e fracos – devido à vida secreta que há na criação, e à parte incompreensível e toda sabedoria, exceto Uma, que reside nas intrusões dos Filhos de Deus no Drama (TOLKIEN, 2019, p. 26, grifo do autor).

Ao contrário de Saruman – que rompe com o Protocolo Istari e se isola em sua

torre e recorre à magia, à “máquina” em busca do Poder por meio de sua tirania subcriativa –, Gandalf é simples e amigável, é o grande conhecedor das línguas, das tradições, dos povos, dos animais, dos caminhos e segredos. Por duas vezes, inocentes hobbits saíram do Condado sem ter a intenção de se aventurar pelo vasto mundo desconhecido. Em ambas as situações, Gandalf foi o responsável por suas saídas apressadas e impensadas. Na narrativa de **O Hobbit**, Gandalf é o responsável pela aventura de Bilbo, culminando no achado do Um Anel. Na narrativa de **O Senhor dos Anéis**, ele também impulsiona Frodo para fora do Condado, novamente envolvendo o Anel. O segundo capítulo de **O Senhor dos Anéis**, “A Sombra do Passado”, tem uma longuíssima história contada a Frodo por Gandalf sobre Gollum, Bilbo, Sauron e os Anéis de Poder. O primeiro capítulo, “Uma Festa Muito Esperada”, faz a conexão com o primeiro capítulo de **O Hobbit**, “Uma Festa Inesperada”, e finaliza a atuação de Bilbo nos acontecimentos da Terra-média. Seu papel foi encontrar o Anel e mantê-lo seguro durante muitas décadas. Frodo assume a responsabilidade pelo Anel – ele herda o fardo – e se vê obrigado a deixar o Condado às pressas. Frodo desaparece do Condado, isto é, não deixa qualquer sinal para os Servidores do Inimigo, pois ainda finge estar vivendo na casa nova na Terra dos Buques, logo depois de Bilbo ter literalmente desaparecido do Condado. Essa invisibilidade dos hobbits é literalmente representada quando usam o Anel de Sauron e se tornam planinaltas, ou seja, conseguem ficar entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos (o mundo dos deuses e dos mortais; do cotidiano e do sobrenatural; do romance e da épica) ao mesmo tempo; e é representada também pelo desconhecimento de sua existência, como será discutido em breve. Gandalf também é invisível (comparado à existência dos hobbits), pois ninguém sabe seu verdadeiro nome, quais são seus verdadeiros poderes, qual a sua missão, de onde ele veio e qual a sua idade.

Gandalf é conhecido – mesmo que remotamente – por todos os povos e em todos os cantos da Terra-média, mas sua verdadeira missão, seus trabalhos, pesquisas e viagens são desconhecidos por quase todos os seres que o conhecem, exceto pelos membros do Conselho Branco. Gandalf aparece e desaparece inúmeras vezes ao longo da jornada de Frodo. Ele sempre está e não está acompanhando os destinos do Portador do Anel. Suas idas e vindas, seu disfarce de velho feiticeiro amigo dos elfos (a ocultação de sua imortalidade), o fato de ser o Portador de um dos Três Anéis Élficos de Poder (Narya, o Anel de Fogo) e o ocultamento de seus afazeres conferem ao mago todas as características suficientes para conectar a história de

Bilbo com a história de Frodo e ambas com a história dos Anéis de Poder. No início da narrativa, Bilbo completa 111 anos e Frodo está com 33. Nesse momento da história da Terra-média Gandalf já está trabalhando como emissário dos Valar há 2001 anos.

Como bem observou Polachini,

Gandalf era *líder e conselheiro* dos povos livres. Foi através de sua ajuda, aparecendo sempre quando era mais necessário e menos esperado, que derrotaram o Senhor Negro. *Na narrativa funciona como historiador e profeta*. Gandalf aproveitou todas as oportunidades para relatar algo sobre o passado da Terra Média, para cantar uma canção antiga ou recitar um poema. Ele narrou a história do Anel, de Isildur, de Gollum, cantou sobre os elfos de antigamente, mostrou a sabedoria dos versos de tempos remotos. Como profeta, aconselhou sobre o que poderia acontecer sem contar abertamente tudo que sabia.

Existe uma grande semelhança entre Gandalf e Merlin. Vestia-se como o mago medieval, era velho e sábio, tinha poderes sobrenaturais e o dom da profecia. Ambos aconselharam um rei (Merlin a Artur, Gandalf a Aragorn) que, por sua vez, decidiu o destino de uma nação: Artur, o da Inglaterra, Aragorn, o da Terra Média.

Saruman era como um alter ego de Gandalf, como o lado negativo de uma força positiva, e compartilhava, como Gandalf, semelhanças com Merlin. Saruman também aconselhava um rei, Théoden, só que o fez de forma negativa e indireta através de seu servo, Gríma (POLACHINI, 1984, f. 86-87).

O passado mítico é sempre relatado por personagens ligadas à tradição, como por exemplo Elrond, Galadriel e o próprio Gandalf. Ao mesmo tempo em que contam as histórias dos Dia Antigos para as demais personagens – quase sempre hobbits –, informam o leitor por meio de alguma descrição, que “serve para, no interior da narrativa, comunicar informação, do autor ao leitor, por meio de uma personagem informada a uma outra que não o está” (BOURNEUF; OUELLET, 1976, p. 157). Retomando a análise elemental proposta no início dessa tese e unindo-a às discussões da dissonância (Melkor) e subcriação (Aulë e Melkor), merece destaque o fato de que Gandalf é um Maia enviado à Terra-média por Manwë, o mais poderoso entre os Valar – depois de Melkor – sendo filho do pensamento de Eru e responsável por controlar os ventos. Manwë Súlimo é seu nome, significando Vento Abençoado ou Vento Imaculado. Este Vala

tem a *maior estima de Ilúvatar e compreende com mais clareza seus objetivos*. Ele foi designado para ser, na plenitude do tempo, o *primeiro de todos os Reis: senhor do reino de Arda* e governante de todos os que o habitam [...] ama todas as aves velozes, de asas fortes; e elas vão e vêm, atendendo às suas ordens (TOLKIEN, 2009, p. 16, grifos nossos).

Ele habitava a mais alta montanha da Terra-média, Taniquetil (a Montanha Sagrada), e governante das aves, como as Águias Gigantes – que resgatam Frodo e Sam das Terras de Mordor no fim de **O Senhor dos Anéis** –, cujas funções eram vigiar Melkor e colher informações. Além de resgatar os dois hobbits na Montanha da Perdição, as águias também são responsáveis por salvar a Companhia de Thorin dos orcs e wargs em **O Hobbit** e lutam contra as forças do Inimigo na Batalha dos Cinco Exércitos.

Por ter se mantido fiel aos desígnios dos Valar até a morte, literalmente, Gandalf recebe uma nova vida e atua como o verdadeiro Istari designado pelos Poderes para restabelecer a ordem no mundo da criação. É Gandalf quem percebe a importância do papel desempenhado pelos hobbits e, mais do que isso, é ele que enxerga essa possibilidade – remota e infrutífera (desesperada e insana para os mais conservadores) na visão da maioria dos povos – de enviar os hobbits à Montanha da Perdição e contar com eles para realizar os feitos nos quais homens, anões e elfos haviam anteriormente falhado, ou seja, ter desapego suficiente para possuir o poder materializado nas próprias mãos e ainda assim se capaz de se livrar dele, visando o bem maior da comunidade global.

2.7 OS HOBBITS DESCONHECEM O MUNDO E SÃO DESCONHECIDOS

Como comentado no item anterior, os hobbits foram isolados do contato com o mundo externo ao Condado, por vontade de Gandalf e com a ajuda dos Guardiões. Esse isolamento, a princípio sem explicação, é utilizado como um artifício na construção da atuação dessas personagens no decorrer das histórias da Terra-média, isto é, Tolkien se utiliza desse isolamento planejado pelo mago para justificar o sumiço dos hobbits ao longo das Eras do Sol e garante que seu aparecimento repentino na história, como portadores do Anel, configurem um plano divino arquitetado por Gandalf para utilizar a (não) existência dos hobbits como arma secreta na guerra contra Sauron e os poderes malignos. Dos sábios componentes do Conselho Branco, somente Gandalf conhece a fundo a localização e as tradições dos hobbits. Elfos como Galadriel e Enlond, conhecem a existência dos pequenos, mas não os julgam relevantes para determinar os destinos dos Povos Livres. Saruman e Radagast também sabem de sua existência, mas desconhecem a origem do afeto de Gandalf

destinado a eles, e essa se torna a grande estratégia de Gandalf ao longo da narrativa de **O Senhor dos Anéis**, já que gradualmente começa a desconfiar da traição da Saruman e percebe que o isolamento do Condado também garante que esse traidor não saiba da presença do Anel nas terras dos pequenos, o que, do contrário, causaria uma invasão imediata e a posse do Anel. Saruman se tornaria, então, tão mal quanto ou pior do que Sauron, sendo ambos Maiar enviados pelos Valar.

O isolamento dos pequenos não se dá somente de fora para dentro, acontecendo de dentro para fora também, isto é, Gandalf não deixa que informações preocupantes do mundo de fora interfiram na harmoniosa vida dos hobbits, já que desconfiava que o anel de Bilbo fosse o Um Anel, e isso poderia causar medo ou até uma atitude impensada do hobbit. Desse modo, o mago evita o desespero dos hobbits, o vazamento de informações privilegiadas – e até então desconhecidas de todos os demais sábios da Terra-média – e mantém a história em suspenso, desde o desaparecimento do Anel quando Isildur foi atacado até o tempo atual da narrativa no início de **O Senhor dos Anéis**. As descrições envolvendo os hobbits e o Condado parecem querer mostrar, a todo tempo – do início ao fim da narrativa – o estranhamento causado por tudo aquilo que fuja à normalidade, por tudo aquilo que venha do mundo de fora. Os hobbits são um povo “discreto”, amam a “paz e a tranquilidade”, uma região campestre com terra cultivada é o seu “refúgio favorito”, já que se “sentiam intimidados pelas ‘Pessoas Grandes’ e as “evitam com pavor”, se “tornando difíceis de encontrar” (TOLKIEN, 2000. p. 1). A própria descrição dos hobbits e do Condado repele tudo aquilo que é externo ao seu mundo. Os hobbits “[p]ossuem, desde o início, a arte de desaparecer rápida e silenciosamente, quando pessoas grandes que não desejam encontrar aparecem pelos caminhos aos trambolhões” (TOLKIEN, 2000, p. 1). Percebe-se que, mais do que uma estratégia desenvolvida por Gandalf, o desinteresse pelo mundo de fora é uma escolha deles, posto que inicialmente mantinham relações diplomáticas com o “rei em Fornost” quando chegaram às terras próximas ao Condado e “tudo o que se exigia deles era que fizessem a manutenção da Grande Ponte e de todas as outras pontes e estradas, que facilitassem a passagem dos mensageiros do rei e que reconhecessem seu poder” (TOLKIEN, 2000, p. 4). Foi nesse tempo que

os hobbits do Oeste se apaixonaram por sua nova terra e lá permaneceram, e assim *rapidamente mais uma vez desapareceram da história dos homens de dos elfos*. Enquanto ainda havia um rei, eram seus súditos nominais; mas

na verdade eram governados por seus próprios líderes e *não se misturavam de modo algum com os acontecimentos do mundo lá fora*. Na última batalha em Fornost contra o Rei dos Bruxos de Angmar, enviaram alguns arqueiros para ajudar o rei, ou pelo menos assim afirmavam, embora *nenhuma história dos homens confirme a informação* (TOLKIEN, 2000, p. 5, grifo nosso).

Mas a guerra terminou com o Reinado do Norte e os hobbits “tomaram a terra para si próprios, e escolheram entre seus próprios chefes um Thain para *ocupar o lugar de autoridade do rei que havia partido* (TOLKIEN, 2000, p. 5, grifo nosso). Tendo sido abandonado pelo Rei de Fornost, os hobbits ficaram com todas as terras e se viram livres da autoridade externa, mas permaneceu

a antiga tradição, acerca do Alto Rei de Fornost, ou Cidadela do Norte, como chamavam o lugar ao norte do Condado. Mas não tinha havido um rei por mais de *mil anos*, e mesmo as ruínas do Rei da Cidadela do Norte estavam cobertas pelo mato. Mas os hobbits ainda comentavam sobre *povos selvagens e coisas perversas* (como trolls) que não tinham ouvido falar do rei. Pois eles *atribuíam ao rei de outrora todas as suas regras essenciais*; e geralmente mantinham as leis do livre-arbítrio, pois estas eram As Regras (como diziam), tão antigas quanto justas (TOLKIEN, 2000, p. 10, grifos nossos).

Mesmo livres da autoridade externa de um Rei, os hobbits ainda permaneceram, durante certo tempo, em contato com habitantes externos, como elfos, homens e anões, com quem aprenderam muito:

[é] provável que o *ofício da construção*, além de muitos outros ofícios, tenha sido copiado dos *Dúnedain*. Mas os hobbits podem ter aprendido diretamente com os *elfos*, os professores dos homens quando jovens [...] O ofício da construção pode ter vindo dos elfos ou dos homens, mas os hobbits o usavam à sua própria maneira [...] e as construções dos hobbits tinham sido alteradas havia muito, aprimoradas por *métodos aprendidos com os anões* ou desenvolvidos por eles próprios [...] As casas e tocas dos hobbits do Condado eram sempre grandes, e habitadas por grandes famílias. (Bilbo e Frodo Bolseiro, sendo solteiros, *eram muito incomuns*, como eram também em muitos outros pontos, como por exemplo *em sua amizade com os elfos*) (TOLKIEN, 2000, p. 7-8, grifos nossos).

Eles foram gradualmente se afastando dos demais povos, mesmo sabendo de sua existência, “[p]ois os elfos da Alta Linhagem ainda não haviam abandonado a Terra-média e naquela época ainda moravam nos Portos Cinzentos, no longínquo Oeste, e em outros lugares dentro dos domínios do Condado” (TOLKIEN, 2000, p. 7). Conforme o tempo passava “eles falavam cada vez menos com os elfos, e se tornaram receosos deles, e desconfiados daqueles que tinham relações com eles” (TOLKIEN, 2000, p. 7). Resultou disso o distanciamento completo dos hobbits que

prestavam cada vez menos atenção ao *mundo de fora*, onde coisas obscuras aconteciam, chegando a pensar que paz e fartura fossem a regra da Terra-média e o direito de todas as pessoas sensatas. Esqueceram ou ignoravam o pouco que sabiam dos *Guardiões* e dos trabalhos daqueles que *possibilitavam a paz prolongada do Condado*. Na verdade, eles estavam protegidos, mas *deixaram de se lembrar disso* (TOLKIEN, 2000, p. 5, grifos nossos).

Esse gradual sumiço da história dos hobbits conectada aos demais povos também inclui o sumiço de seus registros e usos da língua própria, como ser verá mais a frente, e cria uma atmosfera de paz, tranquilidade e imutabilidade duradoura, fazendo-os lembrar do mundo de fora somente por intermédio de “histórias e lendas de antigamente” (TOLKIEN, 2000, p. 11) contadas “pelos avós” (TOLKIEN, 2000, p. 6). Essa paz reinante oriunda desse afastamento chegou a tal ponto que qualquer intervenção externa se transformava “num incômodo” (TOLKIEN, 2000, p. 11). O resultado desse isolamento é tornar os hobbits mais jovens (Frodo, Sam, Merry e Pippin) completamente inaptos para desempenhar sua função enquanto heróis, mas isso também proporciona a oportunidade de fazer o leitor apreender o mundo de fora ao mesmo tempo em que eles o fazem e também mostrar sua iniciação gradual como heróis. O isolamento tornado ignorância se mostra quando os quatro hobbits encontram punhais na Colina dos Túmulos e, ao pendurarem-nos nos cintos, o narrador informa que eles “se sentiam muito desajeitados”, pois, “imaginavam se algum dia seriam úteis” já que “lutar nunca tinha antes passado por suas cabeças” (TOLKIEN, 2000, p. 150). As surpresas dos hobbits com o mundo de fora aparecem constantemente: “– *A que distância fica Valfenda?* – perguntou Merry, olhando ao redor com cansaço. *O mundo era selvagem e grande, visto do Topo do Vento*” (TOLKIEN, 2000, p. 194, grifos nossos).

A cada passo dos pequenos uma novidade se apresenta, como quando chegam a Lothlórien e Sam diz que “[s]empre quis ver um pouco de mágica como aquela que se conta nas histórias antigas” (TOLKIEN, 2000, p. 377), ou quando, mais a frente, ele se depara com um Olifante e diz “– Então existem Olifantes, e eu vi um. Que vida! Mas ninguém lá em casa vai acreditar em mim” (TOLKIEN, 2000, p. 695). As descobertas mostram que os hobbits têm conhecimento teórico sobre as lendas, mas não acreditavam nelas, mostrando também um estreitamento mental, uma descrença quase científica calcada na realidade empírica, acreditando somente nos próprios olhos. Essa é uma das críticas de Tolkien àqueles que julgam a fantasia como

um mero escapismo e dá ao leitor a sensação experimentada pelos hobbits de poder ver a magia se revelando aos poucos como uma realidade mais real do que a materialidade imediata do mundo prosaico. Além do desconhecimento (ou antes, como seria mais prudente chamar, a descrença) das coisas, eles também desconhecem os lugares, reforçando o seu estreito conhecimento geográfico: “Os hobbits do Condado se referiam aos de Bri e a quaisquer outros que moravam além das fronteiras, como os de Fora” (TOLKIEN, 2000, p. 155).

Assim, os pequenos se fecharam em seu mundo reduzido, restando somente “nós” e “eles”, os de “dentro” e os de “fora”. Esse modo reduzido de ver o mundo se revela quando se sabe que “era muito maior o número dos de Fora espalhados pelo oeste do Mundo naqueles tempos do que o povo do Condado pudesse imaginar” (TOLKIEN, 2000, p. 155). Quaisquer localidades fora podem se resumir a “terras completamente estranhas, além de todas as lendas do Condado” (TOLKIEN, 2000, p. 152). Esse estreitamento do conhecimento se dissolve lentamente para os quatro pequenos da Comitiva do Anel, mas ainda permanece nos demais hobbits do Condado até o fim da narrativa, como se vê no comentário do Feitor, pai de Sam: “E enquanto o senhor esteve perambulando por *terras estrangeiras*, caçando homens negros montanha acima, pelo que diz o meu Sam, *embora não explique muito bem para quê*, eles foram lá e escavaram a rua do Bolsinho e arruinaram minhas batatas!” (TOLKIEN, 2000, p. 1074, grifos nossos). Assim se mostra que o Condado – excetuando-se Bilbo, Frodo, Sam, Merry e Pippin –, do início ao fim da narrativa, desconhece os assuntos do Anel, de todos os Povos Livres e dos destinos da Terra-média.

Essa sensação de desconhecer o mundo, como se vê pelo particular ponto de vista dos hobbits, quando dizem “Lá atrás a casa, em frente o mundo” (TOLKIEN, 2000, p. 80), também é vista quando se percebe que o mundo também desconhece a existência dos hobbits. O leitor é informado sobre a quebra dessa ruptura entre nós e eles, aqui e lá, dentro e fora, casa e mundo, quando Frodo e os outros hobbits encontram Galdor logo na saída da Terra dos Buques e este lhes adverte, dizendo: “O vasto mundo está em volta de vocês. Podem se trancar aqui dentro, mas não trancá-lo lá fora” (TOLKIEN, 2000, p. 86).

O próprio autor já indica a condição de desconhecidos dos hobbits quando informa, na primeira página de **O Senhor dos Anéis**, que Bilbo foi “o primeiro hobbit a se tornar famoso no mundo todo” graças a “uma aventura que mais tarde envolveria

todos os hobbits nos grandes acontecimentos daquela Era” (TOLKIEN, 2000, p. 1). Em toda a história da existência dos hobbits, Bilbo foi o primeiro a realizar algum feito notável o suficiente para chamar a atenção dos povos de fora do Condado. Tentando compensar a inexplicável (do ponto de vista Cosmogônico) existência do povo pequeno, Tolkien tenta atribuir a ele uma ancestralidade, uma existência anterior, já que sua origem “se situa nos Dias Antigos, agora perdidos e esquecidos”, mas não há “dúvida de que os hobbits, de fato, viveram sossegadamente na Terra-média por muitos anos antes que qualquer outro povo tomasse conhecimento deles” (TOLKIEN, 2000, p. 2). Essa condição revela a invisibilidade do povo pequeno e, em certo sentido, sua irrelevância nas histórias de elfos e homens: “Apenas os elfos preservam registros de sua própria história, na qual os homens aparecem raramente e os hobbits não são mencionados”, tendo em vista que o povo pequeno “parecia ter muito pouca importância”, tendo se tornado “tanto importantes quanto renomados” na época de Frodo e Bilbo, quando “atrapalharam as deliberações dos Sábios e dos Grandes” (TOLKIEN, 2000, p. 2). A escolha da palavra “atrapalharam” não ajuda a deduzir que eles foram tão importantes para a história dos elfos, e talvez isso se deva a uma desatenção de Tolkien, já que ao longo das narrativas todas as raças se unem para dar oportunidade a Frodo em mostrar sua grande importância e utilidade nas histórias da Terra-média.

Outro fator determinante para o posicionamento dos hobbits nas histórias do *legendarium* é que eles não aparecem e registro de homens e elfos, vindo a integrar a história oficial da Terra-média somente por intermédio de seus próprios relatos em **Lá e de Volta Outra Vez** e **O Livro Vermelho do Marco Ocidental**. Os hobbits não são apresentados pela voz do Outro, eles são retratados pela sua própria experiência que desvela o mundo ao mesmo tempo em que mostra sua própria existência. Ao longo da narrativa os hobbits se constituem enquanto povo (e enquanto heróis, para aqueles envolvidos nas aventuras) à medida em que se enxergam a partir do Outro, do externo, do grande, do Mundo circundante, deixando clara a sua inexistência por si só. Isso se vê quando o narrador fala que a aventura de Bilbo em **O Hobbit** “não teria sido de muito interesse para a história posterior, ou merecido mais que uma nota nos longos anais da Terceira Era, se não fosse por um ‘acidente’” (TOLKIEN, 2000, p. 11). É o Anel que inclui os hobbits na história de elfos e homens, esse pequeno acidente do achado. Mais uma vez o narrador mostra a insignificância e invisibilidade dos hobbits, incapazes por mérito próprio de participar da existência coletiva dos

povos, devendo sua inclusão à vontade própria do Anel, aos impulsos de Gandalf, à sorte de Bilbo e ao acidente do achado.

Quando a Comitiva do Anel se separa – no incidente que envolveu a morte de Boromir, a “fuga” de Frodo e Sam e o rapto de Merry e Pippin –, Gimli, Aragorn e Legolas caçam os orcs que raptaram os dois hobbits. Durante o percurso são cercados pelos Cavaleiros de Rohan, liderados por Éomer, que desejam saber o motivo de sua viagem, e Aragorn descreve os hobbits como seres “pequenos, apenas crianças aos seus olhos, descalços, mas vestidos de cinza” (TOLKIEN, 2000, p. 453). Éomer responde que ao matar os orcs não encontrara “crianças nem anões” (TOLKIEN, 2000, p. 453). Finalmente Gimli tenta descrever melhor os amigos raptados, dizendo:

– Não estamos falando de crianças nem de anões – disse Gimli. – Nossos amigos eram hobbits.

– Hobbits? – disse Éomer. – E que vêm a ser eles? Esse nome é estranho.

– Um nome estranho para um povo estranho – disse Gimli. – Mas estes nos eram muito caros. Parece que vocês em Rohan ouviram falar das palavras que perturbaram Minas Tirith. Elas falavam do Pequeno. Esses hobbits são Pequenos (TOLKIEN, 2000, p. 453).

Diante do total desconhecimento da raça dos hobbits, um Cavaleiro diz:

– Pequenos! – riu o Cavaleiro que estava ao lado de Éomer. – Pequenos! Mas *eles são apenas um pequeno povo em velhas cantigas e histórias infantis do norte*. Estamos andando em *lendas* ou sobre a terra verde à luz do dia? (TOLKIEN, 2000, p. 453-454, grifos nossos).

A fala do Cavaleiro mostra que os hobbits são, no momento da conversa, totalmente desconhecidos das tradições do povo de Rohan, exceto pelas lendas. Por fim, é Gandalf – acompanhado pelo Rei Théoden – quem encontra os dois hobbits perdidos:

– Não se pode duvidar que estamos testemunhando o encontro de amigo muito queridos – disse Théoden. – Então estes são os perdidos de sua comitiva, Gandalf? Os dias estão destinados a se encher de *maravilhas*. Já vi muitas desde que deixei minha casa; e bem aqui, diante de meus olhos, *estão mais duas pessoas saídas das lendas*. Esses não são os Pequenos, que alguns entre nós chamam de *Holbytlan*?

– Hobbits, por gentileza, senhor – disse Pippin.

– Hobbits? – disse Théoden. – *Sua língua está estranhamente mudada*; mas assim o nome não soa inadequado. Hobbits. *Nenhum relato que eu tenha escutado faz justiça à realidade*.

Merry fez uma reverência, e Pippin se levantou e fez o mesmo. – É generoso, meu senhor; ou pelo menos espero que possa entender suas palavras desse

modo – disse ele. – E aqui está outra maravilha! *Já vaguei por muitas terras desde que deixei minha casa, e nunca até agora encontrei pessoas que soubessem qualquer história sobre hobbits.*

– Meu povo veio do norte há muito tempo – disse Théoden. – Mas não vou enganá-los: *não sabemos histórias sobre hobbits.* Tudo o que se diz entre nós é que muito longe, além de muitas colinas e rios, *vivem as pessoas pequenas, que moram em tocas em dunas de areia. Mas não há lendas sobre seus feitos, pois comenta-se que fazem pouca coisa, e evitam encontrar os homens, sendo capazes de desaparecer num piscar de olhos; e podem mudar suas vozes para imitar o piar dos pássaros. Mas parece que se poderiam dizer mais coisas.*

– Realmente poder-se-ia, meu senhor – disse Merry.

– Para começar – disse Théoden –, *nunca ouvi que eles soltavam fumaça por suas bocas.*

– Isso não é de admirar – respondeu Merry –, pois esta é uma arte que só praticamos há algumas gerações. Foi Tobold Corneteiro, do Vale Comprido, na Quarta Sul, quem primeiro cultivou a verdadeira erva-de-fumo em seus jardins, por volta do ano 1070, de acordo com nosso registro. Como o Velho Toby encontrou a planta... (TOLKIEN, 2000, p. 583-584, grifos nossos).

O breve diálogo entre Théoden, Merry e Pippin mostra que os pequenos fazem parte da história conhecida na terra dos cavaleiros, mas não existem lendas sobre eles, isto é, sabe-se alguma coisa sobre o modo de vida deles, mas não se sabe de grandes feitos realizados pelo povo dos pequenos. Faramir, irmão de Boromir, filho do Regente de Gondor, também não conhece a existência dos hobbits, e revela: “Vocês são um povo novo, e um mundo novo para mim. Todo o seu povo é assim? Sua terra deve ser um reino de paz e felicidade, e lá os jardineiros devem ser muito respeitados” (TOLKIEN, 2000, p. 717). Enquanto Frodo, Sam e Gollum conversam com Faramir em seu trajeto para Mordor, Gandalf aparece com Pippin na Cidade de Gondor e o mesmo espanto se revela nos homens da cidade devido ao desconhecimento do povo dos hobbits:

Gandalf conversava com os homens que haviam barrado seu caminho e, enquanto escutava, Pippin percebeu que *ele mesmo era o assunto da discussão.*

– Sim, é verdade, nós conhecemos você, Mithrandir – disse o líder dos homens –, e você conhece as senhas dos Sete Portões, e está livre para seguir em frente. *Mas não conhecemos seu companheiro. O que é ele? Um anão vindo das montanhas do norte? Não queremos forasteiros em nossa terra nestes tempos, e não ser que sejam valorosos combatentes, em cuja lealdade e ajuda possamos confiar.*

– Eu me responsabilizo por ele diante do trono de Denethor – disse Gandalf.

– E, quanto a valor, isso não pode ser medido pela estatura. Ele passou por mais batalhas e perigos que você, Ingold, embora você tenha o dobro da altura dele; e ele vem agora do assalto a Isengard, do qual trazemos notícias, e está tomado de um grande cansaço, caso contrário eu o acordaria. *Seu nome é Peregrin, um homem muito corajoso.*

– Homem? – disse Ingold com um ar duvidoso, e os outros riram.

– Homem! – gritou Pippin, embora não tivesse acordado inteiramente.

– *Homem! Realmente não! Sou um hobbit, e não sou mais corajoso do que*

sou homem, a não ser talvez de vez em quando, por necessidade. Não se deixem enganar por Gandalf.

– Muitos autores de grandes feitos não poderiam dizer nada além disso – disse Ingold. – *Mas o que é um hobbit?*

– Um pequeno – respondeu Gandalf. – Não, não aquele que foi mencionado – acrescentou ele, percebendo a admiração nos rostos dos homens. – Não ele, mas um parente dele.

– É sim, um que viajou com ele – disse Pippin. – E Boromir, de sua Cidade, estava conosco, e me salvou na neve do norte, e no fim foi morto quando me defendia de muitos inimigos.

– Calma! – disse Gandalf. – A notícia dessa desgraça devia ser contada primeiro para o pai dele.

– Já se imagina o que ocorreu – disse Ingold –; pois houve acontecimentos estranhos aqui ultimamente. Mas agora passem à frente depressa. Pois o Senhor de Minas Tirith ficará ansioso por ver qualquer um que traga as últimas notícias de seu filho, seja ele um homem ou um...

– Hobbit – disse Pippin. – De pouca serventia posso ser para o seu senhor, mas farei o que puder, em memória do bravo Boromir.

– Passem bem! – disse Ingold; e os homens abriram caminho para Scadufax, que atravessou um portão estreito na muralha. – Que você possa trazer bons conselhos a Denethor em sua necessidade, e a todos nós, Mithrandir! – exclamou Ingold. – Mas você chega com notícias de tristeza e perigo, como dizem que é seu hábito (TOLKIEN, 2000, p. 790-791, grifos nossos).

Outro momento importante que demonstra o desconhecimento (e até certa inocência ou ilusão) da existência dos hobbits ocorre depois de Pippin jurar lealdade a Denethor e integrar a guarda da cidadela. Nessa condição, o hobbit

acompanhou Beregonde e foi apresentado aos homens da Terceira Companhia. E, ao que pareceu, isso foi motivo de honra tanto para Beregonde como para seu convidado, pois Pippin foi muito bem recebido. Já se tinha comentado muito na Cidadela sobre o companheiro de Mithrandir, e sobre sua longa conversa a portas fechadas com o Senhor, e corriam boatos de que um *Príncipe dos Pequenos* viera do norte para *oferecer a Gondor obediência e cinco mil espadas*. E alguns diziam que, quando os Cavaleiros viessem de Rohan, cada um traria em sua garupa *um guerreiro do povo dos Pequenos, miúdo talvez, mas valente*.

Embora Pippin tenha precisado, contra a sua vontade, destruir essa *lenda esperançosa*, não conseguiu se livrar dessa nova posição, que seria bem adequada, pensavam os homens, e alguém que tivesse sido amigo de Boromir e que fosse respeitado pelo Senhor Denethor. Agradeceram-lhe por ter vindo se juntar a eles, ouviram com avidez suas palavras e histórias sobre as terras estrangeiras, e lhe ofereceram toda a comida e a cerveja que ele poderia desejar. Na verdade, o único problema de Pippin era “manter cautela”, seguindo o conselho de Gandalf, e não ficar com a língua solta, como fica um hobbit entre amigos (TOLKIEN, 2000, p. 811, grifos nossos).

Esse caráter guerreiro imaginado é distante o suficiente da realidade dos hobbits para fazer Pippin entender que não seria de bom tom contrariar tal “lenda esperançosa”. A palavra final (não cronologicamente) sobre o desconhecimento da existência dos hobbits pode ser dada por Barbárvore, quando este encontra Merry e Pippin:

“– *Hrum, Hum* – murmurou a voz, uma voz profunda como um instrumento de sopro muito grave. – Realmente estranho! Não se apresse, este é o meu mote. Mas se eu tivesse visto vocês antes de ouvir suas vozes – gostei delas: agradáveis pequenas vozes; fizeram-me pensar em algo de que não consigo me lembrar –, se eu tivesse visto vocês antes de ouvi-los, teria simplesmente pisado em vocês, tomando-os por pequenos orcs, e só perceberia o erro depois. Muito estranhos são vocês, realmente. Raiz e galho, muito estranhos! Pippin, embora ainda pasmo, não sentia mais medo. Sob aqueles olhos sentia um curioso suspense, mas não medo. – Por favor – disse ele –, quem é você?”

Um olhar estranho surgiu nos velhos olhos, um tipo de cautela; os poços fundos estavam cobertos. – *Hrum*, agora – respondeu a voz –; bem, eu sou um ent, ou é assim que me chamam. Sim, ent é a palavra. O ent, eu sou, você pode dizer, no seu modo de falar. *Fangorn* é meu nome segundo alguns, outros me chamam de *Barbárvore*. *Barbárvore* está bom.

– Um *ent* – disse Merry. – O que é isso? Mas como você próprio se chama? Qual é o seu nome verdadeiro?

– HUUU, agora! – respondeu Barbárvore. – HUUU! Isso já daria uma história! Não tão depressa. E *eu* estou fazendo as perguntas. Vocês estão no *meu* território. Que são vocês, eu me pergunto? Não consigo classificá-los. Parece que vocês não estão nas velhas listas que aprendi quando era jovem. Mas isso foi há muito, muito tempo, e pode ser que eles tenham feito listas novas. Deixe-me ver! Deixe-me ver! Como era mesmo?

Aprende a lição dos seres viventes!
Nomeie primeiro os quatro povos livres:
Os filhos dos Elfos que são os mais velhos;
O Anão cavador das casas escuras;
O Ent da terra, da idade dos montes;
O Homem mortal, senhor dos cavalos:

Hm, hm, hm.

Castor construtor, cervo saltitante,
Urso abelhudo, javali brigador;
O cão é faminto, a lebre é medrosa...

Hm, hm.

Águia no ninho, boi na pastagem,
Veado o chifrudo, gavião o mais lesto,
Cisne o mais branco, serpente a mais fria...

– Hum, hm; hum, hum, como era mesmo? Rum tum, rum tum, runti tum tum. Era uma longa lista. Mas de qualquer forma vocês parecem não se encaixar em lugar nenhum.

– Parece que sempre ficamos de fora das velhas listas e das velhas histórias – disse Merry. – Apesar disso, estamos em circulação há muito tempo. Somos *hobbits*.

– Por que não fazer mais um verso? – disse Pippin.

Hobbits pequenos, que moram em tocas

– Coloque-nos entre os quatro, perto dos Homens (as Pessoas Grandes), e fica tudo certo.

– Hm! Nada mal, nada mal – disse Barbárvore. – Assim ficaria bem. Então vocês vivem em tocas, hein? Soa muito correto e adequado. Mas quem chama vocês de *hobbits*? Não me parece um nome élfico. Os elfos fizeram todas as palavras antigas: eles começaram isso.

- Ninguém mais nos chama de hobbits; nós nos chamamos assim – disse Pippin.
- Hum, hmm! Esperem um pouco! Não tão depressa! Vocês se chamam de hobbits? Mas então não deveriam dizer isso a qualquer um. Vão revelar seus próprios nomes corretos, se não forem cautelosos!
- Não temos cautela em relação a isso – disse Merry. – Para falar a verdade, sou um Brandebuque, Meriadoc Brandebuque, embora a maior parte das pessoas me chame simplesmente de Merry.
- E eu sou um Tûk, Peregrin Tûk, mas geralmente sou chamado de Pippin, ou até de Pip (TOLKIEN, 2000, p. 485-486, grifos do autor).

Os hobbits não fazem parte da lista de seres viventes, não pertencem – segundo a memória e os registros da tradição dos ents – aos Povos Livres. Isso indica que o propósito de Gandalf (e Tolkien) foi alcançado e os hobbits (incluindo o Condado) permaneceram totalmente isolados da história da Terra-média, sendo quase invisíveis. Quando os dois hobbits se despedem de Barbárvore, finalmente têm seu povo incluído na longa lista do ent:

- Mas vou sentir falta deles. Ficamos amigos em tão pouco tempo que até acho que devo estar ficando apressado – voltando à juventude, talvez. Mas, também, eles são a primeira coisa nova que vi sob sol ou lua em muitos longos, longos dias. Não os esquecerei. Coloquei os nomes deles na Longa Lista. Os ents vão se lembrar.

*Ents da terra, da idade dos montes,
bebedores de água, grandes andantes;
famintos quais lobos, os hobbits crianças,
essa gente-que-ri, o povo menor,*

permanecerão nossos amigos enquanto as folhas se renovarem. Passem bem! Mas se tiverem notícias em sua bela terra, no Condado, mandem-me uma mensagem! Sabem o que quero dizer: palavra ou sinal das entesposas. Venham vocês mesmos, se puderem! (TOLKIEN, 2000, p. 614).

Os hobbits são a primeira novidade na vida de um ser que existe desde antes da contagem do próprio tempo. Isso é o que se pode chamar de “arma secreta” ou “elemento surpresa”, mas Sauron demonstra saber o suficiente sobre a terra dos pequenos – e o mesmo acontece com Saruman, quando sai de Orthanc e ruma para o Condado –, descrevendo-a como “pequena terra-de-ratos que é o Condado” (TOLKIEN, 2000, p. 942). Isso se deve ao seu interesse específico pelo destino do Anel e pelas informações coletadas com Gollum quando torturado, mostrando que o Anel é suficiente para ligar as terras do extremo leste com as do extremo oeste.

Os primeiros capítulos de **O Senhor dos Anéis** tratam exclusivamente da vida dos hobbits e de sua história passada, criando uma explicação satisfatória para a sua existência entre os povos grandes do mundo externo. Essa preocupação de Tolkien

cria uma espécie de introdução dos hobbits no mundo externo e também um mergulho (para o leitor) na história do povo pequeno, a ponto de parecer que esses primeiros capítulos se ajustariam muito mais – temática, mas não estilisticamente – à narrativa descritiva e fundadora constante em **O Silmarillion**. A narrativa simplesmente pausa para contar absolutamente tudo a respeito do passado do povo hobbit e essa sensação de narração atemporal só é quebrada quando Frodo decide, muito a contragosto e atrasado, partir do Condado e da Terra dos Buques em direção ao perigo, quando a urgência no encadeamento das ações começa a ditar o compasso narrativo.

Essa pausa descritiva – como um respiro – é também reflexo do problema relatado por Tolkien ao seu editor, sobre o final insuperável da aventura de Bilbo, que foi feliz pelo resto de seus dias que foram incontavelmente longos, e marca uma suspensão de ação antes de mergulhar definitivamente na narrativa veloz que norteará toda a jornada do Anel até o fim de **O Senhor dos Anéis**. A velocidade da narrativa marca, acima de tudo, esse mergulho no desconhecido realizado pelos hobbits e mostra a perda da inocência harmoniosa e pacífica (marcada pelo espaço do Condado) direcionada ao perigo sempre presente do mundo externo. Entende-se, então, que a velocidade na narrativa marca também uma compensação de Tolkien para satisfazer a necessidade de adequar os hobbits aos perigos do mundo circundante, como se eles já estivessem tempo demais isolados da real história na qual todos os seres estavam envolvidos.

3. OS HOBBITS, O ÉPICO E O ROMANESCO

Como comentado anteriormente, os hobbits não aparecem na narrativa de **O Silmarillion**. Considerando sua atuação e descrição ao longo das duas narrativas seguintes (seguindo a cronologia interna da obra do autor), é fácil perceber que nenhum dos hobbits possui qualidades de guerreiro ou viajante experiente, capaz de assumir demandas em campos de batalha. Esse caráter não aventureiro dos hobbits, mais precisamente revelado por Bilbo ao longo de **O Hobbit** e por Frodo em **O Senhor dos Anéis**, é fortemente reiterado por suas descrições de fragilidade, tamanho diminuto, porte físico inapto à batalha e, em alguns casos, algo ridículo e insignificante (se comparados aos elfos, homens ou mesmo orcs).

Esse recorte de características bem demarcadas constrói, no ato da leitura, uma representação do Condado como um mundo prosaico, sem novidades, ordeiro, pacífico e sem grandes preocupações de ordem coletiva – por coletivo se entende toda a população da Terra-média e não somente o povo do Condado –, sem grandes desafios tanto de ordem bélica como moral. Os hobbits, em seu cotidiano, não possuem grandes tentações, capazes de modificar o destino dos Povos Livres, o destino da Terra-média e talvez o próprio destino do Condado. É importante lembrar que tal vida pacata, ordeira e pacífica se deve a atuação de Gandalf e dos Guardiões, criando assim uma ilha de monotonia em meio às turbulências sem fim dos demais povos e localidades do mundo circundante. Uma questão cabível para essa situação é: os hobbits não são guerreiros e aventureiros por falta de oportunidade (posto que estão protegidos por Gandalf e os Guardiões) ou por falta de vontade própria? O isolamento e a proteção faz deles um povo pacato ou sua própria natureza os faz assim? Aparentemente a resposta é sim e não.

Os hobbits não despertaram para os problemas que cercam o Condado, desconhecem os movimentos e até a existência de Sauron, dos orcs e das maldades perpetradas por ele justamente por causa da proteção dispensada a eles. O controle das informações, dos viajantes e o próprio distanciamento geográfico do Condado (no extremo Oeste da Terra-média) fazem com que os hobbits não precisem se preocupar com a produção de armas, muralhas, estratégias de guerra ou com o treinamento bélico. Desse ponto de vista, percebe-se que estão isolados do mundo e não é por vontade própria. Por outro lado, ainda com as questões em mente, percebe-se que os hobbits são sempre descritos como pacíficos, ordeiros e totalmente previsíveis, então não é de se admirar que não tenham nenhuma propensão à guerra. Sua natureza pacífica aliada ao seu isolamento faz dos hobbits um povo que não se envolve nos

assuntos das pessoas grandes, como eles costumam tratar os demais povos. Do ponto de vista social, o Condado pode ser considerado um paraíso, um local de eterno descanso em que tudo é absolutamente previsível e o destino dos indivíduos é viver em paz até morrer de velhice. O contato com a natureza é pleno e a valorização do meio natural é uma das principais qualidades dessa comunidade. A relação com a terra, os rios, plantas e árvores traz uma sensação de organicidade entre os habitantes e o mundo que os rodeia.

Considerando essas características dos hobbits, pode-se pensar que não há individualidade, não há um sentido e busca pela razão da existência, o destino não é questionado em nenhum momento; nenhum hobbit se destaca dos demais e, descrever qualquer um deles implica em descrever qualquer outro habitante do Condado. Esse panorama vem à mente do leitor quando do início da narrativa de **O Hobbit**, mas a ruptura desse equilíbrio, dessa organicidade e previsibilidade chega ao Condado pelas mãos de Gandalf. É por intermédio do mago que Bilbo e Frodo se tornam heróis épicos, de fato, mas ainda permanecem as duas personagens com maior aprofundamento psicológico de toda a história da Terra-média. É por intermédio de Gandalf que se percebe essa dualidade na construção dos hobbits, sendo romanescos e épicos ao mesmo tempo, isto é, a organicidade e o equilíbrio do Condado – como apresentado inicialmente – não passam de um estratagema habilmente construído por Gandalf (e, portanto, por Tolkien) para isolar os hobbits do restante da Terra-média.

Voltando à questão dos problemas editoriais enfrentados por Tolkien – seja a recusa da publicação de **O Silmarillion** ou a posterior emenda (e reescritura de grande parte de **O hobbit**) entre as narrativas de **O Hobbit** e **O Senhor dos Anéis** –, pode-se entender esse isolamento proporcionado por Gandalf como uma forma de justificar o não aparecimento do povo dos hobbits durante toda a narrativa de **O Silmarillion**, como uma explicação para o fato de não haver uma origem plausível e cosmogônica para o raça dos hobbits. Tolkien se utiliza desse mecanismo de ocultamento – tanto da história quanto da presença física – dos hobbits em favor próprio, tornando-os os grandes heróis da Terceira Era do Sol, utilizando-os como uma arma secreta de Gandalf. O autor justifica a total ausência de informações – causada propositalmente no ato da criação da história da Terra-média e remediada por meio de uma extensa explicação sobre a vida dos hobbits no início de **O Senhor dos Anéis** – sobre a origem e vida dos hobbits ao longo dos eventos ocorridos desde o canto dos Ainur até

o fim da Segunda Era do Sol como um brilhante estratagema traçado por Gandalf para ludibriar Saruman (o traidor) e as forças malignas de Sauron, totalmente desinteressado pelos assuntos do povo pequeno e também pela sua existência.

A vida de Bilbo “é prosaica, uniforme e metódica” (OLSEN, 2012, p. 25) enquanto o mundo externo ao Condado é “poético, cheio de espantos e prodígios, mas também estranho e enfeitiçado” (OLSEN, 2012, p. 25). O Condado, nesse sentido, faz o perfeito contraponto com o restante da Terra-média. Os elfos são mágicos, são seres encantados, em sintonia com o mundo, e cada folha de grama possui seu encanto e magia. Os hobbits, ao contrário, não são dotados de magia, não participam dos mistérios do Reino Encantado (ou Belo Reino, como Tolkien costumava chamar o mundo dos elfos). Os elfos são as verdadeiras fadas, estão em contato com a magia do mundo, com a magia e os poderes ancestrais que deram origem ao mundo, eles participam da história da Terra-média e estão condenados a viver nela até os seus últimos dias, até a que o mundo deixe de ser mundo. Os hobbits não possuem esse viés transcendental, resumindo-se à realidade dada e imediata, aos afazeres da vida prática e cotidiana, aproximando-se do ser humano comum, rural, acostumado a viver daquilo que planta e produz com as próprias mãos. Não há mistérios no mundo cotidiano de Bilbo Bolseiro – não antes da chegada de Gandalf – , a magia e o encanto da existência resumem-se a fumar, comer, descansar e trabalhar.

Nesse sentido, o mundo épico, cheio de criaturas estranhas, violentas e mágicas, não é compartilhado pelo cotidiano hobbit. Tem-se uma comunidade que não compartilha dos planos divinos, sem profundidade cosmogônica e mágica. A vida é feita somente das coisas da vida prática e não há nada além dela. Bilbo e Frodo precisam se constituir heróis ao longo de suas jornadas, de seus trajetos. Eles são viajantes em busca de aventuras, muito mais do que de seus objetivos (para Bilbo, o tesouro de Smaug; para Frodo, a destruição do Anel). Sua verdadeira jornada é a jornada do herói, a iniciação interior, configura-se pelo construir-se, constituir-se alguém diferente do que já foi. Sobre essa característica de viajante, falando especificamente sobre Bilbo e sua jornada, Olsen (2012) afirma que

Tolkien estava muito consciente do desafio artístico que enfrentava para escrever uma obra de literatura fantástica, especialmente porque esse gênero literário estava longe da corrente literária predominante no começo do século XX. Ele sabia que, quando os leitores deparassem com sua história em *O Hobbit*, teriam de deixar para trás seu mundo rotineiro e confortável e

investir sua imaginação num mundo de prodígios mágicos e inesperados. No primeiro capítulo, Tolkien nos dá um modelo de seu próprio processo interior da história. Começamos no nosso mundo seguro e previsível, e, no primeiro capítulo, caímos num mundo de magos, anões e dragões. Nessa transição, acabamos ao lado de um protagonista que está enfrentando exatamente o mesmo processo; um personagem que, ele próprio, internaliza o conflito entre o mundano e o assombroso. Nossa primeira introdução a esse mundo de aventura mágico, implacável e perigoso é também a introdução do personagem, e sua relutância e dificuldade em se ajustar a ele nos dá tempo para superar com calma nosso desconforto e nossas reservas. Bilbo Bolseiro serve de pedra de toque perfeita para os leitores, explorando e encarnando a delicada fronteira entre o previsível e o inesperado (p. 35, grifo do autor).

Essa construção do herói ao longo de sua jornada é comum à tradição dos contos de fadas e da cavalaria, mas não à tradição épica, em que os heróis já nascem predestinados e não possuem outro modo de mudar seu destino, já que sua única alternativa é realizá-lo – nesse sentido, Aragorn serve como perfeito exemplo de contraponto entre o destino dos hobbits e o seu próprio. Bilbo e Frodo se tornam heróis à medida em que necessitam realizar atos heróicos e não pela simples sorte do nascimento. Em nenhum dos casos há uma preparação prévia – no sentido emocional ou físico – e cabe a eles decidir qual a melhor solução para as situações nas quais se encontram, sempre conservando o instinto de sobrevivência e autopreservação.

A inocência de Bilbo e Frodo no início das narrativas de suas respectivas aventuras mostra que o Condado não participa, realmente, dos acontecimentos que o circundam. Bilbo, Frodo e Sam encontram elfos, orcs, mas ainda permanece, até o final das narrativas, um senso de eterno descobrimento de coisas novas pertencentes à Terra-média. Sam vê olifantes, Frodo se depara com as grandes águas, se mostra curioso para ouvir as histórias de Merry e Pippin sobre os ents e Saruman e Bilbo encontra o dragão no fim de sua viagem. Todos esses encontros aumentam o repertório de conhecimentos dos hobbits sobre o mundo que os cerca. Esse conhecimento dá a Bilbo e Frodo (incluindo, Sam, Merry e Pippin) o pertencimento aos dois mundos ao mesmo tempo: o mundo prosaico do Condado e o mundo mágico dos elfos (circundante).

Se comparados aos grandes heróis da história da Terra-média, os dois parecem crianças medrosas, mas para o próprio povo do Condado, são vistos como loucos, mentirosos e metidos em assuntos impróprios para hobbits. Essa ambiguidade de ambos gera um eterno desconforto ao longo da narrativa, pois eles não são hobbits tradicionais – posto que vivenciaram as maravilhas do mundo externo – e são julgados por isso, ao mesmo tempo em que não são guerreiros tradicionais e também são

julgados por isso. Aqui também se nota o posicionamento, novamente, intermediários dos hobbits nas narrativas do *legendarium*. Não nascem épicos e também não ficam presos eternamente ao prosaico. Eles caminham nos dois mundos ao mesmo tempo, e isso se acentua ainda mais pelo uso do Um Anel, que lhes dá a oportunidade de vivenciar os dois planos concomitantemente.

O tempo também configura uma questão tão importante quanto o espaço para a análise dos hobbits enquanto personagens. Se o tempo mítico cíclico constante em **O Silmarillion** traz a noção de estagnação – como ainda visto nas localidades onde residem os principais elfos de **O Senhor dos Anéis**, sendo elas Valfenda e Lothlórien –, de reflexão e construção da interioridade, também há o tempo sempre urgente da demanda do Anel, no qual cada segundo conta como um precioso ato entre o sucesso e o fracasso, entre a liberdade e restauração da paz entre os povos e a total ruína e destruição da Terra-média. Nesse contexto a inexperiência dos hobbits enquanto viajantes e guerreiros lhes fornece ainda mais a sensação de urgência e aceleração, posto que não só devem cumprir sua missão rapidamente – dentro do tempo habilmente lhes fornecido graças a atuação dos demais integrantes da Comitativa do Anel, principalmente Gandalf e Aragorn – mas devem se transformar em heróis épicos ao longo da narrativa, sem tropeços e sem tempo para aprendizados teóricos.

Bilbo e Frodo saem da casa aos tropeços, atrasados, correndo para alcançar a aventura que não lhes espera para começar. E esse caráter de urgência não é vivenciado em seu lar, com sua rotina de afazeres sempre semelhantes, ele vem do mundo místico e mágico do tempo sempre presente da imortalidade dos elfos. Bilbo e Frodo (em suas respectivas aventuras) têm aproximadamente um ano para realizarem seus feitos. Isso mostra que Tolkien se apressa em incluir a raça dos hobbits nos fatos do mundo externo, como se eles já tivessem fumado e descansado o suficiente ao longo de sua existência isolada. Quando Gandalf descobre que o anel de Bilbo era o Anel de Sauron, fica preocupado e pede a Frodo para que tenha cuidado e este lhe responde: “– Você é muito misterioso. Está com medo de quê?” (TOLKIEN, 2000, p. 41). Frodo conhece o mundo externo a partir dos relatos de Bilbo, mas desconhece os grandes mistérios anteriores e não inclusos na breve aventura de Bilbo. Por esse motivo, o capítulo em questão recebeu o título de “A Sombra do Passado” e destina-se a conectar – por intermédio da figura de Gandalf, como narrador e guardião das histórias – o passado recente (Bilbo), o presente (Frodo) e o passado lendário ou mítico (a feitura dos anéis; Sauron; **O Silmarillion**).

Mesmo depois das aventuras de Bilbo, o Condado ainda permanece descrente dos eventos misteriosos e mágicos que o circundam, já que a personagem (depois de seu desaparecimento em **O Senhor dos Anéis**) “tornou-se uma fábula para os pequenos hobbits [...] um dos personagens lendários favoritos” e sua façanha “sobreviveu durante muito tempo, mesmo quando os acontecimentos reais já tinham sido esquecidos” (TOLKIEN, 2000, p. 43). Esse ceticismo dos hobbits permanece até o último momento, até o penúltimo capítulo de **O Senhor dos Anéis**, enquanto o Condado ainda permanece (ao menos para o conhecimento do leitor) intocado. A narrativa de **O Senhor dos Anéis** se inicia voltada completamente para o mundo hobbit e para o contraponto entre nós e eles, entre dentro e fora, entre normal e anormal, entre real e ficcional, entre sensato e absurdo. Bilbo até recebe a alcunha de “Louco Bolseiro”. Ao longo da própria narrativa de **O Hobbit**,

à medida que atravessamos a história de Tolkien, ficamos mais atentos à história bem maior que se estende na distância em torno e por trás de *O Hobbit*: a história da qual a narrativa da jornada de Bilbo é apenas um pequeno capítulo. Como leitores, permanecemos concentrados na jornada do hobbit insatisfeito e deslocado e de seus companheiros anões muitas vezes tolos, auxiliados pelo engenhoso mago Gandalf, mas pouco a pouco vamos ficando cientes das lendas maiores que a cercam. O vislumbre que alcançamos de como o quarto capítulo enxerga a partir da perspectiva dos goblins é muito esclarecedor. O que os goblins observam é um dos comandantes mais notórios de seus amargos rivais aparecendo de repente entre eles, empunhando a espada mágica de seus inimigos antigos, a espada cujo nome foi transmitido em murmúrios entre eles por séculos, e que brilha com a luz do ódio na escuridão de suas cavernas quando sente a presença deles. A história à qual Tolkien aludiu desde o início começa a se reunir numa grande narrativa, cheia de prodígios e terror. Como Bilbo, estamos começando a nos aclimatar no mundo de aventura que está aos poucos se desdobrando diante de nós (OLSEN, 2012, p. 72-73, grifo do autor).

Essa conexão entre a aventura de um hobbit insatisfeito e deslocado e a história bem maior que se estende em torno dela se deve ao trabalho de revisão do autor, quando decidiu publicar a continuação para a aventura de Bilbo e se viu impelido a trazer esse tom mais grandioso para a narrativa que até então tratava de um pequeno herói em formação naquela que deveria ser a maior aventura de sua vida (do universo circundante do qual ele fazia parte e que ainda não pertencia à Terra-média). A inocência de Bilbo vai se esvaindo gradualmente ao longo de sua jornada, assim como o leitor se vê mergulhado nesse novo mundo repleto de novidades mágicas e terríficas:

em Rivendell, Bilbo e o leitor não encontraram somente aventuras, mas também um mundo de lendas e heróis antigos, conhecendo Elrond Meio-Elfo e ouvindo falar da cidade élfica perdida de Gondolin. Como as letras lunares no mapa de Thrór, a própria condição lendária de Thorin também se torna visível à luz de Rivendell. Sempre soubemos que Thorin era “um anão muito importante”, mas, no primeiro capítulo, isso parecia querer dizer “muito arrogante” e pomposo. Thorin, podemos recordar, não se digna a ajudar com a lavagem da louça após o chá porque “ele era muito importante”. No terceiro capítulo, porém, obtemos um vislumbre de quão significativo Thorin realmente é. Ele não é só o soberano exilado do reino perdido sob a Montanha, mas também é o herdeiro de Durin, “o pai dos pais da tribo mais antiga dos anões”. A história de Thorin e de sua tropa desajeitada de seguidores dá também a impressão de remontar, com a de Elrond, à história lendária, isto é, às próprias raízes e origens de seu povo (OLSEN, 2012, p. 71).

Cabe aqui ressaltar, em se tratando da chegada da Companhia de Thorin a Valfenda, que as espadas encontradas por Gandalf e Thorin possuem runas que são lidas por Elrond e este as reconhece como pertencentes ao antigo reino de Gondolin, sendo armas forjadas por elfos, vindas de um passado longínquo. Nesse ínterim a espada encontrada e usada por Bilbo não recebe nenhuma atenção especial. Ela não é, a rigor, nem uma espada, tendo o comprimento de uma faca élfica, sem runas, sem história, sem uso, sem origem. Assim como acontece com todos os elementos constituintes da imagem de herói de Bilbo, a espada dele também deve ser transformada por ele, de uma simples faca a uma arma letal e lendária, capaz de matar aranhas e salvar seus amigos anões. Nesse ponto as histórias de Bilbo e Frodo se assemelham muito. Ambos saem de casa sem prévio aviso, sem terem se programado para sair. Eles saem às pressas, atrasados. Ao longo de suas jornadas, ambos estão despreparados para vivenciar as aventuras do vasto mundo e não possuem ou carregam armas ou armaduras para sua própria defesa. Ambos encontram suas armas depois de terem passado por grandes sufocos – Bilbo encontra a Ferroada na caverna dos orcs e Frodo encontra a sua (provisória) na Colina dos Túmulos, antes de herdar a Ferroada de Bilbo (junto com a cota de mithril) em Valfenda. Frodo repete uma série de fatos acontecidos com Bilbo como, por exemplo, o fato de acompanhar um rei – cuja coroa ainda não foi devidamente colocada, mas que as profecias, canções e lendas já indicam há muito tempo – exilado, maltrapilho, o fato de chegar às vésperas da guerra e não participar dos principais confrontos físicos narrados.

Outro ponto em comum é que Bilbo abre mão de sua parte do tesouro e dá a Pedra Arken para os “inimigos” de Thorin enquanto Frodo abre mão de seu conforto

e segurança (também abre mão de possuir o Anel, ainda que falhe no momento decisivo, mas tendo completado sua missão de portador) em prol do bem coletivo. Ambos voltam ao Condado totalmente diferentes, convertidos em heróis e trajando roupas de guerra, totalmente dispensáveis no Condado antes da invasão causada por Saruman. Os dois são orientados por Gandalf ao longo das narrativas e também têm seus mundos prosaicos invadidos pela dimensão épica por influência do mago. Em seu trajeto, os dois partem do Condado, param em Valfenda, chegam a algum ponto do extremo Leste e retornam para casa, de modo que, **O Senhor dos Anéis (O Livro Vermelho do Marco Ocidental)**, como continuação **O Hobbit (Lá e de Volta Outra Vez)**, poderia muito bem ter recebido o título de **Lá e De Volta, Outra Vez**.

A viagem mostra um processo de amadurecimento e etapa fundamental para os desenvolvimentos de Bilbo e Frodo enquanto heróis. À medida que Frodo se aproxima das terras de Mordor e se afasta do Condado, sua profundidade psicológica se adensa, tornando-se em alguns pontos um refletir amargurado e prolongado sobre seu próprio destino e suas próprias vontades. Ao mesmo tempo em que reflete sobre o amargor de sua jornada e o destino que lhe será reservado se triunfar ou falhar, também carrega todo o destino da Terra-média consigo e nisso reside o contraponto fundamental entre tema e narrativa em **O Senhor dos Anéis**. No início da jornada de Frodo, Valfenda e Lothlórien são retratadas do ponto de vista do tempo sem início da vida dos elfos, uma vida imortal, sem pressa, sem urgências e sem grandes novidades do ponto de vista do aprendiz, posto que já experimentaram absolutamente tudo na existência e o Condado (bem como as outras regiões envolvidas na demanda do Anel como por exemplo, Gondor e Rohan) se mostra bastante acelerado para o tradicional modo de vida dos hobbits. Para a Guerra que se travará entre os Povos Livres e o poder de Sauron, o tempo urge e isso também se vê na decisão apressada dos Ents ao atacar Isengard, mas para Frodo os dias se passam como um sem tempo de cansaço e sofrimento.

São nessas duas perspectivas que Frodo se enquadra em dois níveis narrativos ao mesmo tempo, sendo ele a narrativa psicológica do romance quando se trata das reflexões da personagem e a narrativa épica quando o mesmo se desloca rápida e furtivamente para o extremo Leste. O contraponto fundamental dessas temporalidades se dá quando a Comitiva do Anel se separa. Antes da separação o tempo é somente a corrida contra o tempo, a pressa de se locomover o mais rápido possível em direção ao perigo e possível destruição do mundo, enquanto isso a

narrativa de Frodo é somente um eterno seguir os passos dos demais. Depois da separação, o tempo urgente continua acompanhando as demais personagens da Comitativa do Anel, mas para Frodo e Sam há um adensamento e uma repentina lentidão no narrar dos fatos. Em alguns pontos parece que Frodo não está fazendo absolutamente nada, que está somente vagando muito lentamente e sem esperanças. Nesse momento se entende que Frodo alterna, a todo momento, a experimentação desses dois tempos narrativos distintos: hora ele se vê perdido em pensamentos e hora se vê obrigado a correr contra o tempo. O Anel e Frodo constituem um todo responsável por abranger esses dois tempos dissonantes, criando assim uma personagem única na história do *legendarium*, sendo capaz de abarcar o fora e o dentro, macro e micro, tudo e nada. O mesmo ocorre com Bilbo, mas em proporções menores:

Enquanto nos encaminhamos para o momento mais belo de Bilbo, Tolkien parece tentar nos lembrar de quão insignificante é a pessoa de Bilbo. Quando os sentinelas élficos o escutam, referem-se a Bilbo como “aquele serzinho estranho que dizem ser empregado deles”. Bilbo contesta a palavra “empregado” e, sem dúvida, não gosta de ser visto como uma pessoa de tão pouca importância. Quando ele se apresenta para esses mesmos elfos, designa-se “companheiro de Thorin”. No entanto, embora Bilbo possa não gostar, mesmo o narrador insiste na sua pequenez, quando nos informa que “o início de um plano desenhava-se em sua cabecinha”. Bilbo pode ter conquistado um lugar entre as pessoas notáveis, mas, embora agora utilize sua cota de malha de prata e sua espada mágica com facilidade, eles ainda o olham com um pouco de estranheza. Ele está em meditação profunda, em contraste com Bard e o Rei dos Elfos, que estão sentados, “observando-o com curiosidade”, já que “um hobbit trajando uma armadura élfica, parcialmente embrulhado num cobertor velho, era um espetáculo novo para eles”. *Bilbo está bastante aclimatado ao seu mundo de grandes aventuras para ser capaz de abordar esses grandes comandantes, mas também está suficientemente deslocado para ser capaz de ajudá-los* (OLSEN, 2012, p. 211-212, grifo nosso).

A dualidade da representação de Bilbo, como vista acima, também se mostra relevante e fundamental para a atuação de Frodo. Ambos se mostram grandes demais para viver no Condado e pequenos demais para se adequar ao mundo externo. Ao mesmo tempo em que sabem demais sobre o mundo mágico de fora para ficarem satisfeitos no mundo prosaico do Condado pelo resto de suas vidas, também são prosaicos e não mágicos demais para se adequarem completamente ao mundo épico circundante. Esses dois aspectos mostram sua inadequação aos dois mundos, sua insatisfação diante de sua existência meio mágica, meio prosaica, meio Bolseiro, meio Tûk. A busca pelo tesouro de Smaug e a busca pela Montanha da Perdição são, em

realidade, a busca da integração dos próprios hobbits e de seu mundo (o Condado) ao mundo externo, ao mesmo tempo em que este invade e integra aquele. Tolkien fornece indícios dessa futura inclusão da magia no Condado (vice-versa) logo no início da narrativa em **O Senhor dos Anéis**, na qual o leitor não fica mais às cegas como aconteceu na narrativa em **O Hobbit**. Essa inclusão ainda não se mostra totalmente realizada, posto que os próprios hobbits ainda duvidam da existência de muitos seres mágicos, mas Frodo já se converte em um viajante do mundo, conhecedor de diferentes povos e locais:

Havia rumores sobre coisas estranhas acontecendo no mundo lá fora, e como Gandalf não tinha até aquele momento aparecido ou enviado recados já por vários anos, Frodo recolhia todas as notícias que conseguia. Os elfos, que raramente entravam no Condado, podiam agora ser vistos passando em direção ao Oeste através dos bosques à noite, passando e não retornando; mas eles estavam abandonando a Terra-média e não estavam mais preocupados com os problemas do lugar. Havia, entretanto, anões na estrada em quantidade incomum. A velha estrada Leste-Oeste passava pelo Condado, indo acabar nos Portos Cinzentos, e os anões sempre a tinham usado para chegar até suas minas nas Montanhas Azuis. Eram a principal fonte de notícias de partes distantes que os hobbits possuíam – se é que desejavam qualquer notícia: geralmente os anões diziam pouco e os hobbits perguntavam menos ainda. Mas agora Frodo sempre encontrava anões estranhos de países distantes, procurando refúgio no Oeste. Estavam preocupados, e alguns deles falavam aos sussurros sobre o Inimigo e a Terra de Mordor.

Os hobbits só conheciam esse nome em lendas do passado escuro, como uma sombra no fundo de suas memórias; mas era um nome agourento e perturbador. Parecia que o poder maligno da Floresta das Trevas havia sido expulso pelo Conselho Branco para reaparecer com força maior nas velhas fortalezas de Mordor. A Torre Escura tinha sido reconstruída, dizia-se. Dali o poder estava se espalhando em todas as direções, e lá no extremo oriente e ao sul havia guerras e o medo crescia. Os orcs se multiplicavam de novo nas montanhas. Os trolls estavam longe de suas terras e tinham deixado de ser estúpidos; eram astutos e tinham armas terríveis. E havia murmúrios sobre criaturas ainda mais horríveis que todas essas, mas que não tinham nome (TOLKIEN, 2000, p. 44-45).

Além do caráter cosmopolita de Frodo, como cidadão do mundo, tal inclusão gradual do Condado nos acontecimentos de outras localidades também revela o seu posicionamento privilegiado, como um ponto de passagem obrigatório entre todas as terras desde o extremo Leste até o os Portos Cinzentos, que levam ao Reino Abençoado.

3.1 “O EXPURGO DO CONDADO”

No capítulo de **O Senhor dos Anéis** intitulado “O Expurgo do Condado” as

questões iniciadas pela dissonância de Melkor e pela subcriação deste e de Aulë (nas figuras dos principais representantes de cada um na Terceira Era da Terra-média, sendo eles, Sauron e Saruman) já se dissolveram a nível macrocósmico – o fim da Terceira Era (a Era dos seres mágicos) e início da Quarta Era (a Era dos Homens) – e fica a cargo dos hobbits a dissolução de questões microcósmicas. Nesse ínterim o Anel já foi destruído, Sauron derrotado, as forças malignas da terra de Mordor já começaram a se dissolver, Saruman já foi deposto por Gandalf e os últimos elfos já começaram a se preparar para deixar a Terra-média em direção às Terras Imortais, no entanto, o Condado perde seu privilégio de proteção e invisibilidade. Os guardiões que por muito tempo (e por vontade de Gandalf) guardavam as fronteiras do Condado se envolveram nas batalhas contra o Inimigo e o próprio Gandalf também. Quando saem de Bri em seu retorno ao Condado, os hobbits percebem que as coisas estão mudadas e Merry se volta para Gandalf na tentativa de receber ajuda ou conselhos:

Eles lhes desejaram boa sorte e partiram, passando pelo Portão Oeste, e avançando na direção do Condado. Bill, o pônei, foi com eles, e como antes carregando um monte de bagagens; mas trotava ao lado de Sam e parecia todo contente.

– Pergunto-me o que o velho Cevado estava querendo insinuar – disse Frodo.

– Posso adivinhar alguma coisa – disse Sam num tom tristonho. – O que eu vi no Espelho: árvores cortadas e tudo mais, e meu velho feitor expulso da Rua. Deveria ter apressado minha volta para casa.

– E alguma coisa está errada com a Quarta Sul, evidentemente – disse Merry.

– Há uma escassez geral de erva-de-fumo.

– O que quer que seja – disse Pippin –, Lotho deve estar por trás disso: podem ter certeza.

– Por trás, mas não no comando – disse Gandalf. – Vocês se esqueceram de Saruman. Ele começou a se interessar pelo Condado antes que Mordor o fizesse.

– Bem, temos você conosco – disse Merry. – Assim tudo será logo esclarecido.

– Estou com vocês agora – disse Gandalf –, mas logo não estarei. Não vou até o Condado. Vocês mesmos devem cuidar dos problemas de lá; foi para isso que foram treinados. Ainda não entenderam? Meu tempo acabou: deixou de ser a minha tarefa colocar as coisas em ordem, ou ajudar as pessoas a fazerem isso. E quanto a vocês, meus caros amigos, não precisarão de ajuda. Agora estão crescidos. Na verdade cresceram muito, e estão entre os grandes, e agora deixei de temer por qualquer um de vocês.

– Mas, se querem saber, vou tomar outro rumo logo. Vou ter uma longa conversa com Bombadil: uma conversa que nunca tive em todo o meu tempo. Ele é um criador de limo, e eu tenho sido uma pedra fadada a rolar. Mas meus dias de rolar estão terminando, e agora teremos muito a dizer um ao outro (TOLKIEN, 2000, p. 1055).

As aventuras dos quatro hobbits se mostram, agora, finalizadas entre homens e elfos, mas não entre o seu povo em sua própria terra. Merry se tornou um valente combatente de Rohan e, junto com Éowyn, derrotou o Senhor dos Nazgûl. Pippin se

tornou sentinela (soldado) de Gondor e se mostrou útil quando salvou a vida de Faramir (no episódio da loucura de Denethor). Ambos conseguiram sitiar (pelo convencimento dos Ents) e destruir as terras de Isengard, mantendo Saruman fora do caminho. Sam e Frodo se mostraram valentes, nobres, resistentes e resilientes quando conversaram com Faramir, quando conseguiram escapar de Laracna e por suportar a dupla personalidade de Gollum com compaixão e misericórdia até o fim de sua jornada. Como forma justa de compensar (seus sofrimentos, valores e esforços) e enaltecer sua importância na narrativa da Terceira Era, Tolkien investe (no sentido de armar e celebrar a iniciação como Cavaleiros) os quatro hobbits ao mesmo tempo em que Gandalf investe Aragorn como Rei de Gondor e Regente da Terra-média na nova Era que se iniciou com a queda de Sauron. É a isso que Gandalf se refere quando fala do “treinamento” dos hobbits. A fala do mago pontua uma das questões mais importantes no que tange à existência e atuação dos hobbits no *legendarium*. Pontua que os inocentes, desavisados, frágeis e pequenos hobbits que saíram do Condado em direção a Bri, fugindo dos Cavaleiros Negros, assustados e quase completamente ignorantes dos fatos que os impeliam a sair do Condado, agora são verdadeiros heróis, cavaleiros investidos, consagrados, forjados no próprio campo de batalha, prontos para se aventurar em qualquer tipo de aventura épica. Há uma demonstração da perda do prosaísmo cotidiano hobbit vivenciado pelos quatro pequenos no início da narrativa de **O Senhor dos Anéis**.

Assim como Bilbo gradualmente perde sua necessidade de ter consigo um lenço no bolso, de ter seis refeições por dia, de ter uma casa quente e confortável para se proteger do mundo, os quatro pequenos também, de forma gradual, se despojam de sua hobbiticidade essencial para tornarem-se cidadãos do mundo. A rápida transformação dos cinco hobbits (Bilbo, Frodo, Sam, Merry e Pippin) se deve à influência dos trabalhos de Gandalf, aquele Istari mais fraco e que chegou por último à Terra-média, tendo sido enviado por Manwë e tendo aprendido a compaixão e misericórdia com Yavanna, esposa de Aulë. Gollum é o único hobbit de Tolkien que se deixou corromper completamente pelo Anel, mas isso se deve mais à irresistível força maligna do objeto do que ao caráter de Sméagol. Aqui se faz necessário retomar duas análises iniciadas anteriormente: a análise elemental e a análise da influência dos Ainur nos destinos da Terra-média. Os elfos são mais chegados a Aulë, Varda, Ulmo, Yavanna e Manwë. Alguns se voltaram para Melkor, mas são de menor número. Os homens são completamente ligados a Aulë (produção e criação de objetos) e

alguns se tornaram seguidores e cultuadores (no tempo de Númenor) de Melkor por influência de Sauron. Os homens de Rohan possuem uma ligação especial com Oromë em função de sua própria tradição com os cavalos (Mearas). Os anões constituem quase uma mitologia a parte, pois cultuavam seu pai criador (Aulë) e o chamavam de Mahal em sua própria língua. Os magos – os cinco conhecidos e já mencionados – se relacionam com diferentes Valar. Dos cinco, os dois mais importantes são Saruman e Gandalf. Saruman foi enviado por Aulë, mas se aproximou lentamente da dissonância e subcriação de Melkor, quase se igualando a Sauron. Gandalf foi enviado por Manwë e se manteve (em ações) próximo a ele.

Dentre todos os Valar mencionados, de quais se aproximam os hobbits? Aulë foi o único Ainu que realmente teve suas próprias criaturas (com ajuda e autorização de Eru). Os Filhos de Ilúvatar foram criados somente por ele, os Ainur não interviram. Os elfos são os primogênitos e os homens são os secundários. Quando se deve encaixar os hobbits na criação? Quais são seus atributos que os aproximam ou distanciam das qualidades de cada um dos Criadores (Ainur)? É evidente que Tolkien escolheu dois Ainur para representar a Queda (Aulë e Melkor) e ditar os desequilíbrios de todas as narrativas do *legendarium*.

Os hobbits são profundamente ligados à terra – vivem embaixo da terra (como os anões); são apegados à sua terra (o Condado) e gostam do cultivo da terra –, e não são chegados aos minerais, instrumentos, forjas, ferramentas ou à criação (invenção) de coisas. Isso os aproxima (terra) e os afasta (minerais e criação) da influência de Aulë. Eles tampouco se aproximam de Melkor e sua dissonância ou subcriação. Os hobbits vivem perfeitamente bem e contentes com seu cotidiano simples e sem desequilíbrios de ordem global. Quando Tolkien diz, no “Prólogo” de **O Senhor dos Anéis**, que os hobbits não possuem nenhum tipo de magia, ele quer dizer que esse povo não compartilha da magia inata dos elfos e também não compartilha (com homens, anões, elfos e orcs) do uso da “máquina”. Só há dois tipos de magia na Terra-média e, em algum momento, todos os povos se envolvem com alguma delas. Os hobbits não se envolvem com nenhum tipo – não são criadores de nada e não possuem poderes.

Ao longo de toda a história da Terra-média, os demais estranham e desconhecem os hobbits (Smaug, por exemplo, não reconhece o cheiro de Bilbo [dos hobbits] por nunca tê-lo sentido). Esse estranhamento acontece de modo reverso em “O Expurgo do Condado”, posto que os demais hobbits quase não reconhecem, ou

acreditam ver, Frodo, Sam, Merry e Pippin trajados com as roupas do “mundo de fora” e plenamente habituadas a ele, como guerreiros experientes, destemidos e habituados à guerra. Quando chegam a Bri, os quatro hobbits e Gandalf encontram Carrapicho totalmente desconcertado com a situação:

As coisas não iam nada bem, dizia. O negócio não estava nem satisfatório, estava para lá de ruim. – Ninguém de Fora se aproxima de Bri – disse ele. – E as pessoas daqui ficam a maior parte do tempo em casa, com as portas cerradas. Isso tudo por causa daqueles forasteiros e vagabundos que começaram a chegar pelo Caminho Verde no ano passado, como vocês devem se lembrar; mais deles vieram depois. Alguns não passavam de pobres coitados fugindo de problemas, mas a maior parte era de homens maus, ladrões traiçoeiros. E houve confusão bem aqui em Bri, coisa séria. É sim, tivemos um *combate de verdade*, e algumas pessoas foram assassinadas, assassinadas! Vocês acreditam? [...] – E agora se transformaram em ladrões, e moram fora, escondidos nas florestas além de Archet, e nas terras selvagens ao norte. Eu digo que até parece coisa dos maus tempos de antigamente que as histórias contam. A estrada não é segura e ninguém se afasta muito; as pessoas se fecham cedo em suas casas. Temos de manter vigias ao redor de toda a cerca e colocamos um monte de homens sobre os portões à noite.

– Bem, ninguém nos incomodou – disse Pippin –, e nós viemos devagar, sem manter vigilância. Pensamos ter deixado os problemas para trás.

– Ah, não deixaram mesmo, mestre, e é uma grande lástima – disse Carrapicho. – Mas não me admira que os deixaram em paz. *Não atacariam pessoas armadas, com espadas, capacetes, escudos e tudo mais*. Pensariam duas vezes, sem dúvida. *E devo dizer que fiquei um pouco surpreso quando os vi* (TOLKIEN, 2000, p. 1051, grifos nossos).

Os hobbits ficam sabendo que a situação do Condado não está boa, demonstram ter se habituado aos campos de batalha e causam surpresa, admiração e espanto nas pessoas não acostumadas com a indumentária bélica. Eles perceberam

que as pessoas os tinham olhado assustadas não tanto pela surpresa de sua volta, mas mais pelas *estranhas vestes que usavam*. Eles mesmos tinham-se acostumado tanto à guerra e a cavalgarem em comitivas bem ordenadas que se tinham esquecido de que *a malha brilhante aparecendo por baixo de suas capas, os capacetes de Gondor e da Terra dos Cavaleiros, e as belas insígnias em seus escudos pareceriam esquisitas em sua própria terra* (TOLKIEN, 2000, p. 1052, grifos nossos).

Ao passo que deixaram de parecer criaturinhas estranhas aos demais povos da Terra-média, tendo se habituado aos seus modos de se vestir, lutar, pensar e viver, os hobbits voltam à sua própria terra de forma totalmente diferente como, por exemplo, quando Frodo fala de si mesmo (fala essa que se adequa aos quatro pequenos): “Não existe um retorno de verdade. Embora eu possa voltar, o Condado não será o mesmo, pois eu não serei o mesmo. Fui ferido por faca, ferrão e dente, sem falar no fardo que

carreguei por tanto tempo” (TOLKIEN, 2000, p. 1048). De fato, o Condado já não é o mesmo e isso não se deve somente a mudança de perspectiva de Frodo, mas aos trabalhos de vingança de Saruman, como os pequenos percebem ao vislumbrar o resultado dessa maquinação destrutiva:

– Isso é pior que Mordor! – disse Sam. – De certa maneira muito pior. A gente sente na própria pele, como se diz; porque aqui é nossa casa, e ficamos lembrando de como era antes de ser toda destruída.

– Sim, isto aqui é Mordor! – disse Frodo. – Apenas um de seus trabalhos. Saruman esteve fazendo o trabalho de Mordor todo o tempo, mesmo quando julgava estar trabalhando para si mesmo. E o mesmo vale para aqueles que Saruman enganou, como Lotho.

Merry olhou ao redor, frustrado e enojado. – Vamos sair daqui! – disse ele. – Se tivesse sabido todo o mal feito por Saruman, eu lhe teria enfiado minha bolsa de fumo goela abaixo.

– Sem dúvida, sem dúvida! Mas você não sabia, e assim posso dar-lhe as boas-vindas em seu retorno para casa. – Ali, parado ao pé da porta, estava Saruman em pessoa, com uma aparência bem-alimentada e satisfeita; seus olhos reluziam com malícia e deleite.

Frodo teve um súbito lampejo. – Charcote! – gritou ele.

Saruman riu. – Então vocês ouviram o nome, não é? Todo o meu povo costumava me chamar assim em Isengard, eu acho. Um sinal de afeição, possivelmente. Mas é evidente que não esperavam me ver aqui.

– Eu não esperava – disse Frodo. – Mas poderia ter adivinhado. Uma maldadezinha, num estilo mais mesquinho: Gandalf me advertiu de que você era capaz disso.

– Bem capaz – disse Saruman –, e posso ir além de uma maldadezinha. Vocês me fizeram rir, seus senhorinhos-hobbits, cavalgando em companhia de todas aquelas grandes pessoas, tão seguros e tão satisfeitos consigo mesmos. Pensaram que se tinham saído muito bem da coisa toda, e agora poderiam apenas cavalgar tranquilamente para casa e passar um tempo calmo no campo. A casa de Saruman podia estar toda em pedaços, e ele podia ser expulso, mas ninguém poderia tocar na de vocês. Ah, não! Gandalf cuidaria de seus interesses.

Saruman riu de novo. – Não ele! Quando seus instrumentos já desempenharam a tarefa por ele designada, Gandalf os abandona. Mas vocês precisam ficar pendurados nele, vagabundeando e conversando, e cavalgando o dobro da distância que precisavam cavalgar. “Bem”, pensei eu, “se são assim tão tolos, vou chegar na frente deles para lhes dar uma lição. O mal com o mal se paga.” Teria sido uma lição mais dura, se vocês me tivessem dado um pouco mais de tempo e de homens. Mesmo assim já fiz tanta coisa que vocês terão dificuldade para consertar ou desfazer durante suas vidas. E será agradável pensar nisso, contrabalançando minhas perdas.

– Bem, se é com isso que você fica satisfeito – disse Frodo –, tenho pena de você. Será uma satisfação apenas na memória, receio eu. Saia já daqui e não volte nunca mais!

Os hobbits das aldeias tinham visto Saruman sair de uma das barracas, e imediatamente vieram se amontoar em frente à porta de Bolsão. Quando ouviram a ordem de Frodo, murmuraram raivosos:

– Não o deixe escapar! Mate-o! Ele é um bandido, um assassino. Mate-o! (TOLKIEN, 2000, p. 1078-1079).

O estranhamento (ou espanto) com a mudança ocorrida com os quatro hobbits merece, de fato, destaque – como o faz a narrativa no capítulo em questão –, posto

que reflete a integração dos dois mundos antes distintos, o Condado e a Terra-média (Nós e os Outros; os de Dentro e os de Fora; os Pequenos e os Grandes). Quando partiram de Bri, “toda a gente [...] saiu às portas para vê-los partir”, “aqueles que não tinham visto antes os forasteiros com toda a sua indumentária ficaram boquiabertos à presença deles” (TOLKIEN, 2000, p. 1054). A mudança é tamanha que o próprio narrador os chama de “forasteiros”. Sendo nativos do Condado, conseguem alcançar, em um ano de ausência, a condição de forasteiros. Carrapicho também ressalta essa condição de transformação: “Vocês voltaram mudados de suas viagens, e agora parecem pessoas que podem lidar com problemas complicados” (TOLKIEN, 2000, p. 1054 e 1055). Os hobbits ficam irreconhecíveis depois de sua mudança: “– Céus! É o Sr. Merry, com certeza, e todo vestido para um combate! – disse o velho Hob” (TOLKIEN, 2000, p. 1057). O próprio narrador descreve a situação como “cômica”, quando as pessoas “saíram para observar as ‘fantasias’ dos viajantes” (TOLKIEN, 2000, p. 1062). A transformação não é só pelo uso da “roupa muito esquisita” (TOLKIEN, 2000, p. 1067) dos pequenos, mas também ocorreu nas ações, pensamentos e posicionamentos dos hobbits diante de questões complexas. Isso é notado por Saruman quando teve sua vida poupada por Frodo e foi logo perdoado por ter tentado lhe matar:

Saruman ficou de pé, e olhou para Frodo. Havia uma expressão estranha em seus olhos, um misto de surpresa, respeito e ódio. – Você cresceu, Pequeno – disse ele. – Sim, você cresceu muito. É sábio e cruel. Roubou a doçura de minha vingança, e agora parto amargurado, em dívida para com a sua clemência. Odeio você e sua clemência! Bem, vou embora e não o incomodarei mais. Mas não espere de mim que lhe deseje saúde e vida longa. Não terá nenhuma das duas coisas. Mas isso não será por obra minha. Estou apenas prevendo (TOLKIEN, 2000, p. 1080, grifo nosso).

As mudanças físicas – o crescimento em estatura devido ao consumo da bebida dos Ents – de Merry e Pippin também são notadas pelos demais hobbits, pois os quatro viajantes eram “imponentes, totalmente armados”, mas dois deles eram “extraordinariamente grandes e fortes” (TOLKIEN, 2000, p. 1059).

Os hobbits mergulharam no mundo de fora sem qualquer preparação prévia para se adequarem a esse mundo. Os comilões, simpáticos e amistosos hobbits entram no mundo mágico dos perigos constantes sem ao menos saber lutar ou sem qualquer arma para a própria proteção. Exatamente um ano depois de terem saído de casa – já habituados ao mundo externo –, retornam ao lar e são considerados

estranhos, agora não por não se adequarem aos padrões de fora, mas por não se adequarem aos padrões de dentro. Mesmo o mundo tendo se modificado completamente, a presença dos assuntos externos ainda causa surpresa, espanto e temor nos moradores das imediações do Condado. Isso se deve ao isolamento, já discutido aqui, dos hobbits. Parece, de acordo com a narrativa, que os habitantes do extremo oeste se recusam a enxergar o mundo como ele realmente é, revelando seu estreitamento de experiência:

Gandalf riu. – Bem, bem – disse ele –; se eles têm medo de apenas cinco de nós, então encontramos inimigos piores em nossas viagens. Mas de qualquer modo vão deixá-los em paz durante a noite, enquanto ficarmos aqui.
 – E por quanto tempo ficarão? – perguntou Carrapicho. – Não vou negar que ficaríamos felizes em tê-los aqui por um tempo. Você pode entender, *não estamos acostumados a esse tipo de problema, e os guardiões foram todos embora, pelo que me dizem. Acho que só agora entendemos direito o que eles faziam por nós. Pois houve coisa pior que ladrões por aqui. Lobos ficaram uivando ao redor das cercas no inverno passado. E há vultos escuros nas florestas, seres terríveis que fazem o sangue congelar só de se pensar neles. Foi tudo muito perturbador, se vocês me entendem* (TOLKIEN, 2000, p. 1052, grifo nosso).

Os perigos, os feitos realizados e todas as notícias sobre o mundo de fora simplesmente são ignorados pelos hobbits:

Talvez não – disse Sam envergonhado. – Mas agora estou com pressa. Vamos atacar os rufiões, e preciso voltar para junto do Sr. Frodo. Mas pensei em vir para ver como a Sra. Villa está passando. E você também, Rosinha.
 – Estamos bem, obrigada – disse a Sra. Villa. – Ou deveríamos estar, se não fosse por esses rufiões ladros.
 – Bem, então vá andando! – disse Rosinha. – Se você esteve cuidando do Sr. Frodo todo esse tempo, por que quereria abandoná-lo logo que as coisas ficam perigosas?
 Aquilo foi demais para Sam. Ou ele ficava uma semana respondendo, ou não respondia nada. Virou-se e montou no pônei (TOLKIEN, 2000, p. 1068).

Para Rosinha Villa, assim como para a maioria dos hobbits, as coisas estão começando a ficar perigosas agora, enquanto que para Frodo, Sam, Merry e Pippin, as coisas realmente perigosas já acabaram e a retomada do Condado é somente uma questão local. Tão sem importância para a Terra-média é a reconquista do Condado, que nenhum povo – dentre todos aqueles que foram salvos pelos esforços do Portador do Anel – se deu ao trabalho de retribuir ajudando os pequenos a expulsar o Mal de suas terras. O próprio Feitor é um exemplo de hobbit tão absorto e seus próprios assuntos (representando todos os hobbits) que não presta atenção em mais nada:

– Boa noite, Sr. Bolseiro! – disse ele. – Fico realmente feliz em vê-lo de volta. Mas tenho contas a ajustar com o senhor, por assim dizer, se me permite a ousadia. O senhor nunca deveria ter vendido Bolsão, como eu sempre disse. *Foi aí que toda a confusão começou.* E enquanto o senhor esteve perambulando por terras estrangeiras, caçando homens negros montanha acima, pelo que diz o meu Sam, *embora não explique muito bem para quê,* eles foram lá e escavaram a rua do Bolsinho e *arruinaram minhas batatas!*

– Sinto muito, Sr. Gamgi – disse Frodo. – Mas agora eu voltei, e vou fazer o possível para consertar as coisas.

– Bem, o senhor não poderia ter falado mais bonito – disse o Feitor. – O Sr. Frodo Bolseiro é um cavalheiro de verdade, como eu sempre disse, não importa o que se possa pensar de outros que levam o mesmo nome, se me desculpa. E espero que o meu Sam tenha se comportado a contento.

– Perfeitamente a contento, Sr. Gamgi – disse Frodo. – Na verdade, *se o senhor me acredita, ele é uma das pessoas mais famosas em todas as terras, e estão fazendo canções sobre seus feitos, desde aqui até o Mar e além do Grande Rio.* – Sam corou, mas ficou agradecido a Frodo, pois os olhos de Rosinha estavam brilhando, e ela sorria para ele.

– *É muito difícil acreditar – disse o Feitor –, embora eu possa perceber que ele andou se misturando a gente estranha.* Que aconteceu com o colete dele? *Não posso suportar esse roupão de ferro, seja ele elegante ou não* (TOLKIEN, 2000, p. 1074, grifos nossos).

Os hobbits que já estavam no condado, não lutam como Frodo, Sam, Merry e Pippin. Esses quatro ajudaram a salvar a Terra-média e viram as forças do mal em ação, de modo muito impactante. Os demais hobbits envolvidos na guerra do condado não viram o mal em si, vêem somente uma sombra desse mal já derrotado e não lutam em prol de todos os seres vivos (como fizeram os quatro pelos povos livres), mas pela própria sobrevivência e existência de sua própria terra. Essa luta dos demais hobbits não se relaciona a uma predisposição para a guerra, mas à necessidade de responder violentamente aos atos de covardia perpetrados por Saruman e garantir a própria existência do Condado. É diferente dos quatro viajantes que, profundamente condicionados pelas experiências vividas nos assuntos de fora, voltam não mais passivos, inertes e dependentes, mas dispostos a tomar as rédeas e resolver os problemas:

– Fazer o quê? – disse Pippin.

– Sublevar o Condado! – disse Merry. – Agora! Acordar nosso povo! Eles odeiam tudo isso, você pode ver: todos eles, com a exceção de um ou dois velhacos, e alguns tolos que querem ser importantes, mas que de modo algum entendem o que realmente está acontecendo. *Mas o povo do Condado tem estado acomodado há tanto tempo que não sabe o que fazer.* Entretanto só precisam de uma fagulha para se incendiarem. Os Homens do Chefe devem saber disso. Vão tentar nos pisotear e nos apagar rápido. Temo muito pouco tempo (TOLKIEN, 2000, p. 1066, grifo nosso).

O tempo no Condado – antes visto como um eterno desfrutar dos prazeres da vida – agora se mostra rápido, urgente, como o foi para Frodo ao longo de todo o seu trajeto entre o Condado e Valfenda e depois para Mordor (o mesmo se adequa às movimentações de Merry e Pippin, de Gandalf e de Legolas, Aragorn e Gimli). O Condado perdeu sua condição de localização privilegiada, esquecida e pacífica, tendo agora que lutar contra o Mal e contra o tempo. Merry e Pippin merecem destaque na organização dos guerreiros hobbits:

Quando Sam retornou, encontrou toda a aldeia agitada. Além de vários rapazes mais jovens, já mais de uma centena de hobbits robustos estavam reunidos, com machados, pesados martelos, longas facas e grossos bastões; além disso, alguns levavam arcos de caça. Muitos outros estavam chegando das fazendas distantes.

Algumas pessoas da aldeia tinham acendido uma grande fogueira, só para deixar a coisa toda mais emocionante, e também porque isso era proibido pelo Chefe. O fogo queimava forte enquanto se aproximava a noite. Outros, *por ordem de Merry*, estavam erguendo barreiras através da estrada nas duas extremidades da aldeia. Quando os Condestáveis atingiram o lado mais baixo, ficaram aturdidos; mas, assim que viram como estavam as coisas, a maioria deles tirou as penas e juntou-se à revolta. Os outros se retiraram furtivamente (TOLKIEN, 2000, p. 1068, grifo nosso).

São eles que tomam as iniciativas, que organizam os cercos, que lideram a guerra. Merry se usa de sua condição de valente guia, por diversas vezes:

Mesmo assim, calculo que não haja mais que trezentos ao todo, e talvez até menos. Podemos dominá-los, se ficarmos juntos.

– Eles têm armas? – perguntou Merry.

– Chicotes, facas e bastões, o suficiente para o trabalho sujo que fazem: é tudo o que exibiram até agora – disse Villa. – Mas arrisco dizer que eles têm outros equipamentos, se for preciso lutar. De qualquer forma, alguns têm arcos. Atingiram um ou dois de nosso pessoal.

– Aí está, Frodo! – disse Merry. – Eu sabia que íamos ter de lutar. Bem, foram eles que começaram a matança (TOLKIEN, 2000, p. 1069).

É ele quem reúne os bravos e inconformados hobbits para lutar por suas vidas. Na iminência do último combate com os rufiões, ele parte

acompanhado de meia dúzia de rapazes montados em pôneis. – Até breve! – gritou ele. – São só catorze milhas mais ou menos, indo pelos campos. Vou trazer-lhes um exército de Tûks pela manhã. – Merry fez soar a corneta, enquanto eles iam entrando na noite que se adensava. O povo aplaudia (TOLKIEN, 2000, p. 1069).

Os resultados da guerra são catastróficos, contando com a perda de muitos hobbits. Para um povo pacífico, a perda de uns poucos membros já demonstra a

gravidade da situação. Com tristeza, dor e combate, os hobbits marcam sua história na própria História, deixando registros em **O Livro Vermelho do Marco Ocidental**:

Por fim tudo terminou. Quase setenta rufiões jaziam mortos no campo, e uns doze foram presos. Dezenove hobbits morreram, e uns trinta estavam feridos. Os rufiões mortos foram colocados em carroças e puxados para um velho poço de areia nas proximidades, e ali foram enterrados: no Poço da Batalha, como ficou sendo chamado. Os hobbits caídos foram colocados juntos num túmulo na encosta da colina, onde mais tarde erigiu-se uma grande pedra com um jardim em volta. Assim terminou a Batalha de Beirágua, em 1419, a última batalha travada no Condado, e a única desde a dos Campos Verdes, em 1147, que ocorrera lá em cima, na Quarta Norte. Em consequência disso, embora felizmente tenha custado muito poucas vidas, *a batalha tem um capítulo próprio no Livro Vermelho*, e os nomes de todos os que participaram dela formaram uma Lista que os *historiadores do Condado* sabiam de cor. O considerável aumento da fama e da riqueza dos Villas vem dessa época, mas *no topo da Lista, em todos os relatos, estão os nomes dos Capitães Meriadoc e Peregrin* (TOLKIEN, 2000, p. 1076, grifos nossos).

O passado épico, mítico e bélico invade o Condado ao mesmo tempo em que o Condado deixa suas marcas de simplicidade, prosaísmo, e diplomacia no mundo externo. As profundas transformações ocorridas no macrocosmo e microcosmo se revelam basilares para a consolidação dos hobbits como habitantes do Reino Unido e marca a aptidão dos quatro viajantes para representar, diplomática e militarmente o Condado diante dos demais povos. Merry e Pippin agora são os Capitães do exército hobbit e estão prontos a atender o chamado de seu próprio povo ou ao chamado do Rei Aragorn.

3.2 O EMPODERAMENTO DOS HOBBITS

O *legendarium*, como exaustivamente discutido até aqui, prima pela organicidade, pelo senso de profundidade temporal, espacial e de características de cada um dos seus elementos constituintes. Cada raça ou povo têm seus próprios registros históricos, suas tradições, crenças, contendas, interdições e destinos. Os elfos, como determinado pela vontade de Eru, estão condenados a viver no mundo até que ele desapareça. Os homens receberam a dádiva da morte e seu destino no pós morte é um mistério nunca descoberto pelos elfos, que se incomodaram com isso durante muito tempo. Os anões têm suas próprias lendas sobre não existirem mulheres anãs e sobre o seu surgimento na Terra-média. Enfim, são muitos os mistérios, as lendas, tradições e detalhes que compõem a vastidão do mundo povoado pelas criaturas de Tolkien.

Em se tratando de sua ocupação profissional, como professor de língua em Oxford e filólogo, entende-se que a criação de línguas ocupou a mente do autor quase durante toda a sua vida. Aprendeu as primeiras letras com a sua mãe, inclusive os rudimentos do latim, e depois se aperfeiçoou na criação de novas línguas. Isso se reflete em seu universo ficcional, em muitas criaturas: os elfos falam o Quenya e o Sindarin; os anões falam o Khuzdul; os orcs falam a Língua Negra de Mordor; as aranhas têm sua língua própria; os ents falam o entês; os homens de Rohan falam uma forma ancestral da língua geral (Westron) dos homens que se assemelha ao inglês antigo enquanto os demais homens se utilizam da Língua Geral, o Westron, semelhante ao inglês moderno; os woses (homens selvagens) também têm sua forma particular de comunicação, assim como os terrapardenses; os homens de Númenor falava o Adûnaico; outros homens ainda usam o Bëoriano, o Marachiano e o Harachiano.

Em resumo, Tolkien se preocupou em dotar cada tipo de ser vivo com suas características próprias de usos da língua. O estudo de todas as línguas e dialetos existentes no *legendarium* seria um trabalho excessivamente longo, o qual não se desenvolverá no presente trabalho. Cabe chamar a atenção para o fato de que o autor se dedicou com afinco a criar o maior número possível de características da palavra falada e escrita para dotar seu universo ficcional de vida própria (verossimilhança) e, mesmo tendo feito isso, não há uma língua específica (falado ou escrita) e suficientemente bem desenvolvida para o povo que deu origem aos protagonistas e escritores (coletores e tradutores também) dos eventos da Terceira Era do Sol, os hobbits. Cada uma das línguas da Terra-média reflete a história, as tradições e as características sociais do povo ao qual pertence. Em **O Senhor dos Anéis**, os principais povos pertencentes aos Povos Livres (e envolvidos na demanda do Anel) possuem traços humanos, são humanoides: Anões, Elfos, Homens e Hobbits. Desses quatro povos, somente os hobbits não possuem uma língua própria utilizada para descrever seus costumes, suas tradições, sua história e que reflita suas características sociais, já que “falavam a língua dos homens, à sua própria maneira” (TOLKIEN, 2000, p. 2).

Essa ausência de língua própria seria um deslize de Tolkien, reflexo da falta de tempo ou uma ação proposital? Ao que tudo indica, Tolkien não teve tempo hábil para criar uma língua hobbit entre a publicação de **O Hobbit** – no qual os hobbits não possuem nenhuma forma específica de língua própria – em 1937 e a sua

“continuação” quando publicou **O Senhor dos Anéis**, em 1954 e 1955. Para compensar essa ausência tão marcante na produção literária de um filólogo, ele se utiliza disso para justificar a falta de relevância desse povo entre os Povos Livres e também sua invisibilidade no panorama da Terra-média. Essas emendas entre a falta de tempo para criar uma língua e o protagonismo desse povo na mais importante história do *legendarium* se deu por justificativas um tanto questionáveis sobre a origem e costumes dos hobbits:

Foi nesses tempos primordiais, sem dúvida, que os hobbits aprenderam suas letras e começaram a escrever na maneira dos Dúnedain, que por sua vez tinham aprendido a arte muito antes com os elfos. E nessa época eles também esqueceram todas as línguas usadas anteriormente, e depois disso sempre falaram a Língua Geral, o Westron, que era como a chamavam nas terras dos reis desde Arnor até Gondor, e em toda a costa marítima, desde Belfalas até Lûn. Mesmo assim, eles ainda preservavam do passado algumas palavras próprias, bem como seus próprios nomes de meses e dias e uma grande quantidade de nomes de pessoas (TOLKIEN, 2000, p. 4).

Os hobbits aprenderam as letras com os homens, que aprenderam com os elfos, já que eles foram os inventores da escrita. As línguas dos elfos e dos homens retratam e desvelam, de certa forma, o seu modo de ver, sentir, pensar e reagir aos estímulos do mundo. Diz-se, sobre os elfos, que

Muito tempo viveram eles em seu primeiro lar junto à água, à luz das estrelas, e caminhavam pela Terra maravilhados. E começaram a criar a fala e a dar nomes a todas as coisas que percebiam. A si mesmos, chamaram quendi, querendo dizer aqueles que falam com vozes. Pois até então não haviam conhecido nenhum outro ser vivo que falasse ou cantasse (TOLKIEN, 2009, p. 47-48, grifo nosso).

O ato adâmico dá aos elfos a oportunidade de exprimir seus pensamentos e ações ao passo em que interferem, criam e modificam a realidade que os cerca. A sua língua reflete o modo como veem o mundo e o mundo se reflete no modo como nomearam as coisas. Está claro que os elfos reproduzem aquilo que fora feito quando Eru e os Ainur criaram o universo (Eä) e a terra (Arda) enquanto criavam a Música Magnífica em sua língua, o Valarin. A palavra criadora dos deuses deu forma ao universo junto com o impulso ígneo da Chama Imperecível enviada por Eru e isso se refletiu quando os elfos começam a criar sua forma particular de representação do mundo por meio da linguagem.

A gradual perda da sacralidade da língua se mostra evidente e representada

em algumas passagens de **O Silmarillion** como, por exemplo, quando Thingol proíbe o uso da língua dos noldor (o Quenya, utilizado em Valinor) em seu reino (Beleriand), motivado pelo Fratricídio de Alqualondë:

– Vão agora! Pois meu coração está revoltado. Mais tarde, podem voltar, se quiserem; pois não fecharei minhas portas para vocês, parentes, que foram enredados num mal para o qual não contribuíram. Com Fingolfin e seu povo também manterei a amizade, pois já pagaram caro pelo mal que fizeram. E em nosso ódio ao Poder que criou toda essa desgraça, nossas mágoas se perderão. Mas ouçam minhas palavras! *Nunca mais chegará a meus ouvidos a língua dos que assassinaram meus parentes em Alqualondë! Nem em todo o meu reino ela poderá ser falada abertamente enquanto durar meu poder. Todos os sindar darão ouvidos à minha ordem de que não falem a língua dos noldor nem respondam a ela. E todos os que a usarem, serão considerados assassinos e impenitentes traidores de parentes* (TOLKIEN, 2009, p. 159, grifo nosso).

Conforme os elfos vão perdendo sua sacralidade, isto é, vão se afastando do mundo dos deuses para vivenciar o sofrimento do mundo mortal, sua língua começa a refletir essa perda. Desse modo, a língua original dos primeiros elfos, compartilhada pelos deuses em Valinor, deixa de ser um instrumento operativo e passa a ser utilizada como instrumento (ou ferramenta) simbólica, especulativa:

E ocorreu exatamente o que Thingol dissera. Pois os sindar obedeceram à sua palavra e, dali em diante, em toda a Beleriand, eles se recusaram a usar a língua dos noldor e evitaram aqueles que a falavam em voz alta. Já os Exilados adotaram o idioma sindarin em todos os seus usos correntes; e a *alta-fala do oeste era usada apenas pelos senhores dos noldor entre si. Ela sobreviveu, porém, para sempre como a língua da tradição*, não importa onde morasse qualquer indivíduo daquele povo (TOLKIEN, 2009, p. 159, grifo nosso).

Essa ausência de língua própria sob o pretexto de que os hobbits “esqueceram de todas as línguas usadas anteriormente” (TOLKIEN, 2000, p. 4) tem sua compensação com a palavra criadora, a palavra da invenção da história. A transformação dos hobbits iletrados (e sem nenhum apreço pelas tradições internas ou externas) e invisíveis aos olhos das tradições da Terra-média em sujeitos responsáveis pela proteção, transcrição, escrita e tradução de todas as narrativas que compõem o *legendarium* se dá de forma gradual. O primeiro interessado nessas questões é Bilbo, graças às suas aventuras com anões e amizade com elfos (em **O Hobbit**) e quem, de imediato, herda esse gosto é Sam, como afirma seu pai:

o meu menino Sam deve saber mais sobre isso. Ele vive entrando e saindo

de Bolsão. *É louco por histórias de antigamente*, isso ele é, e *escuta todas as histórias do Sr. Bilbo. O Sr. Bilbo ensinou-lhe suas letras* – sem querer causar maldade, veja bem, e espero que nenhuma maldade venha disso (TOLKIEN, 2000, p. 24, grifos nossos).

Os outros hobbits protagonistas da demanda do Anel foram tão influenciados pelo gosto de Bilbo pelas palavras que foram incumbidos de terminar seu relato sobre a história do Anel. Os autores de **O Livro Vermelho do Marco Ocidental** são, Bilbo, Frodo e Sam, embora grande parte da história (tal como a aparição dos ents, a queda de Isengard, as descrições das guerras, dos reinos de Rohan e de Gondor) se deva à experiência de Merry e Pippin. A posição da narrativa de Bilbo dentro dos fatos da Terra-média precisa ser explicada ao leitor, como se vê no extenso prólogo de **O Senhor dos Anéis**, necessário à junção da história do achado do Anel com a sua continuação, a destruição do mesmo:

Em grande parte, este livro trata de hobbits, e através de suas páginas o leitor pode descobrir muito da personalidade deles e um pouco de sua história. Informações adicionais podem ser obtidas na seleção feita a partir do Livro Vermelho do Marco Ocidental, já publicada sob o título de *O Hobbit*. Essa história originou-se dos primeiros capítulos do Livro Vermelho, escritos pelo próprio Bilbo, o primeiro hobbit a se tornar famoso no mundo todo, e chamados por ele de *Lá e de Volta Outra Vez*, porque relatavam a sua viagem para o Leste e sua volta: uma aventura que mais tarde envolveria todos os hobbits nos grandes acontecimentos daquela Era relatados aqui. Entretanto, muitos podem desejar desde o início saber mais sobre esse povo notável, uma vez que alguns podem não possuir o primeiro livro. Para esses leitores, aqui vão algumas notas sobre os pontos mais importantes dos hobbits, e um rápido resumo da primeira aventura (TOLKIEN, 2000, p. 1, grifos do autor).

Tolkien atribui aos hobbits a autoria de todas as narrativas que compõem o *legendarium*, sendo ele somente o tradutor desse material para o inglês moderno:

As runas e os caracteres fëanorianos no frontispício deste livro significam “The Lord of the Rings translated from the Red Book of Westmarch by John Ronald Reuel Tolkien. Herein is set forth the history of The War of the Ring and the return of the King as seen by the hobbits.” Se vertidas para o português, as inscrições assumiriam a seguinte forma: O SENHOR DOS ANÉIS *TRADUZIDO DO LIVRO VERMELHO do Marco Ocidental* por John Ronald Reuel Tolkien. Aqui está contada a história da Guerra do Anel e do retorno do Rei *conforme vista pelos hobbits* (TOLKIEN, 2000, p. V, grifos nossos).

Essa atitude do autor mostra uma clara compensação – transformando os hobbits em coletores e escritores – capaz de justificar as diferenças de tom e estilo (entre **O Hobbit**, **O Senhor dos Anéis** e **O Silmarillion**), bem como os problemas de

coerência interna do *legendarium* (causados pelo sucesso da publicação do meio da história, **O Hobbit**, antes do início e do fim). O foco narrativo das histórias segue sempre o ponto de vista dos hobbits e sua interação com o mundo, o que fornece duas principais características sobre todas essas questões discutidas. A primeira delas é a diferença de estilo entre **O Hobbit**, **O Senhor dos Anéis** e **O Silmarillion** ser justificada justamente pelo fato de que a autoria das narrativas foi atribuída aos hobbits, isto é, **O Silmarillion** foi escrito pelos elfos, mas traduzido pelos hobbits depois de coletarem o material com os Primogênitos. Isso indica que o tom mais leve de **O Hobbit** se deve à iniciação de Bilbo enquanto escritor, já que desconhecia ainda a literatura registrada pelos elfos em suas tradições e, em função disso, **O Senhor dos Anéis** funde os dois estilos (dos elfos e de Bilbo) em sua narrativa. A segunda característica é o fato de que, ao fim de **O Senhor dos Anéis**, os hobbits tornam-se guardiões da tradição escrita no Reino Unido:

No final da Terceira Era, o papel desempenhado pelos hobbits nos grandes eventos que levaram à inclusão do Condado no Reino Reunido despertou neles um interesse muito mais amplo por sua própria história, e muitas de suas tradições, até então na maioria orais, foram coletadas e escritas. As famílias maiores também estavam interessadas pelos eventos do Reinado em geral, e muitos de seus membros estudavam suas histórias e lendas antigas. No final do primeiro século da Quarta Era já se podiam encontrar no Condado várias bibliotecas com muitos livros e registros históricos.

As maiores dessas coleções ficavam provavelmente em Sob-as-torres, em Grandes Smials, e na Sede do Brandevin. Este relato sobre o final da Terceira Era é retirado principalmente do Livro Vermelho do Marco Ocidental. Esta fonte importantíssima para a história da Guerra do Anel era chamada assim porque foi preservada por muito tempo em Sob-as-torres, o lar dos Lindofilhos, Administradores do Marco Ocidental. Originalmente, este livro era o diário pessoal de Bilbo, levado por ele a Valfenda. Frodo o trouxe de volta para o Condado, juntamente com muitas folhas soltas de anotações e durante R.C. 1420-1 ele quase encheu todas as páginas com seu relato sobre a Guerra. Mas anexados a este e preservados juntamente com ele, provavelmente num único estojo vermelho, estavam os três grandes volumes, encapados com couro vermelho, que Bilbo lhe deu como um presente de despedida. A esses quatro volumes foi acrescentado no Marco Ocidental um quinto contendo comentários, genealogias e vários outros materiais relacionados aos membros hobbits da Sociedade.

O Livro Vermelho original não foi preservado, mas muitas cópias foram feitas, especialmente do primeiro volume, para o uso dos descendentes dos filhos de Mestre Samwise. A cópia mais importante, entretanto, tem uma história diferente. Foi guardada em Grandes Smials, mas escrita em Gondor, provavelmente a pedido do bisneto de Peregrin, e terminada em R.C. 1592 (Q.E. 172). Seu escriba acrescentou esta nota: Findegil, Escriba do Rei, terminou este trabalho em IV 172. Ele é uma cópia exata em todos os detalhes do Livro do Thain de Minas Tirith. Esse livro era uma cópia, feita a pedido do Rei Elessar, do Livro Vermelho dos Periannath, e foi trazido a ele pelo Thain Peregrin quando este se retirou para Gondor em IV 64.

O Livro do Thain foi, desse modo, a primeira cópia do Livro Vermelho, e continha muitos dados que foram omitidos ou perdidos. Em Minas Tirith ele

recebeu muitas anotações e muitas correções, especialmente nos nomes, palavras e citações das línguas élficas; e foi acrescentada uma versão abreviada daquelas partes do Conto de Aragorn e Arwen, que ficam de fora do relato da Guerra. Afirma-se que o conto completo foi escrito por Barahir, neto do Intendente Faramir, algum tempo depois da morte do Rei. Mas a característica mais importante da cópia de Findegil é que somente ela contém todas as “Traduções do Élfico” feitas por Bilbo. Esses três volumes foram considerados um trabalho de grande habilidade e erudição durante o qual, entre 1403 e 1418, ele usou todas as fontes disponíveis em Valfenda, tanto vivas quanto escritas. Mas como elas foram pouco usadas por Frodo, por se tratar quase que inteiramente dos Dias Antigos, não serão mais comentadas aqui.

Sendo que Meriadoc e Peregrin se tornaram os chefes de suas grandes famílias, e ao mesmo tempo mantiveram suas relações com Rohan e Gondor, as bibliotecas de Buqueburgo e Tuqueburgo continham muitas coisas que não apareciam no Livro Vermelho. Na Sede do Brandevin havia muitas obras que tratavam de Eriador e da história de Rohan. Algumas delas foram escritas ou iniciadas pelo próprio Meriadoc, embora no Condado ele fosse lembrado principalmente pelo seu Registro das Ervas do Condado, e pelo seu Registro dos Anos, no qual ele discutia a relação entre os calendários do Condado e de Bri com os de Valfenda, Gondor e Rohan. Ele também escreveu um pequeno tratado sobre Palavras e Nomes Antigos em Rohan, mostrando um interesse especial em descobrir o parentesco entre a língua dos Rohirrim e certas ‘palavras do Condado’ como mathom e partículas antigas e nomes de lugares.

Em Grandes Smials os livros eram de menor interesse para o povo do Condado, embora fossem da maior importância para a história mais abrangente. Nenhum deles foi escrito por Peregrin, mas ele e seus sucessores coletaram muitos manuscritos feitos por escribas de Gondor: em sua maioria cópias ou resumos de histórias ou lendas relacionadas com Elendil e seus herdeiros. Apenas aqui no Condado era possível encontrar materiais abundantes para a história de Númenor e a ascensão de Sauron. Foi provavelmente em Grandes Smials que O Conto dos Anos foi organizado, com a ajuda do material coletado por Meriadoc. Embora as datas fornecidas sejam frequentemente conjecturais, principalmente para a Segunda Era, elas merecem atenção. É provável que Meriadoc tenha obtido ajuda e informações em Valfenda, lugar que visitou mais de uma vez. Ali, embora Elrond tivesse partido, seus filhos permaneceram durante muito tempo, juntamente com alguns elementos do povo dos Altos-elfos. Afirma-se que Celeborn tinha ido morar lá depois da partida de Galadriel, mas não há registros do dia em que ele finalmente se dirigiu aos Portos Cinzentos, e com ele partiu a última memória viva dos Dias Antigos da Terra-média (TOLKIEN, 2000, p. 14-16, grifos nossos).

Observa-se que o Condado se torna, na Quarta Era, um reduto de estudo e um repositório das histórias mais importantes da Terra-média, inclusive guardando materiais exclusivos sobre a história de Númenor e Sauron. Essa compensação do autor se mostra suficiente para justificar a ausência de hobbits nas literaturas élficas, ou seja, a falta de interesse por eles fica a cargo de sua invisibilidade garantida por seu tamanho diminuto, seu isolamento garantido por Gandalf e os Guardiões e seu desconhecimento (ou até desinteresse) das coisas do mundo de fora.

O fato de se tornar um centro de estudos sobre a história da Terra-média se deve, segundo toda a justificativa do nascimento (para o público) do *legendarium*, ao

simples acaso – e depois se sabe que esse acaso foi atribuído à providência divina, aliada ao desejo do próprio objeto – do achado do Anel na beira do lago onde vivia Gollum. Foi por um acaso que Déagol encontrou o Anel perdido de Isildur; por maldade e corrupção que Sméagol se tornou uma criatura mesquinha, vil e cruel, refugiando-se nas raízes da montanha, sob a escuridão; por um acaso (chamado Gandalf) que Bilbo se viu entrando em uma aventura completamente sem sentido em sua vida prosaica de hobbit glutão e sedentário e por um acaso que ele encontrou o Anel mais poderoso de todos os Anéis de Poder existentes na Terra-média. Se analisados os fatos minuciosamente, pode-se pensar na história da Terra-média toda como uma longuíssima sucessão de acasos que inclui pequenas e amigáveis criaturas participantes de aventuras impensadas, sem profundidade pessoal (quando se iniciam). Foi por acaso também que Gandalf era o único dos Magos (Istari) e o único dos Sábios do Conselho Branco que conhecia bem e mantinha amizade com os hobbits, completando assim a lacuna entre o sumiço do Anel (Isildur) e seu achado (Déagol):

Foi Gil-galad, Rei-Elfo, que juntamente com Elendil de Ponente derrotou Sauron, embora os dois tenham sucumbido nessa empresa; Isildur, filho de Elendil, cortou o Anel de mão de Sauron e tomou-o para si. Dessa forma Sauron foi subjugado e seu espírito fugiu e ficou escondido por muitos anos, até que sua sombra tomou forma novamente na Floresta das Trevas.

– Mas o anel foi perdido. Caiu no Grande Rio, Anduin, e sumiu. Isildur estava marchando para o Norte ao longo da margem leste do Rio; perto dos Campos de Lis foi assaltado pelos orcs das Montanhas, e quase todo o seu povo foi assassinado. Ele pulou nas águas do Rio, mas o Anel escorregou de seu dedo enquanto nadava, e então os orcs o viram e o mataram com flechas.

Gandalf parou. – E ali, nos lagos escuros dos Campos de Lis – disse ele –, o Anel sumiu do conhecimento e das lendas; e até mesmo esta parte de sua história é conhecida apenas por poucas pessoas, e o Conselho dos Sábios não conseguiu descobrir mais. *Mas finalmente acho que posso continuar a história* (TOLKIEN, 2000, p. 54, grifo nosso).

Desse modo, parece mero acaso o fato de Gandalf estar no Condado, com o Anel na mão quando consegue provar, finalmente, que estava certo a respeito da conexão entre as duas narrativas:

– Há quanto tempo você sabe de tudo isso? – perguntou Frodo de novo.

– Sei? – disse Gandalf. – Sei de muitas coisas que apenas os Sábios sabem, Frodo. Mas se quer dizer “sei sobre este anel”, bem, *ainda não sei*, pode-se dizer. *Há um último teste para ser feito*. Mas não duvido mais do que já suponho.

– Quando foi que comecei a supor? – continuou ele cismando, em busca da resposta em sua memória. – Deixe-me ver – foi no ano em que o Conselho Branco expulsou o poder escuro da Floresta das Trevas, um pouco antes da

Batalha dos Cinco Exércitos, quando Bilbo encontrou seu anel. Uma sombra cobriu meu coração, embora eu ainda não soubesse o que temia. Sempre me perguntava como Gollum tinha achado um Grande Anel, pois aquele era um Grande Anel – isso ao menos estava claro desde o início. Aí escutei a história estranha de Bilbo, de como a tinha “ganhado”, e não pude acreditar nela. Quando finalmente consegui que contasse a verdade, percebi na hora que ele estava tentando colocar seu direito sobre o anel acima de qualquer dúvida. Muito parecido com Gollum e seu “presente de aniversário”. As mentiras eram muito semelhantes para que eu ficasse tranquilo. Ficou evidente que o anel tinha um poder pernicioso que começava a repercutir sobre seu dono imediatamente (TOLKIEN, 2000, p. 49, grifos nossos).

E finalmente é Gandalf quem traz ao leitor e a Frodo a história completa do Anel, começando com a sua feitura (em **O Silmarillion**):

– Não – disse Gandalf –, mas eu consigo. Essas letras são élfico, de uma modalidade arcaica, mas a língua é a de Mordor, a qual não vou pronunciar aqui. Mas isto em Língua Comum quer dizer, aproximadamente:

*Um Anel para a todos governar;
Um Anel para encontrá-los.
Um Anel para a todos trazer e na escuridão aprisioná-los.*

– São apenas duas linhas de versos conhecidos há muito tempo na tradição élfica:

*Três Anéis para os Reis-Elfos sob este céu,
Sete para os Senhores-Anões em seus rochosos corredores,
Nove para Homens Mortais fadados ao eterno sono,
Um para o Senhor do Escuro em seu escuro trono
Na Terra de Mordor onde as Sombras de deitam.
Um Anel para a todos governar; Um Anel para encontrá-los.
Um Anel para a todos trazer e na escuridão aprisioná-los
Na Terra de Mordor onde as Sombras se deitam.*

Parou, e então disse lentamente, numa voz profunda: – Este é o Anel-Mestre, o *Um Anel para a todos governar*. Este é o Um Anel que ele perdeu há muito tempo, o que causou um grande enfraquecimento de seu poder. Ele o deseja muito – mas *não* deve obtê-lo (TOLKIEN, 2000, p. 52).

E continuando com a conexão do sumiço e achado do Anel, começando com a história de Gollum e terminando com a de Bilbo (em **O Hobbit**):

– Mas o anel foi perdido. Caiu no Grande Rio, Anduin, e sumiu. Isildur estava marchando para o Norte ao longo da margem leste do Rio; perto dos Campos de Lis foi assaltado pelos orcs das Montanhas, e quase todo o seu povo foi assassinado. Ele pulou nas águas do Rio, mas o Anel escorregou de seu dedo enquanto nadava, e então os orcs o viram e o mataram com flechas [...] – Muito depois, mas ainda há muito tempo, vivia nas margens do Grande Rio, na borda das Terras Ermas, um pequeno povo de mãos ágeis e pés silenciosos. Acho que eram semelhantes aos hobbits; parentes dos pais dos pais dos Grados, pois amavam o Rio e sempre nadavam nele, ou faziam pequenos barcos de junco. Havia entre eles uma família muito considerada, pois era maior e mais rica que a maioria, que era governada pela avó,

senhora austera e conhecedora da história antiga de seu povo. O elemento mais curioso e mais ávido de conhecimento dessa família se chamava Sméagol [...] – Tinha um amigo chamado Déagol, parecido com ele, de olhos mais penetrantes mas não tão rápido ou forte. Uma vez pegaram um barco e desceram para os Campos de Lis, onde havia grandes canteiros de íris e juncos em flor. Ali Sméagol desceu e foi fuçar as margens, mas Déagol ficou sentado no barco pescando. De repente um grande peixe mordeu a isca, e antes que soubesse onde estava, ele foi arrastado para fora do barco e dentro da água, até o fundo. Então soltou a linha, pois julgou ver alguma coisa brilhando no leito do rio, e prendendo a respiração conseguiu apanhá-la.

– Depois subiu soltando bolhas, com plantas em seu cabelo e um monte de lama na mão, e nadou até a margem. E veja só! Quando limpou a lama, viu em sua mão um lindo anel de ouro, que brilhava e resplandecia ao sol. Seu coração se alegrou (TOLKIEN, 2000, p. 54-55).

Dos vinte Anéis de Poder, nenhum foi dado à raça dos hobbits, pois Sauron buscou reis e senhores poderosos pelos quais poderia dominar grandes contingentes e riquezas. Esse é outro dos motivos pelos quais os hobbits foram excluídos da narrativa dos Anéis até o momento em que Déagol o encontra no fundo do rio. No capítulo fundamental para o entendimento da história dos Anéis e da conexão entre passado, presente e futuro, intitulado “O Conselho de Elrond”, é a voz de Elrond que dá sentido às lacunas desconhecidas até então por todos aqueles que não compõem o Conselho dos Sábios:

E agora a parte da história que devo contar chega a um fim. Pois nos dias de Isildur o Anel Governante sumiu de todo o conhecimento, e os Três foram libertados do seu domínio. Mas agora, nesses últimos dias, estão em perigo novamente, pois, para nossa tristeza, o Um foi encontrado. *Outros devem falar do achado, pois neste ponto tive um papel pequeno* (TOLKIEN, 2000, p. 254, grifo nosso).

Elrond conta a história completa do Anel desde sua feitura até o seu desaparecimento. Ainda no Condado é Bilbo o responsável por trazer notícias do mundo de fora e desestabilizar o equilíbrio, a homogeneidade da vida cotidiana dos hobbits. Bilbo atua como instrutor, de certo modo, dos hobbits mais novos sobre os assuntos do mundo externo. Esse papel de instrutor, conselheiro, guardião da história ou guia se fragmenta, sendo atribuído a algumas personagens mais importantes para a jornada de Frodo (e dos outros três hobbits): Gandalf, Tom Bombadil, Elrond, Barbárvore, Faramir, Gollum, Denethor, Éowyn, Denethor, Boromir, Théoden, Legolas, Gimli, Aragorn, Celeborn e Galadriel. De todas essas pessoas vêm notícias do passado suficientes para impulsionar a narrativa e informar tanto o leitor quanto os hobbits.

Gandalf e Elrond narram o passado do Anel, Bilbo e Gollum narram seu

passado recente e Frodo, Sam, Merry e Pippin serão responsáveis por narrar seu futuro. São os hobbits que unem, atuando na narrativa, a história do Anel, eles preenchem as lacunas desde o seu desaparecimento (quando traiu Isildur) até a sua chegada em Valfenda – Gollum o encontra, Bilbo o “rouba” e Frodo o traz). O Anel é o elo entre **O Silmarillion**, **O Hobbit** e **O Senhor dos Anéis**, mas quem movimenta as histórias (unindo-as) são os hobbits e, exceto pelo episódio de Sméagol e Déagol, sempre pela influência de Gandalf. Gandalf atua como representante da vontade dos deuses, sempre respeitando o Protocolo Istari, e garantindo a invisibilidade dos hobbits, visando garantir posteriormente parte do *modus operandi* calcado na utilização dos hobbits como “arma secreta”. É curioso que Tolkien os tenha eleito para desempenhar o papel de povos invisíveis, não recebendo nenhum anel de poder, não possuindo nenhuma mágica, não possuindo língua própria, tradições ou costumes, mas que tenham recebido a missão de encontrar, portar e destruir o Anel mais poderoso de toda a história da Terra-média, o único capaz de conferir a eles aquilo que eles já tinham desde sempre, a “invisibilidade”.

3.3 COMPENSAÇÕES DE TOLKIEN

As compensações de Tolkien referem-se às alterações efetuadas pelo autor em sua obra – entenda-se o todo do *legendarium* – para amenizar os efeitos dos encaixes posteriores derivados da inversão e recusas de publicação que resultaram nos problemas de coerência interna de sua obra, sejam de tom e estilo ou mesmo relacionados com os temas e sequência cronológica de seu universo ficcional. A compensação fundamental, que proporciona a continuidade entre as três narrativas principais dessa mitologia é o Um Anel, responsável por conectar o destino de todos os Povos Livres, por dissolver as demandas iniciadas ao longo das Eras passadas e por inserir os hobbits nas tramas da História da Terra-média. O Um Anel, assim como o Graal das lendas Arturianas, “não é nada mais que uma narrativa” (TODOROV, 1969, p. 187), ele é a própria narrativa da Terceira Era do Sol. Saber quem é o Senhor dos Anéis, saber o que é, de fato, o Um Anel e acompanhar seu destino ao longo das jornadas de Bilbo, Gollum e Frodo é entender toda a história da Terceira Era.

O simbolismo do Anel encerra em si a jornada circular, o retorno de questões antes abertas e ainda não resolvidas, o ciclo que se fecha em si mesmo. A

circularidade da narrativa tolkieniana culmina na figura dos dois hobbits portadores do Anel, Bilbo e Frodo, uma vez que a “narrativa não pode nascer se não tiver uma aventura a relatar” (TODOROV, 1969, p. 187). A busca pelo desconhecido e a construção da personalidade das personagens ao mesmo tempo em que viajam são símbolos da união de dois diferentes planos narrativos simbolizados pela queda, pelo retorno e pela busca (viagem). Todorov afirma, sobre A Demanda do Graal, “que a lógica narrativa estava constantemente em segundo plano com relação a uma outra lógica ritual e religiosa; a narrativa é a grande vítima desse conflito. Por quê? Porque a narrativa, tal qual existe na época da *Demanda*, se liga ao pecado e não à virtude; ao demônio, não a Deus” (TODOROV, 1969, p. 187).

Não há narrativa se não houver uma aventura, e não há aventura se o universo ficcional não passar por uma queda. Frodo, enquanto caminha em direção a Orodruin, abre caminho para dois tipos de planos narrativos, mas faz isso de forma concomitante. Ao mesmo tempo em que a jornada de Frodo é somente a jornada de um jovem hobbit desavisado que se encontrou em meio a uma gigantesca aventura que ele mesmo é incapaz de entender em sua totalidade, também é a jornada da queda, a jornada mitológica da restauração dos desequilíbrios instaurados por Melkor, Sauron, Saruman, elfos, orcs, homens e os próprios hobbits envolvidos com o Um Anel. Frodo procura, no íntimo, o domínio dos próprios pensamentos maléficos em relação a Sam, o expurgo de seu cansaço e pessimismo, mas leva consigo todo o destino dos Povos Livres. A jornada no Anel não é só a viagem de Frodo, ela é a própria narrativa ao mesmo tempo que é a própria história de todos os povos envolvidos nessa trama. Quando Frodo e Sam enfrentam Laracna em sua toca, vê-se a luta primeva entre Luz e Trevas, relatada em **O Silmarillion**, quando Melkor e Ungoliant destroem as duas Árvores que iluminam o Mundo (Laurelin e Telperion). Frodo não carrega somente o próprio destino para as Fendas da Perdição, ele carrega todos os destinos, o restabelecimento do caos instaurado desde a Música Magnífica do “Ainulindalë”. Nos mitos os deuses tecem infortúnios para que os homens tenham material para suas jornadas e narrativas. O mesmo acontece com Frodo, que lida com seus próprios desafios internos, mas se torna responsável por instaurar um equilíbrio há muito desejado, desde que o próprio Eru deixou Melkor destoar dos demais Ainur, afirmando que isso também fazia parte de seus pensamentos, já que todos os pensamentos e ações dos Poderes não poderiam, nunca, fugir à vontade do Um. Caos e Cosmos se digladiam na formação das

personalidades dos hobbits, reproduzindo a própria batalha sonora travado por Melkor nas melodias propostas pelo Criador. Ainda sobre “A Demanda do Graal”, Todorov diz que

[a] narrativa conta a procura de algo; ora, os que procuram ignoram sua natureza. São obrigados a procurar não o que a palavra designa mas o que ela significa; é uma procura de sentido (“a demanda do Santo Graal... não cessará antes que se *saiba* a verdade”) (TORODOV, 1969, p. 186).

Frodo é o herói improvável – assim como Bilbo em **O Hobbit** – que não procura, que não questiona, que não se envolve intimamente com o sentido de sua busca (Frodo não busca, ele leva), posto que todo o sentido de sua jornada já está dado desde os momentos em que Gandalf lhe explica a importância do Anel e quando Elrond conta a história completa do Anel e de Sauron em Valfenda. Esse é o sentido da narrativa. O Anel representa a busca pelo poder, o uso da “máquina” para controle e submissão de todos os Povos existentes, a corrupção da criação materializada, a própria busca pela imortalidade – J. K. Rowling classificaria o Um Anel como uma Horcrux –, a dissonância entoada por forjas e línguas de fogo. Frodo não busca o sentido da destruição do Anel, ele já o sabe. O que ele busca é o sentido de sua própria existência enquanto personagem da Terra-média, o sentido para uma vida deslocada, desconectada e despreocupada com o todo circundante. Enquanto o Anel de ouro derrete nas lavas da Montanha da Perdição e se funde com o plasma do fogo, a história e existência dos hobbits se funde, se amalgama com o futuro e destinos do todo que compõe a Terra-média. Frodo, ao mesmo tempo, busca e leva, constrói e destrói, cria e restabelece. O Anel é a manifestação romanesca da dissonância de Melkor. Ele é, ao mesmo tempo, épico e romanesco, sagrado e profano, sensível e inteligível, abstrato e concreto.

A busca de Frodo é individual e duas vezes coletiva. Envolve a coletividade geral de todos os Povos da Terra-média e também envolve a coletividade do povo hobbit. Essa busca é a conquista da autossuficiência do povo hobbit e sua inserção na história da Terra-média. Quando os hobbits retornam ao Condado – já desprotegido – e conseguem resolver os problemas ali instaurados por influência de Saruman, então já demonstram ter conquistado sua independência, sobretudo bélica, sendo capazes de proteger a si mesmos de invasores (dispensando os longos trabalhos de proteção desempenhados por Gandalf e pelos Guardiões). A busca

individual de Frodo se refere à sua própria experiência enquanto habitante do mundo, enquanto personagem antes ouvinte de histórias maravilhosas (narradas por Bilbo) e agora protagonista e narrador de histórias não menos empolgantes e perigosas do que as que costumava ouvir do próprio Bilbo.

Frodo busca, mas também leva. Ele leva o destino de todos os Povos em sua corrente, pendurada no pescoço. A existência de Frodo é também metonímica, já que simboliza a própria existência do Um Anel. Tão pequeno e tão poderoso, tão capaz de modificar totalmente o destino de todos os povos. O próprio Um Anel é descrito, dentre todos os vinte Anéis de Poder, como o menor e mais simples (sem adereços, pedras ou contornos). Frodo é, para os Povos circundantes, um exemplo exatamente igual e oposto ao símbolo do Anel. O Anel é o menor, o mais singelo e desinteressante à primeira vista, como acontece com Frodo, que pertence ao menor dos povos, ao mais prosaico, desinteressante e menos envolvido nos assuntos gerais da Terra-média. Como o Anel, os hobbits também se mantiveram ocultos por incontáveis anos e, por “sorte”, “acaso” ou por influência da “providência divina” materializada nas mãos do autor, o Anel e os hobbits aparecem para o mundo ao mesmo tempo. Surgem os pequenos que os demais povos só se lembravam (quando lembravam) por intermédio de lendas, canções ou histórias contadas pelas avós, ao mesmo tempo em que trazem consigo o Um Anel, também nunca visto e conhecido somente pela tradição (lendas e histórias). Nesse sentido, Frodo é exatamente idêntico ao Anel, mas também é oposto a ele quando comparados seus potenciais de ação. O Anel corrompe, destrói, incita o mal, subjuga, aprisiona, atormenta, aumenta o desejo pelo poder e dominação enquanto é usado. Frodo não é avaro, não tem apego, é livre do desejo de dominação, não demonstra ser vingativo, maldoso, ardiloso e não deseja o poder para si. Do menor ao menor, o Anel chega aos hobbits com seu potencial de destruição coletiva amainado, posto que os próprios hobbits não são seres poderosos e são desprovidos de todo e qualquer tipo de magia. Frodo leva o Anel para a destruição e, consigo, leva a última esperança de sobrevivência dos Povos Livres, a esperança de predominância dos tempos de paz e harmonia no mundo.

Frodo constrói ao mesmo tempo em que destrói. Ele constrói – de forma indireta e com auxílio de todos os Povos Livres – um novo Reino Unido, regido por Aragorn, aquele responsável por guiar os hobbits na jornada da Comitiva do Anel (e por manter a esperança) depois da morte de Gandalf. Frodo destrói, indiretamente, posto que Gollum agiu no último momento (contra sua própria vontade), o Anel e

também destrói a existência do Mal de Sauron, herdado de Melkor e surgido da dissonância e subcriação. A cena que marca Frodo como construtor indireto desse Reinado de paz e harmonia fala por si mesma:

Então Aragorn pegou a coroa e a ergueu, dizendo:

Et Eärello Endoreenna utúlien. Sinome maruvan ar Hildinyar tenn' Ambar-metta!

E essas foram as palavras que Elendil disse quando chegou do Mar nas asas do vento: “Do Grande Mar vim para a Terra-média. Neste lugar vou morar, e também meus herdeiros, até o fim do mundo”.

Então, para a surpresa de muitos, Aragorn não colocou a coroa sobre a própria cabeça, mas devolveu-a a Faramir, dizendo: – Pelo trabalho e pelo valor de muitos tomo posse do que é meu por herança. *Em sinal disto gostaria que o Portador do Anel trouxesse a coroa até mim*, e que Mithrandir a colocasse sobre minha cabeça, se assim desejar; pois foi ele o promotor de tudo o que foi realizado, e esta vitória lhe pertence.

Então Frodo veio à frente e tomou a coroa de Faramir e levou-a para Gandalf; Aragorn ajoelhou-se, e Gandalf colocou-lhe a Coroa Branca sobre a cabeça dizendo:

– Agora chegaram os dias do Rei, e que sejam bem-aventurados enquanto perdurarem os tronos dos Valar! (TOLKIEN, 2000, p. 1026, grifos nossos).

Frodo cria as bases de conexões amistosas entre todos os Povos Livres, quando atinge o objetivo da Comitiva do Anel, mas Merry e Pippin também são os responsáveis por criar essas conexões entre os hobbits e os demais povos. Ao mesmo tempo em que cria essas conexões, Frodo também é o responsável por restabelecer o contado do povo hobbit com os povos circundantes, como o Rei de outrora que concedeu aos pequenos o seu pedaço de terra. Agora os hobbits são novamente pertencentes a um Reino e o novo rei é amigo e companheiro de viagem dos quatro pequenos. O “Retorno do Rei”, título dado pelo autor à terceira parte de **O Senhor dos Anéis** – embora ele mesmo tenha desejado alterar esse título para “A Guerra do Anel” – marca o retorno do Rei sem Coroa, o misterioso andante exilado, criado por elfos e magos, mas também marca o Retorno do Rei na vida cotidiana dos pequenos hobbits. A parte final de **O Senhor dos Anéis** se dedica a mostrar como foram as relações estabelecidas pelos hobbits depois da integração do Condado no Reino Geral.

Esse papel desempenhado pelos hobbits, que se aproveita da transformação do anel ordinário (na primeira edição de **O Hobbit**) em o Um Anel de Sauron como elo entre o passado (deuses, anões, elfos e homens), o presente (a Terceira Era do Sol) e o futuro (a Quarta Era do Sol), é somente uma das compensações de Tolkien pelo fato de a cronologia interna de sua mitologia ter sido desestruturada devido ao

desinteresse da editora em publicar **O Silmarillion** e também pelo fato de Tolkien ter se utilizado da publicação de **O Hobbit** (e consequente pedido de continuação para as aventuras de Bilbo) para conectá-lo com as narrativas míticas ao longo de **O Senhor dos Anéis**. Essa conexão é feita pelos hobbits que, a princípio, não possuem nenhuma característica plausível que os faça existir na mitologia do autor, como comentado anteriormente. A saber (e lembrando), os hobbits não possuem língua própria, dependem da proteção de Gandalf e dos Guardiões, desconhecem territórios e povos circundantes, são desconhecidos pelos demais, não compartilham nenhuma característica direta com os criadores (Ainur), não são guerreiros, não são aventureiros, não são versados nas tradições, não são robustos ou fortes, não possuem uma origem detalhada nas narrativas mitológicas e não são ligados às cronologias, história escrita e tradições orais (lendas, contos ou canções).

Tolkien compensa todas essas características que afastam os hobbits daquilo que é esperado para uma personagem que habita a Terra-média na Terceira Era contornando essas questões (que deveriam ser problemas de consistência em sua mitologia) com justificativas ou atributos construídos ao longo da narrativa de **O Senhor dos Anéis**. Os hobbits são os únicos (dentre os Povos Livres) não receberam Anéis de Poder, fato compensado pelo achado do Um Anel e sua destruição. Não possuem língua própria, fato compensado pela posterior transformação do Condado e dos hobbits em Guardiões da tradição escrita e em escritores. Não possuem caráter guerreiro, compensado pelo retorno como valentes e experientes combatentes. Não se encontram na narrativa de **O Silmarillion**, fato compensado pela justificativa de que sua ausência era um plano de Gandalf para mantê-los a salvo de Saruman, dada a suspeita da traição iminente. Essas questões abordadas ao longo de todo o trabalho são as formas pelas quais o autor optou para construir uma justificativa para a existência dos hobbits.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do levantamento de dados e das aproximações entre os textos teóricos, críticos e literários, acredita-se ter atingido o intento do presente estudo. Tal intento visava mostrar o modo como os hobbits foram construídos e o modo como influenciaram todo o destino das narrativas do *legendarium*. Por motivos alheios à vontade de Tolkien – sejam eles a recusa da publicação de seu corpo de lendas (**O Silmarillion**), o fato de **O Hobbit** ter sido publicado primeiro e o pedido (do público e da editora) por uma continuação para as aventuras de Bilbo Bolseiro (**O Senhor dos Anéis**) –, os hobbits se intrometeram nas aventuras das pessoas grandes e nos assuntos sempre urgentes do vasto mundo circundante ao mesmo tempo em que esses assuntos quebraram com a monotonia e o prosaísmo do mundo pacato e pacífico dos hobbits, o Condado.

Para tais análises se fizeram importantes os indícios fornecidos pelos próprios textos literários, capazes de demonstrar algumas incongruências entre de tom, de estilo e temáticas resultando em problemas muito pontuais de coerência interna nas tramas da Terra-média, do ponto de vista do posterior encaixe da micronarrativa dos hobbits na macronarrativa iniciada na cosmogonia e finalizada no início da Quarta Era do Sol. Tal encaixe foi analisado sob diferentes pontos de vista: a atuação dos hobbits diante dos fatos ocorridos ao longo da cronologia interna da Terra-média; o posicionamento geográfico do Condado e sua importância para o temas desenvolvidos durante a jornada do Anel; o posicionamento intermediário da narrativa de **O Hobbit** na cronologia interna da obra do autor; a publicação de **O Hobbit** ser anterior a publicação do corpo de lendas que vinha sendo escrito e que, postumamente, comporia **O Silmarillion**. A análise desses três fatores, determinantes para o entendimento do papel dos hobbits, do Condado e de **O Hobbit** na obra de Tolkien, foi fundamental para o entendimento das personagens pertencentes a esse povo como uma construção única na história da literatura.

Os hobbits ganham vida graças à imaginação do autor e, como se não bastasse se tornarem importantes no mundo ficcional em questão, atuam como protagonistas do desfecho de todas as questões cosmogônicas das quais derivaram todos os grandes acontecimentos narrados ao longo de todas as Eras da Terra-média (Árvores, Lamparinas, Sol). Protagonizando a restauração de um equilíbrio imaginário e nunca antes desfrutado dentro dessa mitologia – posto que se iniciou na própria dissonância causada por Melkor (e prevista pelo deus único e criador) na composição do universo –, Gollum, Frodo, Bilbo, Sam, Merry e Pippin se tornam os responsáveis pela

unificação de todos os Reinos da Terra-média, e, mais do que isso, de forma muito sutil e perspicaz, se tornam os responsáveis pela unificação entre as histórias de deuses, homens, anões e elfos (**O Silmarillion**), a jornada isolada de Bilbo Bolseiro (**O Hobbit**) e o desfecho das tensões criados ao longo de milhares de anos (a jornada dos quatro jovens hobbits em **O Senhor dos Anéis**).

Além de se tornarem responsáveis diretos pelo destino de todos os Povos Livres e interferirem de forma indiscutível na cadência narrativa, os hobbits trazem em si o poder da decisão comum às personagens do romance e a imutabilidade do destino tão comum a épica. Foram forjados pelas próprias decisões ao passo que foram impelidos por Gandalf a participar das decisões tomadas pelos grandes sábios, magos e reis. Gandalf, não sendo o principal assunto abordado na presente tese, mostrou-se a verdadeira ferramenta de conexão entre passado mítico e presente indeciso, entre os grandes e os pequenos, entre a épica e o romance, entre o ser humano comum e o reino encantado das fadas. A criação de personagens únicas não parece ter sido suficiente para a extremamente fértil imaginação de Tolkien, criando também uma narrativa sem paralelos em toda a história da literatura, unindo o tom épico com o estilo realista, pautado na organicidade de mundo do Romantismo inglês, retomando o Medievalismo – também retomado pelos Pré-Rafaelitas –, a ação e a demanda privilegiadas nas novelas de cavalaria e fundindo tudo isso com a magia reinante no mundo encantado de suas personagens.

O tempo também configurou uma questão tão importante quanto o espaço para a análise dos hobbits enquanto personagens. Se o tempo mítico cíclico constante em **O Silmarillion** traz a noção de estagnação – como ainda visto nas localidades onde residem os principais elfos de **O Senhor dos Anéis**, sendo elas Valfenda e Lothlórien –, de reflexão e construção da interioridade, também há o tempo sempre urgente da demanda do Anel, no qual cada segundo conta como um precioso ato entre o sucesso e o fracasso, entre a liberdade e restauração da paz envolvendo os povos e a total ruína e destruição da Terra-média. Nesse contexto a inexperiência dos hobbits enquanto viajantes e guerreiros lhes fornece ainda mais a sensação de urgência e aceleração, posto que não só devem cumprir sua missão rapidamente – dentro do tempo habilmente lhes fornecido graças a atuação dos demais integrantes da Comitativa do Anel, principalmente Gandalf e Aragorn – mas devem se transformar em heróis épicos ao longo da narrativa, sem tropeços e sem tempo para aprendizados teóricos.

Essa urgência na dissolução das contendas criadas ao longo de todo o trajeto de composição do *Legendarium* criou um contraponto entre as três narrativas que o compõem. Enquanto o tempo mítico de **O Silmarillion** preocupa-se com a lenta contagem dos anos na Era das Árvores e se acelera gradualmente conforme se efetivam as quedas (entendendo-as na forma como foram trabalhadas ao longo da presente tese como tema de composição exposto pelo próprio autor) no trajeto entre Valinor e a Terra-média ao longo da Era das Lamparinas e início da Era do Sol, o tempo quase inalterado e não contabilizado das aventuras de Bilbo em **O Hobbit** segue o percurso a caminho da urgência sempre presente no trajeto de Frodo, mesclado com a atemporalidade dos redutos élficos e das contendas milenares encabeçadas por Gandalf e Aragorn. O tempo de Bilbo diz respeito à sua própria percepção do mundo externo, quase exclusivamente, exceto pelo final pós Batalha dos Cinco Exércitos.

O tempo em **O Senhor dos Anéis** é, por influência e retorno do mítico, uma mistura de tempo de ação coletiva e individual (Frodo viaja rapidamente para Orodruin, mas sente a atemporalidade sempre que coloca o Anel no dedo, por influência dos poderes de Sauron) ao mesmo tempo em que A Batalha dos Campos de Pelennor, A Batalha de Isengard e A Batalha do Abismo de Helm guardam sinais de urgência e estagnação, sendo ambíguas. Marcam a urgência de se vencer os inimigos e a estagnação pela consciência de saber que tais confrontos serão inúteis se Frodo não conseguir realizar seu intento, isto é, são úteis somente à medida que proporcionam a Frodo a chance de se esgueirar para dentro das terras de Mordor, em direção à Barad-dûr e Orodruin. Pelos motivos acima expostos é que se fez necessário o estudo e entendimento da dualidade na construção dos hobbits, como representantes da épica e do romance, do ponto de vista físico e psicológico. Esses contrapontos presentes em suas atuações serviu como lastro para a análise da robustez de sua construção e importância no desenvolvimento heroico de seu povo enquanto componentes dos destinos de todos os Povos Livres.

Assim como Niggle¹⁹, Tolkien percebeu que pintar folhas muito bem e encaixá-las lentamente no mosaico de quadros destinados à totalidade da árvore foi uma grande realização do ponto de vista da profundidade e completude no campo do fazer literário. Em se tratando da obra de Tolkien e de seu próprio conto sobre Niggle, o

¹⁹ Conferir Tolkien (2010) constante nas Referências Bibliográficas.

pictórico não aparece como ligação gratuita entre esses dois (não tão) diferentes campos artísticos. Cada palavra é uma pincelada no universo tolkieniano, cada folha uma personagem, cada quadro uma narrativa e cada cor um tema abundante. O amor do autor pelas árvores se mostrou maravilhosamente bem nessa composição circular que remete ao pictórico de Niggle, à Yggdrasil e seus mundos de elfos, anões, intermediários e às tão belas Laurelin e Telperion, ou sua descendente remanescente no Reino de Gondor, Galathilion. Tolkien pintou com palavras o universo ficcional mais completo conhecido até hoje, aquele com mais riqueza e profundidade de detalhes suficiente para ocupar qualquer leitor, teórico ou crítico por várias dezenas de anos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSHAM, Gregory.; BRONSON, Eric (Orgs.) **O hobbit e a filosofia**. Trad. Joana Faro. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Epos e romance (sobre a metodologia do estudo do romance). In: _____. **Questões de literatura e de estética (a teoria do romance)**. Trad. Aurora Fornoni Bernadini *et al.* 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998, p. 397-428.

BOURNEUF, Roland.; OUELLET, Réal. **O universo do romance**. Trad. José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.

CARPENTER, Humphrey. **J. R. R. Tolkien: uma biografia**. Trad. Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2018.

CARTER, Lin. **O Senhor do Senhor dos Anéis: o mundo de Tolkien**. Trad. Alves Calado. Rio de Janeiro; Record, 2003.

DURIEZ, Colin. **J.R.R. Tolkien e C.S. Lewis: o dom da amizade**. Trad. Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

LEWIS, Clive Staples. **Sobre histórias**. Trad. Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

OLSEN, Corey. **Explorando o universo do Hobbit: todos os significados da história de Bilbo, Elfos e a terra média**. Trad. Carlos Szalak. São Paulo: Lafonte, 2012.

PEREIRA, André Luiz Rodriguez Modesto. **The Lord of the Rings e a estética da finitude**. 2011. 175 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCL-Ar), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, SP.

POLACHINI, Lúcia Lima. **O Senhor dos Anéis: Estrutura e Significado**. 1984. 149 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto (IBILCE), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, SP.

RÉROLLE, Raphaëlle. Tolkien, o anel da discórdia. **Le Monde**, 2012. Disponível em: <http://tocace.conselhobranco.com.br/o-universo-em-torno-da-obra/tolkien-o-anel-da-discordia-entrevista-com-christopher-tolkien/>. Acesso em: 08 mai. 2020.

SMITH, Noble. **A Sabedoria do Condado: tudo sobre o estilo de vida dos Hobbits para uma vida longa e feliz**. Trad. Cibele da Silva Costa. Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2012.

STAINLE, Stéfano. **Gandalf: a linha na agulha de Tolkien** – A atuação de Gandalf na Terra-média. Riga – Letônia: Novas Edições Acadêmicas, 2018.

TODOROV, Tzvetan. A Demanda da Narrativa. In: _____. **As Estruturas Narrativas**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969, p. 167-190.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. [Carta 25] Para o editor do “Observer”. In: _____. CARPENTER, Humphrey.; TOLKIEN, Christopher (orgs.). **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Trad. Gabriel Oliva Brum. Curitiba: Arte & Letra Editora, 2006, p. 34-36.

_____. [Carta 31] Para C. A. Furth, Allen & Unwin. In: _____. CARPENTER, Humphrey.; TOLKIEN, Christopher (orgs.). **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Trad. Gabriel Oliva Brum. Curitiba: Arte & Letra Editora, 2006, p. 42-43.

_____. [Carta 111] De uma carta para Sir Stanley Unwin. In: _____. CARPENTER, Humphrey.; TOLKIEN, Christopher (orgs.). **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Trad. Gabriel Oliva Brum. Curitiba: Arte & Letra Editora, 2006, p. 122-123.

_____. [Carta 114] De uma carta para Hugh Brogan. In: _____. CARPENTER, Humphrey.; TOLKIEN, Christopher (orgs.). **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Trad. Gabriel Oliva Brum. Curitiba: Arte & Letra Editora, 2006, p. 127.

_____. [Carta 115] Para Katherine Farrer. In: _____. CARPENTER, Humphrey.; TOLKIEN, Christopher (orgs.). **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Trad. Gabriel Oliva Brum. Curitiba: Arte & Letra Editora, 2006, p. 128.

_____. [Carta 124] Para Sir Stanley Unwin. In: _____. CARPENTER, Humphrey.; TOLKIEN, Christopher (orgs.). **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Trad. Gabriel Oliva Brum. Curitiba: Arte & Letra Editora, 2006, p. 133-135.

_____. [Carta 131] Para Milton Waldman. In: _____. CARPENTER, Humphrey.; TOLKIEN, Christopher (orgs.). **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Trad. Gabriel Oliva Brum. Curitiba: Arte & Letra Editora, 2006, p. 140-157.

_____. [Carta 144] Para Naomi Mitchison. In: _____. CARPENTER, Humphrey.; TOLKIEN, Christopher (orgs.). **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Trad. Gabriel Oliva Brum. Curitiba: Arte & Letra Editora, 2006, p. 168-175.

_____. [Carta 154] Para Naomir Mitchison. In: _____. CARPENTER, Humphrey.; TOLKIEN, Christopher (orgs.). **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Trad. Gabriel Oliva Brum. Curitiba: Arte & Letra Editora, 2006, p. 189-192.

_____. [Carta 168] Para Richard Jeffery. In: _____. CARPENTER, Humphrey.; TOLKIEN, Christopher (orgs.). **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Trad. Gabriel Oliva Brum. Curitiba: Arte & Letra Editora, 2006, p. 215.

_____. [Carta 316] De uma carta para R. W. Burchfield. In: _____. CARPENTER, Humphrey.; TOLKIEN, Christopher (orgs.). **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Trad. Gabriel Oliva Brum. Curitiba: Arte & Letra Editora, 2006, p. 382-383.

_____. [Carta 319] De uma carta para Roger Lancelyn Green. In: _____. CARPENTER, Humphrey.; TOLKIEN, Christopher (orgs.). **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Trad. Gabriel Oliva Brum. Curitiba: Arte & Letra Editora, 2006, p. 384-385.

_____. **Mestre Gil de Ham**. Trad. Waldéa Barcellos. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

_____. **O Hobbit**. Trad. Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pissetta. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **O Hobbit: ou lá e de volta outra vez**. Trad. Reinaldo José Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.

_____. **O Senhor dos Anéis**. Trad. Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pissetta. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **O Silmarillion**. Org. Christopher Tolkien. Trad. Waldéa Barcellos. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **Sobre histórias de fadas**. Trad. Ronald Kyrmse. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.